

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE DEMOGRAFIA
DOUTORADO EM DEMOGRAFIA**

**FRUTICULTURA, EMPREGO E MIGRAÇÃO:
O CASO DA REGIÃO DE PETROLINA-PE E JUAZEIRO-BA**

MONICA APARECIDA TOMÉ PEREIRA

Tese de doutorado em Demografia apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, sob a orientação do Prof. Dr. Roberto Luiz do Carmo.

Este exemplar corresponde à redação final defendida e aprovada em, 24/02/2012.

**CAMPINAS-SP
Fevereiro 2012**

RR. 524. Au 4.
FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR
MARIA JÚLIA MILANI RODRIGUES-CRB8/2116- BIBLIOTECA DO IFCH
UNICAMP

P414f

Pereira, Monica Aparecida Tomé
Fruticultura, emprego e migração: o caso da região de
Petrolina-PE e Juazeiro-BA / Monica Aparecida Tomé
Pereira. -- Campinas, SP : [s.n.], 2012.

Orientador: Roberto Luiz do Carmo
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de
Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Frutas - Cultivo. 2. Desenvolvimento regional - Brasil,
Nordeste. 3. Produtividade agrícola - Brasil, Nordeste. 4.
Migração. 5. Demografia. I. Carmo, Roberto Luiz do, 1966-
II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia
e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em Inglês: Fruits, employment and migration: the case of region
of Petrolina-PE and Juazeiro-BA

Palavras-chave em inglês:

Fruit-culture
Rural development - Brazil, Northeast
Productivity agricultural - Brazil, Northeast
Migration
Demography

Área de concentração: Demografia

Titulação: Doutor em Demografia

Banca examinadora:

Roberto Luiz do Carmo [Orientador]
Álvaro de Oliveira D'Antona
Carlos Antônio Brandão
José Marcos Pinto da Cunha
Ricardo Ojima

Data da defesa: 24-02-2012

Programa de Pós-Graduação: Demografia

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE DEMOGRAFIA
DOUTORADO EM DEMOGRAFIA

**FRUTICULTURA, EMPREGO E MIGRAÇÃO:
O CASO DA REGIÃO DE PETROLINA-PE E JUAZEIRO-BA**

MONICA APARECIDA TOMÉ PEREIRA

Tese de doutorado em Demografia apresentada ao
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP,
sob a orientação do Prof. Roberto Luiz do Carmo.

Este exemplar corresponde à
redação final defendida e aprovada
em, 24/02/2012.

Banca:

Prof. Dr. Roberto Luiz do Carmo

Prof. Dr. Carlos Antônio Brandão

Prof. Dr. José Marcos Pinto da Cunha

Prof. Dr. Ricardo Ojima

Prof. Dr. Wilson Fusco

Prof. Dr. Álvaro de Oliveira D'Antona - suplente

Prof. Dr. Humberto Miranda do Nascimento - suplente

Prof. Dr. Leonardo Freire Mello - suplente

**CAMPINAS-SP
FEVEREIRO DE 2012**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família.

Ao meu marido Paulo José. Meu companheiro de todas as horas e de tanto momentos vividos desde a graduação até aqui – como amigo, namorado, noivo e marido. Seu amor, atenção, dedicação e incentivo foram fundamentais para superar os desafios impostos antes e durante a execução dessa tese. A minha admiração e meu amor por você aumentam a cada dia.

Ao meu filho Pedro Henrique - meu pequeno. Depois de tanta espera, você chegou no segundo ano de doutorado. Trazendo alegria e os desafios que ansiosamente sempre esperávamos. A vontade de estar com você foi um dos maiores combustíveis para conseguir terminar o trabalho.

Ao meu pai, José dos Santos Tomé (*in memoriam*) que acompanhou grande parte do meu doutorado, mas não pôde ver o desfecho desse processo.

À minha mãe Vicentina, pelas palavras e ações que fizeram com que eu conseguisse chegar até aqui.

A minha irmã, Angela Maria. Que sempre está por perto me apoiando e me estimulando para ser uma pessoa melhor.

Aos meus sogros Francisca e Carlos Alberto, pelo apoio e dedicação que sempre me cercaram durante todos esses anos.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos especiais:

À UNIVASF, em especial ao Colegiado de Psicologia que endossou meu afastamento para me dedicar a execução da tese.

Aos meus colegas e amigos da UNIVASF que contribuíram com textos, idéias, dados e informações sobre a região de Petrolina-PE e Juazeiro-BA. Em especial aos professores Sérgio Marcelino da Motta Lopes e Luciana Oliveira.

À CAPES pelo apoio financeiro durante grande parte do doutorado, através do PRODUOTORAL.

Ao professor Roberto Luiz do Carmo meu muito obrigada, pela paciência, respeito, generosidade e orientação ao longo de todos estes anos.

Ao Programa de Pós-Graduação em Demografia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), pelas disciplinas oferecidas durante o curso e por custear as apresentações desse trabalho em eventos científicos.

Aos professores Daniel Joseph Hogan (in memorian), José Marcos Pinto da Cunha, Maria Coleta Ferreira Albino de Oliveira, Rosana Baeninger, Tirza Aidar, Elisabete Dória Bilac, Eduardo Marandola Jr., Ricardo Ojima, Alberto, Bel Baltar (in memorian), Maria Silvia, pelas conversas, indicações e conhecimento transmitido – meu muito obrigada.

À todos do Nucleo de Estudos de População – NEPO: Eliane, Mariana, Marcelo, Denise e Vania. Especialmente Raquel, Rogério e Adriana pelo carinho, prontidão e dedicação.

Aos colegas e amigos queridos da demografia Carol Bertho, Carol Guidotti, Mariana, Sofia, Alex, Daniel, Ricardo Dagnino, Ricardo Dantas, Izabella, Jacke, Maria Tereza, Diomário, Neiva, Sabrina, Roberta. Em especial para a Glaúcia e ao Henrique pelo carinho e prontidão nas horas mais angustiantes. Foi maravilhoso ter convivido todos esses anos com vocês.

Agradeço aos integrantes do grupo de pesquisa NEPOPEA, pelos encontros e discussões que colaboraram para a minha formação na Demografia.

Aos professores Ricardo Ojima e José Marcos Pinto da Cunha pelas sugestões e comentários no exame de qualificação.

Aos professores Carlos Antonio Brandão, Wilson Fusco, Ricardo Ojima e José Marco Pinto da Cunha por terem aceitado prontamente participar da banca julgadora e também pela

leitura criteriosa e cuidadosa, que contribuíram imensamente para melhorar esse trabalho e a estender a agenda para trabalhos futuros.

Por fim, quero ainda agradecer de coração, todas as pessoas que torceram ou intercederam por mim, de forma anunciada ou anônima.

MEU MUITO OBRIGADA!!

RESUMO

Este trabalho remete a relação entre a dinâmica econômica e demográfica em um subespaço dinâmico, constituído por municípios que foram palco de ações e estratégias governamentais, sob uma nova óptica da questão regional por parte do Estado, localizados na Região Nordeste do Brasil, no período entre 1990 e 2000. A proposta foi analisar as características sócio-econômicas e demográficas desse subespaço nordestino, considerando a estruturação histórica e econômica dessa área dinâmica e as principais funções exercidas pelos municípios, a partir dos fluxos migratórios e a evolução do emprego na região. A escala espacial de análise é uma região constituída por 16 municípios, cujos principais municípios são Petrolina – PE e Juazeiro – BA. O recorte temporal, inicia na década de 1990 e vai até meados de 2000, sendo que aspectos anteriores e posteriores a este período foram incorporados, utilizando os censos demográficos de 1970, 1980 e 2010, além de informações da Relação Anual de Informações Sociais – RAIS, Cadastro Geral dos Empregados e Desempregados – CAGED, e ainda as séries históricas do Produto Agrícola Municipal – PAM. É importante ressaltar que a abordagem utilizada no estudo da estruturação histórica e econômica, teve como pano de fundo os resultados do processo de desconcentração produtiva entre as décadas de 1970-90 em âmbito nacional e, mais especificamente, no estado de São Paulo. É neste momento que se intensificam as ações e estratégias que viabilizaram a formação de áreas dinâmicas, na Região Nordeste do país, como é o caso de Petrolina e Juazeiro. A partir das análises observa-se que, estes municípios apresentam, ao longo das últimas quatro décadas, resultados econômicos e populacionais importantes, baseados na principal atividade econômica: a fruticultura irrigada. O expressivo aumento populacional, com saldo migratório positivo no período analisado; a manutenção da população rural em termos relativos e absolutos; o aumento da participação no mercado internacional de frutas, através da exportação; a expansão dos postos de trabalho no setor primário, com conexões importantes na indústria e em principalmente no setor de serviços são alguns dos elementos que foram captados.

ABSTRACT

This work refers to the relationship between demographic and economic dynamics in a dynamical subspace, consisting of municipalities that were the scene of governmental actions and strategies in a new perspective of the regional issue by the state, located in northeastern Brazil during the period between 1990 and 2000. The proposal was to analyze the socio-economic and demographic subspace of the Northeast, considering the historical and economic structure of this dynamic area of training and the main functions performed by municipalities, based on the migration and evolution of employment in the region. The spatial scale of analysis is a region consisting of 16 municipalities, whose main cities are Petrolina - PE and Juazeiro - BA. The time frame set, starting in the 1990s and runs through mid-2000, and features before and after this period were intended to be incorporated into the background of the object in question, using the population census of 1970, 1980 and 2010, as well as information from the Annual Social Information - RAIS, General Registry of Employed and Unemployed - CAGED, and even the time series of the Municipal Agricultural Product - PAM. Importantly, the approach used in the study of historical and economic structure of this region has as background the results of the production process of devolution between the decade of 1970-90 at the national and, more specifically, the state of São Paulo. It is at this point that intensifies the actions and strategies that enabled the formation of dynamic areas in the Northeast of the country, as is the case of Petrolina and Juazeiro. From the analysis shows that these municipalities have, over the last four decades, major population and economic results, based on the main economic activity: the irrigated horticulture. The significant increase in population, with positive net migration during the period analyzed, the retention of the rural population in absolute and relative terms, the increase in participation in the international fruit market through exports, the expansion of jobs in the primary sector, with connections important in industry and especially in the service sector are some of the elements that have been captured.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I.	5
1. As especificidades das áreas dinâmicas na Região Nordeste	5
1.1. A evolução das desigualdades regionais	11
1.1.1. A evolução das desigualdades regionais até a década de 1960	11
1.1.2. As desigualdades regionais e o surgimento das áreas dinâmicas na Região Nordeste	15
1.1.3. As desigualdades regionais a partir de 1980	18
1.2. As áreas dinâmicas nordestinas	21
1.3. A agricultura e a fruticultura	22
1.4. Considerações do capítulo	25
CAPÍTULO II.	29
2. A área dinâmica de Petrolina-PE e Juazeiro-BA e a fruticultura	29
2.1. Caracterização geral da área dinâmica	30
2.2. População Ocupada na área dinâmica de Petrolina-PE Juazeiro-BA.....	31
2.3. As principais culturas	44
2.3.1. As culturas temporárias	45
2.3.2. As culturas permanentes	48
2.3.2.1. A banana	48
2.3.2.2. A manga	51
2.3.2.3. A uva	56
2.4. Infraestrutura técnica e transporte	62
2.5. Antes da Agricultura Irrigada	63
2.6. Avanços no setor agrícola em Petrolina-PE e Juazeiro-BA	66
2.6.1. A implantação dos perímetros na área dinâmica de Petrolina-PE e Juazeiro-BA	69
2.7. Considerações do capítulo	74
CAPÍTULO III	
3. Dinâmica Demográfica na região de Petrolina e Juazeiro	77
3.1. RIDEEX e seus municípios	82
3.2. Formação e ocupação da RIDEEX	85
3.2.1. Características edafoclimáticas da RIDEEX	92
3.2.2. A região em estudo e a Barragem de Sobradinho	93

3.3.	Agrupamentos dos municípios da RIDEEX: uma alternativa metodológica.....	97
3.4.	A estrutura e composição populacional da RIDEEX.....	104
3.4.1.	A estrutura e composição populacional dos grupos da RIDEEX.....	113
3.5.	Considerações do capítulo	143
CAPÍTULO IV		
4.	A dinâmica migratória na Região Integrada de Desenvolvimento Expandida – RIDEEX.....	147
4.1.	A diversificação da dinâmica migratória e as especificidades das áreas dinâmicas.....	149
4.2.	Migração Interestadual e a RIDEEX – Censos 1991 e 2000	151
4.2.1	Emigração 1991 e 2000.....	156
4.2.2	Imigração 1991 e 2000.....	160
4.3	As trocas migratórias entre os municípios e os grupos da RIDEEX.....	165
4.3.1	Migração Intra-regional em 1991 e 2000, por grupos.....	167
4.4.	As trocas migratórias entre os municípios da RIDEEX	170
4.5	Migração e emprego breve caracterização dos migrantes da RIDEEX.....	176
4.6	Considerações do Capítulo	180
CONSIDERAÇÕES FINAIS		183
REFERÊNCIAS		187
ANEXOS		199

LISTAS DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - População residente - área dinâmica de Petrolina-PE e Juazeiro-BA - 1970-2010.....	31
GRÁFICO 2 - População ocupada (%), atividades agropecuária, indústria e serviços - Brasil, Região Nordeste, Bahia, Pernambuco e RIDE - 2000.....	32
GRÁFICO 3 - População ocupada (%), atividades de serviços - Brasil, Região Nordeste, Bahia, Pernambuco e RIDE - 2000.....	34
GRÁFICO 4 - População ocupada (%), atividades agropecuária, indústria e serviços – Orocó, Santa Maria da Boa Vista, Curaçá, Casa Nova, Lagoa Grande, Sobradinho, Juazeiro, Petrolina -2000.....	38
GRÁFICO 5 - População Ocupada (%), atividades de serviços - Petrolina-PE (círculo externo), Juazeiro-BA e Sobradinho-BA (círculo interno) - 2000.....	39
GRÁFICO 6 - População ocupada (%), setores Agropecuária, Indústria e Serviços – Orocó-PE, Santa Maria da Boa Vista-PE, , Curaçá-BA, Casa Nova-BA, Lagoa Grande-PE, Sobradinho-BA, Juazeiro-BA e Petrolina-PE - 1980 (a) e 1991 (b).....	43
GRÁFICO 7 - Produtividade banana (ton/ha) – Regiões Centro Oeste, Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e RIDE Petrolina-PE e Juazeiro-BA (ADPJ) - 2001 a 2010.....	50
GRÁFICO 8 - Produtividade banana (ton/ha) – Brasil, Região Nordeste, Pernambuco, Bahia, Lagoa Grande-PE, Orocó-PE, Petrolina-PE, Santa Maria da Boa Vista-PE, Casa Nova-BA, Curaçá-BA, Juazeiro-BA e Sobradinho-BA - 2009.....	51
GRÁFICO 9 - Área plantada (ha) manga – Regiões Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro Oeste - 1990 a 2010.....	52
GRÁFICO 10 - Produtividade manga (ton/ha) – Brasil, Orocó-PE, Petrolina-PE, Santa Maria da Boa Vista-PE, Casa Nova-BA, Curaçá-BA, Juazeiro-BA e Sobradinho-BA - 2009.	56
GRÁFICO 11 - Área Plantada (%) - Regiões Sudeste, Nordeste, Centro-Oeste e Norte, na área plantada de uva - 1990 a 2010.....	57
GRÁFICO 12 - Área plantada (ha) uva - Região Nordeste, Pernambuco, Bahia e RIDE Petrolina-PE e Juazeiro-BA (ADPJ) - 1990 a 2010.....	58
GRÁFICO 13 - Volume de exportação (ton) e Valor exportado (U\$ 1.000,00) - Uva RIDE de Petrolina-PE e Juazeiro-BA (ADPJ) e Brasil - 1997 a 2008.....	59
GRÁFICO 14 - Produtividade uva (ton/ha) – Brasil, Regiões Nordeste, Sul e RIDE Petrolina-PE e Juazeiro-BA (ADPJ) - 1990 a 2010.....	60

GRÁFICO 15 - População ocupada (%)– Setores primário, indústria e serviços – Dormentes-PE, Orocó-PE, Santa Maria da Boa Vista-PE, Pilão Arcado-BA, Afrânio-pE, Curaçá-PE, Casa Nova-BA, Terra Nova-PE, Sento-SE, Campo Alegre de Lourdes-BA, Lagoa Grande- PE, Cabrobó-PE, Remanso-BA - 2000.....	102
GRÁFICO 16 - Distribuição da população (%) por sexo e idade – RIDEEX - 1970 a 2010.....	107
GRÁFICO 17 - Distribuição da população (%) – Grandes grupos etários - RIDEEX ,1970 a 2010.....	108
GRÁFICO 18 - Taxa de crescimento populacional médio anual, por grupo etário – RIDEEX - 1970 a 2010.	109
GRÁFICO 19 - Razão de Sexo (H/M), por grupo etário de 10 anos a 64 anos - RIDEEX.- 1970 a 2010.....	110
GRÁFICO 20 - Razão de Sexo (H/M) - População urbana (a) e rural (b), por faixa etária entre 10 anos e 64 anos - RIDEEX - 1970-2010.....	111
GRÁFICO 21 - Taxa de crescimento populacional médio anual – Brasil, Região Nordeste, Pernambuco, Bahia e RIDEEX - 1970 a 2010.....	103
GRÁFICO 22 - Razão de Sexo (H/M) da população total dos grupos 1 (a- Petrolina - PE, Juazeiro - BA e Sobradinho - BA), 2 (b- Casa Nova - BA, Curaçá - BA, Lagoa Grande - PE e Santa Maria da Boa Vista - PE e 3 (c- Afrânio - PE, Cabrobó - PE, Campo Alegre de Lourdes - BA, Dormentes - PE, Pilão Arcado-BA, Orocó-PE, Remanso-BA, Sento Sé-BA, Terra Nova-PE) e da RIDEEX – 1970 a 2010.....	115
GRÁFICO 23 - Taxa de crescimento populacional rural médio anual – Brasil , Nordeste , Pernambuco, Bahia, RIDEEX, Grupo 1, Grupo 2, Grupo 3 - 1970 a 2010.....	117
GRÁFICO 24 - Taxa de crescimento populacional urbano médio anual – Brasil, Nordeste, Pernambuco, Bahia, RIDEEX, Grupo 1, Grupo 2 , Grupo 3 - 1970 a 2010.....	118
GRÁFICO 25 - Grau de urbanização – Brasil , Nordeste , Pernambuco , Bahia , RIDEEX , Grupo 1 , Grupo 2 , Grupo 3 , Petrolina-PE, Casa Nova- BA, Juazeiro-BA, Curaçá-BA, Sobradinho-BA e Santa Maria da Boa Vista –PE e Lagoa Grande-PE - 1970 a 2010 - 1970 a 2010.....	119
GRÁFICO 26 - Taxa de crescimento populacional rural médio anual – Orocó-PE, Petrolina-PE, Juazeiro-BA, Santa Maria da Boa Vista-PE e Lagoa Grande-PE e Sento Sé-BA - 1970 a 2010.....	120
GRÁFICO 27 - Taxa de crescimento populacional médio anual – Grupo 1, Grupo 2, Grupo 3, RIDE e RIDEEX - 1970 a 2010.....	121

GRÁFICO 28 - População ocupada (%) – Setores agropecuário, indústria e serviços – Afrânio-PE, Cabrobó-PE, Dormentes-PE, Lagoa Grande-PE, Orocó-PE, Petrolina-PE, Santa Maria da Boa Vista-PE, Terra Nova –PE, Campo Alegre de Lourdes-BA, Casa Nova-BA, Curaçá-BA, Juazeiro-BA, Pilão Arcado –BA, Remanso-BA, Sento Sé-BA e Sobradinho-BA. 2000.....	122
GRÁFICO 29 - Evolução do PIB Total (em milhões) – Petrolina-PE, Juazeiro-BA e Sobradinho-BA - 1999 a 2008.....	123
GRÁFICO 30 - Taxa de crescimento populacional médio anual – Petrolina-PE, Juazeiro-BA e Sobradinho-BA, Grupo 1 - 1970 a 2010.....	124
GRÁFICO 31 - Distribuição da população (%) por sexo e idade – Grupo 1 - 1970 a 2010...	126
GRÁFICO 32 - Razão de Sexo (H/M) - População urbana (a) e rural (b), por faixa etária entre 10 anos e 64 anos - Grupo 1 - 1970-2010.....	127
GRÁFICO 33: Distribuição da população (%) por sexo e idade - Grupo 2 - 1970 a 2010.....	132
GRÁFICO 34 - Taxa de crescimento populacional médio anual – Casa Nova-BA, Curaçá-BA, Santa Maria da Boa Vista-PE e Lagoa Grande-PE, e Grupo 2 - 1970 a 2010.....	133
GRÁFICO 35 - Razão de Sexo (H/M) - População urbana (a) e rural (b), por faixa etária entre 10 anos e 64 anos - Grupo 2 - 1970 - 2010.....	134
GRÁFICO 36: Evolução do PIB Total (em milhões) – Casa Nova-BA, Curaçá-BA, Lagoa Grande-PE e Santa Maria da Boa Vista-PE - 1999 a 2008.....	135
GRÁFICO 37 - Taxa de crescimento populacional médio anual –Afrânio-PE, Cabrobó-PE, Campo Alegre de Lourdes-BA, Dormentes-PE, Orocó-PE, Pilão Arcado-BA, Remanso-BA, Sento Sé-BA, Terra Nova-PE e Grupo 3 - 1970 a 2010.....	138
GRÁFICO 38 - Razão de Sexo (H/M) - População urbana (a) e rural (b), por faixa etária entre 10 anos e 64 anos – Grupo 3 – 1970 – 2010.....	139
GRÁFICO 39 - Distribuição da população (%) por sexo e idade - Grupo 3 - 1970 a 2010....	140
GRÁFICO 40 - População Ocupada (%) – Setores agropecuário, indústria e serviços - Afrânio-PE, Cabrobó-PE, Campo Alegre de Lourdes - BA, Dormentes-PE, Orocó-PE, Pilão Arcado - BA, Remanso-BA, Sento Sé-BA e Terra Nova - PE - 2000.....	141
GRÁFICO 41 - Evolução do PIB Total (em milhões) - Remanso-BA, Sento Sé-BA, Pilão Arcado-BA, Campo Alegre do Lourdes-BA, Cabrobó-PE, Orocó-PE, Afrânio-PE, Dormentes-PE e Terra Nova-PE - 1999 a 2008.....	142
GRÁFICO 42 - Razão de Sexo (H/M) – Grupo 1, Grupo 2 e Grupo 3 - 1970 a 2000.....	143

GRÁFICO 43 - Volume (%) de Imigração (I) e Emigração (E) – Grupos 1, 2 e 3 - 1986/1991 e 1995/2000.....	155
GRÁFICO 44 - Participação das grandes regiões (Nordeste, Sudeste, Centro Oeste, Norte e Sul) nos volumes de emigração, de acordo com os grupos (1, 2 e 3) da RIDEEX nos períodos - 1986/1991 e 1995/2000	160
GRÁFICO 45 - Participação dos grupos (1, 2 e 3), com destaque para os grupos 2 e 3 da RIDEEX nos volumes de emigração, de acordo com as Grandes regiões (Nordeste, Sudeste, Centro Oeste, Norte e Sul) no período 1995/2000.....	162
GRÁFICO 46 - Volumes de Imigração (I) e Emigração (E), Saldo Migratório (I-E) Intra-regionais - Municípios da RIDEEX no período de 1986/1991	171
GRÁFICO 47 - Volumes de Imigração (I) e Emigração (E), Saldo Migratório (I-E) Intra-regionais -- Municípios da RIDEEX no período de 1995/2000.....	173
GRÁFICO 48 - Imigrantes ocupados por faixas de idade, 1991.	177
GRÁFICO 49 - Distribuição dos imigrantes (%) - Categorias de ocupação por grupos da RIDEEX - 1991.....	178
GRÁFICO 50 - Imigrantes ocupados por faixas de idade, 2000.....	179
GRÁFICO 51 - Distribuição dos migrantes (%) segundo categorias de ocupação por grupos da RIDEEX - 2000	180

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Áreas dinâmicas recentes, principais municípios e atividades econômicas - Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte e Pernambuco, 2000-2004.....	9
QUADRO 2 - Principais características associadas à área dinâmica de Petrolina-PE e Juazeiro-BA	62
QUADRO 3 - Cronologia da instalação das empresas vitivinícolas na área dinâmica de Petrolina-PE e Juazeiro-BA	68

LISTAS DE FIGURAS

FIGURA 1 - Cargueiro 747 da Air France no momento do carregamento de frutas, Petrolina, 2011.....	63
FIGURA 2 - Área irrigada na área dinâmica de Petrolina-PE e Juazeiro-BA I	73
FIGURA 3 - Área irrigada, na área dinâmica Petrolina-PE e Juazeiro-BA II.....	73
FIGURA 4 - Petrolina-PE (parte superior à esquerda), Juazeiro-BA (parte inferior à direita) e a ponte Presidente Dutra	78
FIGURA 5 - Rotas das boiadas – Bahia – século XVII	86
FIGURA 6 - O Porto (à esquerda) e a Estação Ferroviária (à direita) - Juazeiro – BA - em meados da década de 1950.....	87
FIGURA 7 - Rede ferroviária - Bahia - 1925.....	89
FIGURA 8 - Entrocamento das Rodovias Federais BR-235 e BR-407 - Petrolina – PE e Juazeiro – BA – 2011.....	91
FIGURA 9 - Hierarquização dos centros urbanos no estudo das regiões de influência das cidades - 2007.....	99
FIGURA 10 - Classificação dos municípios da RIDEEX, em três grupos G1, G2 e G3, a partir das similaridades entre os municípios considerando a REGIC, a produção agrícola, contingente populacional residente e ocupado.....	104
FIGURA 11 - Ilustração das emigrações intra-regionais Grupos 1, 2 e 3 e os municípios da RIDEEX	167

LISTAS DE TABELAS

TABELA 1 - Estabelecimentos por atividade econômica, segundo a CNAE, com 17 categorias – ADPJ - 2000.....	36
TABELA 2 - População ocupada - Brasil, Região Nordeste, Bahia, Pernambuco, RIDE, Petrolina, Juazeiro, Casa Nova, Santa Maria da Boa Vista, Curaçá, Lagoa Grande, Sobradinho e Orocó - 2000.....	37
TABELA 3 - População ocupada setor de serviços (valores absolutos) - RIDE, Petrolina-PE, Juazeiro-BA, Casa Nova-BA, Santa Maria da Boa Vista-PE, Curaçá-BA, Lagoa Grande-PE, Sobradinho-BA e Orocó-PE – 2000	41
TABELA 4 - Área plantada (A) (ha) quantidade produzida (Q), produtividade (Q/A) - Culturas temporárias e permanentes - RIDE Petrolina-PE e Juazeiro-BA - 1990 e 2009	45
TABELA 5 – Área plantada (ha) - Culturas temporárias - Orocó-PE, Santa Maria da Boa Vista-PE, Curaçá-BA, Casa Nova-BA, Lagoa Grande-PE, Sobradinho-BA, Juazeiro-BA e Petrolina-PE - 1990 e 2009	46
TABELA 6 - Quantidade produzida (ton) - Culturas temporárias - Orocó-PE, Santa Maria da Boa Vista-PE, Curaçá-BA, Casa Nova-BA, Lagoa Grande-PE, Sobradinho-BA, Juazeiro-BA e Petrolina-PE - 1990 e 2009	46
TABELA 7 - Área Plantada (ha) - Culturas permanentes – Lagoa Grande-PE, Orocó-PE, Petrolina-PE, Santa Maria da Boa Vista-PE, Casa Nova-BA, Curaçá-BA, Juazeiro-BA e Sobradinho-BA - 1990 e 2009.....	53
TABELA 8 - Quantidade produzida (ton) - Culturas permanentes - Área Plantada (ha) - Culturas permanentes – Lagoa Grande-PE, Orocó-PE, Petrolina-PE, Santa Maria da Boa Vista-PE, Casa Nova-BA, Curaçá-BA, Juazeiro-BA e Sobradinho-BA - 1990 e 2009	53
TABELA 9 - Perímetro Irrigado (nome), ano de operação, área total irrigável (ha), área ocupada por empresa (ha), área ocupada por colono (ha), número de emprego gerado – Petrolina-PE, Casa Nova-BA, Juazeiro-BA	72
TABELA 10 - Taxa de crescimento populacional médio anual - Petrolina-PE e Juazeiro-BA - 1940 a 1970.....	90
TABELA 11 - Código municipal, integrante da RIDE ou RIDEEX, área (km ²), ano de criação, município de origem - Campo Alegre do Lourdes – BA Casa Nova – BA Curaçá – BA Juazeiro – BA Pilão Arcado – BA Remanso – BA Sento Sé _ BA Sobradinho – BA Afrânio-PE Cabrobó – PE Dormentes – PE Lagoa Grande – PE Orocó – PE Petrolina – PE Santa Maria da Boa Vista – PE Terra Nova – PE.....	94

TABELA 12 - População residente - Petrolina - PE, Juazeiro - BA, Casa Nova - BA, Santa Maria da Boa Vista - PE, Remanso - BA, Sento Sé - BA, Pilão Arcado - BA, Curaçá - BA, Cabrobó - PE, Campo Alegre de Lourdes - BA, Lagoa Grande - PE, Sobradinho - BA, Afrânio - PE, Dormentes - PE, Orocó - PE, Terra Nova - PE, RIDE, RIDEEX, Pernambuco, Bahia, Nordeste, Brasil 1970 a 2010.....	105
TABELA 13 - Incremento populacional (valores absolutos) - Petrolina – PE, Juazeiro – BA, Casa Nova – BA, Sento Sé – BA, Cabrobó – PE, Lagoa Grande – PE, Curaçá – BA, Remanso – BA, Santa Maria da Boa Vista – PE, Dormentes – PE, Orocó – PE, Afrânio – PE, Pilão Arcado – BA, Terra Nova – PE, Sobradinho – BA, Campo Alegre de Lourdes – BA, RIDE, RIDEEX – 1970 a 2010..	106
TABELA 14 - População residente – Grupo 1, grupo 2, grupo 3 e RIDEEX - 1970 a 2010.....	114
TABELA 15 - Taxa geométrica anual de crescimento populacional rural – Brasil , Nordeste , Pernambuco , Bahia , RIDEEX , Grupo 1 , Grupo 2 , Grupo 3 , Petrolina-PE, Santa Maria da Boa Vista-PE e Lagoa Grande-PE, Juazeiro-BA - 1970 a 2010.....	116
TABELA 16 - População Ocupada (%) - Setores primário, indústria e serviços - Petrolina - PE, Juazeiro - BA, Casa Nova - BA, Santa Maria da Boa Vista - PE, Curaçá - BA, Remanso - BA, Dormentes - PE, Sento Sé - BA, Pilão Arcado - BA, Cabrobó - PE, Campo Alegre de Lourdes - BA, Lagoa Grande - PE, Afrânio - PE, Orocó - PE, Terra Nova - PE, Sobradinho - BA, Grupo 1, Grupo 2, Grupo 3 e RIDEEX, em 2000.....	128
TABELA 17 - PIB Total (em milhões e %) - Setores Agropecuário (Agrop.), indústria (Ind.) serviços (Serv.) - Casa Nova-BA, Curaçá-BA, Lagoa Grande-PE e Santa Maria da Boa Vista-PE - 2000 e 2008.....	135
TABELA 18 - População residente (%) – Remanso-BA, Sento Sé-BA, Pilão Arcado-BA, Cabrobó-PE, Campo Alegre de Lourdes-BA, Afrânio-PE, Dormentes-PE, Orocó-PE, Terra Nova-PE – 1970 a 2010.....	137
TABELA 19 - Volume de emigrantes (E) e imigrantes (I), migração bruta (I+E), saldo migratório (I-E) e o Índice de Eficácia Migratória, dos três grupos da RIDEEX, nos períodos de 1986/1991 e 1995/2000	154
TABELA 20 - Volume de Emigração Inter-regional – Grupos 1, 2 e 3 e Grandes Regiões, no período de 1986/1991* e 1995/2000.....	156
TABELA 21 - Volume de Emigração Inter-regional - municípios da RIDEEX e estados - 1986/1991.....	158

TABELA 22 - Volume de Imigração Inter-regional - Grupos 1, 2 e 3 e Grandes Regiões - 1986/1991 e 1995/2000.....	161
TABELA 23 - Principais estados brasileiros como origem dos fluxos migratórios nos três grupos da RIDEEX, no período de 1986/1991 e 1995/2000.....	163
TABELA 24 - Fluxos Migratórios Intra-regionais - Grupos 1, 2 e 3 -1986/1991.....	168
TABELA 25 - Fluxos Migratórios Intra-regionais - Grupos 1, 2 e 3 -1995/2000.....	169
TABELA 26 - Volumes de Migração Intra-regional - 1986/1991 e 1995/2000.....	170
TABELA 27 - Volumes de Imigração (I) e Emigração (E), Saldo Migratório (I-E), Migração Bruta (I+E) e o Índice de Eficácia Migratória (IEM) Intra-regionais - Municípios da RIDEEX - 1986/1991.....	172
TABELA 28 - Volumes de Imigração (I) e Emigração (E), Saldo Migratório (I-E), Migração Bruta (I+E) e o Índice de Eficácia Migratória (IEM) Intra-regionais - Municípios da RIDEEX - 1995/2000.....	174
TABELA 29 - Fluxos Migratórios Intra-regionais - Municípios da RIDEEX, em 1986/1991....	175

LISTA DE MAPAS

MAPA 1 - Área dinâmica de Petrolina e Juazeiro, estados de Pernambuco e Bahia e o Rio São Francisco.....	29
MAPA 2 - RIDE - Orocó-PE, Petrolina-PE, Santa Maria da Boa Vista-PE, Casa Nova-BA, Curaçá-BA, Juazeiro-BA e Sobradinho-BA Pernambuco, Bahia e Rio São Francisco.....	79
MAPA 3 - RIDEEX nos Estados de Pernambuco e Bahia.....	81
MAPA 4 - RIDE e da RIDEEX e das sedes dos municípios.....	83
MAPA 5 - Subdivisão dos municípios da RIDEEX em relação à Barragem de Sobradinho.....	85
MAPA 6 - Municípios que utilizam os serviços de saúde em Petrolina-PE e Juazeiro-BA, de acordo com o REGIC em 2007.....	101
MAPA 7 - Municípios do Grupo 1, Grupo 2 e Grupo 3, RIDE, RIDEEX e Rio São Francisco.....	153
MAPA 8 - Municípios da RIDEEX classificados pelos Grupos 1, 2 e 3	165

INTRODUÇÃO

Este trabalho remete à relação entre a dinâmica econômica e demográfica no interior dos estados de Pernambuco e Bahia da Região Nordeste do Brasil, no período entre 1990 e 2000. A proposta é analisar as características socioeconômicas e demográficas na área dinâmica de Petrolina-PE e Juazeiro-BA, a partir do estudo da estruturação histórica e econômica, identificando as principais especificidades dos municípios a partir dos fluxos migratórios e a evolução do emprego na região.

A dimensão ambiental caracteriza-se como um fator importante para compor o cenário marcado por condições climáticas (atualmente) favoráveis para a atividade econômica baseada na agricultura irrigada. Um dos aspectos a destacar, é que essa atividade econômica apresenta sua base produtiva sobre a irrigação artificial. Nessa linha, a principal fonte de água da região para subsidiar a produção é o Rio São Francisco, com todas as suas demandas e os seus agentes sociais, muitas vezes representantes de interesses conflitantes. Além da água, o solo e o clima também fazem parte da dimensão ambiental na agricultura irrigada, e podem ser impactados de maneira significativa em razão de processos tais como as mudanças climáticas, resultando na intensificação do processo de desertificação, na alteração do volume e distribuição das chuvas, no aumento da temperatura entre outros fatores. Apesar do propósito do trabalho não contemplar a dimensão ambiental e por esta razão este tema não ser trabalhado profundamente, esse é um elemento que permeia todo o processo da agricultura irrigada, durante sua implantação e ainda mais após sua consolidação. A fruticultura é a principal atividade econômica e através dela outras atividades produtivas se desenvolveram. Dando grande visibilidade nacional à área conhecida como Polo¹ Petrolina-PE e Juazeiro-BA que é composta por oito municípios, Juazeiro-BA, Petrolina-PE, Lagoa Grande-PE, Santa Maria da Boa Vista-PE, Orocó-PE, Sobradinho-BA, Casa Nova-BA e Curaçá-BA (SILVA, 2001).

Grandes obras, como a Ponte Presidente Dutra sobre o Rio São Francisco entre Petrolina-PE e Juazeiro-BA na década de 1950, e, mais intensamente a partir da década de 1970 como a Barragem de Sobradinho, ampliação da malha rodoviária, a expansão das atividades agrícolas na região (nas décadas de 1980 e 1990), a intensificação das atividades de serviços, especialmente, nos principais municípios do polo (a partir de 1990) tiveram grande efeito nos municípios dessa área. Mas também, em outros municípios do entorno próximo ao polo que estão envolvidos, de forma não tão direta nesse processo. Aspectos históricos, sociais

¹ Já tradicionalmente analisados por outros autores, e que corresponde à Região Integrada de Desenvolvimento Petrolina/Juazeiro – RIDE. (Ver SILVA, 2001; SOBEL, 2006; RAMOS, 2001).

e demográficos (deslocamento das sedes com a construção do Lago da Barragem de Sobradinho, estradas, uso de serviços especializados (IBGE, 2008)) mostram que a rede de abrangência dos principais municípios do polo se estende para municípios do entorno próximo e contribuem na manutenção dos resultados econômicos e demográficos em Petrolina-PE e Juazeiro-BA (IBGE, 2008).

E por se tratar de uma área dinâmica (LIMA, 2008) com possíveis desdobramentos para além da Região Integrada de Desenvolvimento, optou-se por incluir outros municípios, que apresentam relações importantes, especialmente populacionais e de serviços com os municípios do polo (IBGE, 2008).

Com isso, a unidade espacial de análise para este trabalho são os municípios do conhecido polo Petrolina-PE e Juazeiro-BA por estarem relacionados, desde o início com as alterações no processo produtivo da agricultura irrigada, e também de outros municípios do entorno próximo do polo. A escolha desses outros municípios baseou-se em diversos aspectos, entre eles na proximidade e nas relações históricas, demográficas, comerciais e de serviços com os municípios de Petrolina-PE e Juazeiro-BA (IBGE, 2008; ESTRELA, 2009). Para auxiliar na comparabilidade entre os espaços analisados, tendo em vista que os processos econômicos, demográficos possuem abrangências de manifestação específica, ao longo do trabalho, foram usadas ora o município, ora o polo e em algumas situações a RIDE expandida (RIDEEX²).

O recorte temporal definido para o desenvolvimento desse estudo inicia na década de 1990 e vai até meados de 2000. Essa delimitação é para situar os fatos e suas implicações da região de estudo. Alguns fatos anteriores (décadas de 1970 e 1980) e posteriores (referentes à década de 2000) a esse período foram apresentados na intenção de constituir o cenário anterior à consolidação da fruticultura irrigada e também os desdobramentos dos processos, especialmente os econômicos e demográficos nos anos mais recentes. Cabe destacar que em razão da indisponibilidade dos dados censitários de 2010, houve uma limitação na comparabilidade das informações dos períodos anteriores e mais atuais, especialmente quanto à dinâmica migratória. Para minimizar esta restrição, outras fontes de dados serviram como *proxy*, para captar aspectos mais recentes, como informações sobre a disponibilidade da oferta e ocupação nas atividades mais diretamente ligadas com a agricultura, informações educacionais, serviços de saúde, além dos volumes da produção agrícola. Contudo, com a

² Composta pelos oito municípios da RIDE e mais oito municípios do entorno, são eles: Afrânio, Cabrobó, Dormentes, e Terra Nova no estado de Pernambuco e os municípios baianos são: Campo Alegre do Lourdes, Pilão Arcado, Remanso, Sento Sé.

disponibilidade do Censo Demográfico 2010, os desdobramentos indicados poderão ser reavaliados.

As principais bases de dados utilizadas foram os censos demográficos de 1970, 1980, 1991 e 2000, além de algumas informações da Relação Anual de Informações Sociais – RAIS, Cadastro Geral dos Empregados e Desempregados – CAGED, além de séries históricas do Produto Agrícola Municipal – PAM.

A estrutura da tese foi composta por quatro capítulos. O primeiro aborda a estruturação histórica e econômica, das áreas dinâmicas nordestinas, a partir das desigualdades regionais (GUIMARÃES NETO, 1997a), tendo como pano de fundo os resultados do processo de desconcentração produtiva entre as décadas de 1970-90 em âmbito nacional e, mais especificamente, no estado de São Paulo. A discussão desenvolvida, neste capítulo considera que desse plano nacional, cujo um dos objetivos era a diminuição das disparidades entre as Regiões do país, favoreceu a formação de subespaços com atividades específicas, porém com resultados econômicos e sociais diferenciados.

Esses subespaços surgiram e se consolidaram, em grande parte, pelo aporte de investimentos público e privado, chamadas de áreas dinâmicas, de complexos ou polos agrícolas ou industriais, durante a década de 1970, especialmente na Região Nordeste do país (ARAÚJO, 1995; LIMA; KATZ, 1993, LIMA, 2004, LIMA; LIMA 2008).

O segundo capítulo trata especificamente da área dinâmica de Petrolina-PE e Juazeiro-BA, neste caso, composta pelos oito municípios da RIDE, apresentando o panorama da agricultura antes depois da introdução da fruticultura, e seus efeitos no mercado de trabalho, nas relações comerciais da região com o país e o mundo. Para isso, foram utilizadas informações da população ocupada (Censos Demográficos RAIS/CAGED e dados sobre a produção das principais culturas da região (PAM)).

No capítulo três é apresentada a estruturação histórica e econômica dos principais municípios da área dinâmica de Petrolina e Juazeiro-BA, com ênfase nos elementos que potencializaram a importância dos dois principais municípios na dinâmica econômica de toda uma região. Além disso, são discutidos os desdobramentos das alterações nas atividades produtivas (especialmente agrícolas) na dinâmica demográfica de 16 municípios no entorno de Petrolina-PE e Juazeiro-BA (inclusive), avaliando os reflexos da fruticultura irrigada na estrutura, composição e tamanho populacional nas áreas rurais e urbanas, a partir dos dados dos Censos Demográficos de 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010. Para esse último foram utilizados os dados preliminares consultados até dezembro de 2011.

O último e quarto capítulo é apresentado um panorama das migrações nos 16 municípios, buscando identificar o comportamento migratório e sua relação com o expressivo crescimento populacional, na RIDEEX, usando os dados da década de 1980, avaliados a partir dos movimentos captados pelo Censo de 1991, e os resultados da década de 1990, avaliados no Censo de 2000, a partir do quesito de data fixa.

CAPÍTULO I

1. As especificidades das áreas dinâmicas na Região Nordeste

O debate sobre áreas dinâmicas baseia-se na avaliação empírica e observável de que o desenvolvimento econômico não se dá de forma homogênea no espaço. Em geral, formam-se subespaços com condições mais favoráveis economicamente que as demais áreas. “A experiência tem demonstrado que o crescimento econômico pode ocorrer de modo muito concentrado espacial e territorialmente” (SOUZA, 1993, p.30).

De modo que, neste capítulo, pretende-se apresentar os elementos teóricos que permeiam a discussão das desigualdades regionais, a partir dos “processos recentes de concentração, desconcentração e reconcentração espacial no país” e as relações desses processos com o surgimento de áreas dinâmicas, como a região de Petrolina-PE e Juazeiro-BA (GUIMARÃES NETO, 1997a). Essa relação será estabelecida por meio da descrição dos principais fatos da transformação econômica em uma área do sertão nordestino marcada por aspectos que impedem grande parte dos avanços na melhoria das condições de vida de sua população e que são amplamente discutidos por diversos autores (GALVÍNCIO; MOURA, 2005; ANDRADE, 1982; ARAÚJO, 1995b; ARAÚJO, 2000; SILVA, 2001). Dentre esses aspectos, destacam-se:

- Condições climáticas desfavoráveis para o planejamento agrícola, em longo prazo, em razão da escassez ou irregularidade das chuvas no tempo e no espaço.
- Concentração de terras com a presença de grandes latifúndios para exploração, utilizados como reservas de valor.
- Pequena articulação entre os setores públicos e privados, para montagem de ações comuns no processo de coordenação e regulação da cadeia produtiva.

Apesar de tamanha adversidade, ao longo das décadas de 1960 e 1970, especialmente nesta última, as áreas dinâmicas na Região Nordeste surgem como uma condição diferenciada para os agentes envolvidos no processo de sua formação e consolidação, disseminando seu dinamismo para os municípios de seu entorno e, apesar de menos expressivo, para toda a Região (LIMA; LIMA, 2008).

Segundo Lima (1994), essas áreas são polos dinâmicos que concentram avanços e transformações concretas sobre a estrutura produtiva, apesar das dificuldades estruturais que grande parte dessas áreas apresenta. Em geral, as áreas dinâmicas mais “tradicionalmente conhecidas” baseiam-se principalmente na utilização dos recursos naturais disponíveis, em

expressivo volume de recursos financeiros de grandes investidores privados que buscavam novas frentes de investimentos em espaços que se situem para além do centro mais industrializado do país e, ainda, pelo fundamental papel do Estado com grandes obras de infraestrutura. Desta combinação, destacam-se algumas importantes áreas dinâmicas, os chamados polos industriais e agroindustriais, como o polo petroquímico na Bahia, o complexo minero-metalúrgico e o polo de alumínio no Maranhão, polo têxtil no Ceará, o complexo de sal gema em Alagoas, polo agroindustrial de Pernambuco/Bahia e as áreas de agricultura de grãos, no oeste da Bahia (ARAÚJO, 1995b).

Lima (2005) analisa essas áreas por meio da produção, geração de empregos, articulação entre os grandes setores da economia local e estadual, apontando alguns desdobramentos das principais atividades das áreas dinâmicas “tradicionais” (início das atividades na década de 1970) e indica outras “áreas dinâmicas” mais recentes (a partir de 1980 e 1990). O recorte temporal desse trabalho é o “período econômico” pós 1990. Caracterizado pelo autor, em âmbito nacional, por uma economia com:

Fortes mudanças de rota e de estratégia, envolvendo a abertura comercial, o encolhimento do Estado, a estabilização de preços e a gradativa soberania dos conceitos de estabilidade com prioridade para as metas inflacionárias, mesmo que à custa de reduzidas taxas de crescimento [e no campo regional], especialmente o nordestino a extinção dos órgãos de desenvolvimento regional (SUDENE - Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste/ SUDAM - Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia) face aos questionamentos acerca da sua efetividade, bem como por acusações de mau uso dos recursos públicos envolvidos (LIMA, 2008, p.1).

Apesar desses elementos que colaboraram na limitação do crescimento econômico das grandes regiões do país, durante a década de 1990, “em algumas áreas, em meio à relativa estagnação do todo regional, notam-se sinais evidentes de dinamismo em setores diversos” (LIMA, 2004 p.3), especialmente os ligados ao mercado externo, por meio das exportações e que desenvolviam atividades agroindustriais, industriais e de serviços. Nesse contexto, o autor indica que as principais manifestações desse dinamismo, na Região Nordeste, em meio a um cenário pouco favorável para o crescimento econômico, foram:

Alguns polos de irrigação com maior expressão, estando entre eles os de Petrolina/Juazeiro, mais voltado para a produção de manga e uva e o de Mossoró/Açu no Rio Grande do Norte, onde se cultiva principalmente melão. Esses pólos são os que geram maior nível de produção e que têm demonstrado o maior nível de dinamismo, já tendo maior tradição no cultivo de frutas e uma inserção crescente nos mercados nacional e externo (LIMA, 2005, p.6).

As similaridades entre as duas áreas, durante a década de 1990, são a evolução da quantidade produzida e a produtividade das culturas frutícolas, o aumento do Produto Interno Bruto dessas áreas dinâmicas (acima dos resultados apresentados pelos respectivos estados), ampliação dos empregos gerados com as atividades agrícolas, além dos resultados das conexões entre os outros grandes setores da economia. Outro ponto destacado pelo autor é a existência de uma forte articulação entre órgãos governamentais de gerenciamento e pesquisa e toda a “cadeia produtiva”³, especialmente na área dinâmica de Petrolina-PE e Juazeiro-BA, conforme amplamente analisado por Silva (2001).

Os cerrados nordestinos, assim como Petrolina-PE e Juazeiro-BA, foram cenários de grandes obras de infraestrutura de estradas e energia e linhas de créditos, durante os anos de 1970, e juntamente com a implantação de projetos de irrigação e colonização foram alvo da ocupação de diversos agricultores, especialmente da Região Sul do país, “atraídos pelas condições naturais favoráveis de cultivo de grãos com disponibilidade de recursos hídricos e a elevada insolação e pelos baixos valores das terras (LIMA, 2005).

Contudo, a partir dos anos 1980 é que houve um intenso crescimento de área e produção de soja, arroz, milho e feijão. A partir de meados de 1990, outras culturas foram introduzidas, como a de algodão e café, a pecuária e a avicultura (corte e postura), além da instalação de unidades de processamento de soja, beneficiadoras de separação da pluma e do caroço de algodão, e frigoríficos e, ainda, a articulação com a produção de ração para aves (corte e postura), colaborando ainda mais resultados econômicos e demográficos expressivos, comparados com o todo o estado da Bahia (SALES; SALES, 2010).

O polo Minerio-Metalúrgico de São Luiz, localizado no entorno da capital do estado do Maranhão e o polo Petroquímico de Camaçari, durante as décadas de 1970 e 1980, também receberam investimentos de grande porte. O primeiro atua na área de beneficiamento de minérios e de produção de alumínio, e alguns dos diversos desdobramentos para o estado foi “a instalação de guserias ao longo da ferrovia, a qual também facilitou o escoamento da soja dos cerrados para o porto de São Luiz (LIMA, 2005, p.15), entretanto, “é uma área onde as repercussões sobre as cadeias produtivas de minério de ferro e alumínio são pouco expressivas, em razão de toda produção ser voltada para o mercado externo” (LIMA, 2005, p.16). O polo de Camaçari, na Bahia, é responsável por grande parte da produção nacional de

³ Grande parte do dinamismo do Polo Petrolina-PE e Juazeiro-BA é resultado da articulação da CODEVASF – Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco e Parnaíba, da Embrapa - Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias, dos produtores locais (empresas e pequenos produtores), com a difusão de avançadas tecnologias de cultivo e irrigação, além da existência de fornecedores de equipamentos e insumos na própria região (LIMA, 2005).

petroquímicos, abriga um das maiores centrais de matérias-primas do mundo e é muito importante para a geração de impostos, emprego e renda. O Ceará também se destaca no setor têxtil/confecções:

As facilidades dos incentivos atraíram grandes projetos para a Região Metropolitana de Fortaleza, na tecelagem e, principalmente, na fiação. Outros fatores como o dinamismo empresarial, a qualidade dos produtos, associada a preços competitivos e a própria diferenciação de produtos das confecções impulsionaram fortemente a expansão do pólo cearense (LIMA, 1994, p.68).

especialmente a partir de 1980 (LIMA, 1994). Atualmente, não detém grande participação na confecção nacional (moda praia, aeróbica e íntima), em grande parte por apresentar algumas fragilidades ligadas à gestão e qualificação de mão de obra, à obtenção de matéria-prima em condições competitivas e necessidade de constante renovação da tecnologia utilizada” (VIANA; ROCHA; NUNES, 2008).

Além dessas áreas dinâmicas na Região Nordeste, que tiveram suas atividades iniciadas a partir das grandes obras da década de 1970, outras mais recentes e com abrangência mais localizada foram estudadas por Diniz e Basques (2004), como:

- Crato/Juazeiro do Norte/Barbalha, com atividades agroindustriais, na produção de cana-de-açúcar e derivados (cachaça e rapadura), e a indústria de folheado, com joias e bijuterias, impulsionadas pelo grande volume de peregrinos religiosos, de Padre Cícero;
- São Bento/Caicó são municípios no interior da Paraíba que, juntamente com os municípios Brejo da Cruz e Catolé do Rocha, atuam no setor têxtil – apesar de uma produção limitada com condições precárias exercidas de forma semiartesanal, este segmento supre grande parte da falta de alternativas laborais da região;
- Santa Cruz do Capibaribe/Toritama/Caruaru. Um elemento que ajudou na expansão da atividade têxtil nesta região do estado de Pernambuco “foi a informalidade e o não pagamento de impostos e de obrigações trabalhistas, sendo praticamente ausente a fiscalização trabalhista e tributária” (LIMA, 2005, p.21) Apesar disso, no período entre 2000 e 2004 houve um aumento de mais 60% do número de empregos formais, registrando 6.901 postos de trabalho no setor têxtil/confecções, em 2004, nestes municípios.

Lima e Lima (2008) identificaram outras áreas dinâmicas recentes na Região Nordeste que apresentaram, no âmbito de seus estados, os maiores crescimentos econômico e populacional, indicando, sob determinadas condições específicas, a possibilidade de desempenharem uma função de polo dinâmico, assim como alguns polos tradicionais. Para a seleção dos municípios, utilizaram crescimento populacional e o volume de empregos formais, no período de 2000 a 2004, além das taxas de crescimento do PIB municipal até o ano de 2003, como uma *proxy* de indicadores que refletem o dinamismo econômico de uma região. De modo geral, as áreas mais expressivas quanto aos indicadores propostos pelos autores estão no Quadro 1.

QUADRO 1 – Áreas dinâmicas recentes, principais municípios e atividades econômicas - Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte e Pernambuco, 2000-2004

Região	Principais Municípios	UF	Atividade Econômica
Leste do Maranhão	Açailândia	MA	Gado bovino, silvicultura, metalurgia
Sul do Maranhão	Balsas	MA	Soja
Litoral Cearense	Fortaleza e Sobral	CE	Têxteis e Calçados
Fronteira CE/RN	Aracati (CE), Mossoró RN	CE/RN	Agricultura irrigada (melão), aquicultura e Petróleo
Agreste Pernambucano	Caruaru e Toritama	PE	Indústria têxtil/confecções

Fonte: Adaptado de Lima e Lima (2008).

As principais atividades econômicas das áreas mais dinâmicas no período analisado foram de produção agrícola, turismo e indústria têxtil/confecções/calçados. Segundo os autores, as áreas dinâmicas recentes com atividades agropecuárias tendem a ser compostas por um número maior de municípios, o que indica que áreas com essas atividades apresentam um potencial agregador maior do que atividades ligadas à indústria ou serviços. Já as regiões com produção das culturas mais tradicionais da Região Nordeste, como algodão, cana de açúcar e cacau, apresentam baixo dinamismo econômico e demográfico, muito em razão das várias dificuldades enfrentadas pelos produtores dessas regiões.

Outro aspecto retratado por Lima e Lima (2008) é a caracterização do entorno das áreas dinâmicas recentes. Em geral é composto por municípios sem nenhuma atividade econômica com alguma expressão, ficando os empregos formais quase que exclusivamente a cargo de atividades na administração pública. Uma alternativa proposta pelos autores para atenuar a baixa integração dos espaços dinâmicos e as demais áreas seria a presença mais efetiva de uma ação do Estado, com a execução de obras de infraestrutura, além de melhoria

nos padrões educacionais e tecnológicos, por meio “de um planejamento econômico regional que permita a maior integração da região”.

Os estudos de Katz e Lima (1993) e Araújo (1995a) discutem as atividades e alguns resultados das áreas dinâmicas mais tradicionais, cujas atividades iniciaram ainda na década de 1970, e apontam que esses espaços dinâmicos apresentam características pouco integradoras com as áreas “estagnadas”, o que indica uma acentuação das disparidades, distanciando a possibilidade de convergência para um crescimento econômico mais homogêneo.

Lima e Lima (2008) destacam que, apesar dos indicativos de que as áreas dinâmicas possam se apresentar como um “enclave” para um desenvolvimento mais homogêneo entre as regiões é necessário um estudo aprofundado das principais características de cada uma dessas áreas e como são estabelecidas as relações com os municípios de seu entorno. Seguindo esta inquietação, a proposta desse trabalho é contribuir com elementos para o aprofundamento dos estudos das áreas dinâmicas. Considerando a especificidade e a complexidade que cada subespaço dinâmico apresentado, foi escolhida a área de Petrolina-PE e Juazeiro-BA. Uma área dinâmica constituída durante a desconcentração econômica e que apresenta características muito peculiares, como:

- A conurbação dos dois municípios historicamente importantes, localizados em pleno sertão nordestino, contudo pertencentes a dois estados diferentes.
- É uma área que compõe a Região Integrada de Desenvolvimento – RIDE Petrolina-PE e Juazeiro-BA.
- A inclusão de atividades econômicas e processos produtivos, compostos pelo uso de novas formas de organização e com novos agentes envolvidos na produção agrícola.
- O expressivo aumento populacional nas últimas quatro décadas;
- O aumento da participação no mercado internacional, através da exportação.

Diversos elementos estão relacionados historicamente aos processos que desencadearam o dinamismo econômico de Petrolina-PE e Juazeiro-BA, alterando as características populacionais, os espaços urbanos e rurais e as características migratórias, alguns deles são: a concentração industrial a partir de 1930, a desconcentração a partir da década de 1960 e os avanços na tecnologia da agricultura irrigada.

1.1 A evolução das desigualdades regionais

Dentre os fatores que historicamente contribuíram na formação das desigualdades regionais brasileiras, segundo Guimarães Neto (1997a), a própria evolução das regiões ou dos complexos exportadores, localizados em espaços diferentes e constituídos por uma dinâmica econômica diferenciada e com grande diversidade produtiva, foi um elemento que contribuiu para intensificar as diferenças regionais, até os primeiros anos do século XX. Ou seja, o início das desigualdades regionais tem origem na forma como se deu a evolução das regiões – a sua própria formação.

A partir dessa formação já diferenciada, as desigualdades se ampliaram com o processo de “articulação comercial para a constituição de um mercado interno, que foi baseada sob a hegemonia da Região Sudeste, especialmente São Paulo, dotada de uma base produtiva industrial muito mais eficiente e de maior capacidade de competição que as demais”, no período compreendido entre o início do século XX até meados dos anos 1960 (VERGOLINO et al., 2008).

E o período compreendido entre os anos 1970 e 1980, que é caracterizado pelo processo de desconcentração espacial das atividades econômicas em relação à Região Sudeste, ou seja pelo espraiamento industrial em todo o país (apesar de desigual), em grande parte, impulsionado pelos projetos governamentais, além de incentivos fiscais, criando os polos em diversos setores (DINIZ, 1995).

1.1.1 A evolução das desigualdades regionais até a década de 1960

De acordo com Guimarães Neto (1997a), é possível definir três etapas que colaboraram para a intensificação das desigualdades e para o surgimento das principais áreas dinâmicas na Região Nordeste, durante a década de 1970.

Da fase do “isolamento relativo”, em que se dariam as origens das desigualdades regionais, até o início do século XX, com os grandes complexos exportadores, os espaços regionais brasileiros passam para a fase de articulação comercial.

Esta fase é marcada pelo início do processo de industrialização, nos anos de 1930 até meados da década de 1960, caracterizado pelo mercado interno baseado no domínio econômico de apenas uma região, São Paulo. Que estabeleceu uma relação de “complementaridade” ou de ajustes com outras regiões, restando para elas, menos eficientes e competitivas por não terem uma base produtiva industrial eficiente comparada com a Região Sudeste, um espaço econômico restrito.

Para Cano (1998) além de aspectos específicos da economia da Região Sudeste, especialmente São Paulo, ocorridos até o período de 1930, que propiciaram esta fase de dinamismo econômico, outros elementos nas demais Regiões do país, especialmente a Região Nordeste, impediram uma evolução significativa na trajetória econômica desta região, como a própria estrutura econômica e social formada ainda no ciclo do açúcar (século XVI), baseadas no trabalho escravo, grandes propriedades (latifúndios) e com um rigoroso controle produtivo e comercial por Portugal.

Outro fator importante, destacado por Lopes (1973), foi o grande contingente populacional, predominantemente do “campo”, herdado dos “ciclos econômicos” mais importantes do Brasil até metade do século XIX, especialmente na Região Nordeste – e, ainda, a incapacidade das “áreas urbanas” em absorver parte desta população – aliado ao fato de uma concentração nas atividades econômicas, especialmente a industrial, na Região Sudeste, transformaria a Região Nordeste em uma área tipicamente expulsora, com o fluxo direcionado à Região Sudeste.

Para a Região Sudeste, durante o auge do ciclo do café⁴ entre os anos de 1840-1930 (SILVA, 1976; BACHA, 2004), um dos aspectos importantes foi o sistema econômico criado pelo complexo cafeeiro formado por setores conexos, como comércio, agências bancárias, produtores de alimentos, trabalhadores e o governo. Já na Região Sul, formada por uma estrutura fundiária de propriedades pequenas, com abrangência limitada à economia local e em alguns momentos regional, não teve condições estruturais para assumir um papel dominante na economia do país.

A característica principal dessa configuração foi o crescimento das indústrias da Região Sudeste até a década de 1930, que estruturou a posição influente da economia paulista no cenário nacional, com uma concentração espacial da produção, principalmente dos bens mais elaborados e industrializados.

Apesar dessa dinâmica concentradora de São Paulo, esta área articulava também o crescimento regional. E este processo de integração do mercado nacional propiciaria efeitos de estímulo, de inibição ou bloqueio, ou até mesmo, efeitos de destruição nas demais economias regionais do país Cano (1998).

Nesta linha, Guimarães Neto (1997a) destaca que, durante o período (1930) em que a política do Estado contemplava o processo de substituição de importações, a indústria de São

⁴ Em 1840, o café já era o principal produto da pauta da exportação do Brasil, a frente do açúcar e o algodão, e em 20 anos depois, o Brasil, já era responsável pela metade da produção de café mundial. (Ver BACHA, 2004; SILVA, 1976).

Paulo “dotada de uma base produtiva industrial muito mais eficiente e de maior capacidade de competição”, restava somente um papel de coadjuvante para as regiões periféricas neste processo (GUIMARÃES NETO, 1997a, p.44). Essa fase, vivida até os anos 1960, marca a consolidação da industrialização pesada na Região Sudeste, uma vez que:

A indústria paulista e a sudestina, de modo mais geral, estabelecem-se em sólidas bases, no contexto do processo de substituição de importações do qual resultou, dessa forma, a consolidação, também, de grande desigualdade entre os espaços regionais do país (GUIMARÃES NETO, 1997b, p.44).

Nessa linha Carvalho (2008) aponta que com a inclusão do Nordeste no processo de industrialização da região Sudeste, entre o início do século XX e a década de 1960 (período de “articulação comercial” ou de “concentração”) (GUIMARÃES NETO, 1997, p.45), em benefício de um plano nacional baseado em uma dinâmica comercial integrada, começaram a se destacar as disparidades dos níveis de renda e do ritmo de crescimento econômico entre as grandes regiões do país. Isso porque, com:

A intensificação das relações entre a principal região industrial do país e as outras tem, inicialmente, um impacto negativo na maioria das regiões [...]. As regiões eram qualitativamente muito diferenciadas até o século XIX, mas essas diferenças não apareciam. Na medida em que se vai internalizando a vida econômica, se vai fazendo essa articulação interna, e uma região vai assumindo esse papel de comando, as diferenças de produtividade, por exemplo, vão ficando muito claras (ARAÚJO, 2000, p.74).

O desdobramento dessa relação econômica foi o aumento das disparidades entre as regiões, o que fez surgir o debate sobre a questão regional ou a questão nordestina (VIDAL, 2004). Este debate baseou-se no exame das transformações ocorridas no Nordeste, avaliando de forma crítica a eficiência das políticas regionais, que tradicionalmente tinha a seca como o único responsável pelo atraso do Nordeste. Além disso, atribuiu que tal atraso tinha sua origem na formação histórica e nas políticas econômicas nacionais. O debate tomou mais força na década de 1950. Nesse período a região que apresentava problemas econômicos em razão da intensificação da concorrência inter-regional, teve suas dificuldades intensificadas por um intenso período de estiagem.

Apesar do aumento das disparidades econômicas e sociais entre as grandes regiões do país, a Região Nordeste foi palco da criação de um significativo aparato institucional, do qual o principal símbolo foi a Inspeção de Obras Contra as Secas - IOCS (em 1909), posteriormente convertida em Inspeção Federal de Obras Contra as Secas - IFOCS (em 1919) e daí no

Departamento Nacional de Obras Contra as Secas - DNOCS (em 1945), e ainda a Chesf - Companhia Hidrelétrica do São Francisco (1945), BNB - Banco do Nordeste do Brasil (1953-54) (COELHO NETO, 2004; 2006).

As medidas adotadas pelos vários órgãos vislumbravam a redução da desigualdade na Região Nordeste, baseadas na compreensão da seca como o principal agravante da desigualdade, sem contemplar outras dimensões que o fenômeno acarretava, de modo que as ações e políticas públicas implantadas pelo governo federal ressaltavam a criação da infraestrutura física para a retenção de água (açudagem, barragens, canais, entre outros), associada a medidas assistencialistas (frentes de trabalho), quando as calamidades climáticas já estavam instaladas. De modo que a busca para contornar as adversidades climáticas, nesse período, sempre se baseou na solução hídrica (VIDAL, 2004).

Entretanto, essas estratégias não solucionavam o “problema” já que não se acaba com fenômenos naturais, como secas e chuvas. Segundo Duarte (2000), as ações governamentais e dos flagelados da seca, nas áreas da zona semiárida da Região Nordeste, até o final século XX, sofreram poucas alterações, já que foram mantidas, em muitas áreas, as condições físico-climáticas adversas, distorções na estrutura de posse e uso da terra, baixos níveis de escolaridade, utilização de métodos arcaicos de cultivo do solo, escassez de crédito. Duarte (2000) ainda argumenta que as soluções para a questão são de natureza estrutural e que a:

Superação desses obstáculos demandaria políticas visando mudanças estruturais, a começar pela organização fundiária, programas educacionais e de capacitação técnica, ampliação e disseminação espacial de infra-estrutura hídrica, introdução de tecnologias voltadas para a agropecuária da zona semi-árida, aperfeiçoamento dos instrumentos especiais de crédito existentes (p.256).

Uma importante ferramenta criada em 1959, com o intuito de promover o desenvolvimento econômico da Região Nordeste, frente às políticas assistencialistas, foi a SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste. A SUDENE foi um dos resultados de um importante relatório do Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste - GTDN, cujo responsável foi Celso Furtado⁵. Nesse relatório era clara a busca pela integração entre “as economias” do país, a alteração dos padrões agrícolas vigentes, além da estruturação do Nordeste com obras hidráulicas, viárias, criação de órgãos e empresas públicas, atuando também no processo de desapropriações de grandes áreas irrigáveis. O foco

⁵ A participação de Celso Furtado na criação da SUDENE e no relatório do GTDN foi efetiva e predominante. Mais detalhes em Cano (2010).

das estratégias de socorro aos nordestinos não focalizava a seca enquanto principal agravante do atraso na região, mas as questões agrária, econômica, social e política (CARVALHO, 1988; VILLA; CAMPOS, 2006; CAMPOS, 2004; ANDRADE, 2005).

Com essa nova proposta, as estratégias usadas até aquele momento na região foram alteradas, passando de medidas limitadas à solução hídrica, com grandes investimentos financeiros, para medidas que consistiam em abarcar outras dimensões voltadas para a “redistribuição espacial das atividades agrícolas e industriais, de acordo com a potencialidade dos recursos naturais, e a redistribuição da população de áreas densamente povoadas para as frentes de expansão pioneiras”, bem como a criação de leis que permitiam tais ações (JESUS FILHO, 2004, p.60). De modo que todas as estratégias antes apoiadas somente na solução hidráulica foram substituídas por uma visão de desenvolvimento regional ou estrutura de produção (Mais detalhes em ARAUJO, 1999; GUIMARÃES NETO, 1989).

1.1.2 As desigualdades regionais e o surgimento das áreas dinâmicas na Região Nordeste

Um dos períodos mais importantes para o estudo das áreas dinâmicas é a fase definida pelos últimos anos da década de 1960, passando por 1970 até meados de 1980. Chamado por Guimarães Neto (1997a) como a “integração produtiva inter-regional” caracterizado pela presença crescente de investimentos privados ou governamentais nas regiões periféricas, favorecendo “o surgimento e a consolidação das *áreas dinâmicas, dos complexos ou pólos industriais, dos pólos agro-industriais*”, que contribuíram para ampliar a diversidade da economia regional e que influenciaram fortemente na dinâmica econômica nordestina (GUIMARÃES NETO, 1997b, p.48).

O interesse nas regiões periféricas foi motivado, principalmente, pelas intervenções estruturantes do Estado, que propiciou o surgimento de oportunidades econômicas pautadas em fortes incentivos fiscais e financeiros. Mas, também, pela dinâmica regional impulsionada pelas relações comerciais estabelecidas e moldadas pela Região Sudeste.

Nessa linha, Diniz (1995) aponta que os principais fatores que basearam o processo de desconcentração, a partir da década de 1970, foram: recuo da economia na área metropolitana de São Paulo, ao mesmo tempo em que havia a criação de economias de aglomeração em vários outros centros urbanos e regiões; a participação efetiva do Estado, com investimentos de grande monta em diversas regiões do país; a valorização dos recursos naturais como um importante fator para alocação de um conjunto de atividades industriais; além da unificação do mercado, permitida com o desenvolvimento de infraestrutura rodoviária e de comunicações.

Para Cano (2008), esse período da desconcentração produtiva nacional, definido a partir de 1970, pode ser dividido em três grandes períodos. O primeiro se inicia nos anos 1970 e está ligado a uma diversificação e um salto quantitativo e qualitativo da base industrial do país. Este período é marcado por fortes investimentos públicos e privados, em que as áreas periféricas apresentam crescimento superior à área tradicionalmente mais industrializada do país, entretanto não apresentam papéis concorrentes e, sim, de complementaridade. Esse efeito proporcionou uma expansão da indústria nas áreas periféricas e especialmente um crescimento dos setores agrícolas e de serviços. Para o autor este período é marcado por uma desconcentração virtuosa, por fortalecer as relações industriais inter-regional num período muito favorável, em grande parte pelo II Plano Nacional de Desenvolvimento - PND que em linhas gerais buscava o desenvolvimento regional e a integração nacional.

Segundo Pacheco (2000), as ações executadas até meados da década de 1960 para atenuar a pobreza no país, especialmente na Região Nordeste, quando comparadas com o II PND, a partir de 1974, “podem ser consideradas até modestas”, principalmente pelos investimentos em grandes projetos, alguns localizados nas regiões periféricas e proporcionando, com isso, um aumento da participação das demais regiões (além de São Paulo) na dinâmica da economia brasileira, especialmente no setor industrial, energético, tecnológico e também agrícola que o Plano contemplava.

Ainda nessa linha do II PND, outras ações foram implantadas para minimizar a pobreza e melhorar a qualidade de vida, especialmente dos pequenos produtores das regiões periféricas, com a intenção de integrá-los à dinâmica econômica, por meio do acesso à terra e a crédito, através de programas direcionados.

Com destaque para, o Programa de Redistribuição de Terras e de Estímulo à Agroindústria (PROTERRA), o Programa de Desenvolvimento de Áreas Integradas do Nordeste - POLONORDESTE e o Programa de Apoio ao Desenvolvimento da Região Semiárida no Nordeste - Projeto Sertanejo, que contribuíram para a estruturação de parte da infraestrutura destinada para agricultura irrigada nas áreas localizadas no interior da Região Nordeste. Esses programas eram destinados ao desenvolvimento da região, com base na agricultura, sendo o POLONORDESTE (1974) mais voltado para melhoria da estrutura agrícola através de grandes obras hídricas (construção de barragens, canais de irrigação, estações de bombeamento), formação de recursos humanos (centros de pesquisas, universidades, institutos técnicos) e apoio à organização de produtores e empresários rurais (cooperativas, associações e sindicatos). Já o projeto Sertanejo (1976) era direcionado ao fortalecimento de pequenas e médias unidades agrícolas, frente aos efeitos que a seca acarretava nestas propriedades.

Neste caso, as ações consistiam na geração de emprego para os pequenos produtores, trabalhadores assalariados e sem-terras (CARVALHO FILHO; CASTELO, 1999).

Os efeitos desses programas para as Regiões Norte e Nordeste foram restritos, quando comparados às áreas mais avançadas no processo de industrialização. A razão disso foi a coexistência de iniciativas diferenciadas dos governos federal, estaduais e municipais numa mesma área, o descompasso na execução das metas de infraestrutura e as sociais e, também, a estrutura fundiária nordestina (que inviabiliza o acesso à terra para os pequenos produtores) (CARVALHO FILHO, 1988).

Para Cano (1998) o final da década de 1960 até 1974 marcou o auge da industrialização, apesar de concentrada em São Paulo, impôs às regiões periféricas uma estruturação de produção e mercado de complementaridade entre elas e São Paulo. De modo que, neste período, não só São Paulo, mas as demais regiões (periféricas) apresentaram crescimento, apesar de desigual. Contudo, essa dinâmica colaborou com a integração do mercado interno e reforçaram as relações regionais do processo nacional de desenvolvimento, apesar de heterogêneo. Este perfil da dinâmica econômica concentrado espacialmente fomentou fortes discussões sobre os determinantes de uma desconcentração produtiva, no final da década de 1960 e com mais intensidade nas décadas de 1980 e 1990.

Pacheco (1998) analisa ambos os momentos (“concentração” e “desconcentração”), utilizando informações sobre a distribuição espacial e a evolução de diversos segmentos da indústria e do setor agropecuário no país, como volume das exportações e importações, o desempenho da produção, rendimento médio da produção, pessoal ocupado, entre outros elementos, para compreender a lógica da *integração do mercado nacional*. O autor observa que até 1968, São Paulo apresentava fortes relações comerciais “internas” e também externas, mas o comércio com as regiões periféricas do país foi pouco mais relevante do que com o mercado exterior. Entretanto, a partir desse período, houve intensificação da expansão do comércio de São Paulo, mais vigorosamente com os mercados internos, e uma queda nas relações internacionais. Este fenômeno de expansão do comércio entre Regiões Periféricas e São Paulo, também acontece, entretanto com uma magnitude muito menor.

O período da *desconcentração* das atividades econômicas, especialmente a industrial, começa em meados da década de 1970 é caracterizado por algumas iniciativas governamentais que promoveram atividades econômicas nas regiões periféricas do país. E apresentou-se de forma diferenciada inter, intrarregional e ainda entre estados. Esta época foi marcada pela maior participação relativa de estados com menor importância econômica como Minas Gerais e Espírito Santo, na Região Sudeste, e o Paraná para a Região Sul. De modo geral, a “trajetória”

da atividade econômica brasileira pode ser descrita pela “*concentração* econômica espacial”, até meados de 1975 e a “*desconcentração*”, de modo geral, de 1975 a 1985 (PACHECO, 1998).

1.1.3 As desigualdades regionais a partir de 1980

O momento definido pelas décadas de 1980 e 1990 refere-se ao segundo e ao terceiro períodos, destacados por Cano (2008), para a desconcentração pautada em cenário econômico diferente do anterior, caracterizado por uma profunda crise da economia brasileira. Apesar das questões de cunho social não serem resolvidas, puderam ser amortecidas no contexto de altas taxas de crescimento, em um momento que ainda era possível à população rural e empobrecida acessar alguns dos “benefícios” do crescimento urbano industrial.

Já a desconcentração industrial nos anos 1980 é o resultado da crise e seus impactos de maneira mais importante no centro do que na periferia nacional. Não há apenas uma desaceleração do processo de desconcentração como também uma piora em termos qualitativos nesse processo, caracterizando a desconcentração desse período como espúria.

Pacheco (1998) organiza e pontua os argumentos trazidos por outros autores que apresentaram considerações relevantes e que concebem a desconcentração econômica, a partir das diversidades históricas e estruturais que sinalizavam para diferentes pontos de partida e condicionantes diferenciados ao longo da formação de cada região. Sendo que os elementos que contribuíram fortemente para o quadro de desconcentração econômica foram: o processo de integração produtiva do mercado nacional; o deslocamento da fronteira agrícola e mineral; as políticas governamentais, por meio das políticas de desenvolvimento regional; os efeitos diferenciados da crise econômica nas diferentes regiões; o perfil relativamente desconcentrado do sistema urbano brasileiro; o surgimento das “deseconomias de aglomeração” e pressões ambientais nas áreas mais industrializadas; as formas de organização que as grandes empresas assumiram em cada região e a concentração regional de renda e pesquisa.

Esses efeitos se estenderam até pelo menos 1985. A partir de meados da década de 1980, inicia-se um esgotamento dos efeitos associados aos principais projetos de investimento executados sob o II PND, causado em grande parte pela “crise fiscal e financeira do Estado e pela desarticulação dos investimentos públicos em infraestrutura e no setor produtivo estatal, os programas de financiamento da atividade produtiva e as políticas de incentivos fiscais” (GUIMARÃES NETO, 1997a). De modo que, a partir do momento em que há a redução do papel do Estado como provedor, executor e avaliador de ações de tamanha envergadura, e o avanço das “mãos do mercado”, a equação entre a busca pela eficiência econômica por parte

das empresas (frente as empresas estrangeiras) e a redução das disparidades regionais não resulta em algo equilibrado (CANO, 1997).

Para Pacheco (1996) não há exatamente um esgotamento da desconcentração, preferindo apenas destacar que o contexto contemporâneo problematiza, embora sem bloquear completamente, a continuidade do processo de desconcentração ocorrido no Brasil até 1985. O autor ainda ressalta que o dinamismo de algumas regiões do país não alcançou correspondência no desempenho agregado da economia nacional. De modo que esse processo de desconcentração econômica e a integração produtiva do mercado nacional permitiram novas formas de relações comerciais inter e intrarregionais, propiciadas pela diversificação e o desenvolvimento não só da indústria “pesada”, mas também da agricultura, da agroindústria e da indústria “periférica”. Isso motivado pelo surgimento de “ilhas de prosperidade”, mesmo em contextos desfavoráveis economicamente.

Pacheco (1998) também destaca outro fator importante para entender a dinâmica regional desse período, isto é, o aumento das desigualdades intrarregionais. O autor sustenta que com a *desconcentração espúria* houve um aumento da heterogeneidade dentro das regiões do país, aumentando a diferença interna da renda, mesmo quando convergente em termos nacionais. Isso mostra a natureza ainda mais desigual do padrão de desenvolvimento adotado a partir da década de 1980, em especial se somado aos resultados perversos da guerra fiscal entre os estados.

Nesse sentido, Pacheco (1998) classifica três dinâmicas diferenciadas para as transformações que aconteceram no período entre 1985 e 2000, por meio da evolução de diversos setores da indústria, a saber: uma *desconcentração mais ampla* dos setores que tinham suas bases sobre recursos naturais e dependiam de mão de obra menos qualificada, como a metalurgia básica, de produtos do metal, de minerais não-metálicos, do refino de petróleo e produção de álcool, e dos segmentos de têxteis, vestuário, couros e calçados, entre outros; outra. Outra seria a *desconcentração concentrada* no Sudeste e Sul do país, com fabricação de veículos automotores, de artigos de borracha e plástico, de máquinas e equipamentos; uma terceira seria o movimento de *reaglomeração*, com indústrias baseadas em fatores de produção mais sofisticados, com mão de obra mais qualificada, exigindo um maior encadeamento técnico e produtivo com fornecedores e clientes.

Esse desenho da especialização da dinâmica econômica e industrial atual, segundo Pacheco (1998), é resultado da extensão dominada por São Paulo, que permitiu o crescimento das regiões periféricas voltado para nicho não ocupado (ou não pretendido) por ele. E com a integração comercial e produtiva, as regiões periféricas ajustaram e consolidaram as estruturas

econômicas especializadas (contudo a *complementaridade* dos segmentos produtivos estratégicos da economia nacional centrados na Região Sudeste), com a implantação e expansão de “grandes unidades produtivas privadas e estatais, dando origem a *espaços* ou *subespaços* voltados para atividades específicas, em geral, com fortes articulações com o comércio internacional (GUIMARÃES NETO, 1995).

Além da especialização e da complementaridade, Pacheco (1998) destaca a intensificação da heterogeneidade, tanto inter-regional, em razão de algumas “ilhas de prosperidade”, constituídas por uma dinâmica econômica diferenciada e avançada, voltadas predominantemente para o mercado externo, e que coexistem com “áreas” estagnadas em seu entorno, como também da intrarregional, que em razão das escalas, dimensões e interações envolvidas aparentemente as diferenças são menores.

No sentido da análise das desigualdades regionais, há forte convergência nas interpretações de Araújo (2000); Cano (2008) e Pacheco (1996; 1998), no que diz respeito ao papel relevante que o Estado deve ter para solucionar e *mitigar* os problemas advindos da crise e desse padrão de integração produtiva e desconcentração econômica, conjuntamente há outras iniciativas, além das restritiva e exclusivamente locais.

Além das abordagens já comentadas, ainda há vários estudos importantes relacionados ao processo de desconcentração concentrada, articulação comercial e produtiva, desconcentração poligonal e reversão da polarização, desconcentração fragmentada e desconcentração e inflexão econômica regional ou reversão da polarização econômica, alguns deles: Diniz (1995); Azzoni (1995); Lemos e Cunha (1996); Azzoni e Ferreira (1997) e Vergolino et al. (2008).

De modo geral, as abordagens apresentadas buscam explicar a industrialização, a formação e a integração do mercado interno e a desconcentração econômica no Brasil. Contudo, as desigualdades regionais, assim como o surgimento de polos, são também resultados de condições herdadas do passado e de ações políticas e de mercado do presente.

De forma mais concreta, pretende-se analisar as características sociais, econômicas e demográficas resultantes das ações desenvolvidas durante o processo de consolidação da indústria no Brasil, considerando que este processo agiu de modo diferenciado, nas regiões periféricas, estimulando atividades que, pelo menos inicialmente, não se inclinavam diretamente para o Setor Industrial, mas sim, no caso da região de Petrolina-PE e Juazeiro-BA, para a Agricultura.

1.2 As áreas dinâmicas nordestinas

Na Região Nordeste, segundo Araújo (1995b, p.13), o surgimento de “subespaços dotados de estruturas econômicas modernas e ativas, focos de dinamismo em grande parte responsáveis pelo desempenho relativamente positivo apresentado pela atividade econômica na região” são efeitos da atuação do Estado sobre a região, principalmente no período da desconcentração das atividades produtivas. Segundo a autora, essas “estruturas modernas e dinâmicas” coexistem como áreas e segmentos econômicos tradicionais, como é o caso do polo agroindustrial de Petrolina-PE e Juazeiro-BA, que tem como principal atividade produtiva a agricultura irrigada, mas que convive com áreas próximas de sequeiro.

Esse cenário contribui para definir uma realidade regional muito mais diferenciada e complexa. A partir disso, Araújo (1995b) descreve as várias faces que a Região Nordeste apresenta, cada uma com especificidades e agentes, muitos deles não nordestinos.

Lima e Katz (1993) analisam os efeitos dessas áreas que, segundo ele, trazem grande dinamismo a regiões que antes estavam estagnadas, quanto à geração de emprego e acesso aos bens básicos de infraestrutura, e colabora na melhoria da qualidade de vida da população, em um período de estagnação da economia brasileira. Essas *áreas* são constituídas por avanços e transformações na estrutura produtiva, apesar de muitas vezes serem limitadas em razão das dificuldades de mercado, ou de fatores estruturais presentes nesses *espaços*, muito em razão das particularidades em relação as suas origens, características e potencialidades. Contudo, favorecem efeitos importantes quanto a ampliação de postos de trabalho, a diversificação das atividades econômicas e do crescimento de setores da economia.

Nesta linha, Pacheco (1998) comenta que o resultado global dessas áreas é limitado; entretanto, no âmbito microrregional apresentam funções importantes para seu entorno.

Segundo Souza (1993) muitos desses *subespaços* têm um papel importante na produção de bens intermediários, de forma a complementar a estrutura produtiva nacional, além de expandir suas negociações com o mercado externo, mesmo em períodos não favoráveis.

A caracterização por *frentes de expansão*, áreas dinâmicas, polos, mais recentemente clusters, tem base teórica na Economia Regional, a partir “da percepção empírica e observável de que o desenvolvimento econômico não se dá de forma homogênea no espaço” (LIMA; LIMA, 2008). E, por essa razão, formariam subespaços que apresentam uma dinâmica econômica mais avançada que outros numa mesma região. O surgimento dessa heterogeneidade econômica e os fatores que poderiam colaborar com sua diminuição são pauta de diversos trabalhos, que diferem quanto às estratégias e bases teóricas, muito em razão das variáveis e dos métodos utilizados em sua aplicação.

Apesar de tamanha diversidade e complexidade, com a presença de vários nordestes, Lima (1994, p.55) enfatiza que, em geral, as análises da Região Nordeste trazem perspectivas sombrias, em grande parte, pelo “conhecimento insuficiente de certos processos econômicos e sociais em curso, ou ainda pela dificuldade de encarar com menos pessimismo as chances de desenvolvimento na periferia”.

Nessa linha, o conhecimento de áreas nordestinas que apresentam condições diferenciadas, e que, por isso, poderiam contribuir para amenizar as perspectivas de desenvolvimento, muitas vezes não tão promissoras, da Região Nordeste, é um dos objetivos desse trabalho. E as áreas dinâmicas “têm assumido proporções crescentes no cenário econômico regional. Estas poderão contribuir para alterar, caso persistam as tendências até aqui detectadas, a realidade econômica do Nordeste pelo menos em alguns de seus subespaços” (LIMA, 1994, p.55).

Apesar da discussão desse trabalho estar centrada nas decorrências em uma “escala local” (ou regional) de análise, a premissa, aqui, não assume que a solução para a redução da desigualdade regional esteja baseada somente nas iniciativas e potencialidades locais, assim como destaca Brandão (2008, p.152): “Se um problema se manifesta em uma escala [...] suas determinações podem estar em outra esfera”. Há outras dimensões que interferem e interagem com o processo de crescimento econômico de uma determinada região, e estas não podem ser ignoradas, como “as relações interurbanas e intra-urbanas [...], os elos das malhas produtivas, os nexos de complementaridade, as inter e intravinculações setoriais” (BRANDÃO, 2008, p.154).

1.3 A agricultura e a fruticultura

A agricultura apresenta importantes contribuições na dinâmica econômica e social nas diversas regiões brasileiras, especialmente na Região Nordeste.

O tratamento dado a esse ramo econômico passou por diversas alterações ao longo do tempo. Franca (2004) comenta que durante a década de 1970 a estratégia adotada para a agricultura baseava-se em solução de problemas relacionados à baixa produtividade e às implicações envolvidas com essa questão (crises de abastecimento interno, elevação de preços de produtos agrícolas, pequena participação nas exportações e de entrada de divisas, além do reflexo disso na industrialização).

Segundo Aguiar (1986), as soluções para ampliar os resultados na agricultura passavam por duas posições predominantes. Uma delas seria a concentração de terras, na forma de grandes propriedades improdutivas, cuja solução estava associada à desconcentração

da propriedade da terra para os pequenos produtores rurais, contribuindo para o aumento da produtividade agrícola. Outra posição atribuía o fraco desempenho do setor agrícola ao atraso técnico, e a solução, neste caso, seria a alteração do padrão tecnológico da agricultura. Grande parte dos avanços quanto ao aumento da produtividade agrícola aconteceu pela segunda vertente.

Seguindo a segunda posição, nas décadas de 1970 e 1980 foram implantadas algumas políticas direcionadas para promoção da “modernização” da agricultura, na intenção de incorporar aumento de produtividade agrícola. Entre elas, dois instrumentos devem ser destacados: o Sistema Nacional de Crédito Rural - SNCR, no final da década de 1960 e as políticas de Garantias de Preços Mínimos - PGPM, já na década de 1970.

Além de oferta de crédito e garantias na comercialização, um ponto determinante para o aumento da produtividade e a conquista de novos mercados foi a alteração no processo de produção, baseado na dinâmica mecanizada associada a investimentos em pesquisa.

Neste aspecto cabe destacar um elemento muito importante nesse contexto, a “Revolução Verde”. Baseado no processo de “modernização da agricultura” difundiu no país um modelo agrícola considerado como padrão ideal de agricultura, baseado na utilização de agrotóxicos, insumos agrícolas, maquinários e sementes selecionadas (SHIVA, 2003), que revolucionou a produtividade agrícola com grandes safras, além de planejamento e organização de calendários agrícolas. Ainda nessa linha, no plano nacional, seguindo os efeitos da “integração nacional”, a partir de meados da década de 1960, a pesquisa agropecuária passou a ser um elemento importante nas metas econômicas e sociais pretendidas.

Nesse período, o Estado passou a intensificar os investimentos em pesquisa, na criação de cursos de pós-graduação no país e a estimular o intercâmbio entre o Brasil e outros países, especialmente os Estados Unidos, com o intuito de melhorar e ampliar o quadro de técnicos com mestrado e doutorado, destinando grande volume de recursos para as atividades de pesquisa na Agropecuária (CARVALHO, 1992).

Outra questão importante foram as mudanças estruturais nos órgãos de pesquisa e nas universidades, que propiciaram a expansão das pesquisas e o aprofundamento nos estudos técnicos agrônômicos. Foi nesse contexto que ocorreu a criação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA, em 1973, que com grande apoio financeiro e tecnológico por meio de intercâmbios científicos e relacionamentos interinstitucionais contou com a criação de estações experimentais e laboratórios em locais estratégicos para a pesquisa agropecuária, nas diversas regiões do país (DOS SANTOS; ICHIKAWA, 2011).

O resultado dessas iniciativas foi o aumento significativo das áreas cultivadas, especialmente das lavouras temporárias para exportação. Entre o período de 1970 a 1980 a área cultivada cresceu 25,65% no país (SANTOS; OLIVEIRA, 2009).

Um fator importante com o aumento da produção agrícola foi a possibilidade da intensificação das relações de trocas internacionais. E no caso da fruticultura, ao longo dos anos, o Brasil vem apresentando resultados interessantes no setor.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Frutas - IBRAF o Brasil atualmente é o terceiro maior produtor de frutas no mundo, permitindo suprir o mercado interno com eficiência, de modo que importa apenas uma pequena quantidade de outros países, principalmente de frutas de clima temperado. Entretanto, o país tem apresentado uma participação ainda pequena na exportação, sendo apenas o 15º no ranking das exportações mundiais de frutas (BRASIL, 2007).

A partir da década de 1970, o Brasil aumentou as áreas plantadas de fruta, além de melhorar os índices de produtividade, incrementado o volume e investindo mais na qualidade de produção. Em 2004, a produção mundial de frutas era de 540 milhões de toneladas, correspondendo a um montante de US\$162 bilhões. A participação brasileira estava em torno de 9% da produção mundial total, correspondendo a uma receita de 55,6 milhões. Em 2007, a receita gerada pelas exportações teve um crescimento de 34% em relação a 2006, para um volume 14% maior, pelo alto valor agregado, tendo a uva como líder no ranking de exportações (SANTOS; OLIVEIRA, 2009).

Os principais importadores das frutas brasileiras são a União Europeia - UE, os Estados Unidos da América e o Canadá, sendo que a UE é responsável por 85% de todas as exportações, em 2007. Algumas medidas governamentais foram criadas para aumentar o volume da exportação, uma delas é o PROFRUTA, sua:

Finalidade de elevar padrões de qualidade e competitividade das frutas brasileiras no mercado mundial. Apesar da maior parte das exportações estarem voltadas para estes mercados a meta é aumentar as exportações para a Ásia e Oriente Médio. Apesar dos fortes concorrentes, China e Índia, o Brasil tem um forte potencial de crescimento por apresentar características climáticas bem definidas que influencia positivamente o processo produtivo proporcionando até duas safras por ano (SANTOS; OLIVEIRA, 2009, p.38).

Em 2008 foram exportadas 888 mil toneladas de frutas frescas equivalente a US\$724 milhões. As principais frutas exportadas foram uva, melão, manga, maçã, limão e melancia, que fecharam todas com saldo positivo. A União Europeia continua sendo o maior comprador de

frutas brasileiras, representando 76% das exportações (ANUÁRIO BRASILEIRO DA FRUTICULTURA, 2008).

Em 2004, a receita gerada com a exportação de manga foi 21% maior que a receita gerada pela uva e pelo melão – as principais frutas voltadas para o mercado externo no Brasil. No ano seguinte, houve avanços importantes quanto à receita desses produtos, de modo que a receita média da manga cresce a uma taxa de 11% ao ano, a uva apresentou um aumento de 25% e o melão 13% em relação à manga, no período de 2003 a 2008 (SANTOS; OLIVEIRA, 2009).

Entre as áreas exportadoras de frutas frescas no país, destaca-se a região de Petrolina-PE e Juazeiro-BA, considerada um dos maiores centros produtores internacionais de uvas finas de mesa e manga, representando mais de 90% das exportações brasileiras de cada cultura em 2009 (BRASIL, 2009).

Esta região localizada no Vale do São Francisco destaca-se não somente pela expansão da área cultivada e do volume de produção, mas, principalmente, pelos altos rendimentos alcançados e qualidade da manga e da uva de mesa produzidas, em grande parte, pelos avanços tecnológicos envolvidos com estas culturas (ANUÁRIO BRASILEIRO DE FRUTICULTURA, 2010).

Segundo Souza (1994) os avanços no setor agrícola provocaram intensas mudanças no processo de produção e nas relações com o setor industrial e de serviços, dando forma e conteúdo ao conceito de agronegócio ou complexo agroindustrial, envolvendo diversas facetas como: atividade de produção agrícola (lavouras, pecuária, extração vegetal), fabricação ou produção e comércio de insumos e defensivos, atividades de armazenamento e transporte até o consumidor, além das pessoas envolvidas com todas estas atividades. Por essa razão, o setor agrícola tem grande influência e traz implicações profundas na organização econômica das regiões, especialmente aquelas que têm como principal atividade econômica a agricultura.

1.4 Considerações do capítulo

O ambiente econômico nas áreas dinâmicas surge com limites bem determinados, muito em razão de aspectos históricos e estruturais que produziram efeitos profundos na economia regional. No caso da Região Nordeste muitos desses aspectos ainda têm grande influência na sua evolução econômica, alguns deles: a grande difusão do trabalho escravo, até o final do século XIX e o longo processo de transição para o trabalho livre; a falta de capacidade da economia regional de reter populações e absorver contingentes significativos de força de trabalho; o poder de barganha dos empregadores resultante da presença de mão de obra

abundante (GUIMARÃES NETO, 1997a). Os efeitos desses processos foram o cenário de baixos níveis de remuneração, precárias condições de trabalho, dificuldades no acesso a terra, com a presença de grandes latifúndios, entre vários outros aspectos que constituem a Região Nordeste atualmente.

Guimarães Neto (1997a) aponta que o mapa da desigualdade no Brasil apresenta duas categorias: o primeiro é aquele que concentra as principais atividades estratégicas; o segundo é caracterizado por regiões periféricas de diferentes níveis e graus de complexidade econômica, com algumas especializações consolidadas, constituídas a partir de potencialidades locais, e que gradualmente formaram uma base econômica importante para diversos municípios de seu entorno – são os subespaços ou áreas dinâmicas.

Uma das alternativas para pelo menos para atenuar as desigualdades entre os espaços, ainda segundo Guimarães Neto (1997a) é que “deve-se levar em conta [...] a história do desenvolvimento econômico recente ou, de forma mais particular, os processos associados à sua diversificação econômica ou à sua industrialização”. Seguindo esse princípio, o entendimento das respostas do dinamismo econômico da região de Petrolina-PE e Juazeiro-BA ajuda compor os elementos para o aprimoramento e a disseminação de ações e políticas similares, que podem trazer resultados interessantes para outras áreas carentes do país.

As considerações descritas anteriormente destacam, ainda, as interações de uma área com seu entorno, por meio de atividades políticas e econômicas, e que através delas ocorrem as articulações com outros espaços, definindo as funções e a importância de cada um, seja no contexto nacional e/ou internacional.

Outro elemento importante na discussão sobre as desigualdades regionais, especialmente na Região Nordeste, é o conjunto de efeitos trazidos com a integração produtiva inter-regional, por volta da década de 1970. Esta etapa, definida em grande medida, “pelas novas formas de atuação que o Estado brasileiro, sobretudo a sua esfera federal, favoreceu uma relação mais intensa entre as áreas economicamente mais atrasadas do território nacional, como a Região Nordeste, e as áreas mais dinâmicas do país na ocasião” (GUIMARÃES NETO, 1997a, p.47).

Um dos objetivos da integração produtiva ou da desconcentração das atividades econômicas, durante a década de 1970 foi à diminuição das disparidades entre as áreas do país, nesse mesmo período, há o surgimento de subespaços com atividades às vezes limitadas e específicas, porém, com resultados econômicos diferenciados, especialmente na Região Nordeste.

Esses subespaços surgiram e se consolidaram, em grande parte, pelo aporte de investimentos público e privado. São áreas dinâmicas, também chamadas de complexos ou polos, industriais e agrícolas, que apresentam estruturas econômicas modernas e ativas, com um desempenho diferenciado das demais áreas de seu entorno (ARAÚJO, 1995a) e com tempo, passaram a exercer grande influência na dinâmica econômica nordestina. Autores como Araújo (1995a); Lima e Katz (1993); Lima (2004); Lima e Lima (2008) identificaram, no interior da Região Nordeste, algumas dessas sub-regiões enfatizando o seu dinamismo e observando que essas áreas dinâmicas coexistem com grandes sub-regiões estagnadas como o Semiárido e a Zona da Mata.

De modo geral, as causas das desigualdades regionais têm origem histórica e foram agravadas com as relações estabelecidas durante “o surgimento, crescimento e decadência dos polos dinâmicos em nosso território tais como o Ciclo da Cana, da Mineração, da Borracha e do Café” (LIMA; LIMA, 2008, p.1). Guardando as devidas proporções temporal e espacial, as áreas dinâmicas trazem características demográficas, sociais e econômicas importantes para a Região que fazem parte, como será discutido nos capítulos a seguir, o caso de Petrolina-PE e Juazeiro-BA.

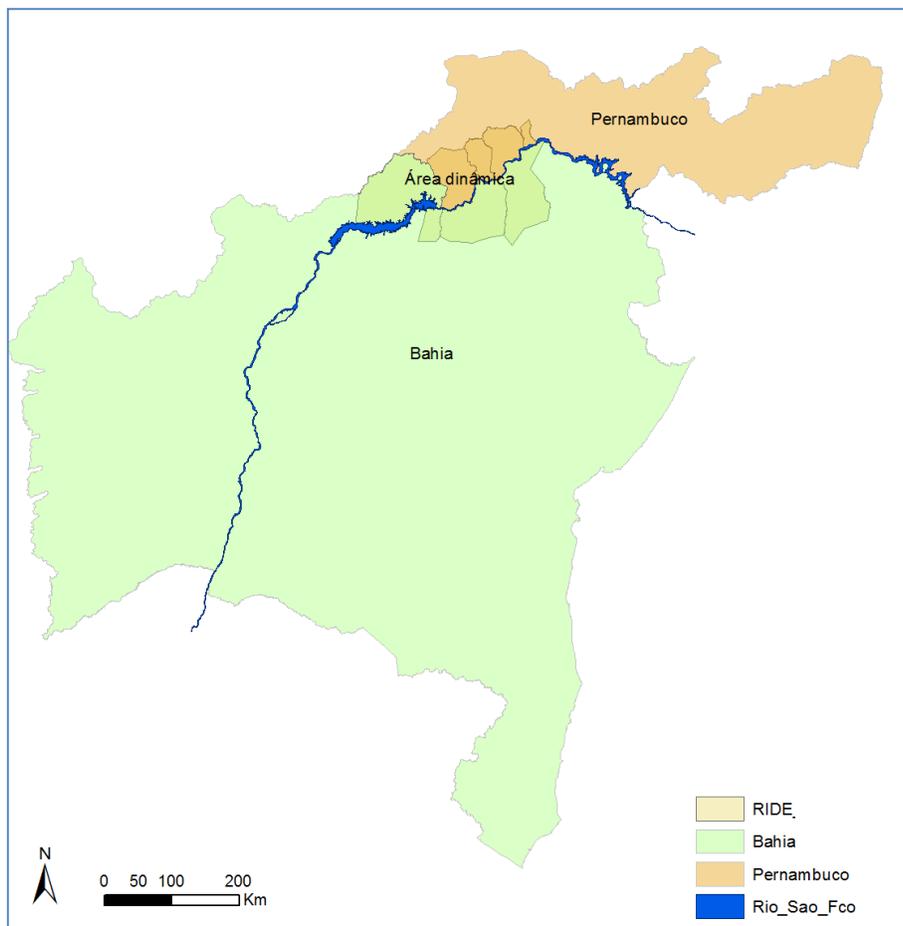
Resumidamente, o que se percebe é que os autores, utilizados aqui contribuem para o entendimento de como surgiu e consolidou a área dinâmica de Petrolina-PE e Juazeiro-BA, por apresentarem cada um deles, apesar dos conceitos e abordagens metodológicas, às vezes diferentes, que a proposta de integração produtiva inter-regional, a partir de 1970 alterou a estrutura econômica da Região de Petrolina-PE e Juazeiro, dos seus estados e apesar de efeitos pouco expressivos para o país.

CAPÍTULO II

2. A área dinâmica⁶ de Petrolina-PE e Juazeiro-BA e a fruticultura

A agricultura irrigada, especialmente a fruticultura é a principal atividade econômica dos municípios de Juazeiro-BA e Petrolina-PE, juntamente com seis municípios, do lado pernambucano, Lagoa Grande, Santa Maria da Boa Vista e Orocó, e na Bahia, Sobradinho, Casa Nova e Curaçá (Mapa 1).

MAPA 1 - Área dinâmica de Petrolina e Juazeiro, estados de Pernambuco e Bahia e o Rio São Francisco



Fonte: IBGE (2000). Elaborado a partir da malha digital municipal.

⁶ A área dinâmica de Petrolina-PE e Juazeiro-BA – ADPJ analisada aqui, corresponde a Região Integrada de Desenvolvimento – RIDE de Petrolina/Juazeiro.

Neste capítulo serão apresentadas as características que contemplam a distribuição da mão de obra nos grandes setores de atividades (primário, industrial e serviços), além das diferenças na participação dos 8 municípios, ligados diretamente ao processo da fruticultura desde o início da sua implantação em cada setor. Outro aspecto discutido é a produção das principais culturas temporárias e permanentes mais comercializadas no mercado nacional e internacional nesses municípios e a sua evolução quanto área plantada e quantidade produzida. Com destaque para as culturas da uva e da manga, que são as culturas que deram visibilidade nacional à região de Petrolina-PE e Juazeiro-BA.

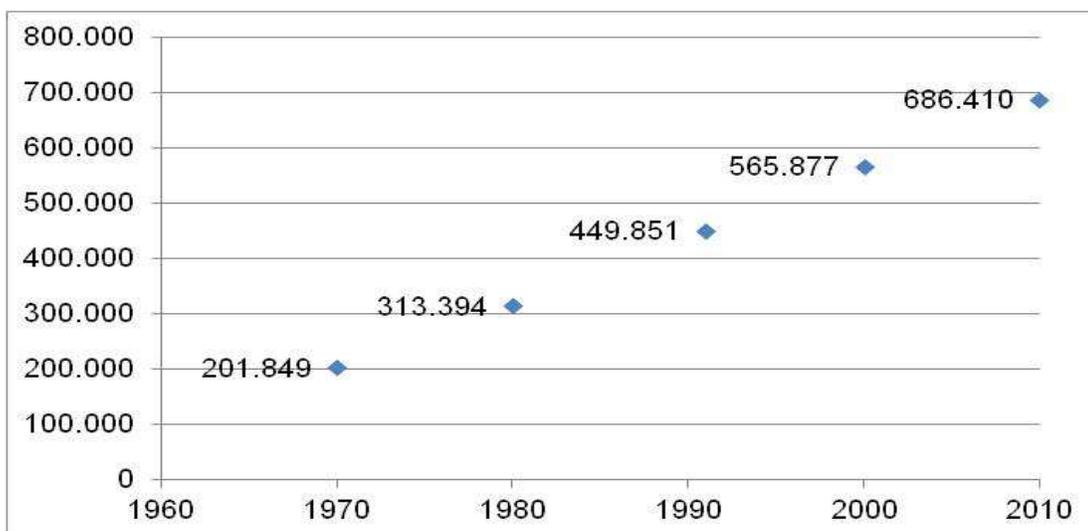
Além disso, os aspectos importantes que antecederam a implantação da agricultura irrigada, e que contribuíram para a consolidação da fruticultura irrigada na área dinâmica de Petrolina-PE e Juazeiro-BA nas últimas três décadas, também foram discutidos, enfatizando a participação do Estado, da iniciativa privada, além dos avanços no setor agrícola.

2.1 Caracterização geral da área dinâmica

Os municípios formam a área dinâmica que tem apresentado resultados importantes e significativos nas dimensões econômicas e demográficas nos municípios envolvidos (LIMA, 1994). Esses resultados (Gráfico 1) foram acentuados nas quatro últimas décadas, uma vez que já apresentavam histórico importante de centralidade, em razão da convergência de estradas e da proximidade com o Rio São Francisco – sendo um dos poucos pontos de travessia mais acessível do Rio São Francisco no período colonial (LOPES, 2011).

Além desses aspectos locacionais, com a região possuindo posição privilegiada quanto ao transporte de mercadorias (via aérea) para os mercados norte-americanos e europeus, os investimentos governamentais propiciaram condições favoráveis para a consolidação das atividades agrícolas na região, através de investimentos que garantiram a disponibilidade de água (infraestrutura com canais de irrigação) e terra, e se beneficiando também da existência de mão de obra abundante e de condições climáticas favoráveis, que possibilitam até 2,5 safras por ano em algumas culturas, como a uva, além de níveis de produtividade, com ciclos produtivos precoces (COELHO, 2008).

GRÁFICO 1 - População residente - área dinâmica de Petrolina-PE e Juazeiro-BA, 1970-2010



Fonte: IBGE. Censos Demográficos (1970; 1980; 1991; 2000a; 2010).

De modo geral, as atividades agrícolas existentes na região de Petrolina e Juazeiro são baseadas nos fluxos de produto, capital e de pessoas entre as grandes regiões do país, a partir das vocações e as especializações existentes ou desenvolvidas na área dinâmica, mais intensamente ao longo dessas quatro últimas décadas. E nessa trajetória a extensão da área plantada, o volume e a quantidade de variedades de culturas produzidas e a complexidade envolvida com a produção aumentaram nos últimos anos.

2.2. População ocupada na área dinâmica de Petrolina-PE Juazeiro-BA

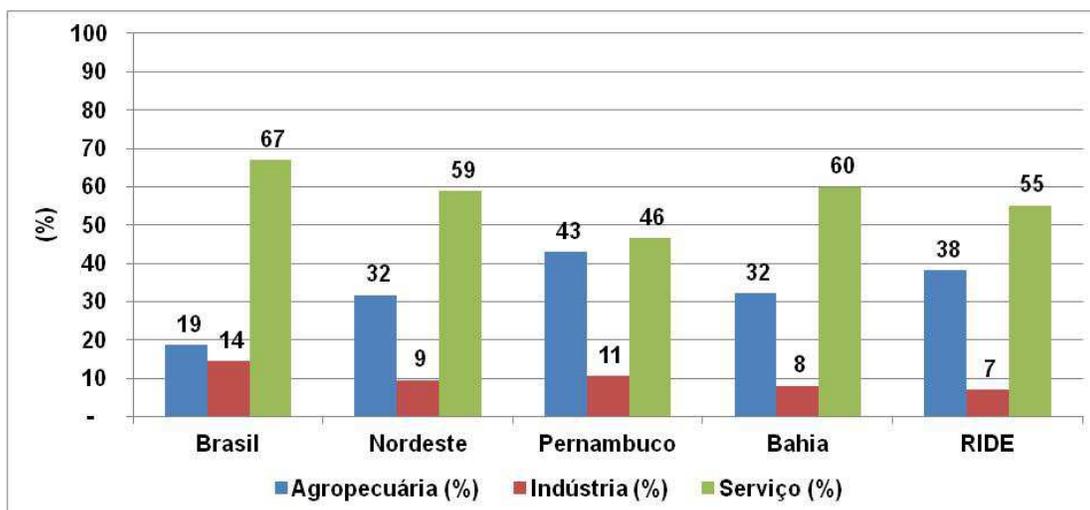
Perroux (1967) *apud* Santos e Oliveira (2009, p.39) considera que o ponto inicial para desencadear um processo de crescimento “consiste no aproveitamento adequado dos efeitos de encadeamento gerados pela concentração dos investimentos é justamente a inserção de uma unidade chave na região”. Para Myrdal (1968) *apud* Souza (1993) a inserção de uma atividade econômica em uma região geraria efeitos positivos e negativos e, ainda, o nível de dinamismo estaria relacionado diretamente com esses efeitos.

Nesse sentido, a fruticultura, como a principal atividade econômica da região de Petrolina-PE e Juazeiro-BA, traz resultados diretamente relacionados às atividades dos setores de exportação e abastecimento interno, assim como aos setores de serviço e industrial. Esses efeitos geram um conjunto de atividades em torno da região, alguns diretos e outros indiretos, que movimentam a economia local .

Isso pode ser observado quanto à população economicamente ativa ocupada (maiores de 10 anos de idade) nos anos de 1991 e 2000. Em 1991, de acordo com os microdados do Censo Demográfico de 1991, 65% das pessoas estavam ocupados em atividades do Setor Agropecuário e apenas 26% no Setor de Serviços. Já em 2000, há uma participação muito mais significativa no setor de serviço, diante dos demais. Ainda assim, o setor agropecuário (agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal) apresentou uma participação superior às participações brasileira, nordestina e baiana no mesmo setor e período (Gráfico 2).

A **Área Dinâmica de Petrolina-PE e Juazeiro-BA – ADPJ** teve mais esforços financeiros, tecnológicos e de trabalho direcionados para os outros setores de atividade econômica do que para a Indústria. A principal atividade econômica da região - a fruticultura envolve um volume considerável de mão de obra em todas as suas fases, desde a produção, comercialização até a distribuição dos produtos que constituem um “pólo de serviços, talvez em detrimento do sonhado pólo agroindustrial, de viva memória nos planos de desenvolvimento regional” (SILVA, 2001, p.117).

GRÁFICO 2 - População ocupada (%), atividades agropecuária, indústria e serviços - Brasil, Região Nordeste, Bahia, Pernambuco e RIDE - 2000



Fonte: IBGE (2000a). Sistema de Recuperação Automática - Sidra.

Esse resultado também pode indicar os efeitos multiplicadores trazidos pela fruticultura, especialmente no Setor de Serviços, que neste caso foi constituído por atividades ligadas à construção, comércio, reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos, transporte, armazenagem e comunicação, alojamento e alimentação, intermediação financeira, além das atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às

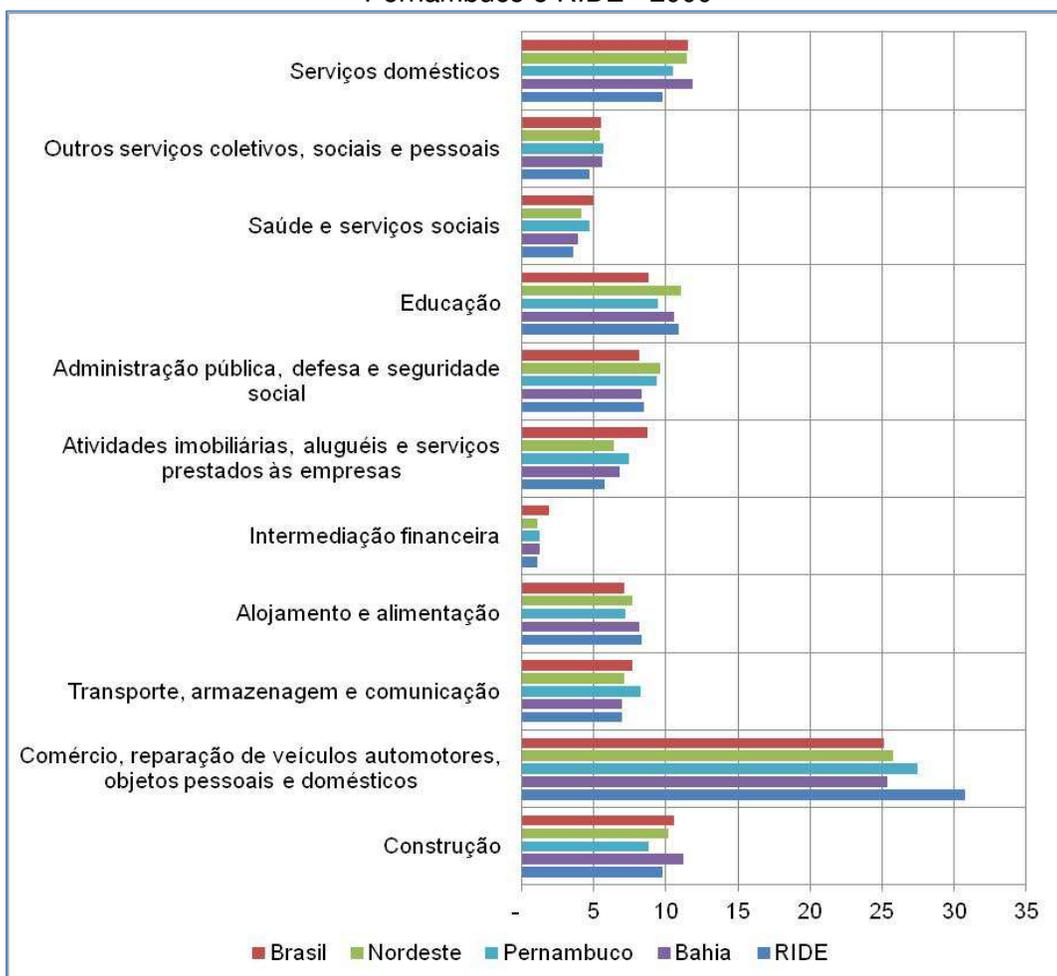
empresas, administração pública, defesa e seguridade social, educação, saúde e serviços sociais, e ainda serviços coletivos, sociais e pessoais, serviços domésticos, organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais.

Segundo Silva (2000, p.2) a partir da consolidação da fruticultura na área dinâmica, houve:

A ampliação e instalação de várias firmas locais e de fora da região, desenvolvendo um leque diversificado de novas atividades de apoio à instalação de produtores e empresas agropecuárias. Tratava-se de tarefas realizadas por empresas de serviços externos, anteriores ou ligados ao sistema produtivo da agricultura irrigada. Tais serviços envolviam imobiliárias, empresas de elaboração de projetos e assistência técnica, patrulhas mecanizadas, serviços de consultorias técnicas de profissionais liberais, assistência técnica prestada por firmas comerciais de insumos e equipamentos, entre outros serviços de menor expressão.

Dentre o Setor de “Serviços”, as ocupações nas atividades de comércio, reparação de veículos automotores e objetos pessoais têm uma participação importante na RIDE (31%), no Brasil, assim como na Região Nordeste e nos estados (entre 25% e 27%). Além destas atividades, outros ramos merecem destaque, como os Serviços Domésticos, Construção e Educação, com uma participação em torno de 10% das ocupações em 2000, em cada ramo (Gráfico 3).

GRÁFICO 3 - População ocupada (%), atividades de serviços - Brasil, Região Nordeste, Bahia, Pernambuco e RIDE - 2000



Fonte: IBGE (2000a). Sistema de Recuperação Automática - Sidra.

Esses volumes de ocupados envolvem trabalhadores formais e informais, por se tratar das informações do Censo Demográfico. Contudo, no caso das informações provenientes da RAIS, há somente empregados com registro em carteira, não sendo possível medir a força da economia informal, em geral constituída por pequenas empresas familiares e outras atividades de pequena escala, como feiras livres, camelôs, pequenos comerciantes, ambulantes, entre outros. Apesar da possibilidade de subestimação das informações do contingente de estabelecimentos e de empregados dentro de cada setor, essas informações são importantes indicadores da participação de determinada atividade econômica e também da trajetória do

emprego formal nos municípios do país, em razão da periodicidade anual, a desagregação geográfica até a escala municipal e ainda para avaliar o aumento dos empregos formais⁷.

Os municípios de Petrolina-PE e Juazeiro-BA concentram grande parte dos serviços de saúde, educação e comércio da região estudada. De acordo com a Relação Anual de Informações Sociais – RAIS, dos 4.049 estabelecimentos cadastrados nos vários setores econômicos (considerando a Seção de Atividade Econômica, segundo a Classificação Nacional de Atividades Econômica – CNAE de 1995, com 17 categorias) da RIDE, em 2000, 75% são do Setor de Serviços. Desses, 92% estão localizados somente nos dois principais municípios (Tabela 1).

⁷ Remy; Queiroz e Silva Filho (2010) avaliaram a evolução do emprego formal no Brasil, no período de 2000 a 2008, e afirmam que houve um aumento significativo no número de empregos com carteira assinada, apesar do aumento ser mais substancial nas faixas salariais mais baixas.

TABELA 1 - Estabelecimentos por atividade econômica, segundo a CNAE⁸, com 17 categorias – ADPJ⁹ - 2000

Setores de Atividade Econômica	Estabelecimentos			
	RIDE Absoluto	(%)	Petrolina Absoluto	Juazeiro Absoluto
Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	729	18,0	438	148
Pesca	3	0,1	3	0
Indústrias de transformação	258	6,4	153	93
Indústrias extrativas	10	0,2	3	3
Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	12	0,3	2	4
Comércio, reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos	1.823	45,0	991	655
Atividades imobiliárias aluguéis e serviços prestados as empresas	240	5,9	149	79
Construção	181	4,5	102	69
Alojamento e alimentação	181	4,5	105	73
Saúde e serviços sociais	180	4,4	126	52
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	172	4,2	86	68
Transporte, armazenagem e comunicações	100	2,5	54	37
Educação	77	1,9	42	30
Intermediação financeira, seguros, prev. complementar e serv. Relacionados	53	1,3	27	18
Administração pública, defesa e seguridade social	20	0,5	6	6
Serviços domésticos	10	0,2	3	5
Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais	-	-	-	-
Total	4.049	100	2.290	1.340

Fonte: RAIS (BRASIL, 2000).

⁸ CNAE – Classificação Nacional de Atividades Econômicas.

⁹ ADPJ – Área dinâmica de Petrolina-PE e Juazeiro-BA.

A RIDE tinha, em 2000, um quantitativo de cerca de 198 mil pessoas ocupadas, dessas mais da metade estavam no Setor de Serviços (Tabela 2). Esse resultado é reflexo do que acontece em três municípios da RIDE, são eles: Petrolina-PE, Juazeiro-BA e Sobradinho-BA. Apesar desses municípios apresentarem grandes áreas plantadas com culturas temporárias e permanentes (como descrito nos tópicos a frente), o número de estabelecimentos comerciais e de serviços são expressivos e importantes para todo o entorno. De acordo com os dados do Censo 2000, o setor primário, constituído pelas atividades da agricultura, pecuária, silvicultura, exploração florestal e pesca, foi o segundo que mais empregou na RIDE, sendo que possui 37% do contingente de pessoas ocupadas com mais de 10 anos de idade (Tabela 2).

TABELA 2 - População ocupada - Brasil, Região Nordeste, Bahia, Pernambuco, RIDE, Petrolina, Juazeiro, Casa Nova, Santa Maria da Boa Vista, Curaçá, Lagoa Grande, Sobradinho e Orocó - 2000

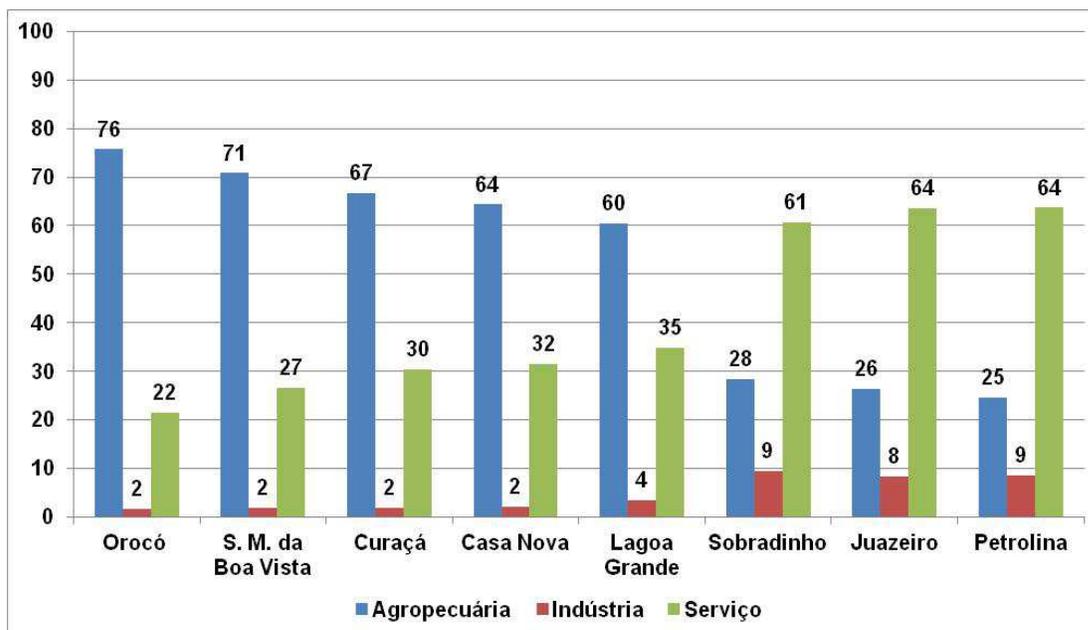
Municípios	Total	Total* (%)	Primário	Indústria	Serviços
Brasil	64.794.069		12.119.389	9.320.827	43.353.853
Nordeste	16.212.069		5.140.168	1.538.343	9.533.558
Pernambuco	3.564.437		1.530.913	377.154	1.656.370
Bahia	4.536.955		1.455.593	363.580	2.717.782
RIDE	197.701	100,0	75.320	13.574	108.807
Petrolina - PE	74.020	37,4	18.814	6.571	48.635
Juazeiro - BA	60.752	30,7	16.304	5.175	39.273
Casa Nova - BA	20.561	10,4	13.507	437	6.617
Santa Maria da Boa Vista - PE	15.079	7,6	10.738	296	4.045
Curaçá - BA	10.512	5,3	7.084	197	3.231
Lagoa Grande - PE	6.538	3,3	4.002	233	2.303
Sobradinho - BA	6.216	3,1	1.792	597	3.827
Orocó - PE	4.023	2,0	3.079	68	876

Fonte: IBGE (2000a). Sistema de Recuperação Automática - Sidra.

*Total referente ao volume da população ocupada na RIDE.

Contudo, ao avaliar este setor dentre os oito municípios da RIDE é possível perceber as funções dos municípios dentro da região e suas especificidades, a ponto de se observar duas dinâmicas diferenciadas – com a presença de municípios com um expressivo contingente ocupado no Setor Terciário, e outro grupo de municípios com grande parte da sua população ocupada pelo Setor Primário. Os municípios de Petrolina-PE, Juazeiro-BA e Sobradinho-BA formam o primeiro grupo e possuem mais de 60% da população ocupada no setor de serviços, apesar de Sobradinho apresentar características demográficas e ocupacionais diferenciadas dos dois primeiros municípios (Gráfico 4).

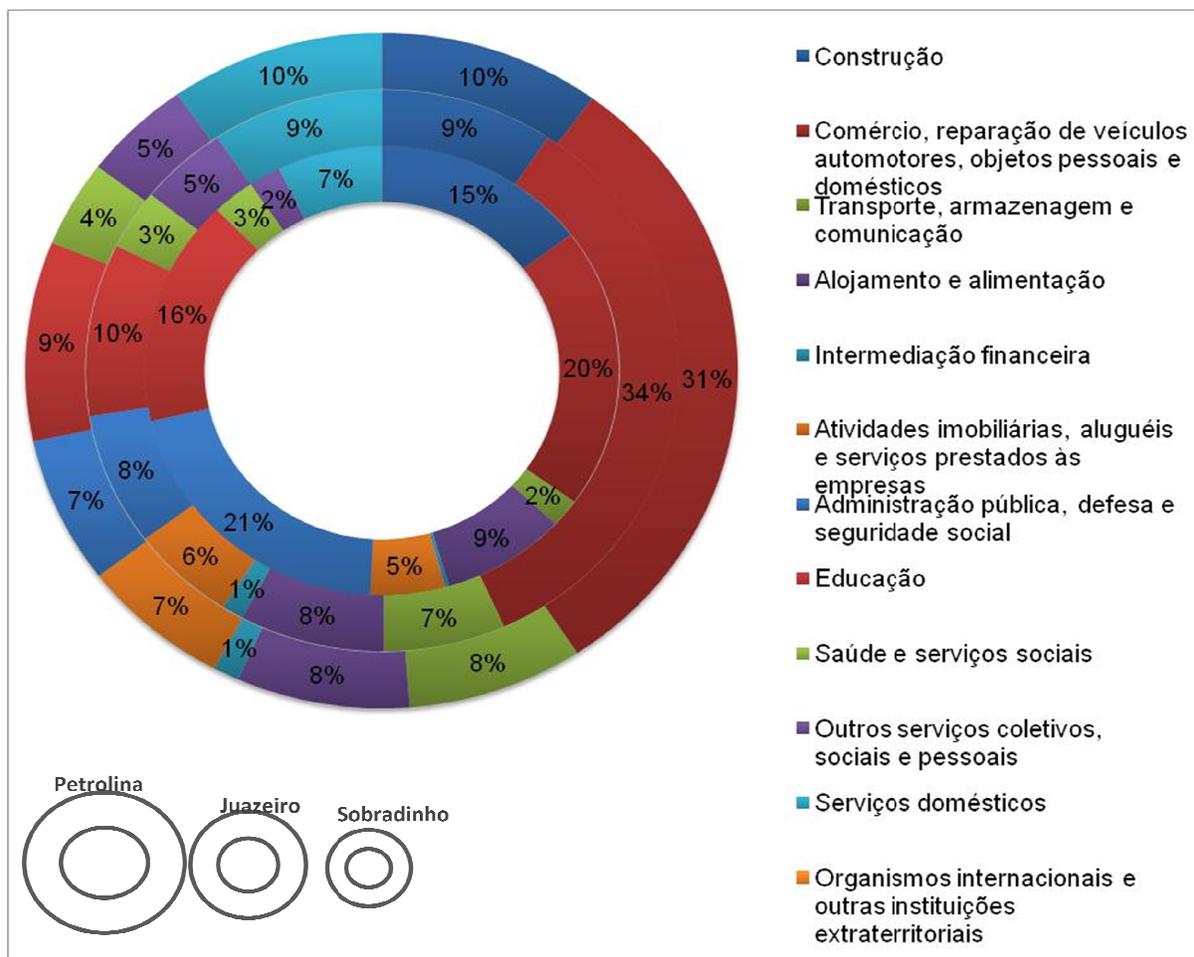
GRÁFICO 4 - População ocupada (%), atividades agropecuária, indústria e serviços – Orocó, Santa Maria da Boa Vista, Curaçá, Casa Nova, Lagoa Grande, Sobradinho, Juazeiro, Petrolina - 2000



Fonte: IBGE (2000a). Sistema de Recuperação Automática - Sidra.

Sobradinho possui a segunda menor população dentre os integrantes da RIDE, com 22.000 habitantes, e apesar de ser expressiva a participação de pessoas ocupadas no Setor de Serviços (61%), o quantitativo populacional ocupado no município neste setor é de 3827 pessoas (representa apenas 4% da população ocupada no Setor de Serviços nos três municípios), sendo que desse, 21% estão na administração pública. Os municípios de Petrolina-PE e Juazeiro-BA têm 87.908 pessoas ocupadas no Setor de Serviços, de modo mais expressivo nas atividades de Comércio, Educação e Serviços Domésticos (Gráfico 5).

GRÁFICO 5 - População Ocupada (%), atividades de serviços - Petrolina-PE (círculo externo), Juazeiro-BA e Sobradinho-BA (círculo interno) - 2000



Fonte: IBGE (2000a). Sistema de Recuperação Automática - Sidra.

Cabe destacar que Sobradinho tem um dos principais projetos hidrelétricos da Companhia Hidroelétrica do São Francisco - CHESF executados na bacia do São Francisco – Barragem de Sobradinho – em função de sua capacidade de fazer regularização plurianual do rio São Francisco. Além da regularização que permite a utilização plena dos demais projetos hidrelétricos, situados a jusante, ainda abriga seis unidades de geração elétrica (LERNER, 2006), além de ser responsável por grande parte dos postos diretos e indiretos gerados por este segmento no município.

O segundo grupo, composto por Orocó-PE, Santa Maria da Boa Vista-PE, Curaçá-BA, Casa Nova-BA e Lagoa Grande-PE, teve 38.410 pessoas ocupadas nas atividades de Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal e pesca, representando 68% do quantitativo ocupado nesse setor. E no mesmo ano, apenas 30% do contingente de ocupados

estavam atuando no Setor de Serviços nestes mesmos municípios (17.072 pessoas). Uma representação pouco expressiva no Setor de Serviços, quando comparada aos municípios principais da RIDE. O que indica mais uma vez a importância da atividade agropecuária nesses municípios e para toda a região. Já que esses municípios são responsáveis por grande parte da produção de frutas da RIDE.

Apesar das ocupações nas atividades do Setor de Serviços (Construção; Administração Pública, Defesa e Seguridade Social; Comércio, Reparação de Veículos Automotores, Objetos Pessoais e Domésticos; Educação; Transporte, Armazenagem e Comunicação; Saúde e Serviços Sociais; Alojamento e Alimentação; Outros Serviços Coletivos, Sociais e Pessoais; Intermediação Financeira; Serviços Domésticos; Atividades Imobiliárias, Aluguéis e Serviços Prestados às Empresas) não serem predominantes em todos os municípios avaliados, tem-se que 108.807 pessoas estavam ocupadas em alguma atividade nesse setor. Contudo, 81% desse quantitativo (87.908 pessoas) estavam empregadas nos municípios de Petrolina e Juazeiro (Tabela 3).

TABELA 3 - População ocupada setor de serviços em valores absolutos (N) e relativos (%) - RIDE, Petrolina-PE, Juazeiro-BA, Casa Nova-BA, Santa Maria da Boa Vista-PE, Curaçá-BA, Lagoa Grande-PE, Sobradinho-BA e Orocó-PE – 2000

Ramos de Atividades	Construção		Comercio		Transporte		Alojamento		Intermediação		Atividades Imobiliárias	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Petrolina – PE	4.902	4,5	14.919	13,7	3.886	3,6	3.844	3,5	572	0,5	3.300	3,0
Juazeiro –BA	3.714	3,4	13.272	12,2	2.615	2,4	3.138	2,9	462	0,4	2.244	2,1
Casa Nova – BA	569	0,5	1.484	1,4	352	0,3	805	0,7	53	0,0	257	0,2
Santa Maria da Boa Vista - PE	327	0,3	1.180	1,1	124	0,1	306	0,3	40	0,0	135	0,1
Sobradinho – BA	562	0,5	774	0,7	77	0,1	325	0,3	10	0,0	195	0,2
Curaçá – BA	229	0,2	839	0,8	275	0,3	301	0,3	9	0,0	43	0,0
Lagoa Grande – PE	213	0,2	894	0,8	169	0,2	255	0,2		0,0	66	0,1
Orocó – PE	84	0,1	147	0,1	64	0,1	44	0,0	11	0,0	28	0,0
RIDE	10.600	9,7	33.509	30,8	7.562	6,9	9.018	8,3	1.157	1,1	6.268	5,8

Fonte: IBGE (2000a). Sistema de Recuperação Automática – Sidra.

(continuação)

Ramos de Atividades	Administração Pública		Educação		Saúde e Serv. Sociais		Outros Serviços		Serviços Domésticos		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Petrolina – PE	3.418	3,1	4.638	4,3	2.012	1,8	2.397	2,2	4.747	4,4	48.635	44,7
Juazeiro –BA	2.991	2,7	3.886	3,6	1.356	1,2	1.889	1,7	3.706	3,4	39.273	36,1
Casa Nova – BA	964	0,9	868	0,8	58	0,1	251	0,2	956	0,9	6.617	6,1
Santa Maria da Boa Vista - PE	439	0,4	797	0,7	200	0,2	195	0,2	302	0,3	4.045	3,7
Sobradinho – BA	789	0,7	624	0,6	111	0,1	84	0,1	276	0,3	3.827	3,5
Curaçá – BA	275	0,3	660	0,6	43	0,0	135	0,1	422	0,4	3.231	3,0
Lagoa Grande – PE	221	0,2	188	0,2	16	0,0	117	0,1	164	0,2	2.303	2,1
Orocó – PE	131	0,1	207	0,2	57	0,1	24	0,0	79	0,1	876	0,8
RIDE	9.228	8,5	11.868	10,9	3.853	3,5	5.092	4,7	10.652	9,8	108.807	100,0

Fonte: IBGE (2000a). Sistema de Recuperação Automática – Sidra.

O emprego na atividade agrícola apresentou um crescimento importante entre os anos de 1990 e 2000, principalmente nos menores municípios da RIDE, mais envolvidos diretamente com todo o processo de produção e comercialização de frutas. De acordo com a RAIS, em 1990, havia 45.480 vínculos empregatícios na RIDE, desses apenas 11% (4.508 vínculos) eram no Setor Agropecuário e 60% no Setor de Serviços.

Já em 2000, há um aumento do número de vínculos, registrando 49.658 vínculos na RIDE. O setor agropecuário foi responsável por 25% dos registros, o que corresponde a 12.568 vínculos.

O aumento da participação relativa do setor agropecuário foi também fruto do recrudescimento do Setor da Indústria na região, que em 1990 era responsável por 29% dos empregos formais (13.265), e em 2000 apresenta uma queda absoluta e relativa, com 13% da representação ou ainda, 6.226 vínculos.

O crescimento dos vínculos ligados ao Setor Agropecuário foi mais expressivo nos menores municípios da RIDE (Santa Maria da Boa Vista-PE¹⁰, Casa Nova- BA e Curaçá-BA), responsáveis por 18% dos vínculos nesse setor, em 1990 (o que representa 899 empregos formais), e passando para 48% (3.233) empregos em 2000. Já o número de vínculos nos Setor de Serviços, nesses municípios, apresentou uma retratação, de 11% (2.972 empregos), em 1990, para 7% (2.255 empregos) % em 2000.

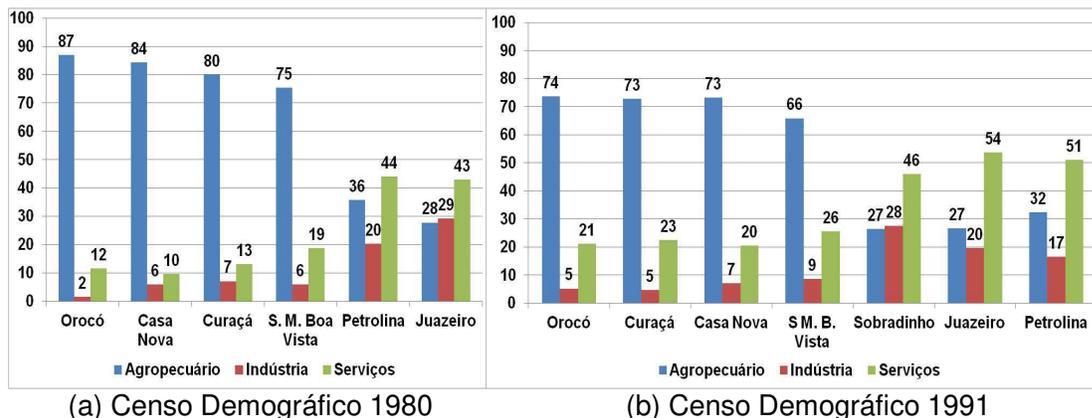
Nessa linha, é possível identificar a presença de dois grupos de municípios, um grupo com um volume de ocupados predominantemente no Setor de Serviços e outro no Setor Primário na ADPJ. Por meio dos Censos Demográficos de 1991 e 1980, é percebe-se que apesar de Petrolina-PE e Juazeiro-BA apresentarem participações importantes na produção agrícola, grande parte da população sempre esteve ocupada no Setor de Serviços. Outro aspecto a ser observado é que a ocupação no Setor Industrial é concentrada nos dois municípios. Contudo, o município de Sobradinho tem uma importante participação na ocupação industrial, em razão da presença da CHESF na localidade (Gráfico 6).

Outro fato que merece atenção é o aumento do quantitativo ocupado nos municípios de Santa Maria da Boa Vista. Em 1980, 6.356 chefes de domicílio estavam ocupados no município, sendo 75% desses no Setor Primário. Em 1991, foram 12.156 chefes, com 66% no Setor Primário. Esse aumento no número de pessoas ocupadas acompanha o crescimento da população do município no mesmo período e ressalta a importância de Santa Maria da Boa

¹⁰ Para realizar a comparação entre os anos de 1990 e 2000, as informações do município de Lagoa Grande-PE foram contabilizadas conjuntamente com o município de Santa Maria da Boa Vista, uma vez que, em 1995, Lagoa Grande foi desmembrado de Santa Maria da Boa Vista-PE.

Vista-PE, frente à implantação e consolidação da vitivinicultura na área dinâmica na década seguinte e a importância do Setor Primário para a região.

GRÁFICO 6 - População ocupada (%), setores Agropecuária, Indústria e Serviços – Orocó-PE, Santa Maria da Boa Vista-PE, , Curaçá-BA, Casa Nova-BA, Lagoa Grande-PE, Sobradinho-BA¹¹, Juazeiro-BA e Petrolina-PE - 1980 (a) e 1991 (b)



(a) Censo Demográfico 1980

(b) Censo Demográfico 1991

Fonte: IBGE. Censo Demográfico (2000). Tabulações especiais da autora.

Em 1980, dos 92 mil chefes ocupados, os dois principais municípios da área dinâmica apresentavam cerca de 67 mil chefes ocupados, desses Juazeiro possuía 46%. Apesar da emancipação de Sobradinho no final da década de 1980, em 1991 (antes pertencente a Juazeiro), Petrolina e Juazeiro empregavam mais de 103 mil chefes, o que correspondia a 70% do total da população ocupada na ADPJ. Casa Nova – BA, depois de Petrolina e Juazeiro, é o município com a maior população ocupada com cerca de 11% do volume total de chefes ocupados na área dinâmica.

É preciso lembrar que as informações da ocupação considerando os Censos Demográficos de 1980, 1991 e 2000 não são completamente comparáveis em razão do período de referência do trabalho. No entanto, é possível ter um indicativo da evolução e da trajetória da população ocupada nos anos que antecederam a implantação, durante e na consolidação da fruticultura na área dinâmica.

No Setor Primário, em 2000 apenas 10% das pessoas estava ocupada nas atividades de pesca (775 pessoas), o restante (74.545 pessoas) exercia uma ocupação na Agricultura, pecuária, silvicultura ou exploração florestal. Os quatro municípios que mais empregaram neste

¹¹ O município de Sobradinho-BA foi emancipado de Juazeiro-BA em 1989, por este motivo, não consta no Censo Demográfico de 1980.

setor foram Petrolina (18.814), Juazeiro (16.304), Santa Maria da Boa Vista (10.738) e Casa Nova (13.507).

A Indústria de Transformação é o ramo que apresenta o maior número de pessoas ocupadas, frente à Indústria Extrativista e a de Produção e distribuição de eletricidade, gás e água, com um quantitativo de 11.651 pessoas localizado em grande parte em Petrolina e Juazeiro (90%).

A distribuição da população ocupada no Setor de Serviços por ramo de atividade, apresenta o mesmo padrão para todos os municípios do polo. Indicando que todos os municípios possuem uma estrutura de serviços similar, com uma concentração mais intensa nos ramos do Comércio, reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos, em segundo a administração pública, defesa e seguridade social e em terceiro o ramo de Educação. Apesar desta similaridade, grande parte da população ocupada está concentrada nos municípios mais populosos, Petrolina, Juazeiro e Casa Nova.

Uma das respostas dos diversos investimentos governamentais e privados na área dinâmica foi a manutenção da população ocupada no Setor Primário, e também a diversificação das atividades pelo Setor de Serviços – em todos os municípios. Apesar de grande parte dos serviços mais especializados e complexos estar concentrada em Petrolina e Juazeiro, os demais municípios da área dinâmica constituem de uma estrutura diversificada, porém básicas de serviços.

Um dos fatores que interferem fortemente na dinâmica da população ocupada é o processo agrícola da região. Uma vez que grande parte das atividades econômicas se estrutura a partir dela (SILVA, 2001). Então, avaliar a evolução da produção agrícola entre as culturas permanentes e temporárias, ajuda a entender algumas das dimensões desse sistema complexo que constitui a área dinâmica de Petrolina e Juazeiro.

2.3 As principais culturas

Das culturas da região, cerca de trinta tipos de frutas podem ser encontradas, com destaque para onze tipos de frutas, em que a quantidade produzida e a área plantada superam as demais culturas, são elas: acerola, banana, coco, goiaba, graviola, limão, mamão, manga, maracujá, pinha e uva. A eficiência no plantio de culturas não tradicionais, com potencial exportador e com alto valor comercial é fruto da introdução de técnicas sofisticadas de irrigação, adubação, correção de solo, capacitação dos produtores, pesquisa e controle de pragas, entre vários outros fatores. Tudo isso contribuiu para um cenário agrícola “modernizado” (COELHO, 2008).

Com base no Índice de Produtividade – IP, calculado a partir do quociente entre a quantidade produzida e a área plantada, com os dados fornecidos pelo IBGE quanto à Produção Agrícola Municipal é possível conhecer o quantitativo médio produzido por hectare plantado do produto em questão e, com isso, comparar o incremento ou a redução na produção de uma cultura ao longo do tempo.

2.3.1 As culturas temporárias

A cana-de-açúcar, em 2009, foi a cultura que apresentou a maior produtividade e a segunda maior área de plantio, dentre todas as culturas permanentes e as temporárias na área dinâmica, em 2009 (Tabela 4).

TABELA 4 - Área plantada (A) (ha) quantidade produzida (Q), produtividade (Q/A) - Culturas temporárias e permanentes - RIDE Petrolina-PE e Juazeiro-BA - 1990 e 2009

Culturas	Área Plantada		Quantidade Produzida		Produtividade	
	1990	2009	1990	2009	1990	2009
Cana de açúcar (Toneladas)	7.021	15.330	505.564	1.281.225	72,0	83,6
Cebola (Toneladas)	2.738	7112	38.970	153.167	14,2	21,5
Feijão (Toneladas)	13.582	12204	11.621	8.590	0,9	0,7
Mandioca (Toneladas)	4.506	4050	35.900	49.500	8,0	12,2
Milho (Toneladas)	3.853	9153	2.817	6.556	0,7	0,7
Banana (Toneladas)	417	8.929		163.382		18,3
Coco (Mil frutos)	73	3.730	376	93.033	5,2	24,9
Goiaba (Toneladas)	11	3.068	508	86.639	46,2	28,2
Manga (Toneladas)	505	20.602	6776	462.682	13,4	22,5
Maracujá (Toneladas)	78	1.960	6084	34.297	78,0	17,5
Uva (Toneladas)	1.449	9.027	27390	240.688	18,9	26,7

Fonte: IBGE (2010a).

Entre 1990 e 2009 a área plantada da cana aumentou 61,8%, com um pico registrado em 2007 de 18.000 ha. Segundo Silva (2001), a área plantada passou de 506 ha, em 1975, para 6.317 ha em 1985, atualmente toda a produção está localizada em Juazeiro (Tabelas 5 e 6).

TABELA 5 - Área plantada (ha) - Culturas temporárias - Orocó-PE, Santa Maria da Boa Vista-PE, Curaçá-BA, Casa Nova-BA, Lagoa Grande-PE, Sobradinho-BA¹², Juazeiro-BA e Petrolina-PE - - 1990 e 2009

Municípios	Arroz		Cana de açúcar		Cebola		Feijão		Mandioca		Milho		Tomate	
	1990	2009	1990	2009	1990	2009	1990	2009	1990	2009	1990	2009	1990	2009
Lagoa Grande	-	15	-	-	-	280	-	1.590	-	120	-	1.000	-	270
Orocó	380	100	-	5	100	900	300	1.050	10	120	60	150	200	60
Petrolina	100	20	26	40	300	170	8.780	4.500	200	380	2.858	4.500	1.450	40
Santa Maria da Boa Vista	650	70	3	20	300	300	1.550	1.374	120	100	200	800	1.400	60
Casa Nova	12	-	-	65	290	2.801	578	1.185	2.179	1.770	132	1.030	219	25
Curaçá	8	-	-	-	175	355	294	609	1.370	450	76	685	417	10
Juazeiro	32	-	6.992	15.200	1.323	2.078	2.044	1.751	562	1.040	507	738	3.321	448
Sobradinho	8	-	-	-	250	228	36	145	65	70	20	250	200	30

Fonte: IBGE (2010a).

TABELA 6 - Quantidade produzida (ton) - Culturas temporárias - Orocó-PE, Santa Maria da Boa Vista-PE, Curaçá-BA, Casa Nova-BA, Lagoa Grande-PE, Sobradinho-BA¹³, Juazeiro-BA e Petrolina-PE - 1990 e 2009

Municípios	Arroz		Cana de açúcar		Cebola		Feijão		Mandioca		Milho		Tomate	
	1990	2009	1990	2009	1990	2009	1990	2009	1990	2009	1990	2009	1990	2009
Lagoa Grande	-	72	-	-	-	6160	-	570	-	1440	600	-	16200	-
Orocó	1710	490	-	125	1200	25200	320	665	80	1440	93	6000	1560	1710
Petrolina	400	96	2080	1000	3600	3060	5760	1536	1400	4560	2700	34930	1440	400
Santa Maria da Boa Vista	3250	350	60	700	3600	5700	1490	754	960	1200	400	40900	1800	3250
Casa Nova	30	-	-	2600	4350	57420	791	1524	13490	2 1240	928	5758	750	30
Curaçá	20	-	-	-	2625	6745	404	877	13700	6300	700	12510	290	20
Juazeiro	80	-	503424	1276800	19845	43638	2812	2533	5620	12480	835	106272	12544	80
Sobradinho	20	-	-	-	3750	5244	44	131	650	840	300	5600	750	20

Fonte: IBGE (2010a).

¹² O município de Sobradinho-BA foi emancipado de Juazeiro-BA em 1989, por este motivo, não consta no Censo Demográfico de 1980.

¹³ Idem nota de rodapé 13.

O município conta com uma agroindústria sucroalcooleira com 4.500 empregos diretos, com cana-de-açúcar totalmente irrigada, com uma produtividade de 90,6 toneladas por hectare (LIMA; COSTA, 2007) e com um ciclo de 12 cortes anuais com um só plantio, em 2010, acima do índice de produtividade baiana (60,1 ton/ha), pernambucana (54,4ton/ha), nordestina (55,6 ton/ha) e brasileira (78,3 ton/ha), no mesmo período (IBGE, 2010). Segundo Moreira (2010, p.67), esse quantitativo é resultado do “alto grau de mecanização da colheita e se investe bastante em pesquisa para melhorar geneticamente a muda”.

A cebola, dentre as culturas temporárias, foi a cultura com o maior aumento na área plantada (2,2 vezes) e também na quantidade produzida (3,9 vezes), entre os anos de 1990 e 2009, ocupando uma área de 15.330 ha, com produtividade de 21,5 ton/ha em 2009, seguindo o volume produtivo (seguindo a produtividade brasileira que é de 23 toneladas por hectare).

Essa cultura tem uma participação importante na produção agrícola da área dinâmica, representando 11% da área plantada no Brasil, 43% da área nordestina e mais de 73% da área destinada ao plantio da cebola nos estados da Bahia e Pernambuco. Os municípios de Orocó-PE (1.000 ha), Casa Nova-BA (3.685 ha) e Juazeiro-BA (2.580 ha) tinham 91% de toda a área plantada de cebola do Polo (7.303 ha), em 2007. A cebolicultura é geralmente praticada por pequenos produtores e exige uma grande demanda de mão de obra. A produtividade média alcançada na área dinâmica de Petrolina-PE e Juazeiro-BA apresenta valor inferior do registrado pelos maiores produtores de cebola do país, localizados nos estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo (RESENDE et al., 2007).

Segundo Souza et al. (2008), as condições do solo, tipo de irrigação, adubação, o ciclo de maturação são alguns dos fatores que podem interferir na produtividade; a partir de experimentos com dezoito variedades de cebola, eles encontraram algumas variedades que podem chegar a 41 ton/ha. Entretanto, os resultados de produtividade são divergentes dependendo dos locais de cultivo (Mossoró, Petrolina-PE e Juazeiro-BA).

A área plantada de mandioca foi reduzida entre os anos de 1990 e 2009, contudo, a quantidade produzida aumentou em 1,4 vezes, alcançando um índice de produtividade de 12,2 ton/ha. Em 2002, Juazeiro registrou a maior produção de mandioca, 62.720 toneladas, dentro do período analisado (1990 a 2009), seguido por Casa Nova-BA (20.570 toneladas), que em 2007 produziu 29.784 toneladas. Apesar de estar entre as principais culturas da área dinâmica, a quantidade produzida pela região representa apenas 7,5% da produção pernambucana e somente 1,4% da produção da Bahia.

O milho teve sua área plantada duplicada, nos 19 anos observados e aumentou a produção em 33 vezes o volume produzido em 1990, com 211.970 toneladas. E registrou uma produção média de 23,2 toneladas por hectare.

A Região Nordeste é a terceira maior produtora de feijão do país, com 24,2% (sendo que a área dinâmica contribui somente com 0,5% neste quantitativo), atrás das Regiões Sul (31,3%) e Sudeste (26,4%)

2.3.2 As culturas permanentes

Culturas permanentes são aquelas que propiciam várias colheitas, sem a necessidade de serem replantadas. Na região de Petrolina-PE e Juazeiro-BA há várias culturas, dentre as fruteiras cultivadas estão a banana, o coco, a goiaba, maracujá, a acerola, o limão, a pinha e com destaque a uva e manga.

2.3.2.1 A banana

De acordo com os dados da Food and Agriculture Organization - FAO, em 2008, dos 4.835 mil hectares mundiais de área colhida de banana, o Brasil ocupava a segunda posição com 11% a área colhida da cultura. Contudo, é o quarto em quantidade produzida, responsável por 7,5% da produção mundial. A produtividade média brasileira ainda é muito baixa, apenas 14,0 ton/ha, diante do desempenho dos outros países que lideram o mercado mundial, como a Nicarágua, com uma produtividade de 65,5 ton/ha, em 2009, ou ainda, Timor-Leste com 60,8 ton/ha. Sendo que dos dez maiores produtores, em 2009, o Brasil ocupa a penúltima colocação em produtividade (FAOSTAT, 2011).

De acordo com Sena (2011) ao avaliar o mercado da banana na Região Nordeste, no ano de 2006, os produtores foram classificados em dois grupos: os agricultores com menos de 50 pés de banana em sua propriedade e os produtores com mais de 50 pés existentes. Foram identificadas 258 mil propriedades com produção de banana, sendo que desses 65% possuíam menos de 50 pés e ainda não comercializavam a sua produção, tudo era destinado para o consumo. Para o segundo grupo (91 mil propriedades), 62% deles comercializaram grande parte do que produziram, destinando parte para intermediários ou diretamente ao consumidor final nos mercados da própria região.

De modo geral, a produção da banana da área dinâmica de Petrolina-PE e Juazeiro-BA, apesar de apresentar grandes áreas de plantio, é voltada para o mercado local, constituído pelos municípios das microrregiões dos dois principais municípios e para o mercado regional que corresponde às capitais e aos principais municípios do Nordeste. Cabe destacar que a

produção de banana exportada da Região Nordeste é, predominantemente, dos Vales do Rio Açu, no estado do Rio Grande do Norte, e do Jaguaribe estado do Ceará. Os dois estados têm a presença de grandes empresas produtoras, com condições de atender às exigências do mercado externo (SENA, 2011).

A forma de comercialização acontece por três vias: a mais comum é a venda direta para os atacadistas regionais, que ficam responsáveis desde o recolhimento da produção diretamente na propriedade, pelo transporte e também pela comercialização nas Centrais de Abastecimento nas capitais da Região Nordeste – CEASAs, e também nas grandes redes de supermercados.

Outra forma de comércio praticado muito importante para a área dinâmica de Petrolina-PE e Juazeiro-BA é a negociação no Mercado do Produtor em Juazeiro-BA, que é um dos maiores entrepostos em volume de vendas do Brasil (comercializa, anualmente, R\$ 800 milhões e atende, por dia, 5 mil comerciantes de diversos seguimentos), sendo a maior central nordestina de distribuição de produtos hortifrutícolas (SENA, 2011).

Por esta via, o produtor disponibiliza grande parte da produção diretamente no mercado (a princípio, sem intermediários regionais) e a vende a preços de atacado. Os compradores são os supermercados da região, sacolões, mercadinhos e feirantes, além dos atacadistas regionais. A terceira opção e a mais comum para a comercialização da banana, dentre os menores produtores (mais de 166 mil, em 2006) é a venda na unidade produtiva para intermediários locais, que são fornecedores de mercadinhos, sacolões e feirantes, ou para outros produtores de maior porte, que depois levam o produto para o Mercado do Produtor de Juazeiro-BA.

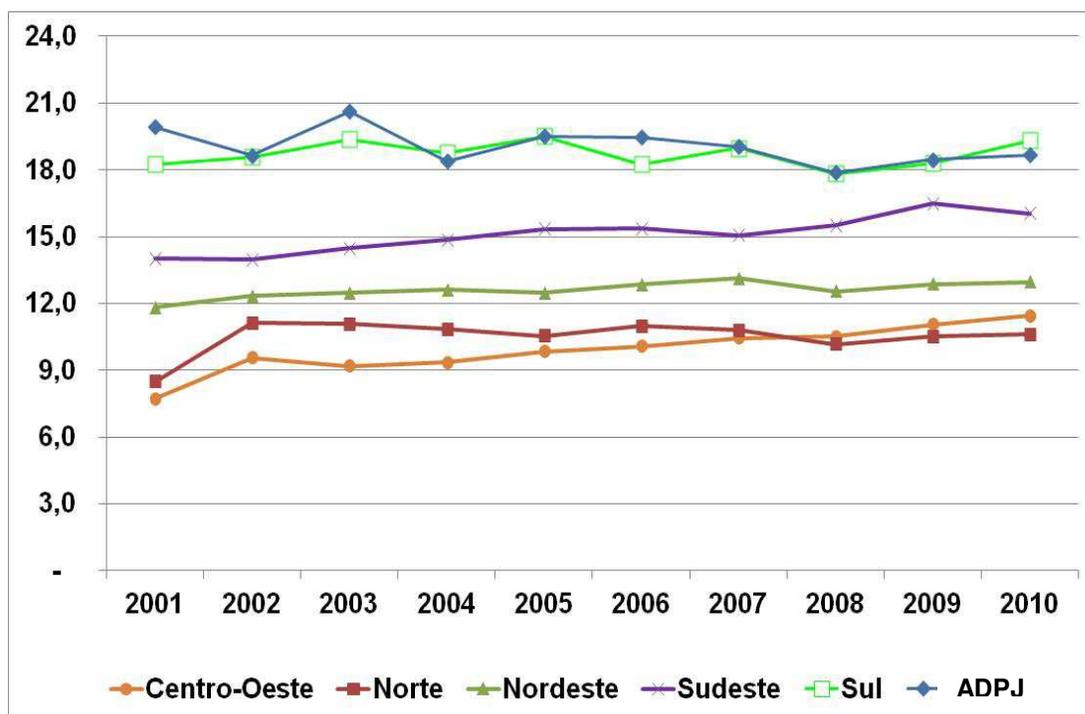
No Brasil a banana é uma das frutas mais consumidas e está entre as culturas que apresentam as maiores áreas plantadas e colhidas (SENA, 2011). “De acordo, com a Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008, realizada pelo IBGE, a banana é a fruta tropical mais consumida do País. O consumo *per capita* de 7,68 kg/ano é bem superior ao da laranja, a segunda mais consumida, com 5,43 kg/ano ”(p.5).

Para o ano de 2009, a Região Nordeste foi responsável por 38% da quantidade produzida, sendo 60% da Bahia ou de Pernambuco, com 108.446 ha e 1.452.660 toneladas. A participação da área dinâmica de Petrolina-PE e Juazeiro-BA na quantidade produzida é de 12%. Conforme afirma Sena (2011):

“No mercado internacional, as exportações de bananas da Região Nordeste em 2010 somaram 28,85 milhões de dólares, cerca de 6,5% do valor das exportações de frutas frescas da Região” (SENA, 2011, p.5).

A região de Petrolina-PE e Juazeiro-BA segue um patamar de produtividade muito próximo da maior região produtora nesse quesito. A Região Sul apresenta o maior índice de produtividade, variando entre 18 ton/ha a 19,5 ton/ha entre os anos de 2001 e 2010, contra uma produtividade média da Região Nordeste de 12,3 ton/ha, no mesmo período (Gráfico 7).

GRÁFICO 7 - Produtividade banana (ton/ha) – Regiões Centro Oeste, Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e RIDE Petrolina-PE e Juazeiro-BA (ADPJ)¹⁴ - 2001 a 2010



Fonte: IBGE (2010a).

As variedades predominantes produzidas na área são a Pacovan e a Prata Anã, entretanto, outras são recomendadas pela EMPRAPA (Caipira, Fhia 18 e Fhia 01) por possuírem características de resistência a pragas e doenças – mas ainda não são cultivadas em quantidade significativa (CORDEIRO, 2003).

Em razão das especificidades do mercado externo, a bananicultura não é a cultura principal da área dinâmica Petrolina-PE e Juazeiro-BA. A produção de banana na região é

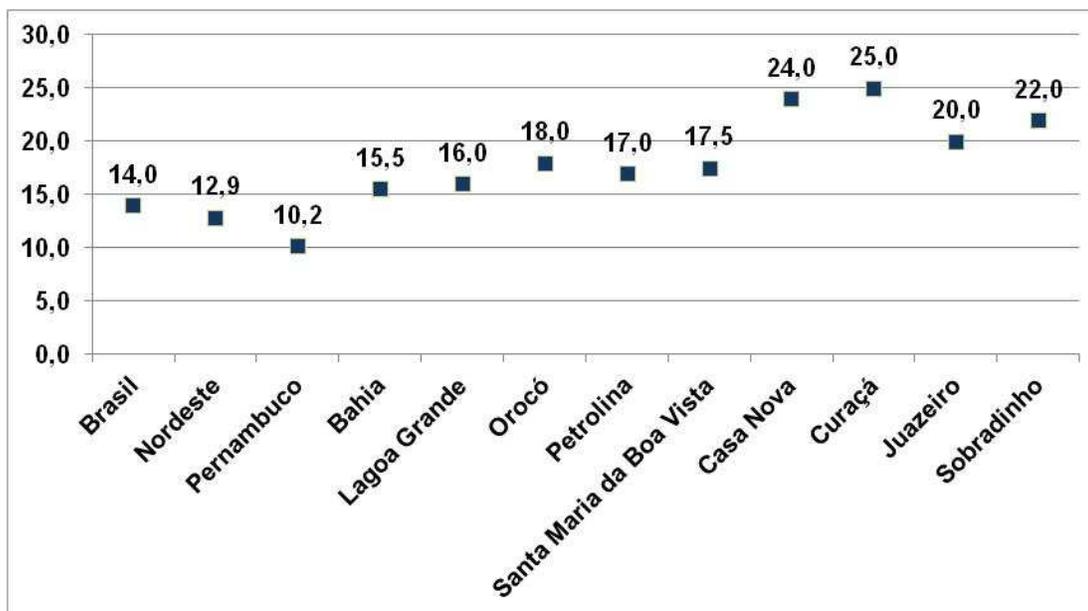
¹⁴ ADPJ – Área dinâmica de Petrolina-PE e Juazeiro, composta pelos municípios de Orocó-PE, Petrolina-PE, Santa Maria da Boa Vista-PE, Casa Nova-BA, Curaçá-BA, Juazeiro-BA e Sobradinho-BA.

secundária, em razão do baixo valor agregado que o produto apresenta comparado a outras culturas.

Outro fator é a existência de estrutura física e técnica já consolidada para culturas menos tradicionais, além da maior aceitação e preço no mercado interno (SENA, 2011). Os maiores produtores da região estudada são Curaçá-BA, Orocó-PE, Petrolina-PE e Santa Maria da Boa Vista-PE. Esses municípios juntos são responsáveis por 91% da quantidade produzida de banana e 93% da área plantada destinada à bananicultura (Tabela 7 e 8).

A produtividade média desses municípios está entre 16 ton/ha e 25 ton/ha, sendo que os municípios baianos da área dinâmica estudada apresentam uma produtividade média superior aos municípios pernambucanos (Gráfico 8).

GRÁFICO 8 - Produtividade banana (ton/ha) – Brasil, Região Nordeste, Pernambuco, Bahia, Lagoa Grande-PE, Orocó-PE, Petrolina-PE, Santa Maria da Boa Vista-PE, Casa Nova-BA, Curaçá-BA, Juazeiro-BA e Sobradinho-BA - 2009



Fonte: IBGE (2010a).

2.3.2.2 A manga

A participação da área dinâmica Petrolina-PE e Juazeiro-BA no segmento de frutas no contexto nacional e internacional é muito expressiva. Segundo Coelho (2008), a região é responsável por 30% da produção brasileira e é responsável por metade das exportações de frutas de mesa¹⁵ do Brasil. Dentre as principais fruteiras observadas na área dinâmica de

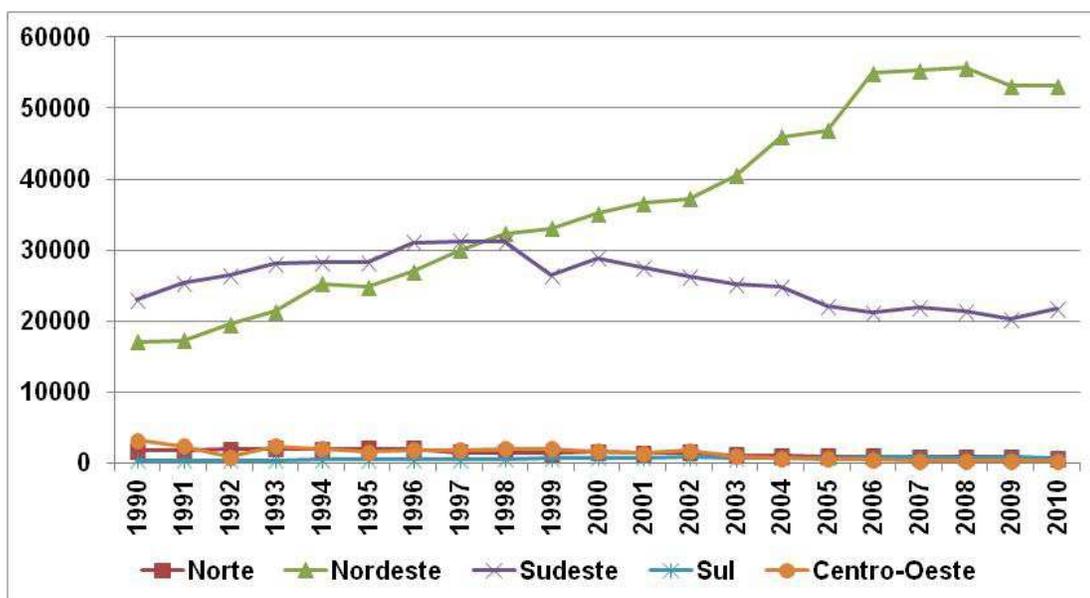
¹⁵ São aquelas que são comercializadas *in natura* para o consumo sem processamento.

Petrolina-PE e Juazeiro-BA, a manga e a uva corresponderam a 30 mil hectares (60%) de área plantada e 703 mil toneladas (63%) de toda a produção, em 2009 (Tabela 8).

Diferentemente da bananicultura, que toda a produção é destinada para o mercado nacional, a comercialização da manga e uva tem parte da produção direcionada para o mercado externo.

A região Nordeste, entre 1999 e 2010, possuía mais de 50% da área plantada de manga do Brasil (78.485 ha), seguida pela Região Sudeste, que juntas eram responsáveis por mais de 90% do quantitativo registrado. A importância da produção nordestina pode ser registrada ao observar que, em 2006, a região foi responsável por 78% da quantidade de manga produzida no Brasil (1.217.187 toneladas), de acordo com os dados da Produção Agrícola Municipal (Gráfico 9, Tabelas 7 e 8).

GRÁFICO 9 - Área plantada (ha) manga – Regiões Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro Oeste - 1990 a 2010



Fonte: IBGE (2010b).

TABELA 7 - Área Plantada (ha) - Culturas permanentes – Lagoa Grande-PE, Orocó-PE, Petrolina-PE, Santa Maria da Boa Vista-PE, Casa Nova-BA, Curaçá-BA, Juazeiro-BA e Sobradinho-BA - 1990 e 2009

Municípios	Banana		Coco (mil frutos)		Goiaba		Manga		Maracujá		Uva	
	1990	2009	1990	2009	1990	2009	1990	2009	1990	2009	1990	2009
Lagoa Grande	-	150	-	90	-	70	-	180	-	85	-	1.210
Orocó	2	980	-	20		83	3	130	-	115		6
Petrolina	140	2.700	4	1.500	11	2.380	28	7.500	-	160	255	3.800
Santa M. da Boa Vista	110	3.800	7	100		260	6	960	-	165	727	450
Casa Nova	-	217	-	75	-	106	80	1.998	-		150	906
Curaçá	20	802	22	62	-	56		547		50		306
Juazeiro	130	238	36	1.803	-	73	380	9.187	78	1.325	317	2.319
Sobradinho	15	42	4	80		40	8	100	-	60	-	30

Fonte: IBGE (2010b).

TABELA 8 - Quantidade produzida (ton) - Culturas permanentes - Área Plantada (ha) - Culturas permanentes – Lagoa Grande-PE, Orocó-PE, Petrolina-PE, Santa Maria da Boa Vista-PE, Casa Nova-BA, Curaçá-BA, Juazeiro-BA e Sobradinho-BA - 1990 e 2009

Municípios	Banana		Coco (mil frutos)		Goiaba	
	1990	2009	1990	2009	1990	2009
Lagoa Grande	-	2.400	-	2.700	-	1.960
Orocó	5	17.640	-	560	-	1.826
Petrolina	280	45.900	24	45.000	508	71.400
Santa M. da B. Vista.	220	66.500	42	3.000	-	7.280
Casa Nova	-	5.208	-	1.575	-	1.802
Curaçá	44	20.050	110	1.116	-	840
Juazeiro	286	4.760	180	37.322	-	1.131
Sobradinho	33	924	20	1.760	-	400

(continuação)

Municípios	Manga		Maracujá		Uva	
	1990	2009	1990	2009	1990	2009
Lagoa Grande	-	3.240	-	1.020	-	34.620
Orocó	180	2.470	-	1.495	-	168
Petrolina	896	150.000	-	2.240	3.825	106.400
Santa M. da B. Vista.	180	19.200	-	2.277	9.555	12.000
Casa Nova	944	46.953	-	-	4.500	22.650
Curaçá	-	13.019	-	1.250	-	7.344
Juazeiro	4.484	225.800	6.084	25.175	9.510	56.816
Sobradinho	92	2.000	-	840	-	690

Fonte: IBGE (2010b).

Até a década de 1980, toda a produção era direcionada apenas ao mercado interno, com variedades como a Espada, Rosa e outras. A partir dos anos 2000, a comercialização da fruta *in natura* passou a ser negociada também no mercado externo, principalmente a variedade norte-americana melhorada, a Tommy Atkins, devido às facilidades de indução floral e coloração vermelha da casca (FAVERO, 2008).

A participação no mercado externo foi o incentivo inicial para a especialização da área dinâmica de Petrolina-PE e Juazeiro-BA na produção de manga, mas o mercado interno absorve grande parte da produção. De modo geral, isso possibilita uma relativa independência no planejamento do processo de produção. Segundo Silva (2001 p.189):

[...] complementaridade do mercado doméstico tem uma grande importância para as atividades exportadoras, seja como amortizador das instabilidades do mercado internacional, seja absorvendo os produtos que não atendem aos critérios de qualidade exigidos por este mercado.

Além disso, as transações comerciais envolvem o pequeno varejo tradicional das feiras e quitandas das cidades do Nordeste e Norte do país, com acordos e contratos informais. Contudo, esse mercado segue paralelamente aos outros contratos “formados por estruturas integradas, organizados em redes de caráter nacional, patrocinados pelas grandes empresas produtoras de frutas, cooperativas, atacadistas” (SILVA; CORREIA, 2004, p.1).

Os estados da Bahia e Pernambuco destacam-se dentre os demais da Região Nordeste por apresentarem um crescimento expressivo na área plantada e na quantidade produzida. Os dois estados, em 1990, tinham 33% da área colhida nordestina e em 2010 já concentravam 77% da área colhida na Região, o que corresponde a 704 mil hectares, sendo que, desse quantitativo, a ADPJ representa 52%. Quanto à produção em 1990, Pernambuco e Bahia juntos correspondiam a 24% da produção nordestina, e em 2010, tiveram uma participação de 83% da quantidade de manga produzida na Região Nordeste. Desse quantitativo 63% foi produzido em Petrolina-PE e Juazeiro-BA (440 mil toneladas de manga).

Grande parte desse aumento expressivo deve-se ao fato de que, no final da década de 1990, a maioria das áreas da região de Petrolina-PE e Juazeiro-BA ainda estava em formação, ou seja, eram novas áreas implantadas na região e não estavam em plena produção com cerca de 33% da área formada (SILVA; CORREIA, 2004).

Na produção da manga na área dinâmica de Petrolina-PE e Juazeiro-BA há a participação de pequenos, médios e grandes produtores. Mas os médios e os grandes produtores concentram a maior parte das áreas destinada às mangueiras. Segundo Silva e

Correia (2004), os médios e grandes produtores correspondiam a 13% do total de produtores nordestinos e eram responsáveis por mais de 70% da área plantada de manga, em geral, localizados nos perímetros irrigados da área dinâmica.

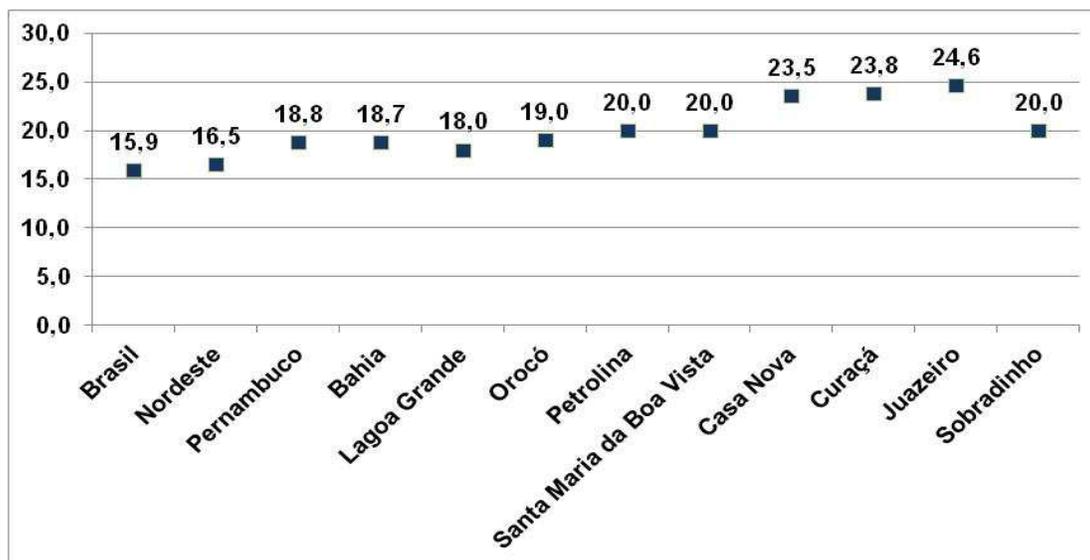
Ainda de acordo com os autores, os produtores que cultivavam uma área com mais de 10 hectares de manga eram 4% do total dos produtores nordestinos, e eram responsáveis por 51 % de toda área cultivada de manga na região. E são esses produtores que possuem maior volume de negócios com o mercado externo, por terem acesso a financiamentos e recursos e, também, maior capacidade de absorção de riscos.

Diversos estudos técnicos estão sendo realizados para otimizar os ganhos com a cultura da manga, na região de Petrolina-PE e Juazeiro-BA. De acordo com o Banco do Nordeste do Brasil (2010, p.6):

São propostas a modificação do calendário de embarques ao exterior, objetivando o preenchimento de novas janelas de mercado não ocupadas ou de menor concorrência internacional, e a implantação de outras variedades de manga, abrindo a possibilidade de instalação de uma agroindústria no Pólo Petrolina-Juazeiro que processe manga e outras frutas, diversificando a gama de produtos que podem ser obtidos e agregando valor, ao invés de simplesmente direcioná-la para o comércio *in natura*.

Os principais municípios da região na cultura da manga são Petrolina-PE, Juazeiro-BA, Casa Nova-BA e Santa Maria da Boa Vista-PE. Juntos correspondem a 20.305 hectares destinados à mangueira. O índice de produtividade indica uma superioridade dos municípios baianos da área dinâmica em relação aos pernambucanos, exceto Sobradinho, que apresenta as menores áreas plantadas e menor quantidade produzida na região de Petrolina-Juazeiro (Gráfico 10 e Tabelas 7 e 8 apresentadas anteriormente).

GRÁFICO 10 - Produtividade manga (ton/ha) – Brasil, Orocó-PE, Petrolina-PE, Santa Maria da Boa Vista-PE, Casa Nova-BA, Curaçá-BA, Juazeiro-BA e Sobradinho-BA - 2009



Fonte: IBGE (2010b).

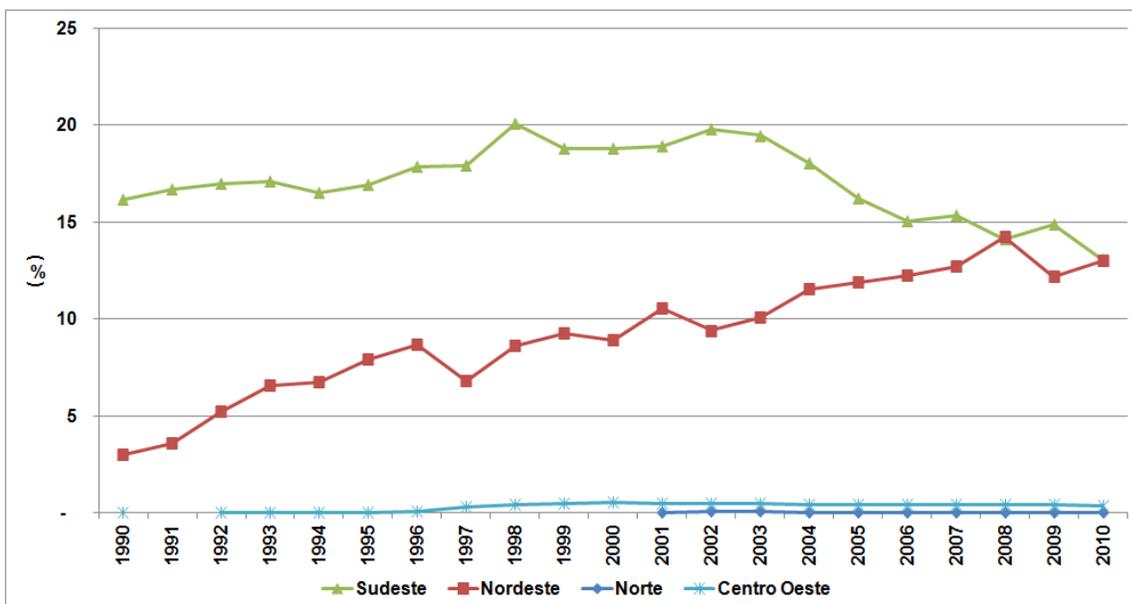
2.3.2.3 A uva

De acordo com a FAOSTAT (2010), o Brasil é o décimo quinto produtor mundial de uva, com a Itália e a China, os principais produtores.

Aqui no Brasil, as Regiões Sul, Sudeste e Nordeste apresentam as maiores plantações. Entretanto, a Região Sul é responsável por mais de 70% de toda a área plantada de uva no país, entre 1990 a 2010, seguida pelas Regiões Sudeste e Nordeste, que apresentaram movimentos convergentes nos últimos anos (Gráfico 11).

Grande parte da colheita de uva na Região Sul destina-se à produção de vinhos (vinicultura), enquanto nas Regiões Sudeste e Nordeste as uvas produzidas são principalmente para comercialização *in natura* ou de mesa (viticultura). Apesar de a Região Sul apresentar a maior produção de uva do Brasil, em 2008, a produção brasileira de uva destinada ao consumo *in natura* representou mais de 690 mil toneladas, o que corresponde a 49% da produção nacional, sendo a Região Nordeste responsável por 38% desse total (SILVA; CORREIA, 2010).

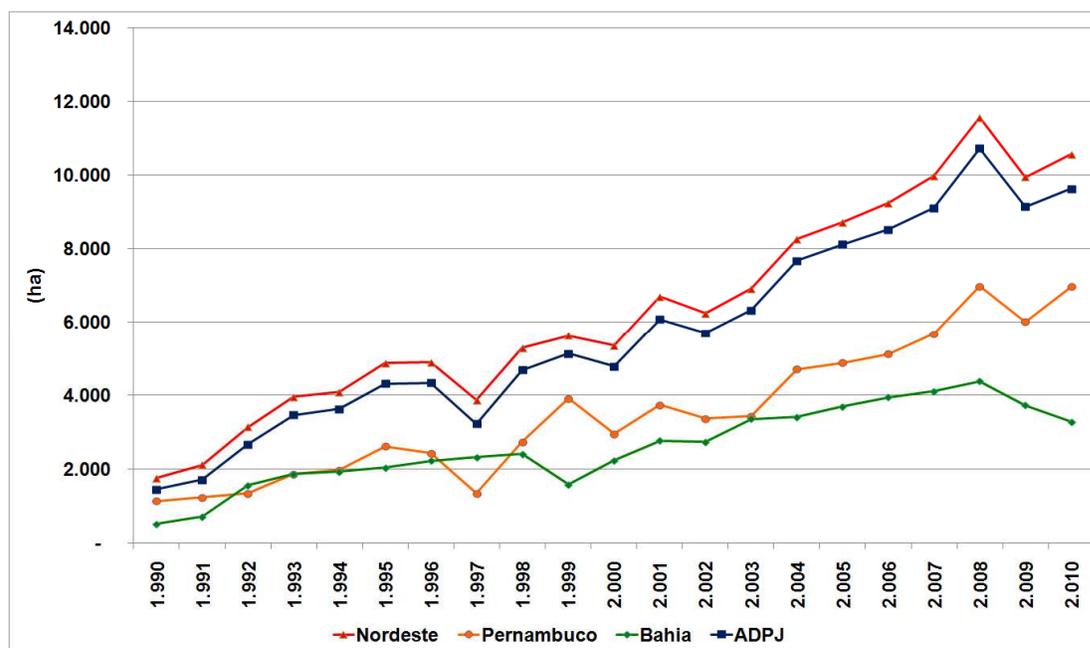
GRÁFICO 11 - Área Plantada (%) - Regiões Sudeste, Nordeste, Centro-Oeste e Norte, na área plantada de uva - 1990 a 2010



Fonte: IBGE (2010b).

A área dinâmica de Petrolina-PE e Juazeiro-BA concentra grande parte da produção de uva na Região Nordeste. Em 2009, a área dinâmica destinou mais de 9 mil hectares com o plantio de uva e produziu cerca de 241 mil toneladas da fruta, representando 91% da área plantada e 95% da produção nordestina (Gráfico 12).

GRÁFICO 12 - Área plantada (ha) uva - Região Nordeste, Pernambuco, Bahia e RIDE Petrolina-PE e Juazeiro-BA (ADPJ)¹⁶ - 1990 a 2010



Fonte: IBGE (2010b).

Diversos fatores permitiram o expressivo aumento de área e produção, alguns deles são discutidos por Vital, Moraes Filho e Ferraz Filho (2005). Segundo os autores, a capacidade da área dinâmica produzir mais de duas safras por ano, ou seja, 100 hectares cultivado na região tem produção equivalente a 200 ha cultivados na Serra Gaúcha principal área produtora de vinho no País, é um dos grandes incentivos para os investidores, que dispõem cada vez mais recursos para a produção desta cultura.

Além desse, outros aspectos contribuíram para o dinamismo frutícola na região, como (VIDAL et al, 2005, p.10) a disponibilidade das linhas de crédito pelos agentes financeiros, como o Banco do Brasil, o Banco do Nordeste do Brasil - BNB e Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social-BNDES, que subsidiam a instalação dos parreirais e das unidades de beneficiamento; da participação de empresas de outras regiões brasileiras e internacionais do ramo da vitivinicultura que se instalaram na área dinâmica; o forte apoio tecnológico da EMBRAPA “através da introdução e testes de variedades, manejo integrado de pragas” e, ainda, a formação de mão de obra qualificada – com curso de ensino superior de

¹⁶ ADPJ – Área dinâmica de Petrolina-PE e Juazeiro, composta pelos municípios de Orocó-PE, Petrolina-PE, Santa Maria da Boa Vista-PE, Casa Nova-BA, Curaçá-BA, Juazeiro-BA e Sobradinho-BA.

Tecnologia em Viticultura e Enologia, fornecido pelo Instituto Federal do Sertão Pernambucano - IF Sertão - PE, em Petrolina (VITAL et. al., 2005).

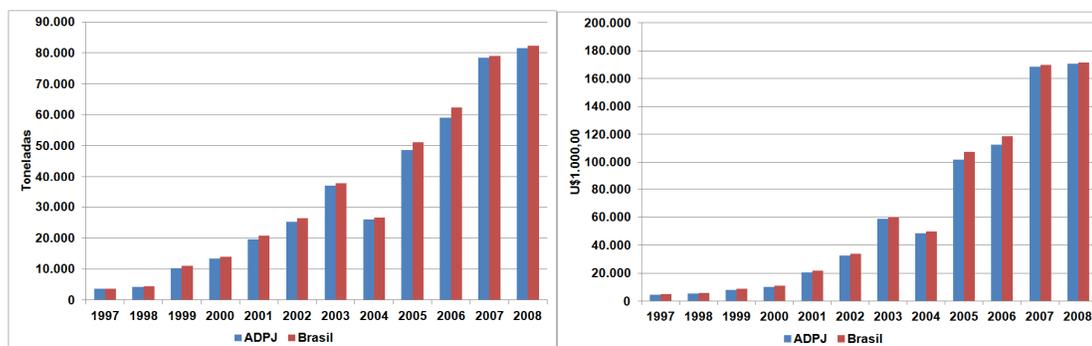
Silva; Correia e Soares (2009) apontam que atualmente a região de Petrolina-PE e Juazeiro-BA tem direcionado sua produção para uvas sem sementes (cerca de 40% da produção total, em 2007) para atender, especialmente a preferência do mercado mundial de frutas frescas, com destaque para as cultivares Festival (Sugraone ou Superior), Thompson Seedless e Crimson Seedless. Para a produção de vinhos, as cultivares mais importantes são Syrah, Cabernet Sauvignon e Ruby Cabernet, entre as tintas, e Moscato Canelli e Chenin Blanc, entre as brancas.

A importância da produção de uvas finas com ou sem sementes, na área dinâmica, destacada por Silva e Correia (2010) se justifica, uma vez que, em 2007, dentre toda a produção nacional de uva finas, cerca de 90% eram da Área Dinâmica Petrolina-PE e Juazeiro-BA.

Apesar da importância do mercado interno para a viticultura na região de Petrolina-PE e Juazeiro-BA, por atuar como uma força de equilíbrio com o mercado externo e absorver 69% da produção nordestina, o volume das exportações é expressivo. Em 2008, o volume exportado foi de mais de 80 mil toneladas, a um valor de 170 milhões de dólares – o que corresponde a 99% do volume e do valor das exportações brasileira de uva no período (Gráfico 13).

Assim como nas demais culturas, observa-se a concentração de grandes e médias empresas na vitivinicultura, com melhores condições de infraestrutura e tecnologia para atender às exigências do mercado externo. Há a participação dos pequenos produtores na viticultura (menos de 5 hectares), são cerca de 75%, no entanto, detêm apenas 20% da área cultivada com a cultura (ARAÚJO; RAMALHO; CORREIA, 2009).

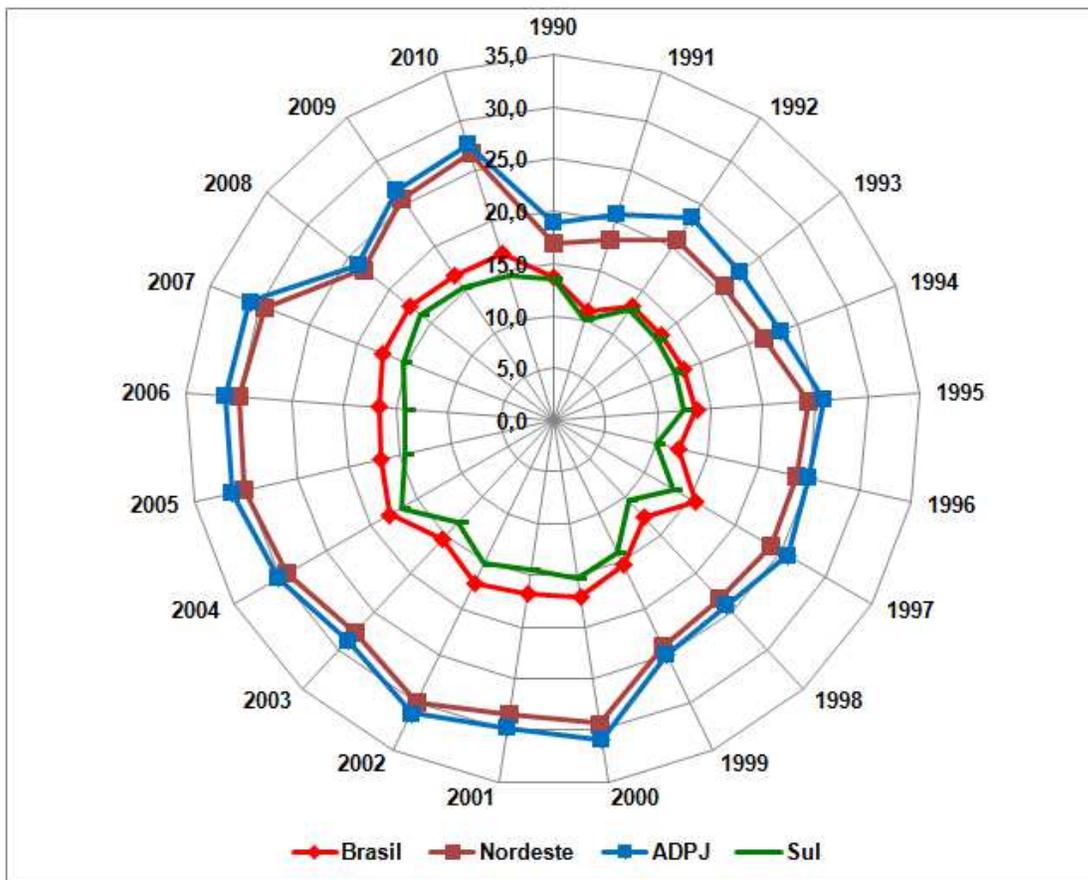
GRÁFICO 13 - Volume de exportação (ton) e Valor exportado (U\$ 1.000,00) - Uva RIDE de Petrolina-PE e Juazeiro-BA (ADPJ) e Brasil - 1997 a 2008



Fonte: Adaptado por Secex/Datafruta-IBRAF *apud* Silva e Correia (2010).

A área colhida de uva no país, em 2009, segundo os dados da Produção Agrícola Municipal, foi 81.677 hectares, sendo que 12,2% eram provenientes da Região Nordeste (9.939 hectares). Apesar da pequena participação no quantitativo nacional, a produtividade da Região Nordeste é muito expressiva, enquanto as produtividades médias das Regiões Sul e Sudeste foram de 15,6 ton/ha e 16,3 ton/ha, em 2009 (respectivamente), a Região Nordeste registrou uma produtividade de 25 toneladas de uva para cada hectare. Além disso, a produtividade da região de Petrolina e Juazeiro superou a nordestina, registrando no mesmo período 26,7 ton/ha (Gráfico 14).

GRÁFICO 14 - Produtividade uva (ton/ha) – Brasil, Regiões Nordeste, Sul e RIDE Petrolina-PE e Juazeiro-BA (ADPJ) - 1990 a 2010



Fonte: IBGE (2010b).

A viticultura é de grande importância para área dinâmica de Petrolina-PE e Juazeiro-BA, não só pelo valor agregado da cultura, os investimentos feitos e a tecnologia desenvolvida para subsidiar toda a produção, mas também por ser a atividade agrícola que proporciona a maior geração de empregos na área, podendo chegar até cinco empregos por hectare/ano. Apesar de essa relação vir sendo reduzida por um conjunto de inovações introduzido na base técnica de produção e na organização do trabalho no processo produtivo da uva. Contudo, além dos empregos diretos gerados nas plantações, cerca de quatro empregos indiretos são criados, em razão da dinâmica dos serviços dessa atividade. Estima-se que a vitivinicultura nessa região gere mais de 72 mil ocupações diretas ou indiretas por ano (SILVA; CORREIA, 2010).

Os principais produtores da área dinâmica são Lagoa Grande, Petrolina-PE e Juazeiro-BA. Santa Maria da Boa Vista aparece como um grande produtor até meados da década de 1990, mas, com o desmembramento de Lagoa Grande, a maior parte das plantações de uva ficou no “novo” município. Juntos, os três municípios são responsáveis por 84% da produção total da região de Petrolina-PE e Juazeiro-BA.

Petrolina é o grande destaque desses três municípios, por ser “o município brasileiro com maior valor de produção gerado por frutíferas: R\$ 619,2 milhões, um aumento de 40,1%, em 2010.” Sua produção, no mesmo ano foi mais de 141 mil toneladas, sendo responsável por 11% da produção nacional (IBGE, 2010b, p.28b). Outra atividade importante e em pleno crescimento é a vinicultura, com a produção de 8 milhões de litro/ano, ocupando a segunda posição dentre as regiões vinícolas do país.

A produção de frutas na área dinâmica de Petrolina-PE e Juazeiro-BA é um componente importantíssimo na geração de emprego, elevando o número médio de emprego em torno de cada cultura. No caso da viticultura, por exemplo, o número de empregos diretos chega a 5 homens por hectares (BRASIL, 1997).

Apesar de uma boa parte da área apresentar solos com condições de fertilidade que necessitam de ajustes químicos, a disponibilidade de terra plana com solos de profundidade suficiente são características que atraem grande parte dos investidores no plantio de frutas na região. Além disso, a proximidade do Rio São Francisco favorece as atividades agrícolas. Porém, a água para ser levada até as plantações precisa ser bombeada, o que implica custos energéticos elevados.

A mão de obra é abundante, uma vez que o número de pessoas ocupadas é muito inferior ao quantitativo de pessoas residentes com idade ativa. Em, 1990, apenas 18% da população em idade ativa estavam ocupados na RIDE. Em 2000, esse percentual foi de 14%.

Embora ainda haja muitos problemas de qualificação e de baixa formação escolar, apesar dos diversos programas implantados pelas prefeituras, universidades e governos estaduais.

Quanto às condições climáticas, a alta insolação e baixa umidade relativa do ar não favorece a aparição de pragas e doenças e, ainda, permitem mais de duas colheitas de frutas ou culturas anuais por ano (BRASIL, 2010). De modo geral, as principais características para os resultados apresentados na região são os aspectos ambientais, antrópicos, tecnológicos e logísticos (Quadro 2).

QUADRO 2 - Principais características associadas à área dinâmica de Petrolina-PE e Juazeiro-BA

CARACTERÍSTICAS			
Ambiental	Antrópico	Tecnológico	Logístico
Disponibilidade hídrica, tanto em volume, como em qualidade	Mão de obra abundante e de baixo custo	Qualidade e produtividade das culturas dentro de uma base de sustentabilidade - PIF	Proximidade de portos e aeroporto
Clima tropical estável com isolação adequada durante todo ano	Empresas e organizações de pesquisa e tecnologia com profissionais qualificados	Manejo cultural por podas	Frete acessível para exportação
Relevo plano	Tradição dos produtores com fruticultura	Indução Floral	Distância acessível às principais capitais
Terras propiciadas para fruticultura	Agentes de comercialização consolidados	Irrigação localizada e Fertirrigação	

Fonte: Guimarães (2007).

2.4 Infraestrutura técnica e transporte

A estrutura base da área dinâmica de Petrolina-PE e Juazeiro-BA envolve, nas diversas etapas para a produção das frutas, diversos agentes muito importantes e presentes na região. Algumas delas são EMBRAPA, IFET, UNIVASF e UNEB, CODEVASF, VALEXPOR, empresas e cooperativas (AGROVALE, VINÍCOLAS, FRUITFORT, MOSCAMED), entre vários outros.

O transporte da produção para o mercado externo, em geral, é feito pelo aeroporto de Petrolina. Ele é um dos mais importantes da Região Nordeste, possui a segunda maior pista de pouso, com 3.250 metros de extensão. Isso permite o pouso e a decolagem de grandes aviões cargueiros, com capacidade para até 110 toneladas. Além do transporte de passageiros, uma

importante função é o transporte da produção de frutas do Vale do São Francisco para o exterior (Figura 1).

FIGURA 1 - Cargueiro 747 da Air France no momento do carregamento de frutas, Petrolina, 2011



Fonte: Disponível em: <<http://www.candeeiro.net/log/>>.

O terminal de cargas do Aeroporto de Petrolina, com 2 mil m², atende à demanda de exportação de frutas da região e possui suporte para recepção e armazenamento de produtos perecíveis. A estrutura é constituída por seis câmeras frigoríficas com capacidade de armazenamento de 17 mil caixas cada uma e dois túneis de resfriamento. Em 2008, o aeroporto recebeu mais de 157 mil passageiros, atendendo a 53 municípios dos estados de Pernambuco, Bahia e Piauí (BRASIL, 2011). O escoamento da produção para o mercado interno e os países do MERCOSUL é feito, principalmente, por meio das rodovias federais.

2.5 Antes da Agricultura Irrigada

Antes da prática intensiva da agricultura irrigada, em grande parte da região de Petrolina-PE e Juazeiro-BA, se praticava a agricultura beira-rio e sequeiro. Sem a irrigação, a

produção agrícola dependia exclusivamente¹⁷ (exceto nas áreas beira-rio) das chuvas esporádicas, como única fonte de água para a sobrevivência da produção.

A agricultura de sequeiro consiste prioritariamente em agricultura de subsistência em roças dependentes das chuvas e com culturas resistentes às variações climáticas e baixa exigência hídrica (ANDRADE, 2005). Agricultura de vazante ou beira-rio consiste na utilização dos solos potencialmente agricultáveis às margens dos açudes, rios e lagos que foram cobertos pelas águas na época chuvosa (RAMOS, 2001).

As principais culturas cultivadas pelo sistema de vazante e nas áreas de sequeiro (área sujeita a altos riscos de perdas de safra devido à alta variabilidade, tanto temporal como espacial das precipitações pluviométricas nas áreas do interior do Nordeste, em geral, distantes de fontes de água naturais) eram milho, feijão, mandioca, tomate, abóbora, mamona, cebola e cana-de-açúcar. Algumas fruteiras também eram produzidas, contudo, em pequena escala, destinada principalmente para subsistência, e o pequeno excedente produzido era comercializado nas feiras locais em municípios próximos, contudo, “predominavam as frutas de estação ou frutas da época tradicionais, como banana, laranja, limão, manga, entre outras produzidas” (SILVA, 2001, p.72).

Durante esse período, a produção agrícola não podia atingir grande escala, nem tampouco os produtores podiam escolher a melhor época para o plantio, de acordo com a demanda de mercado; de modo que toda a produção era voltada para a subsistência familiar. Com isso, a prática da irrigação era totalmente dependente das determinações da natureza, com seus períodos de cheia e estiagem (RAMOS, 2001).

Um marco na produção em escala comercial, com o uso de irrigação artificial, adubos, inseticidas e fungicidas, foi o cultivo da cebola na beira-rio, no final do século XIX e início do século XX. Até o início da década de 1960, o Estado realizou um plano de desenvolvimento para o Vale do São Francisco, para contornar o que se acreditava ser um dos principais motivos do atraso do desenvolvimento da região Nordeste – as secas repetitivas. O objetivo prioritário era o aproveitamento das águas do São Francisco para a geração de energia elétrica, o que deveria resolver o abastecimento de todo o Nordeste e, ao mesmo tempo, impulsionar a industrialização na região. Além disso, também serviria como suporte essencial à instalação dos futuros projetos de irrigação.

Nesse período, as medidas criadas para incentivar a industrialização e a atividade agrícola por meio da irrigação artificial gerenciada pelo Estado, como a criação do DNOCS, da

¹⁷ A formação geológica que dá origem ao solo é cristalina, com baixo potencial para acumulação de água, e alto grau de evaporação (PORTO, 1999).

Chesf (criada para dar suporte energético às atividades produtivas e atuar no gerenciamento da vazão do Rio São Francisco na região) e do BNB (criado para garantir crédito para os investimentos ao longo de todo o processo produtivo), marcaram o início de uma nova etapa na história da região.

E para a concretização dessa nova etapa, além da infraestrutura estratégica, com a construção de rodovias, linhas de transmissão de energia, estação de bombeamento e canais de irrigação, outra importante medida, que contribuiu intensamente nas transformações na região, foi atuação da Superintendência do Vale do São Francisco – SUVALE, substituída pela Comissão do Vale do São Francisco - CVSF, em 1967, hoje chamada de Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e Parnaíba - CODEVASF.

Esta instituição pública teve um papel crucial na implantação de medidas efetivas para as alterações do processo produtivo, atuando junto a todos os atores envolvidos, especialmente os pequenos produtores, no acompanhamento da introdução de cultivos não-tradicionais e na adoção de novas tecnologias, resultando em rendimentos maiores e permitindo acompanhar as empresas agrícolas que originalmente introduziram tais tecnologias e, por vezes, até ultrapassá-las em termos de rendimento (DAMIANI, 2003).

O Programa Especial para o Vale do São Francisco – PROVALE, instituído pelo Decreto Lei nº 1207 de 7 de fevereiro de 1972, foi também fundamental para os avanços nesta região, tendo como base o controle da vazão do Rio São Francisco, para proporcionar segurança às atividades produtivas do Vale e desenvolver a produção agrícola, vulnerável às inundações ou aos grandes períodos de estiagem; além de trazer outros benefícios, como a navegabilidade do rio; geração de energia (hidrelétrica); redução da erosão, diminuição do assoreamento do rio; realização de obras de urbanização, infraestrutura social, saneamento e irrigação; apoio aos programas de colonização, irrigação e desenvolvimento em nove regiões do Vale do São Francisco inclusive Petrolina-Juazeiro; construção de eclusas para navegação na barragem de Sobradinho; e ainda da reurbanização ou relocação das cidades e distritos inundados pelo lago da barragem de Sobradinho.

Além disso, O PROVALE foi criado para complementar o programa PROTERRA (Decreto Lei nº 1.179, de 6 de julho de 1971), já mencionado anteriormente, cujo papel principal era integrar a região do São Francisco ao cenário nacional, promovendo o desenvolvimento econômico e social.

2.6 Avanços no setor agrícola em Petrolina-PE e Juazeiro-BA

No final da década de 60, com a implantação das primeiras áreas irrigadas, subsidiadas pelo governo, as culturas anuais mais exploradas eram a cebola, feijão, tomate, melão e melancia. Já na década de 1990, essas mesmas áreas apresentavam grande parte de suas culturas destinadas à agricultura irrigada, especialmente, na fruticultura perene. Essa década marca a fase transitória e a consolidação no cultivo de frutícolas, em razão da expansão significativa em áreas plantadas e em volume produzido e dos empregos gerados.

No início do processo da agricultura irrigada, as atividades eram intensas quanto a investimentos, em Petrolina. Principalmente nos Campos Experimentais de Bebedouro, implantados em 1963, com os primeiros resultados acontecendo em 1968. Em Juazeiro, o Campo Experimental Mandacaru foi instalado em 1964, mas seu pleno funcionamento se deu em 1971. Esses campos experimentais contaram com informações técnicas importantes, desenvolvidas por um convênio entre a SUDENE e a Food Agricultural Organization - FAO, que consistia em um levantamento pedológico das áreas irrigáveis e na elaboração de um Plano Diretor para a Irrigação na região do Submédio São Francisco (DAMIANI, 2003).

O dinamismo da região de Petrolina-PE e Juazeiro-BA, a partir da década de 70, continuou com algumas iniciativas pioneiras, especialmente por empresários de outras regiões do país, que formaram as primeiras lavouras para produção de fruteiras, no final da década de 1960, na região de Santa Maria da Boa Vista¹⁸-PE e Casa Nova-BA¹⁹, com incentivos fiscais da SUDENE.

A instalação desses projetos deu origem ao cultivo da uva para produção de vinhos finos e uva de mesa para exportação e para o mercado interno, e traz o município de Santa Maria da Boa Vista-PE como o símbolo da inserção da fruticultura na região de Petrolina-PE e Juazeiro-BA. Ele foi conhecido por muito tempo, o município representante do único com uma grande empresa privada na região. Outra iniciativa que merece destaque, ainda no início da década de 70, é a implantação em Juazeiro de uma usina produtora de açúcar e álcool, que em 1975 possuía uma área plantada de 102 ha, e atualmente conta com uma área agrícola de 20

¹⁸ Em Santa Maria da Boa Vista, em 1970, na Fazenda Milano, instalou-se o projeto pioneiro da Vinícola Vale do São Francisco para produção de vinhos. A Fazenda Ouro Verde I, propriedade de um produtor de batata no Paraná, no município de Santa Maria da Boa Vista, atualmente município de Lagoa Grande, também é um marco do início das atividades das introduções da fruticultura na região. Essa propriedade, além dos incentivos fiscais da SUDENE, contou com financiamentos do Banco do Brasil e do Banco Nordeste (SILVA, 2001).

¹⁹ Em 1982 é criada a Fazenda Ouro Verde II, em Casa Nova-BA, voltada para a produção de uva (SILVA, 2001).

mil hectares. Desses 15 mil cultivados em solo totalmente irrigado, sendo a única do Brasil nessa categoria (LIMA; COSTA, 2007).

Todas essas iniciativas são marcadas pelos incentivos fiscais vindos de diversas fontes, como a SUDENE, Banco do Brasil, Banco Nordeste e pelo suporte técnico fornecido pelas instituições públicas, em grande parte de fora da região de Petrolina-PE e Juazeiro-BA (SILVA, 2001).

Contudo, foi em 1975 com a criação do Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semiárido, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), em Petrolina, que a cultura da uva passou a ter maior relevância e os estudos foram intensificados, principalmente no Campo Experimental de Bebedouro.

A partir dos resultados neste empreendimento começaram a serem difundidas culturas importantes para a região, como o tomate, a melancia e, também, a uva, que começou a ser ali cultivada, simultaneamente, por grandes empresas privadas. Ainda do lado pernambucano, em 1986, foi fundada a primeira produtora de vinhos da região, a Vinícola Vale do São Francisco, localizada no Município de Santa Maria da Boa Vista. Atualmente, são oito empresas com trajetórias e origens bastante diferenciadas no plantio e na produção de uvas e vinhos (Quadro 3), sendo cinco delas localizadas em Lagoa Grande²⁰.

Além dessas iniciativas particulares, ainda na década de 1940, a cebola foi um importante produto que, aliado ao uso de irrigação artificial, adubos, inseticidas e fungicidas, foi possível a produção em escala comercial, entretanto seu cultivo era nas áreas beira-rio, implicando condições pouco favoráveis na época das chuvas, em razão do aumento do nível do Rio São Francisco.

Nesse período, a produção de cebola era destinada ao abastecimento de mercados distantes, geralmente conectados pelas rodovias pavimentadas nos anos 1940 e 1950 e também, pela ponte rodoferroviária Presidente Dutra, inaugurada em 1954, que uniu as cidades de Petrolina-PE e Juazeiro-BA, facilitando as conexões do sul com o norte do país, além de contribuir na reorganização do uso do território na região, já que era um dos poucos pontos sobre o rio São Francisco. Além dos diversos fatores já mencionados, que contribuíram para consolidar a fruticultura como a principal na região, a relação entre o poder público local e as empresas ligadas a fruticultura, foi outro aspecto importante neste processo²¹ (SILVA, 2001).

²⁰ Município desmembrado de Santa Maria da Boa Vista, em 1995.

²¹ “Na eleição para prefeito de 1992, o diretor da Fazenda Milano e empresário no ramo da fruticultura, José Gualberto Freitas de Almeida, foi eleito prefeito do município de Santa Maria da Boa Vista, depois de uma passagem como secretário da agricultura do estado de Pernambuco, no curto mandato do governador Carlos Wilson. Na última eleição para prefeito, em 1996, foi a vez de outro empresário do

QUADRO 3 - Cronologia da instalação das empresas vitivinícolas na área dinâmica de Petrolina-PE e Juazeiro-BA

Municípios	Fazenda	Empresa(s)	Ano de Instalação	Ano de Produção de Vinho (*)	Marca(s) do Produto
Sta. M. da Boa Vista – PE	Milano	Vinícola do São Francisco	1970	1986	Botticelli
Lagoa Grande – PE	Carnaubeira	Adega Bianchetti Tedesco Ltda	2000	2001	Bianchetti
	Garibaldina	Vitivinícola Lagoa Grande Ltda	1990	2001	Carrancas Garziera
	Planaltino	Vitivinícola Santa Maria S/A	1987	2004	Adega do Vale São Francisco
		Vinibrasil	2004	2004	Rio Sol
	Ducos	Ducos Vinícola Comércio Indústria Exportação Ltda	2001	2003	Château Ducos
Casa Nova	Ouro Verde	Ouro Verde Ltda	1985	2002	Terra Nova – Miolo
Petrolina		Vinícola Vale do Sol Ltda	2006	2006	Vinho do Vale (Vinho de mesa)
		Indústria e Comércio de Bebidas Rodrigues da Silva Ltda (Grupo Comary)	2007		Cantina da Serra (vinho de mesa engarrafamento)

Fonte: Adaptada de Vital (2009).

Neste sentido, ainda na década de 1940, lideranças de uma família tradicional de Petrolina ocupavam cargos na administração pública municipal, estadual e federal. Desse modo, começaram a exercer influência em todos os níveis da política e a desempenhar um papel importante na atração de verbas estaduais e principalmente federais para a região de Petrolina-Juazeiro (DAMIANI, 2003).

Todo esse processo econômico e político desencadeado pela (ou para) agricultura irrigada, em Petrolina-PE e Juazeiro-BA, ainda que tenha uma dinâmica econômica dependente do comportamento nem sempre estável do mercado externo, tem como principal efeito (ou causa) o aumento significativo do quantitativo populacional urbano, e também rural²², em razão

ramo da fruticultura, Jorge Garziera, se eleger prefeito do recém-criado município de Lagoa Grande e ser reeleito na eleição seguinte. Ambos foram eleitos por um partido de oposição na época, o PMDB, nos respectivos municípios onde se concentram os seus empreendimentos.” “No lado da Bahia, novos atores despontam dos quadros das instituições públicas (Banco do Brasil, EBDA), assumindo o comando das prefeituras municipais de Curaçá e Sobradinho” (SILVA, 2001, p.161).

²² O crescimento populacional nas últimas décadas não é explicado totalmente pelo crescimento vegetativo da área dinâmica, com uma taxa geométrica de crescimento da população total de 2,6% (a.a.), no período 1991/2000, superando as taxas nordestina (1,3%), pernambucana (1,2%) e a baiana (1,1%).

da chegada de migrantes com variados níveis de qualificação, vindos de diversas regiões do país (CAVALCANTI, 1997).

A introdução das culturas perenes anuais trouxe outras possibilidades e profundas modificações entre os produtores rurais (ribeirinhos ou beiradeiros) praticantes da agricultura de vazante e os produtores praticantes da agricultura de sequeiro (caatingueiros), como também na relação deles com a produção agrícola, muito pelo fato da agricultura irrigada representar uma nova modalidade de utilização da terra, e também por ser constituída a partir de novas formas de relacionamento social como a introdução de figuras externas ao convívio tradicional da agricultura regional.

Como aponta Sant'Ana (2011) surgem as figuras dos técnicos, compradores, casas comerciais, fiscais, cooperativas, sindicatos, que formam uma estrutura complexa voltada para mercados raramente utilizados. Além disso, as práticas agrícolas também foram alteradas em razão do manejo exigido das *novas* culturas com o uso de produtos nunca aplicados nas plantações (fertilizantes, herbicidas, inseticidas, sementes) e, ainda, a inserção de novas tecnologias como os sistemas de irrigação e equipamentos mecanizados.

As alterações também tiveram fortes reflexos nas relações de trabalho, por meio da atuação e participação de sindicatos de classes, possibilitando debate e ações efetivas, especialmente sobre as questões salariais da região. Outro aspecto importante é a movimentação quanto ao mercado de terra, “que foi seguido por ações de desapropriação de áreas que, até então, tinham pouco valor venal” (COELHO, 2008, p.129).

2.6.1 A implantação dos perímetros na área dinâmica de Petrolina-PE e Juazeiro-BA

Outro ponto relevante na transformação das atividades produtivas, ocorrida a partir da política de desconcentração das atividades econômicas, considerando a irrigação artificial é o perímetro irrigado.

Os perímetros irrigados, também chamados de projetos de irrigação, são áreas com uma considerável infraestrutura de irrigação, onde se localizam os pequenos e médios produtores, além das empresas.

A introdução de um projeto de irrigação é, normalmente, precedida de um processo de desapropriação dos ocupantes das terras, que teriam uma indenização pecuniária e a prioridade na aquisição de lotes irrigados no perímetro. Posteriormente as obras de infraestrutura (canais e dutos para irrigação, asfaltamento, eletrificação, bem como com a construção de agrovilas servidas por escolas, postos médicos e moradias para os produtores) são iniciadas e por fim a seleção dos demais produtores.

Os meios de acesso para aquisição de um lote do projeto de irrigação podem variar, em razão de especificidades espaciais, políticas e sociais existentes durante tal processo, “embora existam diretrizes gerais que norteiam esses processos em todo o Vale do São Francisco” (COELHO NETO, 2006, p.6).

Para os não selecionados e para os agricultores que não optaram pelo perímetro irrigado restam as áreas de agricultura de sequeiro. Esses produtores são na grande maioria compostos de pequenos produtores, que são expropriados de suas condições de produção, ainda que precárias, e em geral se transformam em mão de obra assalariada (ALVES, 2006).

Apesar disso, o objetivo social da agricultura irrigada foi parcialmente alcançado, à medida que foram disponibilizadas terras a preços baixos, com incentivos de crédito, modernização dos meios de produção, subsidiados pelo governo federal para os agricultores familiares adquirirem seus lotes, mesmo atendendo um restrito número de agricultores.

Os projetos de irrigação inicialmente eram destinados à população de baixa renda da área de sequeiro e dos municípios circunvizinhos, incluindo os imigrantes dos estados do Piauí, Ceará e Maranhão. Esses iriam garantir a experiência na prática da agricultura irrigada. Entretanto, dos pequenos produtores selecionados, cerca de 15%, apenas, eram originários da região de Petrolina-PE e Juazeiro-BA (BARROS, 2007). E, ainda, para garantir a manutenção e a expansão da produção de culturas não tradicionais, que exigiam investimento técnico e financeiro, foi feita a inclusão de médios produtores e empresas nos perímetros.

A implantação dos perímetros irrigados, além do desenvolvimento econômico por meio da produção agrícola, aproveitando-se do potencial dos recursos naturais existentes, em especial a água do rio São Francisco, também tinha a função de solucionar problemas fundiários e sociais. Fundiário, em razão da oferta de terras para os pequenos agricultores sem terra, com o intuito de gerar emprego e renda. E social, por, entre outras razões, reduzir a emigração dos pequenos agricultores nordestinos para os grandes centros urbanos como São Paulo e Rio de Janeiro nos períodos críticos de seca, bem como diminuir a pobreza da região (RAMOS, 2001).

Desse modo, o grupo de pequenos produtores selecionados era constituído, em grande parte, de agricultores sem terra, também por proprietários de minifúndios que praticavam a agricultura de sequeiro associada à caprinocultura, ou a agricultura de vazante e, ainda, por antigos proprietários de minifúndios atingidos pela formação do lago da Barragem de Sobradinho (BARROS, 2007).

Contudo, com a expansão e consolidação da fruticultura em Petrolina-PE e Juazeiro-BA, diversos pequenos agricultores dos perímetros irrigados foram sendo substituídos por

outros fruticultores mais especializados, com maiores recursos, melhor capacidade técnica e com maiores possibilidades de inserção nos mercados interno e externo. Grande parte dos resultados na consolidação da fruticultura na região é em razão da pequena produção combinada com as grandes empresas. Essa combinação dinamiza o setor e traz desdobramentos importantes quanto às novas formas de organizações da produção do trabalho, novas tecnologias e novos agentes (SILVA, 2001).

Algumas estratégias foram desenvolvidas para atenuar as dificuldades enfrentadas pelos pequenos agricultores nos perímetros irrigados. Na década de 1980 a implantação do PRONE (Programa de Irrigação do Nordeste) por parte do governo federal, que previa a implantação da irrigação em projetos públicos, tinha como principal foco os pequenos agricultores. Além disso, foi criado o PAPP (Programa de Apoio ao Pequeno Produtor Rural), que buscava aumentar a capacidade real de pagamento do pequeno produtor no Vale do São Francisco.

Outro aspecto implantado para auxiliar os pequenos produtores na produção de culturas não tradicionais e na adoção de novas tecnologias, uma das estratégias foi a introdução, de modo gradual, dessas culturas, passando primeiramente por culturas com manejo menos complexo, voltadas para a indústria interna – especialmente o tomate industrial irrigado, na década de 1970. Segundo Damiani (2003), a fase do cultivo de tomate industrial desempenhou um papel muito importante para os colonos na sua aprendizagem sobre o manejo de plantios irrigados, possibilitando, inclusive, o início do cultivo de espécies perenes. De modo que, dos 3.900 agricultores de Petrolina-Juazeiro, 71,3% possuíam menos que 10 hectares cultivados, ou seja, eram considerados pequenos produtores de acordo com as determinações da CODEVASF e contribuíram fortemente na produção, tanto que em 1995 foram processadas na região de Petrolina e Juazeiro 350 mil toneladas de tomate, correspondendo a cerca de 34% do total nacional (CAMARGO, 2006).

O Banco do Nordeste (BNB) também foi importante, não só com a abertura de crédito para os pequenos produtores, mas também atuava como intermediário na execução de adoção de novas tecnologias entre todos os irrigantes. Uma das estratégias para essa disseminação foi a exigência, nas propostas de créditos, em descrever, entre outras coisas, a tecnologia que seria aplicada na produção e, ainda, todos os passos para a sua execução. Segundo Damiani (2003) essa exigência dava a garantia de um padrão tecnológico igual ao desenvolvido pelas empresas.

De forma que, nesta região, para inserir o agricultor familiar de forma competitiva ao mercado, foram disponibilizadas terras com infraestrutura para que pudesse irrigar suas

propriedades e assistência técnica da CODEVASF, podendo demandar orientações relacionadas não apenas a aspectos técnicos, mas também a fatores “não técnicos” (organização de cooperativas; funcionamentos dos programas de créditos rurais; identificação e orientação das práticas de comercialização, entre vários outros). Além disso, a disponibilidade de crédito para ter condições financeiras para estabelecer sua plantação.

A partir de todos estes aspectos apresentados, foi constituída a estrutura produtiva dos projetos de irrigação em Petrolina e Juazeiro, especializada na fruticultura irrigada, voltada para as necessidades do mercado, não só local mais também mundial. E nessa produção participam os pequenos produtores e as empresas, em que ambos plantam culturas permanentes e, em menor volume e área, as culturas temporárias.

Atualmente os perímetros irrigados ficam nos municípios de Juazeiro, Petrolina e Casa Nova, são eles: Bebedouro, Nilo Coelho, Mandacaru, Maniçoba, Curaçá e Tourão. Estes cinco perímetros irrigados – PI somam mais de 41 mil hectares de áreas irrigáveis, com 56% da área ocupada por empresas (Tabela 9), com mais de 40 mil empregos diretos, segundo a CODEVASF. Há áreas de empresas comerciais e particulares, fora dos PI, que também se utilizam da agricultura irrigada e, de acordo com a CODEVASF, somam cerca de 20 mil hectares (BRASIL, 2010).

TABELA 9 – Perímetro Irrigado (nome), ano de operação, área total irrigável (ha), área ocupada por empresa (ha), área ocupada por colono (ha), número de emprego gerado – Petrolina-PE, Casa Nova-BA, Juazeiro-BA - 2008

Perímetro (ano de operação)	Município	Áreas irrigáveis (ha)	Empresas (ha)	Colonos (ha)	Empregos gerados	
					Diretos	Indiretos
Bebedouro (1968)	Petrolina PE	2.091	858	1.233	800	1.600
Nilo Coelho (1983)	Petrolina PE Casa Nova BA	18.857	6.043	12.814	20.000	40.000
Mandacaru (1971)	Juazeiro BA	419	51	368	400	800
Maniçoba (1980)	Juazeiro BA	5.030	3.117	1.913	5.000	10.000
Curaçá (1980)	Juazeiro BA	4.350	2.386	1.964	4.000	8.000
Tourão (1979)	Juazeiro BA	10.710	10.697	211	10.000	30.000
TOTAL		41.457	23.152	18.503	40.200	90.400

Fonte: Brasil (2010).

De modo geral, são áreas diferenciadas (Figuras 2 e 3) no sertão nordestino, primeiramente pelo contraste com o restante da paisagem, especialmente no período de estiagem, em que os parreirais e as mangueiras são evidenciados pelos tons de verde.

FIGURA 2 - Área irrigada na área dinâmica de Petrolina-PE e Juazeiro-BA I



Fonte: Brasil (2010)

FIGURA 3 - Área irrigada, na área dinâmica Petrolina-PE e Juazeiro-BA II



Fonte: Brasil (2010).

Além disso, pela presença de grandes empresas que cultivam uva, manga e cana-de-açúcar, conjuntamente com pequenos produtores (colonos). Toda a estruturação dessas

atividades foi desenvolvida pelo Estado, que ainda hoje presta serviços na manutenção dos perímetros, na assistência técnica e no controle e cobrança dos serviços de fornecimento de água e dos investimentos já realizados.

Dentro dos perímetros irrigados, constituídos por grandes e médias empresas, e ainda os pequenos produtores, há diferenças entre esses agentes, em função da gestão, suporte técnico, padrão tecnológico, tempo de implantação, tamanho da área de cultivo, variedades e espécies produzidas, quantidade de irrigantes, coesão social, entre outros fatores. Essa combinação não trivial foi o diferencial entre outros perímetros implantados no Vale do São Francisco e, apesar de muitos pequenos produtores não terem obtido sucesso com a fruticultura irrigada, outros conseguiram uma interação robusta com as grandes empresas e juntos, por meio das cooperativas, comercializam seus produtos. Mais detalhes podem ser encontrados nos trabalhos de Correia et al. (1999a); Correia et al. (1999b); Franca (2004); Ortega e Sobel (2010) e Brasil (2010).

2.7 Considerações sobre o capítulo

O crescimento econômico apresentado pela região de Petrolina-PE e Juazeiro-BA como uma das regiões agrícolas mais dinâmicas do Nordeste Brasileiro, bem como sua formação, é fruto das potencialidades locais, como as condições climáticas, tecnologia regionalizada, recursos hídricos, mão de obra abundante, entre outras; mas também por elementos externos, provenientes de políticas nacionais e estratégias internacionais associadas, não por acaso, às potencialidades locais.

Essa combinação das potencialidades locais e políticas locais e também globais proporcionaram a região de Petrolina- PE e Juazeiro-BA e a outras áreas dinâmicas ou subespaços da Região Nordeste um lugar de destaque na economia do país. Cabe destacar que as ações e as estratégias basearam-se originalmente pelo forte apoio do Estado. No caso de Petrolina-Juazeiro, tal apoio foi mais intenso a partir da década de 1970, por meio de grandes projetos e obras que subsidiaram a introdução de sistemas de irrigação estimulados pelo potencial hidroelétrico oferecido pela construção da Barragem de Sobradinho e às características de sua inserção nos mercados interno e internacional.

A iniciativa da introdução da agricultura irrigada na região vem de tempos atrás. Entretanto, foi somente no final da década de 1980 e início da década de 1990, com o apoio governamental, através de órgãos de pesquisa e gerência (EMBRAPA, IFET, UNIVERSIDADE, CODESVASF) que Petrolina-PE e Juazeiro-BA passaram a ter visibilidade nacional.

Apesar da região de Petrolina-PE e Juazeiro-BA apresentar ainda muitos desafios a serem superados, é possível destacar o avanço tecnológico com as altas taxas de produtividades de culturas não tradicionais do Nordeste, com alto valor agregado e sua importante participação no mercado externo – especialmente com a uva e a manga – e interno com a banana e as culturas temporárias.

A principal atividade econômica influencia o mercado de trabalho não só no Setor Primário, mas também define especificidades importantes na região como a manutenção da população ocupada no Setor Primário, especialmente nos municípios mais diretamente ligados à produção de frutas, ao longo das décadas de 1980, 1991 e 2000. Além disso, há uma diversificação das atividades no Setor de Serviços em todos os municípios, apesar de alguns apresentarem estruturas ainda básicas e modestas de serviços, quando comparadas ao leque de serviços mais especializados e “complexos” encontrado nos municípios de Petrolina-PE e Juazeiro-BA. Isso traz um indicativo dos papéis desempenhados na região e a influência reforçada sobre os municípios de Petrolina-PE e Juazeiro-BA que, mesmo com uma grande rede de Serviços, ainda em termos absolutos supera o número de pessoas ocupadas no Setor Agrícola daqueles municípios.

De modo geral, a desconcentração das atividades econômicas no país contribuiu na formação da área dinâmica de Petrolina-PE e Juazeiro-BA e, em parte, proporcionou a possibilidade na melhoria das condições de vida desta população, permitindo a ela o acesso às oportunidades que não existiriam, pelo menos nas proporções registradas atualmente, se não fossem resultados da implantação da fruticultura irrigada na região, por meio da criação de postos de trabalho, planejamento da atividade produtiva, ampliação e diversificação das atividades do Setor de Serviços desta região.

De modo geral, toda a estruturação da atividade da fruticultura na região de Petrolina e Juazeiro, partindo dos perímetros irrigados, juntamente com a importante participação do Estado (CODEVASF, EMBRAPA) e da iniciativa privada, favorecida pelas lideranças políticas locais e as potencialidades agrícolas (temperatura, insolação, solo e água), fez com que a região pudesse apresentar resultados expressivos na produção de frutas com efeitos sobre o mercado de trabalho local.

Os oito municípios que compõem a RIDE (Juazeiro-BA, Petrolina-PE, Lagoa Grande-PE, Santa Maria da Boa Vista-PE, Orocó-PE, Sobradinho-BA, Casa Nova-BA e Curaçá-BA) são aqueles que participaram desde o início da implantação da agricultura irrigada, e portanto, apresentam resultados expressivos quanto a produção de frutas. Entretanto, outros municípios do entorno próximo a esta área dinâmica também sofreram com os efeitos da implantação da

agricultura irrigada na RIDE, não tão expressivo, mas que tem reflexos especialmente nas características demográficas de composição, estrutura e mobilidade, nos capítulos que seguem.

CAPÍTULO III

3. Dinâmica demográfica na região de Petrolina e Juazeiro

O objetivo principal desse capítulo é buscar uma apreensão da articulação entre os fenômenos do desenvolvimento econômico e o crescimento populacional de uma área dinâmica que apresentou taxas de crescimento econômico e demográfico acima da média nacional, no interior do nordeste brasileiro, a partir de grandes investimentos governamentais.

A referida área dinâmica é a região de Petrolina e Juazeiro. Os municípios²³ desta região são Lagoa Grande, Orocó, Petrolina, Santa Maria da Boa Vista, Casa Nova, Curaçá, Juazeiro e Sobradinho, com destaque para Petrolina e Juazeiro que concentram as principais atividades comerciais e de serviços, e distam a 700 km de Recife e 500 km de Salvador, como já discutido anteriormente.

Juazeiro no estado da Bahia está localizado na margem direita do Rio São Francisco no extremo norte do estado da Bahia, emancipado em 1878, e o município de Petrolina (emancipado em 1895), separados pelo Rio São Francisco e ligados pela ponte Presidente Dutra, construída para contribuir na organização da região, já que era um dos poucos pontos sobre o rio São Francisco, que facilitaria as conexões do sul com o norte do país (Figura 4).

²³Estes municípios apresentaram grandes alterações na dinâmica demográfica, nas quatro últimas décadas, especialmente os municípios de Juazeiro-BA – Petrolina-PE, que foram pioneiros na implantação de perímetros irrigados, final da década de 60, e ainda hoje, possuem o maior número de perímetros em funcionamento e em implantação.

FIGURA 4: Petrolina-PE (parte superior à esquerda), Juazeiro-BA (parte inferior à direita) e a ponte Presidente Dutra



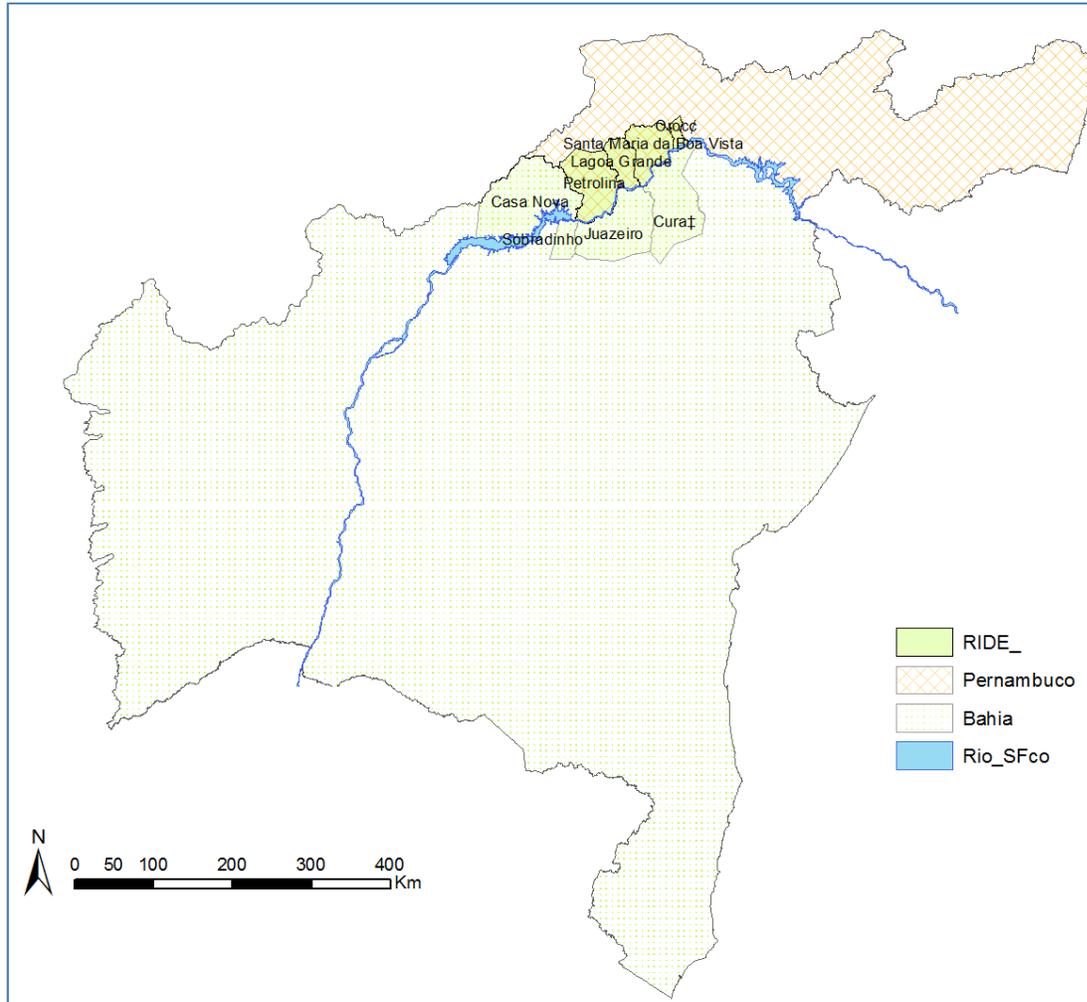
Fonte: Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com>>.

Os oito municípios (Mapa 2) formam a Região Administrativa Integrada de Desenvolvimento do Polo Petrolina-PE e Juazeiro-BA, criada pela Lei Complementar nº 113, de 19 de setembro de 2001, e regulamentada pelo Decreto nº 4.366, de 9 de setembro de 2002. A finalidade da RIDE, de acordo com o Ministério de Integração:

É articular e harmonizar as ações administrativas da União, dos estados e dos municípios para a promoção de projetos que visem à dinamização econômica e provisão de infraestruturas necessárias ao desenvolvimento em escala regional. Enquanto institucionalidade legalmente constituída, a RIDE tem prioridade no recebimento de recursos públicos destinados a investimentos que estejam de acordo com os interesses consensuados entre os entes. Esses recursos devem contemplar demandas por equipamentos e serviços públicos, fomentar arranjos produtivos locais, propiciar o ordenamento territorial e assim promover o seu desenvolvimento integrado.

De modo que a RIDE Petrolina/Juazeiro é arranjo de municípios que permite a interação multiescalar, em razão da presença de dois estados (Bahia e Pernambuco), e a diversidade de municípios envolvidos e a interação multidimensional, formada por relações produtivas, comerciais, saúde e educação. Esta formação proporciona firmar convênios com os estados de Pernambuco e Bahia, e os referidos municípios.

MAPA 2 – RIDE - Orocó-PE, Petrolina-PE, Santa Maria da Boa Vista-PE, Casa Nova-BA, Curaçá-BA, Juazeiro-BA e Sobradinho-BA Pernambuco, Bahia e Rio São Francisco



Fonte: IBGE (2000a). Elaborado a partir da malha digital municipal.

As grandes obras executadas na região, na década de 1950, como a Ponte Presidente Dutra sobre o Rio São Francisco entre Petrolina e Juazeiro na década de 1950, mais intensamente a partir da década de 1970 como: a Barragem de Sobradinho; ampliação da malha rodoviária; a expansão das atividades agrícolas na região (nas décadas de 1980 e 1990); a intensificação das atividades de serviços, especialmente nos principais municípios da RIDE (a partir de 1990), tiveram grande efeito nesses, mas também nos outros municípios do entorno próximo à Região Integrada. Diversos aspectos refletem a influência dessas obras no entorno da RIDE, sendo que alguns deles serão discutidos mais intensamente nos próximos tópicos, contudo, seja pelo o deslocamento das sedes com a construção do Lago, ou pelo encurtamento das distâncias, ou a disponibilidade de serviços especializados (saúde, educação e outros

serviços) em Petrolina e Juazeiro, ou a difusão das técnicas agrícolas, há indicativos que outros municípios passaram a fazer parte, mais efetivamente, da dinâmica econômica e demográfica da RIDE.

E por se tratar de uma área dinâmica (LIMA; LIMA, 2008) com possíveis desdobramentos para além da Região Integrada de Desenvolvimento, optou-se por incluir outros municípios, que apresentam relações significativas com os municípios da RIDE.

Com isso, a escolha da escala espacial de análise para os capítulos que seguem são os municípios da RIDE²⁴, por estarem relacionados, desde o início com as alterações no processo produtivo da agricultura irrigada, e também de outros municípios do entorno próximo da RIDE. Para uma referência mais fluída, da composição dos municípios da RIDE e dos municípios do entorno próximo à RIDE, esta escala espacial escolhida será chamada de RIDEEX²⁵ – Região Integrada de Desenvolvimento Expandida ou RIDE expandida (Mapa 3).

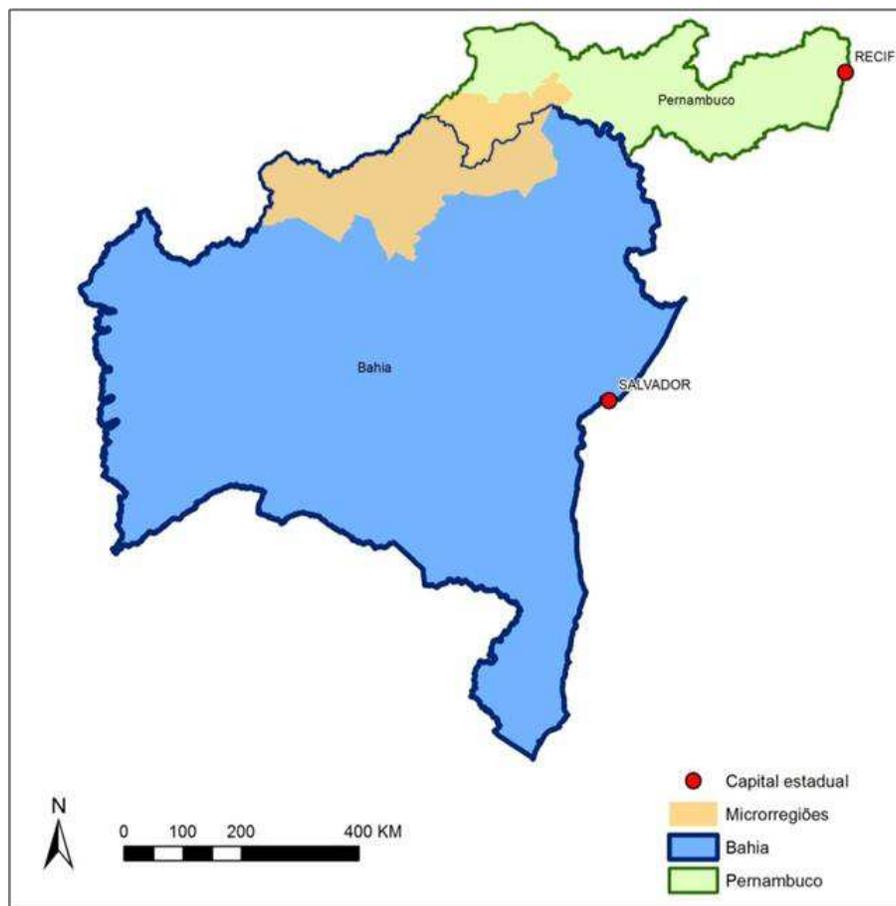
Com isso, dezesseis municípios foram analisados, sendo oito que já compõem a RIDE: Lagoa Grande-PE, Orocó-PE, Petrolina-PE, Santa Maria da Boa Vista-PE, Casa Nova-BA, Curaçá-BA, Juazeiro-BA e Sobradinho-BA e mais oito municípios do entorno próximo a RIDE: Afrânio-PE, Cabrobó-PE, Dormentes-PE, Terra Nova-PE, além de Campo Alegre do Lourdes-BA, Pilão Arcado-BA, Remanso-BA e Sento Sé-BA.

Para a escolha desses municípios do entorno da RIDE foram considerados a intensidade das relações econômicas (comerciais, tecnológicas, transporte, serviços) e fatores históricos, políticos e culturais. Um dos aspectos metodológicos utilizados para captar essas relações foi a definição de área de influência de Petrolina – PE e Juazeiro – BA, considerando estudo das Regiões de Influência das Cidades do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (IBGE, 2008).

²⁴ Já tradicionalmente analisados por outros autores, quando se trata da região de Petrolina-Juazeiro por (SILVA, 2001; SOBEL, 2006; RAMOS, 2001).

²⁵ Cabe destacar que o nome RIDEEX é um termo arbitrário para descrever os municípios que compõem a área dinâmica de Petrolina e Juazeiro e outros que fazem parte mais efetivamente dos processos econômicos e demográficos da área dinâmica de Petrolina Juazeiro.

MAPA 3 – RIDEEX, Pernambuco e Bahia



Fonte: IBGE (2000a). Elaborado a partir da malha digital municipal.

A partir desta área, foram analisadas as alterações na dinâmica populacional, nos 16 municípios, considerando a composição etária, de sexo e de situação de domicílio, retratando o crescimento diferenciado em alguns municípios. Esses 16 municípios encontram-se distantes das grandes cidades dos estados da Bahia e de Pernambuco, localizados no Sertão Nordestino, região marcada por diversas desigualdades e por grande volume de emigração, em geral por apresentar pequenas oportunidades para a melhoria da qualidade de vida de sua população, como apresentado por autores como Andrade (2005) e Galvêncio (2008).

Para melhor descrever as especificidades demográficas da região de estudo, serão comparadas as características dos municípios em relação a RIDE (8 municípios), à RIDE expandida - RIDEEX (16 municípios), Bahia, Pernambuco, Nordeste e Brasil.

Como visto no capítulo anterior, grande parte da população ocupada na área dinâmica de Petrolina e Juazeiro está no setor da agropecuária, o que indica a importância das atividades relacionadas às áreas rurais e pelas atividades conexas nas áreas urbanas.

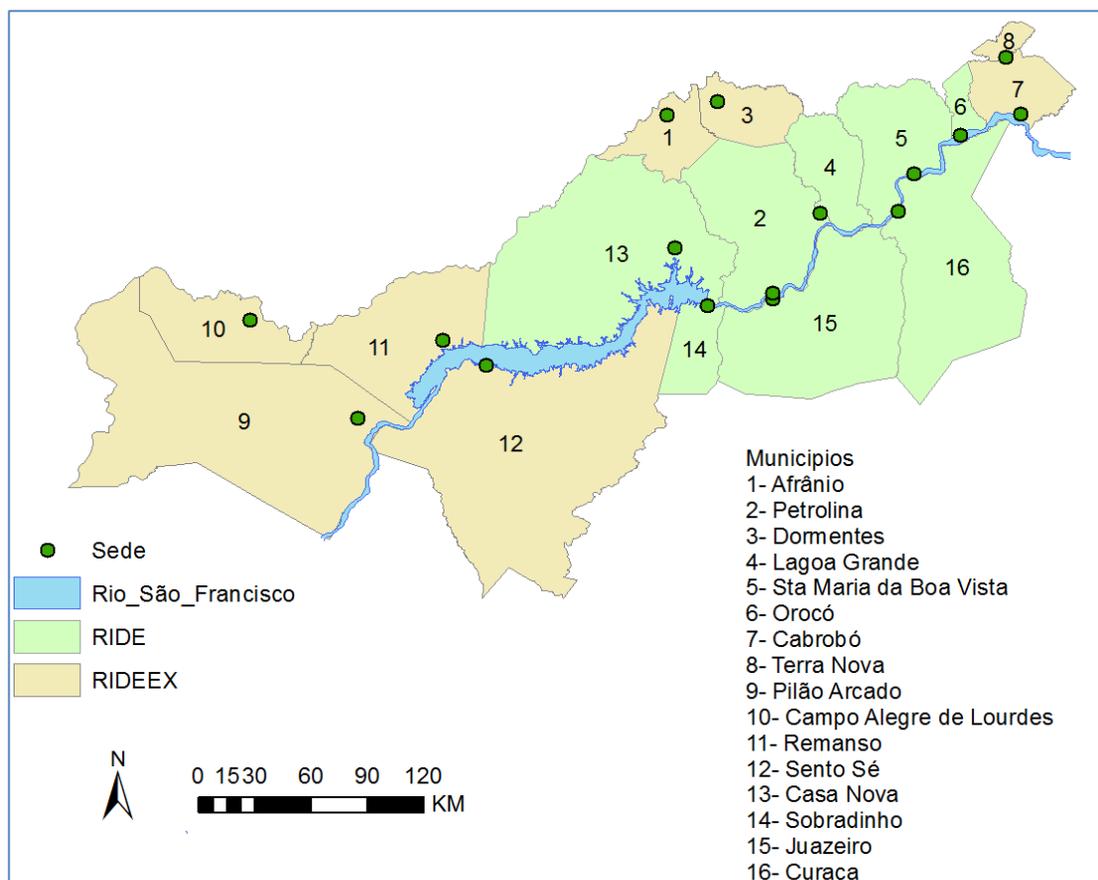
A maior parte das informações demográficas foi obtida a partir dos Censos Demográficos de 1970, 1980, 1991 e 2000. Quanto ao Censo 2010, durante a execução dessa pesquisa, algumas informações foram sendo disponibilizadas pelo IBGE. Entretanto, a viabilidade de incorporação dos dados foi comprometida em razão da fase de fechamento desse trabalho. Apesar disso, algumas variáveis disponibilizadas preliminarmente foram incluídas nas comparações.

Contudo, a concentração maior da discussão baseou-se nos censos de 1991 e 2000, especialmente quanto às considerações sobre migração, discutidas no próximo capítulo. Os censos de 1970, 1980 foram utilizados para compor o contexto da região de estudo, por meio da composição da população residente, nas áreas rurais e urbanas, a estrutura populacional quanto à idade e sexo, e as condições de domicílio. Para o Censo Demográfico de 2010, em razão da concomitância do período de fechamento da tese e a divulgação das informações pelo IBGE, foram privilegiadas apenas as informações preliminares da composição e estrutura populacional, para sinalizar uma indicação da estrutura e composição populacional para os tempos atuais.

3.1 A composição da RIDEEX e seus municípios

A região de estudo, a RIDEEX representa uma área constituída por 16 municípios localizados na confluência dos estados da Bahia e Pernambuco. Os municípios do estado de Pernambuco são: Afrânio, Cabrobó, Dormentes, Lagoa Grande, Orocó, Petrolina, Santa Maria da Boa Vista e Terra Nova. Os municípios baianos são: Campo Alegre do Lourdes, Casa Nova, Curaçá, Juazeiro, Pilão Arcado, Remanso, Sento Sé e Sobradinho. Além disso, alguns desses municípios fazem parte da RIDE, são eles: Lagoa Grande, Orocó, Petrolina e Santa Maria da Boa Vista, e ainda, Casa Nova, Curaçá, Juazeiro e Sobradinho (Mapa 4).

MAPA 4 – RIDE, RIDEEX, sede dos municípios e Rio São Francisco



Fonte: IBGE (2000a). Elaborado a partir da malha digital municipal.

Os municípios que compõem a RIDEEX correspondem à junção das microrregiões de Petrolina-PE e de Juazeiro-BA, considerando a classificação definida nos Censos de 1991 e 2000. Para o Censo de 1980, em razão dos desmembramentos ocorridos durante a década de 1990, a microrregião de Petrolina foi reconstituída a partir da combinação de outras duas microrregiões, a de Sertão Pernambucano do São Francisco e de Salgueiro, e a microrregião de Juazeiro foi reconstituída pelas microrregiões de Corredeiras do São Francisco e a microrregião do Baixo Médio São Francisco.

A RIDEEX está situada na Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco²⁶, no trecho da sub-região Baixo Médio São Francisco – Semiárido nordestino -, na porção central do polígono das secas, nos estados da Bahia – porção setentrional – e de Pernambuco – ao sudoeste.

²⁶ A Bacia é dividida em quatro trechos: o Alto São Francisco, que vai de suas cabeceiras até Pirapora, em Minas Gerais; o Médio, de Pirapora, onde começa o trecho navegável, até Remanso, na Bahia; o Submédio, de Remanso até Paulo Afonso, também na Bahia; e o Baixo, de Paulo Afonso até a foz.

Há uma forte interação entre os dois principais municípios da RIDEEX, Petrolina em Pernambuco e Juazeiro no estado da Bahia. Esta interação, não só histórica, comercial e produtiva, interfere na relação cotidiana da população dos dois municípios e dos demais, em razão da rede de serviços que estes municípios oferecem complementarmente ou conjuntamente para todos de seu entorno e entre eles. Isso fica muito mais latente, quando se avalia a rede médico-hospitalar (com cobertura de assistência para ambos os municípios), sistema de transportes (apesar das linhas serem interestaduais, os serviços são tarifados como sendo intra-municipais), sistema de comunicação (as tarifas telefônicas entre os dois municípios são chamadas locais, mesmo de aparelhos móveis), entre vários outros exemplos.

Por essa razão os limites territoriais adotados na análise, em alguns momentos foram definidos, excluído a divisão administrativa dos dois estados da federação – Pernambuco e Bahia, já que, Petrolina e Juazeiro são separadas pelo Rio São Francisco. Contudo a formação e a trajetória dos dois municípios confundem-se ao longo da história.

Assim, o entendimento de região para esse trabalho, traz como premissa um “espaço” em construção, e que por meio de informações estáticas (principalmente os Censos Demográficos), seja possível captar alguns indícios de respostas das ações e estratégias que esta área.

Perroux²⁷ (1967) *apud* Lemos (1991) aponta que uma região é definida a partir de dois pressupostos: deve-se ter uma nucleação interna bem definida; e também exercer uma área de influência constituída por um campo de forças que integre os interesses comuns de compra e venda ou interações sociais, e que ainda tenha um volume significativo de fluxos socioeconômicos internos, ou intra-regionais.

Nessa linha, o conceito de região refere-se a um conjunto de forças de integração produtiva e comercial, coordenada por um núcleo de polarização e delimitada por uma área de influência. De modo que, o pressuposto para a região de estudo é a existência de um polo e um campo de forças definido histórico e economicamente por um conjunto de ações e estratégias comerciais, governamentais e privadas que atuou na sua configuração.

Recebe água de 168 afluentes, dos quais 99 são perenes, 90 estão na sua margem direita e 78 na esquerda

²⁷ Perroux foi um importante autor sobre a noção de polarização regional, a partir da caracterização das relações entre regiões dominantes e regiões dominadas no espaço, além de ter desenvolvido o conceito de espaço abstrato articulando-o com a questão gravitacional, amplamente desenvolvida em seu trabalho.

É considerado aqui, que a região não está dada e nem é definida pela sua área, mas pelos processos sociais que ali se delineiam e a transformam, interferindo historicamente nas condições de vida das populações e nas relações sociais de produção.

A escolha da escala espacial foi constituída a partir da avaliação da trajetória da formação dos dois principais municípios, Petrolina e Juazeiro, além de considerar as principais relações entre os municípios que exerceram e sofreram influências importantes durante o período da implantação e consolidação da fruticultura irrigada.

Brandão (2008) discute a escala espacial num sentido mais amplo e complexo, em que sua importância é definida para além de um elemento ou uma categoria de análise, avaliando grandes autores como Egler, Vainer, Milton Santos e Castro. Uma parte desse conceito discutido pelo autor é usado neste trabalho, especialmente, quando apresenta que “cada problema tem a sua escala espacial determinada. É preciso enfrentá-lo a partir da articulação de poder pertinentes àquela problemática específica” (BRANDÃO, 2008, p.17). De modo que o fenômeno analisado tem uma determinada extensão de ocorrência de observação e de análise mais apropriada para identificá-lo e dimensioná-lo.

3.2 Formação e ocupação da RIDEEX

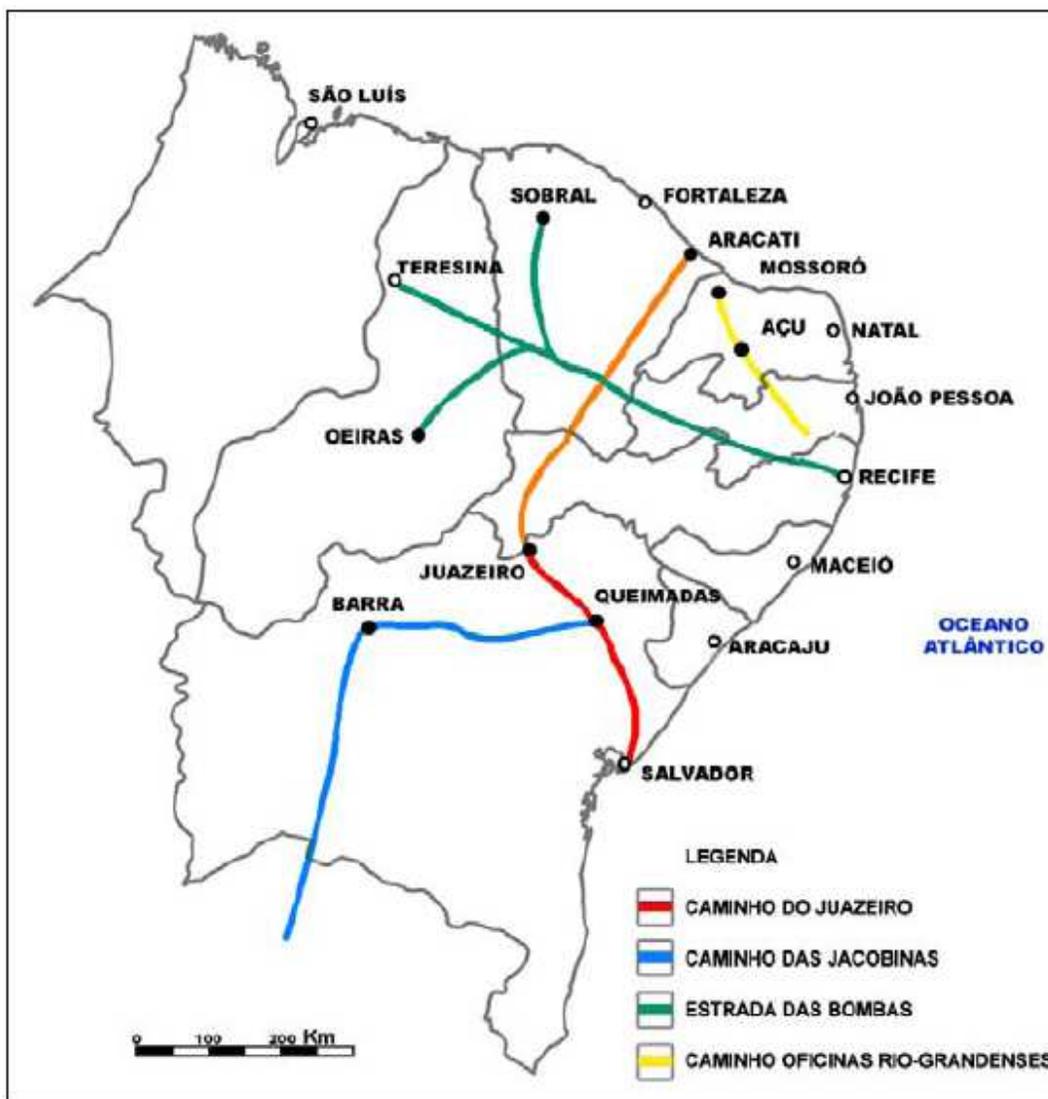
Lopes (2011) com base em um vasto levantamento bibliográfico apresenta que Juazeiro e (que pelas as origens também) Petrolina seguem dinâmica demográfica e econômica convergente. E essa convergência é resultado de processos históricos ocorridos ainda no período colonial, que “motivou a criação de vilas (...) e na abertura de novos caminhos as interligando” (LOPES, 2011, p.77).

O autor aponta para dois fatores que classifica como “determinantes básicos do processo de povoamento” (LOPES, 2011, p.78) nesta região: a proximidade do Rio São Francisco e seus afluentes; e os caminhos das boiadas nos pontos de passagens sobre os rios. (Figura 5). Considerando que:

Da Bahia, mais especificamente, da Capital da Colônia, partiram os primeiros rebanhos de gado que em meados do século XVII atingiram o São Francisco. A rota das boiadas bifurca-se em duas direções: uma delas acompanha o curso do rio, tornando-se mais acentuada a partir do povoamento das minas de Jacobina, cuja população absorvia a carne produzida nas fazendas situadas no alto do rio. A outra direção tomada pelas fazendas de gado, depois de alcançado o São Francisco é o Norte. Transpondo o rio, no final do século XVII, é ocupado o interior do atual estado do Piauí. Ultrapassando o rio Parnaíba, confluíram no Maranhão em outras fazendas, que do litoral se espalharam pelo rio Itapicuru acima. Dirigindo-se para leste, o movimento alcançou o Ceará e se

confundiu com o que vinha de Pernambuco em direção contrária, margeando o contorno litorâneo (PRADO JÚNIOR, 1942 *apud* LOPES, 2011, p.30).

FIGURA 5 - Rotas das boiadas – Bahia – século XVII



Fonte: Cunha (1950; 1978); Neves e Miguel (2007) e Prado Júnior (1942) *apud* Lopes (2011).

Lopes (2011) destaca que o comércio foi a primeira e mais importante atividade econômica em Juazeiro, e foi responsável por impulsionar fortemente o dinamismo econômico nos tempos atuais, como fica claro no trecho:

O comércio foi, sem sombra de dúvida, a primeira vocação econômica de Juazeiro. As atividades mercantis crescem com o passar dos anos e funcionam como elemento de fixação de um crescente contingente populacional. A

vocação comercial funciona, assim, desde os primórdios da sua história, como o fator mais importante para o crescimento e desenvolvimento de Juazeiro (LOPES, 2011, p.79).

As primeiras iniciativas na busca do fortalecimento e da diversificação dos setores produtivos (baseados até aquele momento, na pecuária e precariamente na agricultura) e a melhoria na condição de vida dos residentes aconteceram partir de 1930.

Nesse período, Juazeiro mostra um discreto, mas importante movimento no setor industrial, vinculado à principal atividade econômica da região – a pecuária, com o uso dos subprodutos (couros e peles) como matéria-prima para produção de sapatos. Nos anos posteriores, seguindo a dinâmica do setor industrial no país, surgem outros segmentos no setor, voltados para o mercado externo, de produtos “tipicamente locais, como a borracha obtida do látex da maniçoba e da mangabeira, plantas tipicamente regionais” (LOPES, 2011, p.141).

Os meios de transporte que davam sustentação para as relações comerciais e industriais de Juazeiro eram o fluvial e o ferroviário (Conforme Figura 6)

FIGURA 6 - O Porto (à esquerda) e a Estação Ferroviária (à direita) - Juazeiro – BA - em meados da década de 1950.



Fonte: Lopes (2011).



Fonte: Magalhães (2010).

O porto da Juazeiro, chamado de porto da Viação Baiana, apresenta uma estrutura modesta, com dois acessos para as ruas da cidade. Nele atracavam “os vapores (...), barcas, vapores da empresa mineira, embarcações de travessia, canoas, balsas e ajoujos” (GARCEZ; SENA, 1992 *apud* LOPES, 2011, p.128-129).

Por mais modesto que pudesse ser o porto implicava no fortalecimento do papel de Juazeiro na economia da Região Nordeste. De acordo com Magalhães (2010, p.54) “Juazeiro monopolizava a atividade fluvial e, conseqüentemente, o poder de escoamento dos produtos sertanejos”, uma vez que, o porto estava localizado numa região onde “o Rio São Francisco,

que atravessa a Bahia de Sul a Norte, era navegável num grande trecho a montante da localidade de Juazeiro até a fronteira com Minas Gerais” (ZORZO, 2000, p.100).

A linha ferroviária chamada de Estrada de Ferro da Bahia ao São Francisco chegou a Juazeiro em 1895, (a obra foi iniciada em 1856) apresentava uma distância de 578 km e ligava Salvador até o porto fluvial de Juazeiro (Figura 7).

Até meados da década de 1950, a relação entre os municípios de Petrolina e Juazeiro era de poder e dependência, primeiro “pelo fato de Juazeiro exercer domínio sobre o comércio fluvial da região e, segundo, pela distância geográfica e política entre Petrolina e a capital do estado ao qual fazia parte, ainda que apenas nominalmente, Recife” (MAGALHÃES, 2010, p.55). Com a construção da Ponte Rodoferroviária Presidente Dutra, inaugurada em 1953, as relações entre os dois municípios tornam-se mais convergentes. Essa obra foi um marco para toda a Região Nordeste, como é destacado por Vital et al, 2006:

No ano de 1953 inaugura-se a ponte Eurico Gaspar Dutra, ligando por vias rodo-ferroviária as cidades de Petrolina-PE e Juazeiro-BA, encurtando distâncias do Nordeste ao Centro-Sul e ficando menos oneroso o transporte rodoviário entre essas regiões do Brasil. Este fato foi determinante para a alavancagem do desenvolvimento de Petrolina, em vista do intenso tráfego que se verificou a partir da construção da referida ponte e que trouxe no mínimo, visibilidade dessa microrregião no cenário nacional (VITAL; SILVA NETO, 2006, p.25).

FIGURA 7 - Rede ferroviária - Bahia - 1925



Fonte: Silva; Leão e Silva (1989) *apud* Lopes (2011, p.137).

Nesse período, Petrolina e Juazeiro já apresentavam uma dinâmica populacional intensa, com taxas de crescimento acima das taxas pernambucanas e baianas (Tabela 10), em parte explicada pelo ponto de travessia de boiadas (vindas de Pernambuco e Piauí para serem levadas para Salvador), chamado de Passagem do Juazeiro, um pequeno aglomerado num ponto estratégico formado por pessoas com poucos recursos financeiros e estruturais que prestavam vários tipos de serviços aos viajantes, principalmente boiadeiros, que posteriormente deu origem aos municípios de Juazeiro e Petrolina (LOPES, 2011).

TABELA 10 - Taxa de crescimento populacional médio anual - Petrolina-PE e Juazeiro-BA - 1940 a 1970

Localidades	Períodos		
	1940/1950	1950/1960	1960/1970
Petrolina	3,3	2,7	5,6
Juazeiro	3,1	1,7	4,2
PE	2,6	2,2	2,5
BA	2,3	2,5	2,5

Fonte: IBGE (2010).

Nesse contexto, as relações entre os dois municípios se consolidam e, como já apresentado anteriormente, se intensificam em razão dos grandes investimentos, como a construção da Barragem de Sobradinho, rodovias federais (BR-235 e BR-407 – Figura 8), a implantação de grandes perímetros irrigados, grandes investimentos governamentais, linhas de crédito, de investimento e financiamento do sistema produtivo, fazendo com que, a partir da década de 1980, os municípios da RIDEEX apresentem grandes avanços demográficos e econômicos cuja principal atividade econômica é a fruticultura, baseada na:

Irrigação artificial, produção de alimentos e matérias-primas com alta competitividade no mercado mundial, no segmento de processamento primário; e de indústrias alimentares, de fertilizantes, de equipamentos e de implementos para suporte ao setor produtivo de base (BRASIL, 2010, p.29).

Tudo isso define o Polo Irrigado de Juazeiro e Petrolina (SILVA, 2001).

A partir das principais rodovias que atravessam os dois principais municípios são consolidadas relações, especialmente comerciais entre vários estados. Uma dessas rodovias PE a BR – 407, que começa em Vitória da Conquista-BA passa pelos municípios de Petrolina e Juazeiro, Picos e Piri-piri que apresenta ligação com Fortaleza no estado do Ceará, e consequentemente ao Porto de Pecém. Esta é uma rota interessante de escoamento de produção, entretanto, pela distância e a natureza de grande parte da produção da RIDEEX, acaba sendo muito cara. Uma vez que grande parte da produção é formada por produtos rapidamente perecíveis. Já pela BR – 232 e pela BR 122, a região de Petrolina faz conexão com Recife, Caruaru, Serra Talhada, Salgueiro, Ouricuri e Araripina.

FIGURA 8 - Entrocamento das Rodovias Federais BR-235 e BR-407 - Petrolina – PE e Juazeiro – BA – 2011



Fonte: A autora.

Nessa perspectiva, muitos trabalhos analisam detalhadamente a trajetória da fruticultura no polo Petrolina Juazeiro, avaliando as relações governamentais e privadas, a incorporação de tecnologia, a inclusão dos pequenos produtores no plantio, cultivo e comercialização, destacando a competitividade e a sustentabilidade do setor agrícola, e ainda algumas interações com os demais setores produtivos.

Ainda nesse sentido, Coelho (2008) compara algumas explicações para as transformações verificadas no eixo Petrolina/Juazeiro na consolidação da fruticultura irrigada. No que refere ao agente principal dessa mudança, alguns estudos creditam o sucesso do polo ao Estado ou à iniciativa privada. A atuação do Estado é vista como positiva para a maioria dos autores, quando dispôs grandes recursos federais em infraestrutura, especialmente quanto à irrigação, rede elétrica e estradas, mas outros consideram que com isso, atuou de forma muito paternalista (OLIVEIRA FILHO; XAVIER; COSTA, 2008; ORTEGA; SOBEL, 2010). Por outro lado, também são encontradas análises enfatizando que a participação intensiva da iniciativa privada é que permitiu a viabilidade do projeto (DAMIANI, 2003).

De modo geral, os vários estudos concluem que o projeto público baseado na fruticultura com irrigação artificial no Vale do São Francisco, implantado em Petrolina - Juazeiro causou a atração de capital privado, estimulou o intenso crescimento populacional nos principais municípios, aumentou a produção de riquezas, porém não igualmente. Mais

detalhes podem ser encontrados em Lima e Miranda (2001); Silva (2001); Lacerda (2004); Nóbrega (2004); Gasques et al. (2004); Sobel (2006) e Bustamante (2009).

Em geral, nesses trabalhos, a dinâmica econômica da fruticultura é comumente apresentada como ponto central, abarcando aspectos relacionados à produtividade e produção, incorporação de tecnologia e pesquisa e às relações comerciais. E nesse sentido, esta abordagem econômica-tecnológica contribuiu para compor o contexto que define a fruticultura irrigada em Petrolina Juazeiro. Contudo, a proposta perseguida neste trabalho é avançar no estudo de como e quanto, às alterações no processo produtivo determinaram ou interferiram nos fenômenos populacionais da RIDEEX, quanto a sua composição, volume e movimentação. Os aspectos estáticos (composição e volume) são analisados neste capítulo. Já os aspectos dinâmicos da população da RIDEEX, de fluxos e estoque são analisados no próximo capítulo.

3.2.1 Características edafoclimáticas da RIDEEX

A região de estudo é constituída por condições importantes ligadas à agricultura irrigada, em razão dos aspectos edafoclimáticos particulares, a alta taxa de insolação, aliada à baixa umidade relativa do ar. Esses fatores propiciam uma redução da incidência de distúrbios fitossanitários, o que permite a obtenção de até 2,5 safras/ano na fruticultura irrigada desenvolvida na área (ARAÚJO et al., 2009). Esses fatores têm contribuído para a manutenção dos resultados na produtividade (capítulo 2), no emprego e na atração populacional (Capítulo 4) nos principais municípios da região.

A dependência das potencialidades agrícolas para região (alta insolação, baixa umidade, disponibilidade hídrica, baixa pluviosidade, solo irrigável) para o cultivo de frutas, é um aspecto que deve ser levando em conta, quanto a possibilidade de alterações na disponibilidade dos recursos naturais. Essas alterações, ou por conta do mau uso dos recursos durante o processo da cadeia produtiva da fruticultura ou em razão das mudanças indiretamente ligada ao processo da fruticultura (mudanças climáticas), podem gerar consequências socioeconômicas muito significativas. Uma delas, segundo Barbieri e Confalonieri (2009) é a emigração pela busca de melhores condições de vida, exigindo ações mitigadoras na origem, e de organização e planejamento no destino, num primeiro momento, quanto aos serviços públicos como educação, saúde e saneamento básico, já que estes serviços poderiam crescer bruscamente nas regiões receptoras desse contingente.

A abundância hídrica na RIDEEX é um fator importante na agricultura irrigada. O Rio Salitre é uma das fontes hídricas da região, entretanto, há pelo menos quatro décadas tornou-

se temporário, em razão de diversos fatores ambientais que a região está sujeita, o que torna o Rio São Francisco, a principal fonte hídrica da região (SANTOS; FARFÁN, 2008).

Apesar da disponibilidade da água atualmente, algumas previsões sobre a região do semiárido nordestino indicam que tenderá a tornar-se mais árida, com o aumento da frequência e a intensidade das secas e se reduzirá a disponibilidade de recursos hídricos. Isso implicaria em grandes alterações sobre a vegetação, a biodiversidade e atividades que dependem dos recursos naturais.

No caso da região de Petrolina e Juazeiro, as necessidades hídricas das culturas frutícolas variam em função do estágio de crescimento das plantas, do tipo de solo e condições climáticas da região. Contudo, em razão da baixa ou má distribuição das chuvas, a necessidade hídrica é suprida predominantemente pela irrigação.

A irrigação na Região de Petrolina e Juazeiro suscitam diversos debates e embates quanto ao uso das águas do Rio São Francisco, além de outro processo que começa a ser tratado na região – a desertificação.

Essas questões envolvem processos causados pelo homem, mas também processos naturais, que conjuntamente influenciam no processo de desenvolvimento de toda a região. As temáticas sobre a transposição, canais de irrigação, usos e técnicas de armazenamento da água, desertificação são de extrema importância para a sustentabilidade das atividades agrícolas, nos próximos anos, contudo não serão abordadas neste trabalho

3.2.2 A RIDEEX e a Barragem de Sobradinho

Dos oito municípios baianos da área de estudo, seis tem data de criação no século XIX (Tabela 11), e quatro tiveram suas sedes municipais deslocadas, no final da década de 1970, em razão da criação do Lago de Sobradinho cujo objetivo era a geração de energia através da hidrelétrica, além de regular o regime das águas do Rio São Francisco, com o intuito de garantir o funcionamento da Usina de Paulo Afonso no Estado da Bahia, a jusante de Sobradinho. As sedes municipais deslocadas foram Pilão Arcado-BA, Remanso-BA e Casa Nova-BA, localizadas na margem esquerda, e na margem direita do Rio São Francisco de Sento Sé – BA (ESTRELA, 2009).

TABELA 11 – Código municipal, integrante da RIDE ou RIDEEX, área (km²), ano de criação, município de origem - Campo Alegre do Lourdes – BA Casa Nova – BA Curaçá – BA Juazeiro – BA Pilão Arcado – BA Remanso – BA Sento Sé _ BA Sobradinho – BA Afrânio-PE Cabrobó – PE Dormentes – PE Lagoa Grande – PE Orocó – PE Petrolina – PE Santa Maria da Boa Vista – PE Terra Nova – PE

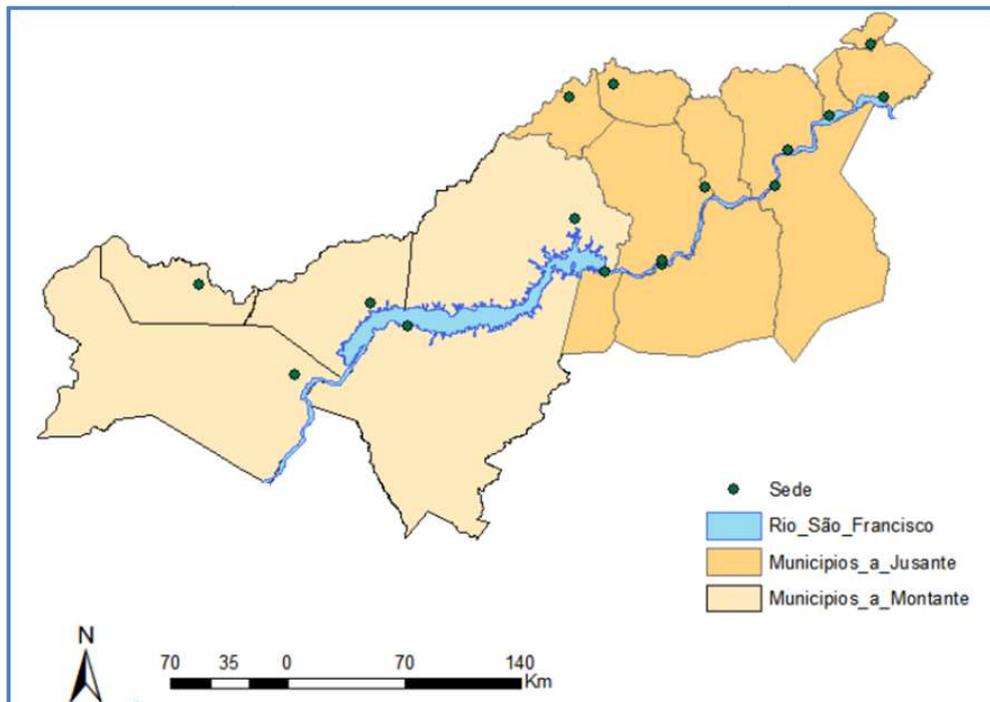
Município	Código	RIDE	Área (km²)	Criação	Origem
Campo Alegre do Lourdes – BA	2905909	Não	2.781	1962	Remanso
Casa Nova – BA	2907202	Sim	9.647	1879	Remanso
Curaçá – BA	2909901	Sim	6.079	1832	Juazeiro
Juazeiro – BA	2918407	Sim	6.501	1833	Sento Sé
Pilão Arcado – BA	2924405	Não	11.732	1810	Freguesia de S. Antônio do Pião Arcado
Remanso – BA	2926004	Não	4.684	1857	Juazeiro
Sento Sé _ BA	2930204	Não	12.699	1832	Juazeiro
Sobradinho – BA	2930774	Sim	1.239	1989	Juazeiro
Afrânio-PE	2600203	Não	1.491	1963	Petrolina
Cabrobó – PE	2603009	Não	1.658	1928	Belém do São Francisco
Dormentes – PE	2605152	Não	1.538	1991	Petrolina
Lagoa Grande – PE	2608750	Sim	1.852	1995	Santa Maria da Boa Vista
Orocó – PE	2609808	Sim	555	1963	Cabrobó
Petrolina – PE	2611101	Sim	4.558	1895	Passagem do Joazeiro
Santa Maria da Boa Vista – PE	2612604	Sim	3.001	1953	Coripós
Terra Nova – PE	2615201	Não	321	1958	Parnamirim

Fonte: IBGE (1959).

Algumas das principais mudanças ocorridas nestes municípios remetem-se aos aspectos demográficos e ao uso e ocupação do solo.

Uma delas é a subdivisão espacial imposta com criação da barragem: a montante da Barragem estão os municípios de Pilão Arcado-BA, Sento Sé-BA, Remanso-BA, Casa Nova-BA e Campo Alegre de Lourdes-BA; a jusante estão os demais municípios, juntamente com Petrolina e Juazeiro (Mapa 5).

MAPA 5 – Municípios a jusante²⁸ e a montante à Barragem de Sobradinho



Fonte: IBGE (2000a). Elaborado a partir da malha digital municipal.

Esse (re)ordenamento refletiu-se na própria constituição da RIDE e consequentemente, nas relações comerciais e sociais entre os municípios da RIDEEX. A exceção nesse caso é o município de Casa Nova - BA (juntamente com Juazeiro é são os principais municípios da Microrregião de Juazeiro e o terceiro em população da RIDEEX, cuja sede do município é muito próxima de Petrolina – PE (margem esquerda do Rio São Francisco), com quem divide o maior Perímetro Irrigado em área (ha) e em quantitativo de empregos gerados direto e indiretamente, conforme apresentado anteriormente (Tabela.9).

As implicações no mercado de trabalho com a construção da Barragem também foram significativas, não somente pelos barrageiros, mas também por trabalhadores de diversos outros setores de atividade. Alguns se dirigiam para o setor da construção civil; outra parte, constituída por funcionários públicos que iriam ocupar os cargos nos novos órgãos que passavam a ter escritórios locais; e ainda, uma multidão de pescadores, atraídos pela propaganda da pesca farta e lucrativa no gigantesco lago, após seu completo enchimento.

²⁸ Jusante – mais próximo à foz e a montante mais próxima a nascente.

As áreas rurais e urbanas nos municípios deslocados sofreram alterações substantivas quanto ao comércio. É o que aponta Mendes e Germani (2010), quando descrevem as características que os municípios possuíam antes do seu deslocamento:

(...) havia uma enorme integração entre a vida rural e a cidade, com constante troca de produtos, relações, e laços afetivos mais estreitos, de modo que os dois universos dialogavam com mais proximidade. Animais circulavam nas vias da velha cidade, e era corriqueiro o uso de pequenos plantios em terrenos da área urbana. A feira, o comércio, a pesca e demais atividades econômicas funcionavam como elo entre o pequeno produtor rural e o mercado consumidor na cidade, em pequenos volumes, mas em constância sazonal (MENDES; GERMANI, 2010, p.35).

Ao final da obra da barragem, o lago proporcionou um período com grande produção de peixe, atraindo pescadores de vários estados da Região Nordeste (ESTRELA, 2009). Com o tempo, houve uma queda na produção de peixes e conseqüentemente uma crise no setor produtivo da pesca na região. Segundo Moretto (2005) a queda na produção foi agravada pela interferência no processo da reprodução dos peixes (falta de escada para os peixes na barragem – período de piracema) e a intensificação da atividade pesqueira sem regulação (grande número de pescadores). A queda na produção de peixes no lago levou alguns setores produtivos apresentarem grandes dificuldades nesse período, especialmente nos municípios de Pilão Arcado-BA e Remanso-BA.

Além dos aspectos comerciais e de trabalho, a mudança das sedes destes municípios para dar lugar ao Lago de Sobradinho, forçou a reorganização das principais atividades econômicas. Um exemplo é o município de Remanso, em que, na cidade velha a organização do espaço urbano acontecia a partir do centro comercial ligado ao porto, na margem no Rio São Francisco. Desse local entravam e saíam muitas mercadorias, constituindo-se como um entreposto comercial de grande importância, ligando os Estados do Piauí e Maranhão ao circuito fluvial de comércio do São Francisco (MENDES; GERMANI, 2010). No novo município a distância do centro comercial urbano e o cais do porto estão entre 3 e 8 quilômetros a depender da cheia do rio, com isso, a atividade pesqueira, antes um seguimento econômico importante para os moradores passou, a ser secundário.

O deslocamento dos municípios constituía um projeto maior com a construção de rodovias e pontes, prédios públicos, cursos de capacitação aos pequenos produtores, eletrificação rural, entre várias outras obras estruturais de primeira ordem. Interligando os novos municípios a municípios maiores, como Petrolina e Juazeiro, e alterando as relações comerciais

internas e entre os municípios. Contudo, diversas etapas previstas não foram concretizadas, impedindo uma organização planejada nestes “novos espaços” (MENDES; GERMANI, 2010).

Até aqui foram apontadas apenas algumas implicações trazidas pela construção da Barragem de Sobradinho, porém, maiores detalhes sobre o processo de implantação, os impactos e os desdobramentos dessa obra, podem se visto em Sigaud, (1986; 1989); Duque (1984); Souza e Ramos (2010) e Mendes e Germani (2010).

3.3 Agrupamentos dos municípios da RIDEEX: uma alternativa metodológica

O estudo de Regiões de Influência das Cidades – REGIC foi uma das ferramentas para auxiliar na caracterização das especificidades dos municípios na região de estudo. Esta ferramenta refere-se a uma série de estudos desenvolvidos pelo IBGE, nos anos de 1966, 1978, 1993 e 2007 (este último publicado em 2008) para identificar os Centros Urbanos e as Regiões de Influência - RI, considerando as ligações verticais ou “hierárquicas” que se remetem às decisões de controle e comando as quais interferem nas questões comerciais, políticas e de investimento para além de seus limites “administrativos” e ainda as ligações horizontais ou “não hierárquicas” que são as relações de complementaridade definidas pelas atividades produtivas e oferta de serviços diferenciados (IPARDES, 2009).

Segundo IBGE (2008), a abrangência das “regiões de influência” dos centros urbanos é em grande parte, influenciada por elementos econômicos, políticos e territoriais que exigem grandes modificações na hierarquia entre os centros, como na produção e distribuição da prestação de serviços, na gestão política e econômica e nas relações dentro deles como na divisão técnica e territorial do trabalho, e os nós de todas essas relações são as cidades.

O conceito de rede urbana seguido no estudo considera “duas dinâmicas distintas – a de um sistema de localidades centrais que comanda sua hinterlândia e a de um sistema de cidades articuladas em redes” (IBGE, 2008). De modo que, foram investigados os municípios onde as decisões são tomadas e o comando é exercido sobre uma região que transcende seus limites de governo, e também aqueles municípios em que as decisões são restritas àquele espaço. Nesse sentido, a gestão de território é considerada como um ponto principal para a estrutura da rede de cidades. Como afirma Corrêa (1995, p.83) “que o centro de gestão de território é aquela cidade onde se localizam, de um lado, os diversos órgãos do Estado e, de outro, as sedes de empresas cujas decisões afetam direta ou indiretamente um dado espaço que passa a ficar sob o controle da cidade através das empresas nela sediadas”.

E de acordo com Veltz (1996) *apud* IBGE (2008), determinada a estrutura da rede, a análise dos padrões do relacionamento avalia em que medida, e onde, as relações entre os

centros mantêm o padrão hierárquico característico e onde as tendências indicam o fortalecimento das ligações horizontais entre os centros de mesmo nível.

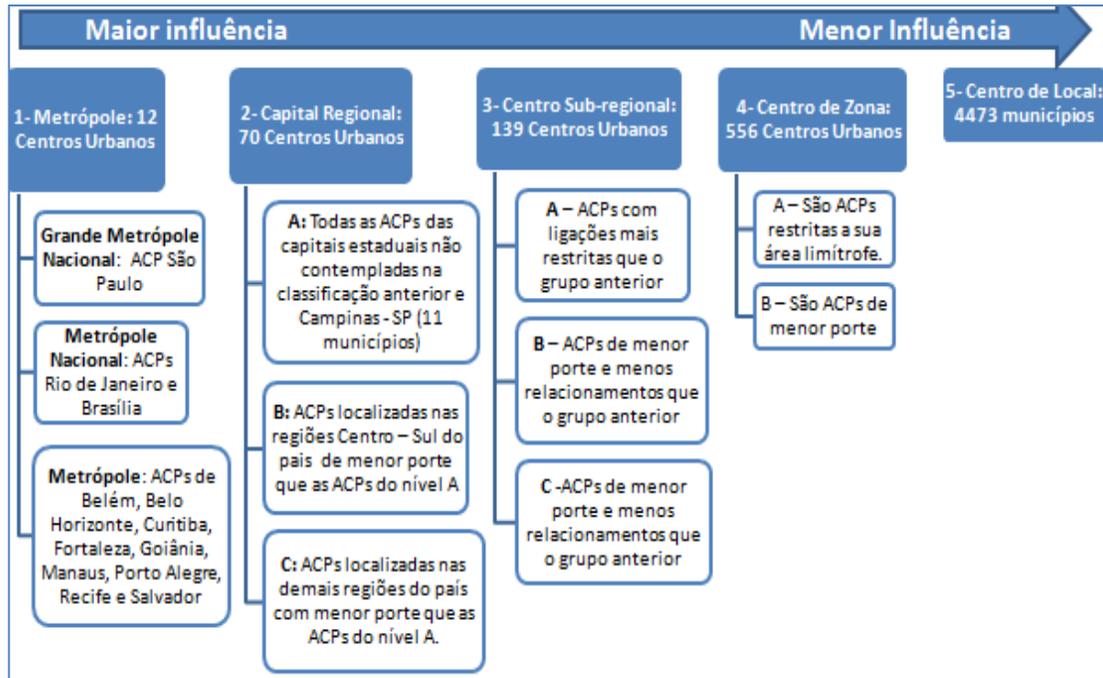
Para a composição dos centros urbanos foi considerada como unidade de observação, um município ou um conjunto de “Área de Concentração de População – ACP ou de suas subáreas”, em que se constituem de “grandes manchas urbanas de ocupação contínua, caracterizadas pelo tamanho e densidade da população, pelo grau de urbanização e pela coesão interna da área, dada pelos deslocamentos da população para trabalho ou estudo” (IBGE, 2008, p.11).

A classificação da rede urbana com seus centros urbanos foi determinada, a partir da intensidade das ligações entre os municípios, considerando características de gestão territorial (federal, privada, serviços e comércio). Na pesquisa de 2007 são determinadas cinco grandes categorias para os municípios brasileiros ou as ACPs, de acordo com a dimensão territorial e a intensidade e abrangência das relações entre eles: Metrôpoles (3 níveis), Capitais Regionais (três níveis), Centros Sub-regionais (2 níveis) Centros de Zona (2 níveis) e Centros Locais (Figura 9).

As metrôpoles são centros urbanos de grande porte e com intensa relação entre si e apresentam grande área de influência direta com outros centros.

As Capitais Regionais apresentam “capacidade de gestão no nível imediatamente inferior ao das metrôpoles, têm área de influência de âmbito regional, sendo referidas como destino, para um conjunto de atividades, por grande número de municípios”. O primeiro nível refere-se às capitais estaduais e a ACP - Campinas que não foram definidas na categoria de Metrôpole, formado por 11 municípios, sendo que em metade deles há no máximo 955 mil habitantes e 487 relacionamentos, ou seja, o município foi citado 587 vezes como destino no questionário aplicado. Os níveis B e C foram definidos para os municípios de menor porte (comparado ao nível anterior) e pela localização. No nível B estão os Centros Urbanos das regiões Centro-Sul, formado por 20 cidades, em que 50% delas têm no máximo 435 mil habitantes e 406 relacionamentos. O nível escalar C, que é o caso de Petrolina – Juazeiro é constituído por 39 cidades com mediana de 250 mil habitantes e 162 relacionamentos.

FIGURA 9 - Hierarquização dos centros urbanos no estudo das regiões de influência das cidades - 2007



Fonte: IBGE (2008). Elaborado pela autora.

As demais categorias e níveis são diferenciados “em termos de tamanho, organização e complexidade e apresentam interpenetrações devidas à ocorrência de vinculação a mais de um centro, resultando em dupla ou tripla inserção na rede” (IBGE, 2008). As atividades entre esses níveis são menos complexas, com uma área de influência e número de relacionamentos menores. Os Centros de Zona, na escala das Regiões de Influência remetem-se aos municípios “de menor porte e com área de atuação restrita à sua área imediata, exercendo funções de gestão elementares (IBGE, 2008). A última categoria são os Centros Locais, formados por 4.473 municípios, “cuja centralidade e atuação não extrapolam os limites do município, servindo apenas aos seus próprios habitantes, e que têm população predominantemente inferior a 10 mil habitantes” (IBGE, 2008, p.13).

A base de dados disponibilizada permite a aplicação para diferentes propósitos e enfoques, em várias escalas de análise. Mesmo para estudos com nível escalar menor pode-se estabelecer recortes e articulações específicos (IBGE, 2008, p.10), como é o caso da RIDEEX.

Dos municípios da RIDEEX, Petrolina e Juazeiro são considerados núcleos urbanos de uma ACP, chamada de Petrolina-Juazeiro, e caracterizada como Capital Regional C.

O uso dessa estratégia (regiões de influência) foi um recurso utilizado para analisar a estrutura das relações entre os municípios, como uma alternativa adicional do quantitativo populacional como o principal indicador para a determinação das funções dos municípios quanto a sua centralidade, dependência ou subordinação. E a partir daí, constituir grupos mais homogêneos de municípios para auxiliar na comparação das características demográficas e sociais apresentadas no trabalho.

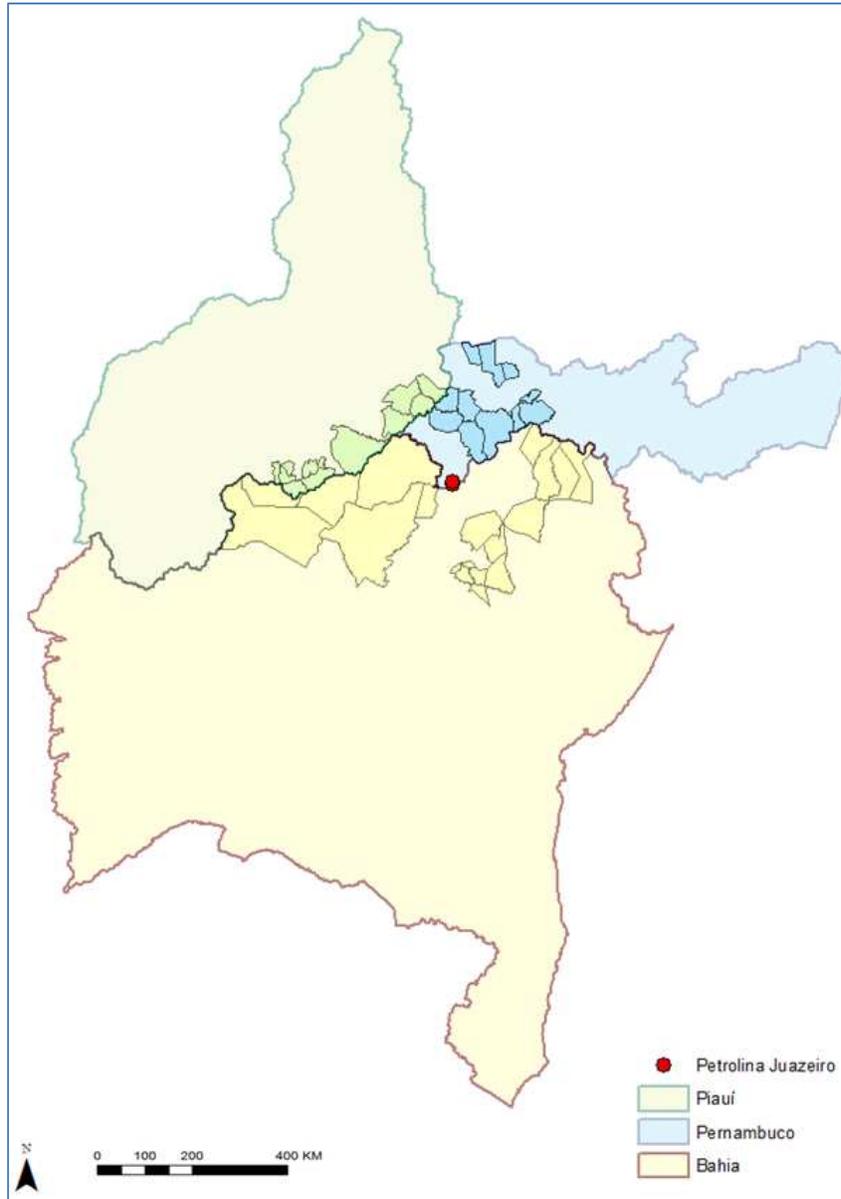
No estudo das RI, os quesitos utilizados, por meio de fontes secundárias e de registros administrativos, para a determinação dos Centros Urbanos e sua rede urbana foram dois: Gestão Federal constituída pelos Poderes Executivo e Judiciário; e Gestão Empresarial. A subordinação administrativa dos órgãos públicos federais avaliados e a localização das sedes das empresas e suas filiais foram consideradas para estabelecer a gestão territorial. Além disso, diversas informações secundárias correspondentes a equipamentos e serviços foram utilizadas complementarmente, como:

Informações sobre conexões aéreas, deslocamentos para internações hospitalares, áreas de cobertura das emissoras de televisão, oferta de ensino superior nos níveis de graduação e pós-graduação, diversidade de atividades comerciais e de serviços, instituições financeiras e oferta de serviços bancários, e presença de domínios de internet – capazes de dotar uma cidade de centralidade, complementando a identificação dos centros de gestão do território (IPARDES, 2009, p.6).

De acordo com a classificação de Centros Urbanos do estudo da REGIC²⁹ foi possível identificar a área de abrangência de Petrolina-PE e Juazeiro-BA. O estudo apontou que Petrolina e Juazeiro foram destino para realização de consultas médicas, odontológicas, exames ou internações de pessoas provenientes de 37 municípios diferentes, sendo seis do estado do Piauí (Mapa 6).

²⁹ É importante salientar que este quantitativo foi captado por meio de questionários, de um universo de 5 564 municípios vigentes em 2007, em que foram pesquisados 4.625, dos quais cerca de 85% tinham menos de 20 mil habitantes que contribuíram para a delimitação das áreas de influência já descritas anteriormente, porém esta informação (REGIC, 2008).

MAPA 6 - Origem (municípios) dos usuários dos serviços de saúde em Petrolina-PE e Juazeiro-BA, de acordo com o REGIC - Pernambuco, Bahia e Piauí - 2007



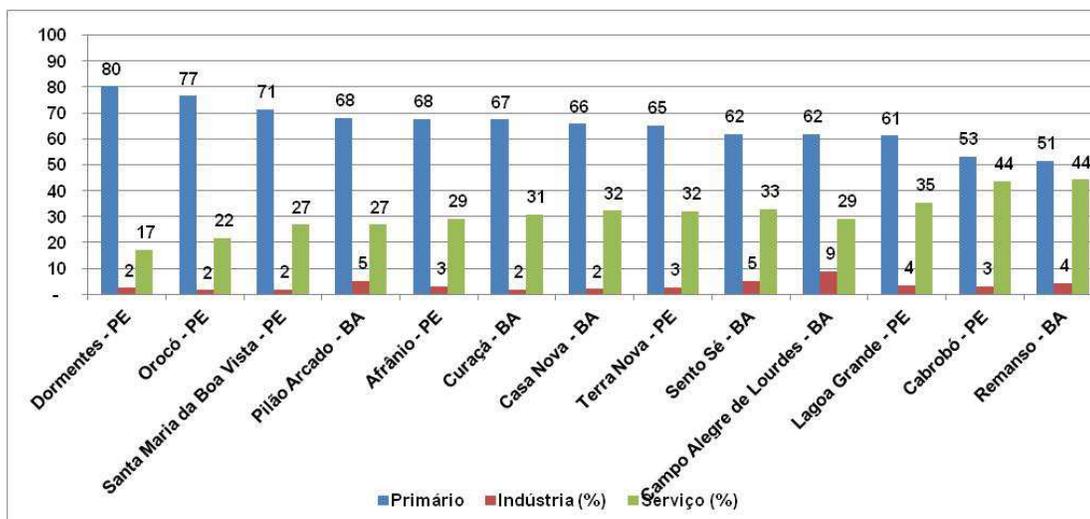
Fonte: REGIC (IBGE, 2007).

Além do estudo da REGIC, outra especificidade captada comparando os 16 municípios estudados da RIDEEX, é a predominância da população ocupada no Setor Primário.

Somente os municípios de Petrolina-PE, Juazeiro-BA e Sobradinho apresentam maior participação da população ocupada no Setor de Serviços. Os demais, municípios da RIDEEX apresenta mais da metade da população ocupada no Setor Primário, em 2000, assim como na RIDE (Gráfico 15). Essa é uma das situações que configuram as diversas relações

estabelecidas entre os municípios de interesse e caracterizam as especificidades que os municípios desempenham nessa área. Conforme o estudo da REGIC e a população ocupada por Grande Setor de Atividade Econômica, o primeiro grupo pode ser constituído pelos municípios de Petrolina-PE, Juazeiro-BA e Sobradinho-BA.

GRÁFICO 15 - População ocupada (%) – Setores primário, indústria e serviços – Dormentes-PE, Orocó-PE, Santa Maria da Boa Vista-PE, Pilão Arcado-BA, Afrânio-PE, Curaçá-PE, Casa Nova-BA, Terra Nova-PE, Sento-SE, Campo Alegre de Lourdes-BA, Lagoa Grande-PE, Cabrobó-PE, Remanso-BA - 2000



Fonte: IBGE (2010). Sistema de Recuperação Automática – Sidra.

Conforme tratado no capítulo 2, alguns municípios tiveram grande participação desde a implantação da fruticultura irrigada na região e até os anos atuais contribuem diretamente no desempenho econômico do polo, em grande parte por terem suas sedes nas proximidades do Rio São Francisco e dos municípios de Petrolina-PE e Juazeiro-BA. É o caso de Casa Nova-BA, Curaçá-BA, Lagoa Grande-PE, Santa Maria da Boa Vista-PE e Orocó-PE.

Outros aspectos considerados para compor os grupos foram o volume populacional residente e a trajetória das taxas geométrica de crescimento médio anual. A partir dessas características foi definido o grupo 3 – G3, formado por: Afrânio-PE, Cabrobó-PE, Campo Alegre de Lourdes-BA, Dormentes-PE, Orocó-PE, Pilão Arcado-BA, Remanso-BA, Sento Sé-BA e Terra Nova-PE. Com destaque para o município de Orocó-PE que mesmo fazendo parte da RIDE, apresenta uma participação mais efetiva na produção de frutas mais tardia que os municípios de Casa Nova-BA, Curaçá-BA, Lagoa Grande-PE, Santa Maria da Boa Vista-PE.

Além disso, apresenta uma participação pequena no volume e nos fluxos populacionais da RIDEEX, por essas razões optou-se por incluí-lo no G3.

De forma que o grupo 2 ficou constituído pelos municípios de Lagoa Grande-PE, Santa Maria da Boa Vista-PE, Casa Nova-BA e Curaçá-BA.

Com isso, temos três grupos:

- O grupo 1 composto por Petrolina-PE, Juazeiro-BA e Sobradinho-BA;
- O grupo 2 constituído por Lagoa Grande-PE, Santa Maria da Boa Vista-PE, Casa Nova-BA e Curaçá-BA;
- O grupo 3 é formado por Afrânio, Cabrobó, Dormentes, Orocó e Terra Nova em Pernambuco, e Campo Alegre de Lourdes, Pilão Arcado, Remanso e Sento Sé no estado da Bahia.

Resumidamente, para compor grupos similares de municípios da RIDEEX foram utilizados os seguintes recursos: a classificação de Centros Urbanos; a produção agrícola (Capítulo anterior); o contingente populacional residente; e a população ocupada por Grandes Setores de Atividades (Figura 10).

O grupo 1 – G1 composto por Petrolina, Juazeiro e Sobradinho apresentam grande parte do seu contingente populacional ocupado nos Setores de Serviços e Primário, principalmente no ramo agrícola. Os dois primeiros municípios concentram a maior parte das atividades bancárias, comerciais e de produção. Sobradinho diferencia-se dos municípios nos outros grupos, pela predominância das ocupações nos setores de Serviços e Indústria. Apesar de ter um contingente populacional pequeno, tem dentro de seus limites municipais, a Barragem de Sobradinho, que como já destacado anteriormente é de extrema importância para a produção agrícola de toda a região.

O segundo grupo ou o G2 formado pelos municípios de Casa Nova e Curaçá no estado da Bahia, Lagoa Grande e Santa Maria da Boa Vista em Pernambuco configuram os municípios envolvidos com a fruticultura desde o início da implantação, até sua consolidação atuando fortemente neste seguimento continuamente ao longo das últimas três décadas, e ainda são responsáveis por grande parte da produção da RIDEEX. Estes municípios mantêm grande parte da população ocupada no Setor Primário, especialmente agrícola. O município de Lagoa Grande foi emancipado de Santa Maria da Boa Vista em um período de consolidação da vitivinicultura da região.

FIGURA 10- Classificação dos municípios da RIDEEX, em três grupos G1, G2 e G3, a partir das similaridades entre os municípios considerando a REGIC, a produção agrícola, contingente populacional residente e ocupado



Fonte: A autora.

O ultimo grupo - G3, não menos importante, é formado por municípios com menor campo de abrangência e uma participação mais recente na produção agrícola de maior valor agregado. Como os municípios do segundo grupo, ele colabora na movimentação comercial e de serviços com os demais grupos, e também apresenta grande parte da população ocupada no Setor Primário. Os municípios que compõem este grupo são: Remanso, Sento Sé, Pilão Arcado, Campo Alegre no estado da Bahia e Cabrobó, Orocó, Afrânio, Dormentes e Terra Nova em Pernambuco.

3.4 A estrutura e composição populacional da RIDEEX

A partir dos grupos constituídos anteriormente será analisado o crescimento populacional entre os anos de 1970 e 2010, com base nos dados censitários. Além disso, as relações com a população ocupada por grandes setores de atividades e por situação de domicílio serão tratadas na intenção de captar elementos para compor o cenário demográfico da RIDEEX.

A população da RIDEEX, em 2010 foi de 898.396 pessoas, com um expressivo aumento populacional nas últimas décadas, sendo que em 1970 a população era pouco mais de 320 mil pessoas (Tabela 12).

TABELA 12. População residente - Petrolina - PE, Juazeiro - BA, Casa Nova - BA, Santa Maria da Boa Vista - PE, Remanso - BA, Sento Sé - BA, Pilão Arcado - BA, Curaçá - BA, Cabrobó - PE, Campo Alegre de Lourdes - BA, Lagoa Grande - PE, Sobradinho - BA, Afrânio - PE, Dormentes - PE, Orocó - PE, Terra Nova - PE, RIDE, RIDEEX, Pernambuco, Bahia, Nordeste, Brasil 1970 a 2010

Municípios	1970	1980	1991	2000	2010
Petrolina - PE	61.252	104.297	175.406	218.538	293.962
Juazeiro - BA	61.648	118.175	128.767	174.567	197.965
Casa Nova - BA	37.036	39.321	46.838	55.730	64.940
Santa Maria da Boa Vista - PE	18.837	23.876	42.006	36.914	39.435
Remanso - BA	23.588	28.934	34.381	36.257	38.957
Sento Sé - BA	22.419	31.674	28.387	32.461	37.425
Pilão Arcado - BA	24.803	27.912	31.949	30.713	32.860
Curaçá - BA	17.791	20.638	24.895	28.841	32.168
Cabrobó - PE	19.522	20.863	23.965	26.741	30.873
Campo Alegre de Lourdes - BA	16.767	21.574	26.125	27.607	28.090
Lagoa Grande - PE	-	-	-	19.137	22.760
Sobradinho - BA	-	-	21.208	21.325	22.000
Afrânio - PE	9.337	11.491	13.305	15.269	17.586
Dormentes - PE	-	-	-	14.411	16.917
Orocó - PE	5.285	7.087	10.731	10.825	13.180
Terra Nova - PE	4.071	5.216	6.677	7.518	9.278
RIDE	201.849	313.394	449.851	565.877	686.410
RIDEEX	322.356	461.058	614.640	756.854	898.396
Pernambuco	5.160.625	6.142.229	7.127.855	7.929.154	8.796.448
Bahia	7.493.437	9.455.392	11.867.991	13.085.769	14.016.906
Nordeste	28.111.551	34.815.439	42.497.540	47.782.487	53.081.950
Brasil	93.134.846	119.011.052	146.825.475	169.872.856	190.755.799

Fonte: IBGE. Censos Demográficos (1970; 1980; 1991; 2000 e 2010).

Dentre todos os municípios, Petrolina apresenta as maiores taxas de crescimento, com incrementos importantes de população, com destaque para os períodos de 1980/1991 e 2000/2010, com um aumento acima de 71 mil pessoas, o que corresponde, para o último período, a uma taxa geométrica de crescimento de 3,01% a.a (Tabela 13).

A estrutura etária, por sexo da população da RIDEEX nos anos de 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010, mostra que ao longo do tempo há um acentuado estreitamento da sua base, significando um decréscimo do número de nascimentos no decorrer do período considerado. Isso indica que as altas taxas de crescimento populacional não são provenientes dos nascimentos ocorridos na região (Gráfico 16).

TABELA 13: Incremento populacional (valores absolutos) - Petrolina – PE, Juazeiro – BA, Casa Nova – BA, Sento Sé – BA, Cabrobó – PE, Lagoa Grande – PE, Curaçá – BA, Remanso – BA, Santa Maria da Boa Vista – PE, Dormentes – PE, Orocó – PE, Afrânio – PE, Pilão Arcado – BA, Terra Nova – PE, Sobradinho – BA, Campo Alegre de Lourdes – BA, RIDE, RIDEEX – 1970 a 2010

Localidades	1970/1980	1980/1991	1991/2000	2000/2010
Petrolina – PE	43.045	71.109	43.132	75.424
Juazeiro – BA	56.527	10.592	45.800	23.398
Casa Nova – BA	2.285	7.517	8.892	9.210
Sento Sé – BA	9.255	-3.287	4.074	4.964
Cabrobó – PE	1.341	3.102	2.776	4.132
Lagoa Grande – PE				3.623
Curaçá – BA	2.847	4.257	3.946	3.327
Remanso – BA	5.346	5.447	1.876	2.700
Santa Maria da Boa Vista – PE	5.039	18.130	-5.092	2.521
Dormentes – PE				2.506
Orocó – PE	1.802	3.644	94	2.355
Afrânio – PE	2.154	1.814	1.964	2.317
Pilão Arcado – BA	3.109	4.037	-1.236	2.147
Terra Nova – PE	1.145	1.461	841	1.760
Sobradinho – BA			117	675
Campo Alegre de Lourdes – BA	4.807	4.551	1.482	483
RIDE	111.545	136.457	116.026	120.533
RIDEEX	138.702	153.582	142.214	141.542

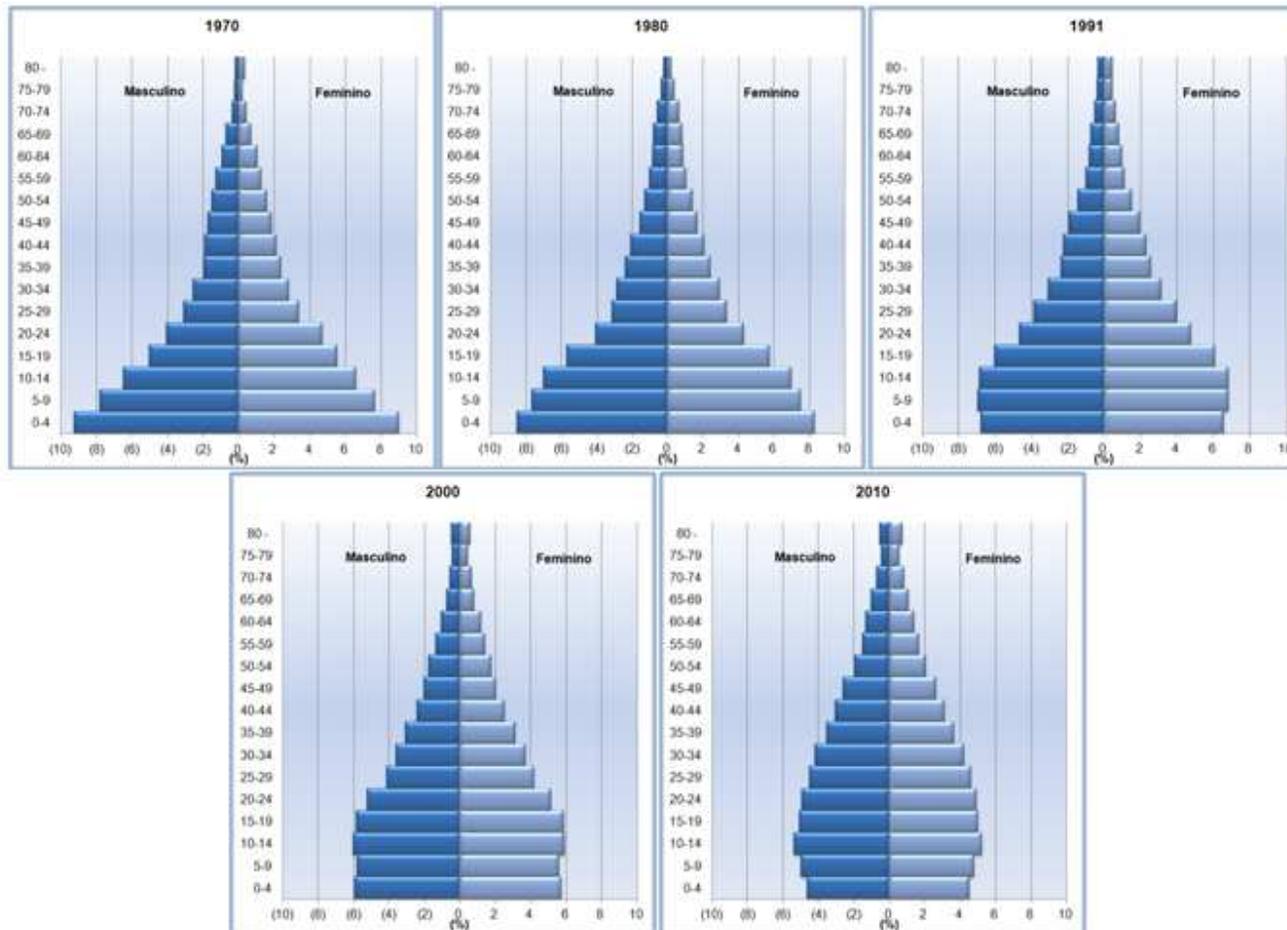
Fonte: IBGE. Censos Demográficos (1970; 1980; 1991; 2000 e 2010).

O formato tipicamente triangular, com uma base alargada, observada nos anos de 1970 e 1980, cedeu lugar a uma pirâmide populacional característica de uma população em processo de envelhecimento, especialmente nos anos de 2000 e 2010 (Gráfico 16).

O envelhecimento populacional refere à mudança na estrutura etária da população. Esse processo produz um aumento do peso relativo das pessoas acima de determinada idade³⁰, considerada como definidora do início da velhice.

³⁰ Neste trabalho o limite adotado é de 65 anos ou mais (ALVES et al., 2010).

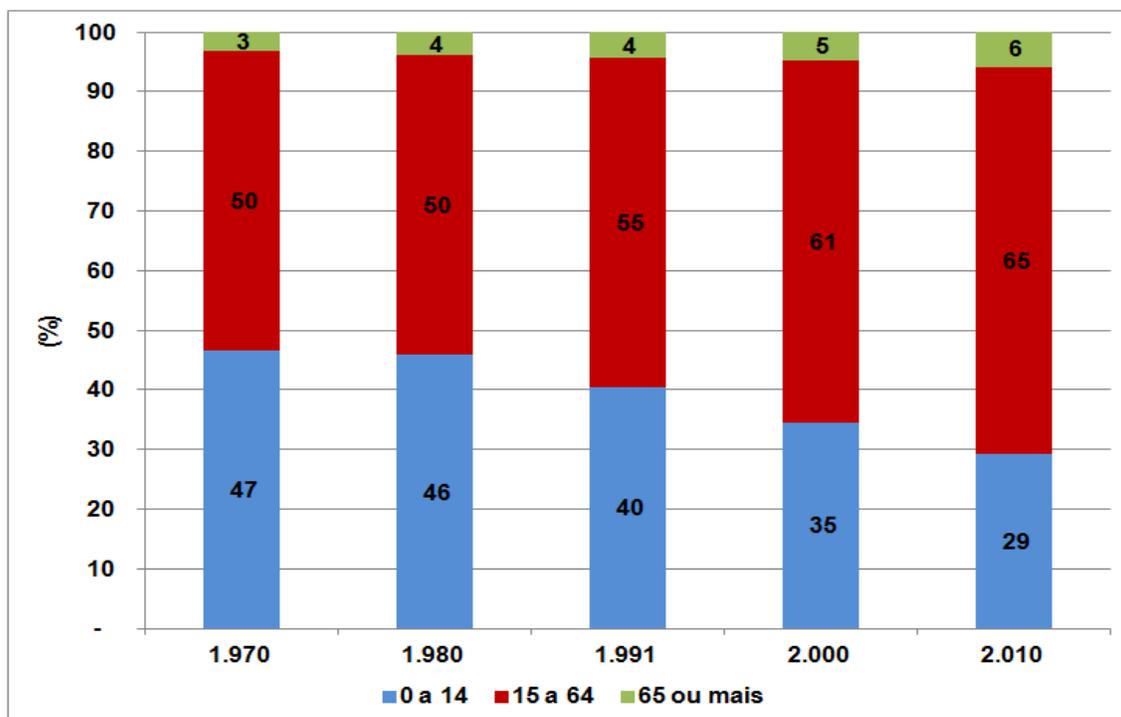
GRÁFICO 16 - Distribuição da população (%) por sexo e idade – RIDEEX - 1970 a 2010



Fonte: IBGE. Censos Demográficos (1970; 1980; 1991; 2000 e 2010).

É possível observar o contingente populacional de 15 a 64 anos de idade (Gráfico 17). Em 1970, eram 161.515 jovens e adultos, e em 1991 já eram 339.143 pessoas. De acordo com os dados preliminares do Censo Demográfico de 2010, foram 583.942, representando um aumento na participação da população total entre os anos de 2000 a 2010, de 4%. Na RIDEEX, assim como nos estados da Bahia, Pernambuco³¹ e em outras regiões do país, a participação relativa da população jovem (de 15 a 64 anos) apresentou um aumento relativo a partir de 1991.

GRÁFICO 17: Distribuição da população (%) – Grandes grupos etários - RIDEEX, 1970 a 2010

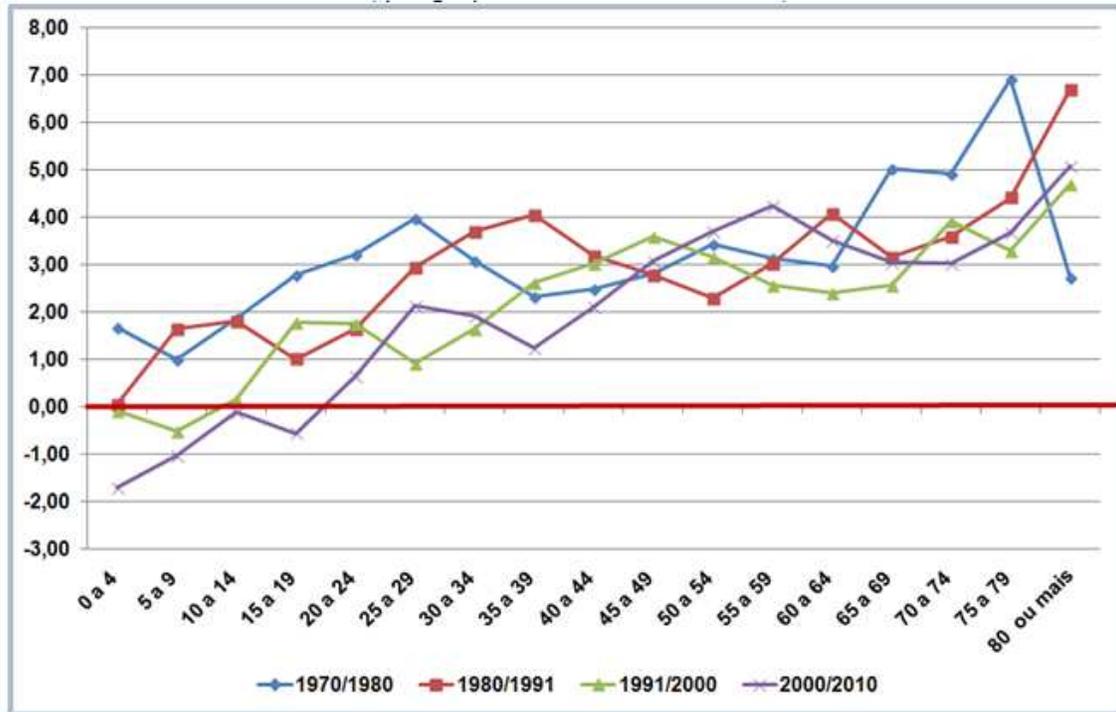


Fonte: IBGE. Censos Demográficos (1970; 1980; 1991; 2000 e 2010).

Apesar dos valores absolutos registrarem uma tendência de crescimento, este grupo etário apresenta uma desaceleração a partir de 1991. Esta desaceleração é bem visível quando se observam as taxas de crescimento, por faixa etária no período de 1991/2000 e 2000/2010, com 2,57% (a.a.) e 2,20% (a.a.), respectivamente (Gráfico 18).

³¹ A participação da população de 0 a 14 anos e no grupo de 65 anos ou mais no estado baiano foi de 44% e 3%, em Pernambuco foi de 45% e 3%, já em 2010. Em 1970 foram respectivamente 45%, 44%, 45%, e em 2010, 27% e 7%, para o estado da Bahia e 26% e 7% para o estado de Pernambuco.

GRÁFICO 18 - Taxa de crescimento populacional médio anual, por grupo etário – RIDEEX - 1970 a 2010



Fonte: IBGE. Censos Demográficos (1970; 1980; 1991; 2000 e 2010).

Comparando com o grupo das pessoas acima de 65 anos, pode-se afirmar que esse grupo apresentou o aumento mais expressivo, apesar da pequena participação na população total. No período de 1991/2000 o crescimento médio desse grupo foi de 2,57% (a.a) e em 2000/2010 foi de 3,57%. Evidente que este fato, se deve ao efeito combinado da redução do nível geral da fecundidade e dos sucessivos ganhos na expectativa de vida ao nascer (WONG, 2006).

Neste sentido, cabe destacar que, as alterações no nível de fecundidade, e nos ganhos na expectativa de vida ao nascer, resultaram em taxas muito baixas de crescimento para o grupo etário de 0 a 14 anos (ALVES et al., 2006). Na RIDEEX, entre o período de 1991/2000 a taxa de crescimento foi de 0,57% (a.a), e para 2010, foi de 0,01%.

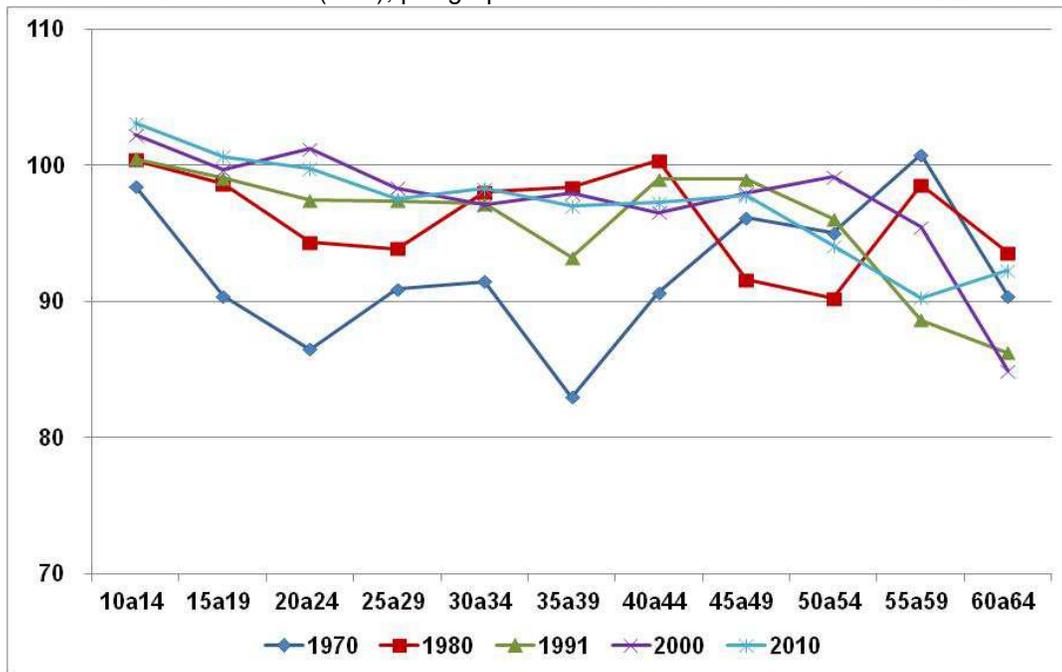
Em 1970, enquanto a população de 0 a 14 anos correspondia a 47% (150.272 crianças e adolescentes) da população total, o contingente populacional com 65 anos ou mais, representava 3% (10.191 pessoas). Em 2010, participação do grupo mais jovem na população total foi de 29% (261.990 pessoas), e dos idosos foi de 6% (52.464 pessoas) (Gráfico 17).

Segundo Alves et al. (2010), este é um período muito favorável, chamado de “Bônus demográfico”. Consiste no momento em que a estrutura etária da população atua no sentido de facilitar o crescimento econômico, em razão do grande contingente da população em idade produtiva e um menor número de idosos e crianças.

Outro aspecto que merece destaque é o indicativo de arrefecimento da emigração masculina ao longo dos anos. Em 1970, é possível perceber que o número de homens era bem abaixo do contingente registrado nos anos seguintes, especialmente nas idades entre 20 e 24 anos e 35 a 39 anos.

Esse período marca o grande volume populacional masculino que se dirigia em grande parte para a Região Sudeste do país. Os anos seguintes, o arrefecimento observado pontua as dinâmicas econômicas vividas com a desconcentração das atividades econômicas (discutidas no capítulo um) e também as primeiras iniciativas governamentais na RIDEEX, com o desenvolvimento de grandes obras, inserção da agricultura irrigada e a geração de novos postos de trabalho comentados no capítulo dois. Indicando uma concomitância entre a dinâmica econômica e a dinâmica populacional (migratória) na RIDEEX (Gráfico 19).

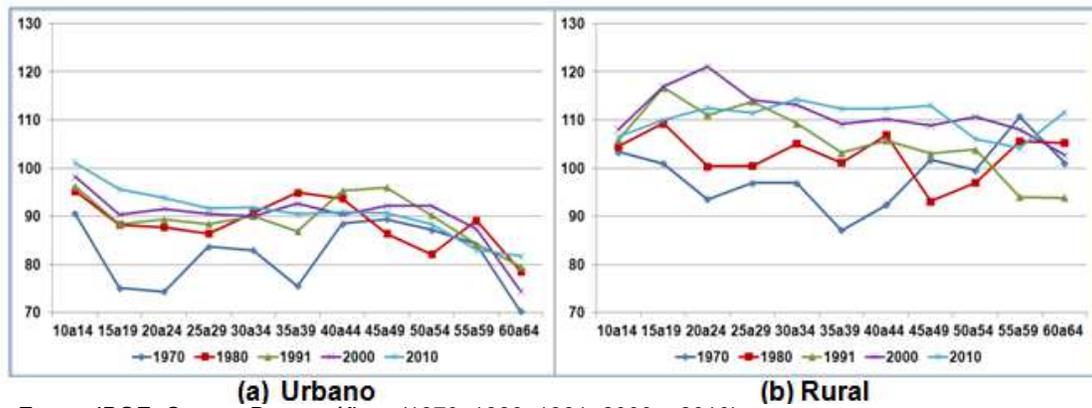
GRÁFICO 19 - Razão de Sexo (H/M), por grupo etário de 10 anos a 64 anos - RIDEEX.- 1970 2010



Fonte: IBGE. Censos Demográficos (1970; 1980; 1991; 2000 e 2010).

Ainda em relação à razão de sexo, considerando a situação de domicílio urbana e rural, observam-se cenários diferenciados. Enquanto a área urbana registrou, em 1991, um excedente de 7.256 mulheres (razão de sexo de 93 homens por mulher), no contexto rural, no mesmo período, essa relação aparece de forma invertida já que há um excedente de 8.205 homens (razão de sexo de 106 homens por mulher). Esta situação se confirma nos anos seguintes, com o predomínio das mulheres nas áreas urbanas, e dos homens nas áreas rurais, além disso, nas faixas etárias mais jovens esta situação é mais latente (Gráficos 20 a e b).

GRÁFICO 20: Razão de Sexo (H/M) - População urbana (a) e rural (b), por faixa etária entre 10 anos e 64 anos - RIDEEX - 1970-2010



Fonte: IBGE. Censos Demográficos (1970; 1980; 1991; 2000 e 2010).

De acordo com Camarano e Abramovay (1999), no período entre 1950 e 1991, nas áreas rurais da Região Nordeste havia as menores razões de sexo dentre as grandes regiões do país. Apesar de existir um movimento de aumento do contingente masculino nos campos nordestinos, este processo estava no seu início. Entretanto ao avaliar os resultados da RIDEEX quanto à relação entre homens e mulheres, por situação de domicílio, é possível perceber que já a partir de 1980, o processo de masculinização das áreas rurais era percebido, e mais intensamente a partir de 1991. Em 1970, eram 526 homens a mais, já em 1980, esse contingente foi de 3.760 homens, em 1991 este valor amplia consideravelmente e passa para 8.205 homens, e de 12.975 homens em 2000.

Segundo Mota (2003) o trabalho feminino na fruticultura é utilizado quase que exclusivamente nas tarefas mais leves que exigem mais detalhes e asseio. De acordo com Cavalcanti et al (1998) as principais tarefas, especialmente na viticultura são no desbaste ou

raleio da uva³²; na seleção dos melhores frutos; no acondicionamento e arrumação dos frutos nas caixas. Ou seja, as atividades realizadas pelas mulheres, em geral, são aquelas que “exigem mais o contato manual e apurado senso estético” p.113.

Ainda nessa linha, segundo as autoras a inserção das mulheres é menor nas atividades com maiores exigências de qualificação e uso de máquinas, como na aração, irrigação, gradagem e aplicação de defensivos.

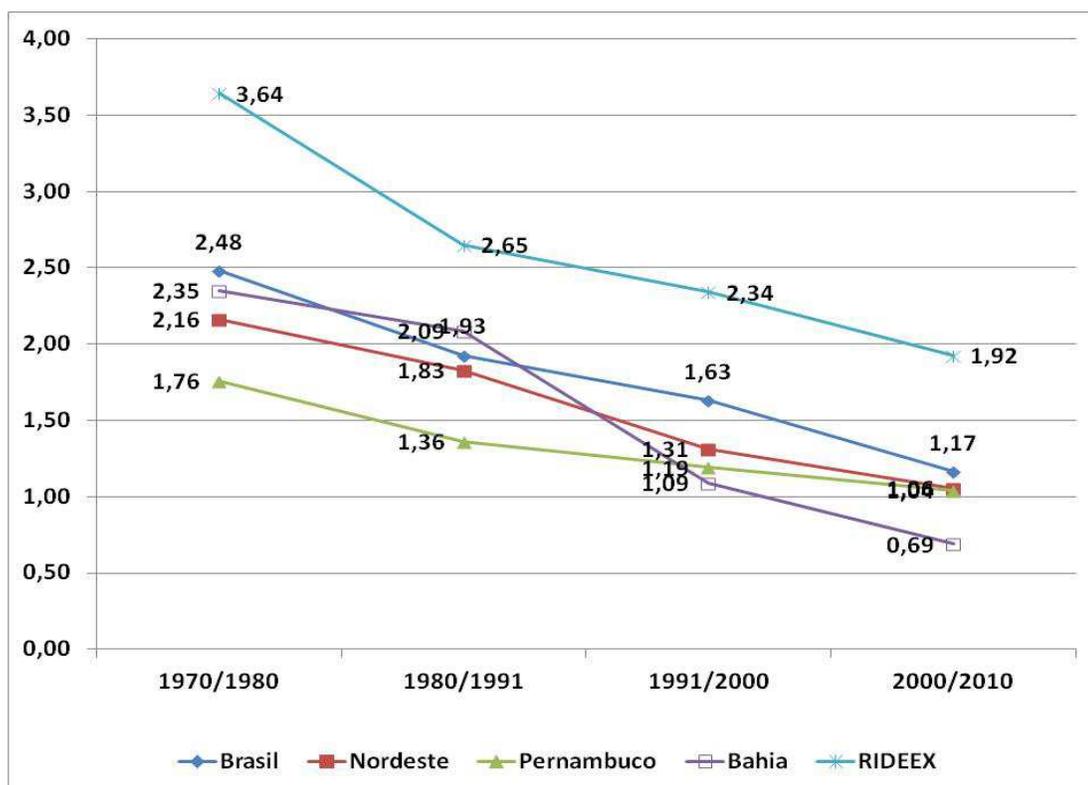
Outros aspectos apresentado por Mota (2003) que ajuda a explicar a participação das mulheres nas áreas rurais em Petrolina-PE e Juazeiro dizem respeito ao domínio do sistema de organização e contratação do sistema de produção por homens. E que, em geral, optam por contratar homens para o trabalho no campo. Além disso, o estágio de maturação de grande parte das fruteiras da região está completo. De modo que as tarefas mais exigidas na etapa de pré-colheita são as direcionadas para os homens. Por último, a autora atribui que a própria organização das famílias ditam os papéis desempenhados pelos seus componentes.

Outros autores também destacam a seletividade quanto ao sexo nas áreas rurais e também urbanas, com a predominância feminina nas cidades (ANJOS;CALDAS, 2005). Nessa linha, pode-se observar que em 1970, o número de homens é evidentemente menor, comparado ao contingente feminino, indicando a participação mais intensa da emigração masculina num período anterior à implantação da agricultura irrigada na região. Nas áreas urbanas, o aumento do quantitativo feminino, ao longo do tempo, também é evidente. De uma razão de 87 homens para cada 100 mulheres, em 1970, na RIDEEX, em 2000 a razão é de 93 homens para cada 100 mulheres, com um excedente de 19.365 mulheres, no período.

A trajetória da taxa média de crescimento populacional, ao longo das décadas de 1970 a 2010, também merece destaque, apesar de apresentar tendência de queda durante o período. O que chama atenção é o patamar que as taxas de crescimento da RIDEEX assumem, em níveis acima das taxas de crescimento nacional, nordestina, pernambucana e baiana, especialmente nas décadas iniciais à implantação da agricultura irrigada (Gráfico 21).

³² De acordo com Cavalcanti (1997) é a prática de retirar o excesso de bagos, do cacho para deixá-lo compatível com o padrão exigido para exportação.

GRÁFICO 21 - Taxa de crescimento populacional médio anual – Brasil, Região Nordeste, Pernambuco, Bahia e RIDEEX - 1970 a 2010



Fonte: IBGE. Censos Demográficos (1970; 1980; 1991; 2000 e 2010).

Os municípios da RIDEEX apresentam diferenças na sua formação, ocupação e relação com o processo de fruticultura. Por esta razão, para estabelecer uma comparação que permita captar as nuances entre eles para a análise será utilizado o recorte dos grupos descritos anteriormente.

3.4.1 A estrutura e composição populacional dos grupos da RIDEEX

Os grupos 1 e 3 concentram grande parte da população da RIDEEX. Esse resultado em parte, é explicado pela composição dos grupos, uma vez que grupo 1 é constituído pelos dois principais municípios da região, e o fato do grupo 3 contar com mais municípios do que os demais grupos (nove dos 16 municípios da RIDEEX).

De acordo com a Tabela 14, há um aumento da população na área de estudo desde 1970. Neste aspecto deve-se registrar a dinâmica populacional do grupo 1, que chega ao final do período (2010) com pouco mais de meio milhão de pessoas. É importante notar que nos anos de 1970 o grupo 3 apresentava população ligeiramente maior que a do primeiro

agrupamento, mas chega, na primeira década dos anos 2000, com pouco mais da metade do contingente populacional (Tabela 14).

TABELA 14 - População residente – valores absoluto (N) e relativo (%) – Grupo 1, grupo 2, grupo 3 e RIDEEX - 1970 a 2010

Localidades	1970		1980		1991		2000		2010	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Grupo 1	122.900	38	222.472	48	325.381	53	414.430	55	513.927	57
Grupo 2	73.664	23	83.835	18	113.739	19	140.622	19	159.303	18
Grupo 3	125.792	39	154.751	34	175.520	29	201.802	27	225.166	25
RIDEEX	322.356	100	461.058	100	614.640	100	756.854	100	898.396	100

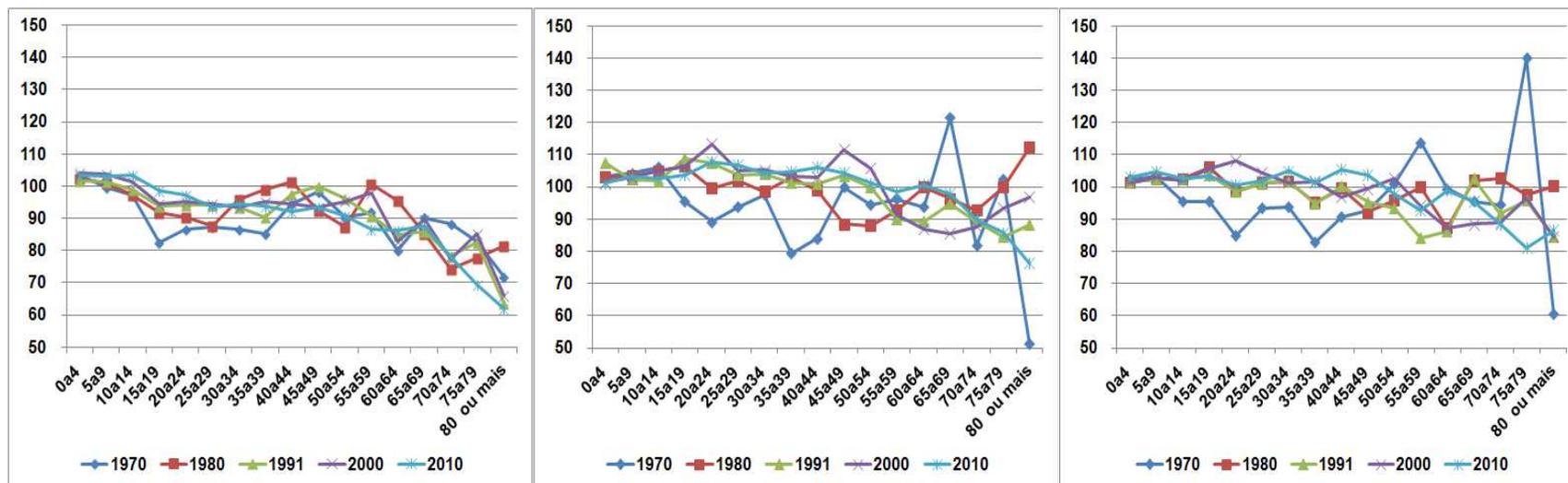
Fonte: IBGE. Censos Demográficos (1970; 1980; 1991; 2000 e 2010).

Considerando cada grupo da RIDEEX no ano de 1970, há um contingente masculino menor do que o feminino, especialmente entre as faixas etárias mais jovens, de 15 a 19 a 35 a 39 anos, nos três grupos. Nos anos de 1980 e 1991 houve uma “recuperação” importante na população masculina, principalmente nos grupos 2 e 3. Há uma tendência de aumento no contingente masculino na RIDEEX, ao longo dos anos censitários, especialmente a partir de 1980. E considerando as faixas etárias de 10 a 14 anos até a faixa de 60 a 64 anos, alguns elementos interessantes, como a forte emigração da população masculina e como este movimento população foi sendo atenuado ao longo do tempo (Gráfico 22).

O grupo 2, no ano de 1970 registrou uma proporção de homens por mulher, da ordem 99/100, já em 1991 113/100, na faixa etária de 20 a 24 anos. Comportamento semelhante aconteceu no mesmo período, nas faixas etárias de 45 a 49 e 50 a 59 anos em que a proporção de homens por mulher passou de 88 para 112 homens por para cada 100 mulheres e de 88 para 106 homens por cada 100 mulheres. O que indica uma elevação na imigração masculina, especialmente nas faixas etárias mais jovens, ao longo dos 21 anos, e se mantendo para os anos seguintes. Este incremento populacional masculino pode apontar a redução da emigração masculina ou pela emigração feminina.

Outro fato interessante é a elevação da razão de homens por mulher nos grupos com idades mais avançadas. Na faixa etária de 60 a 64 anos, esta razão é de 1 homem para cada 1 mulher, no grupo 2. Nas faixas etárias mais avançadas (70 a 74 anos) observa-se que a convergência das proporções ao longo dos anos, com maior quantitativo feminino no Grupo 1, do que nos grupos 2 e 3 (Gráfico 22)

GRÁFICO 22 - Razão de Sexo (H/M) – Grupo 1 (a): Petrolina-PE, Juazeiro-BA e Sobradinho-BA, Grupo 2 (b): Lagoa Grande-PE, Santa Maria da Boa Vista-PE, Curaçá-BA e Casa Nova –BA e Grupo 3 (c): Afrânio-PE, Cabrobó-PE, Dormentes-PE, Orocó-PE, Campo Alegre de Lourdes –BA, Pilão Arcado, Remanso-BA. Sento Sé-BA, RIDEEX - 1970 a 2010



(a) Grupo 1

(b) Grupo 2

(c) Grupo 3

Fonte: IBGE. Censos Demográficos (1970; 1980; 1991; 2000 e 2010).

Com base na taxa geométrica de crescimento populacional rural, observa-se que há um processo diferenciado nas áreas rurais da RIDEEX, com valores sempre positivos, entre os anos de 1970 a 2010, diferentemente do que acontece com o crescimento populacional rural baiano, pernambucano, nordestino e especialmente brasileiro. Os municípios do grupo 1 e 2 têm uma participação importante neste fator, principalmente os municípios de Petrolina e Santa Maria da Boa Vista, pela regularidade e magnitude dos valores ao longo do tempo (Tabela 15).

TABELA 15 - Taxa de crescimento populacional rural médio anual – Brasil , Nordeste , Pernambuco , Bahia , RIDEEX , Grupo 1 , Grupo 2 , Grupo 3 , Petrolina-PE, Santa Maria da Boa Vista-PE e Lagoa Grande-PE, Juazeiro-BA - 1970 a 2010

Localidades	1970/1980	1980/1991	1991/2000	2000/2010
Brasil	-0,62	-0,67	-1,27	-0,68
Nordeste	0,53	-0,28	-1,33	-0,39
Pernambuco	0,04	-1,15	-1,13	-0,72
Bahia	0,85	0,11	-1,29	-0,97
RIDEEX	2,34	0,33	0,92	0,76
Grupo 1	6,21	-0,56	2,19	1,81
Grupo 2	0,09	1,81	0,37	0,35
Grupo 3	1,47	0,07	0,35	0,13
Petrolina	2,48	4,95	0,46	3,64
Santa Maria da Boa Vista e Lagoa Grande	1,55	4,76	0,54	1,00
Juazeiro	9,09	-6,24	5,05	-1,04

Fonte: IBGE. Censos Demográficos (1970; 1980; 1991; 2000 e 2010).

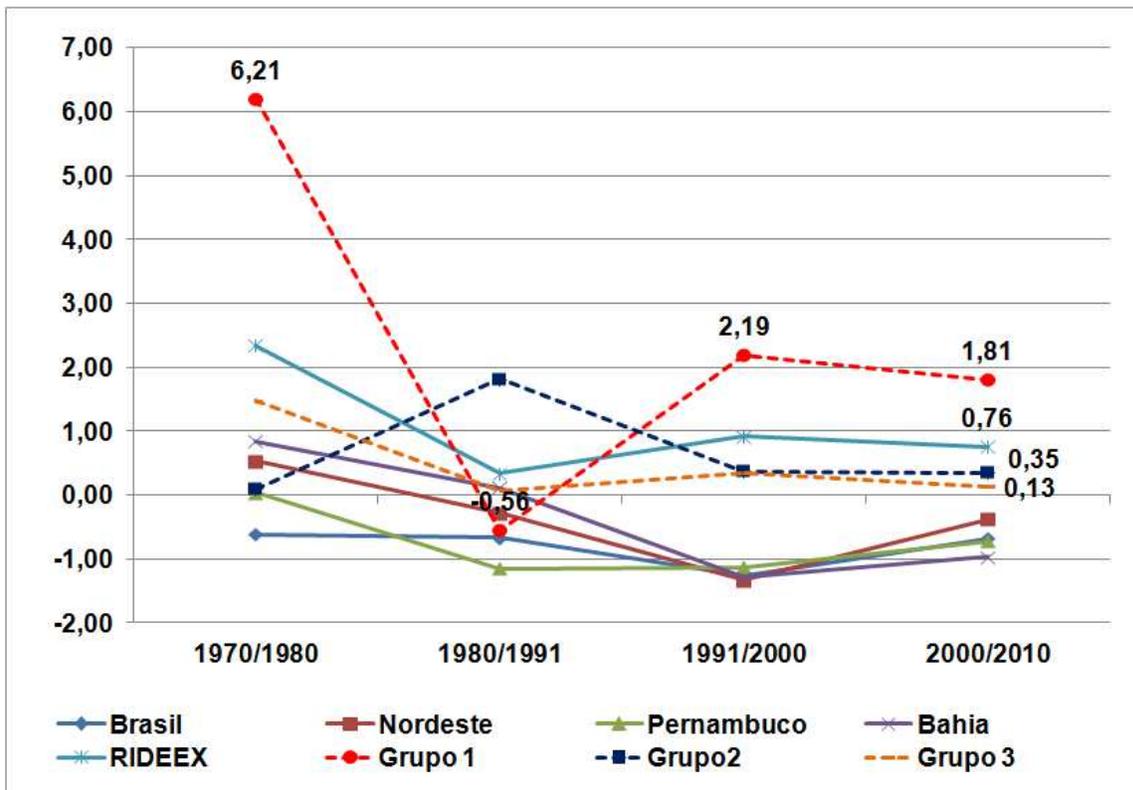
Em Santa Maria da Boa Vista a produção de uva para exportação atinge os maiores índices de produtividade e começa mais efetivamente a produção de vinho. Quanto a Petrolina este fenômeno pode indicar que, além de concentrar a maior parte da rede de serviços de toda RIDEEX ainda, apresenta incentivos importantes para garantir a manutenção da população nas áreas rurais e ainda possuir grandes áreas plantadas com alta produtividade.

Os municípios que compõem o grupo 3, apesar de possuírem como base econômica da população ocupada o setor agropecuário, estes municípios têm participação menos importante no processo da fruticultura. Além disso, apresentam taxas de crescimento rural e urbana menos expressivas, no mesmo período, contudo, ainda superam as taxas estaduais, regional e brasileira.

A trajetória da população na RIDEEX apresenta uma queda nas taxas de crescimento da população urbana, entretanto, o nível das taxas dos grupos 1 e 2 (municípios com participação mais significativa nas atividades de Serviços e Agropecuária da estrutura da fruticultura), até o período de 1980/1991 está acima das taxas nacional, nordestina,

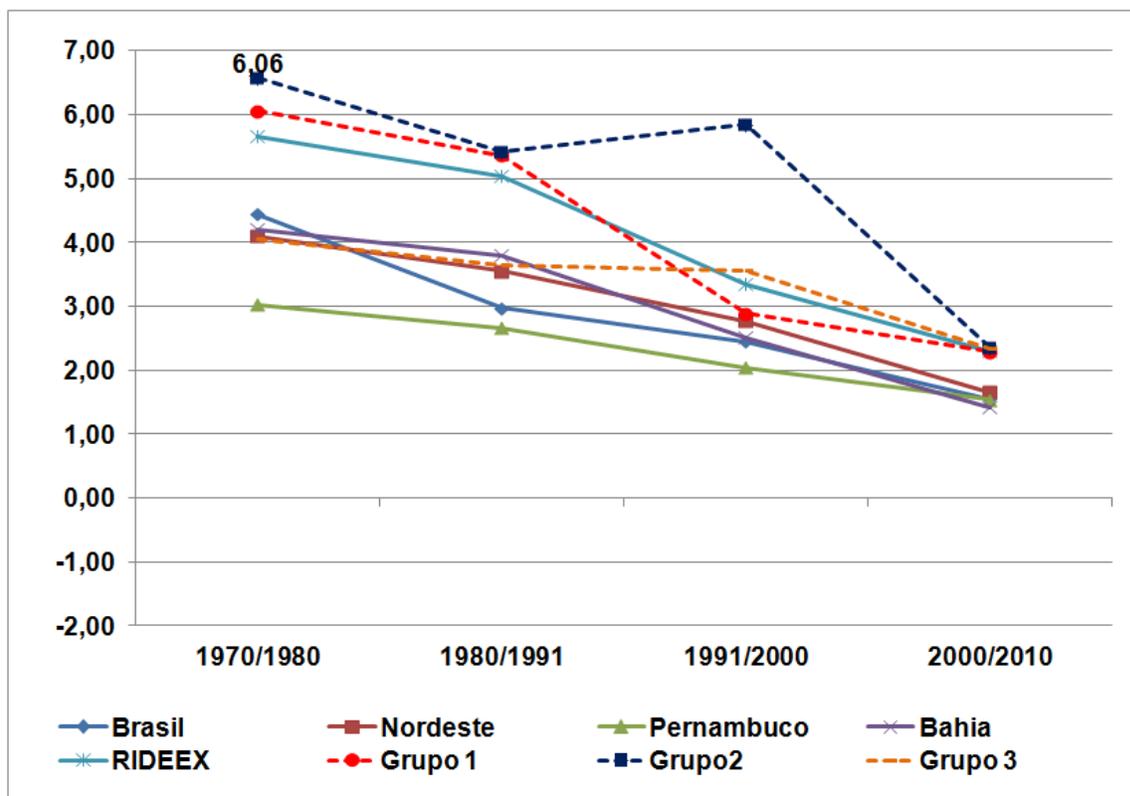
pernambucana e baiana (Gráficos 23 e 24). O que indica que havia uma dinâmica demográfica urbana intensa na RIDEEX, mais expressiva no período de 1991/2000 nos municípios que formam o Grupo 2 (passa de 36,5 mil pessoas, em 1991 para 61 mil pessoas em 2000). A partir desse período, continuam apresentando crescimento positivo, mas em ritmo mais lento, com taxa em torno de 2,3% (a.a) (acima das taxas estaduais, regional e brasileira cerca de 1,5% a.a.).

GRÁFICO 23 - Taxa de crescimento populacional rural médio anual – Brasil , Nordeste , Pernambuco, Bahia, RIDEEX, Grupo 1, Grupo 2, Grupo 3 - 1970 a 2010



Fonte: IBGE. Censos Demográficos (1970; 1980; 1991; 2000 e 2010).

GRÁFICO 24 - Taxa de crescimento populacional urbano médio anual – Brasil, Nordeste, Pernambuco, Bahia, RIDEEX, Grupo 1, Grupo 2, Grupo 3 - 1970 a 2010

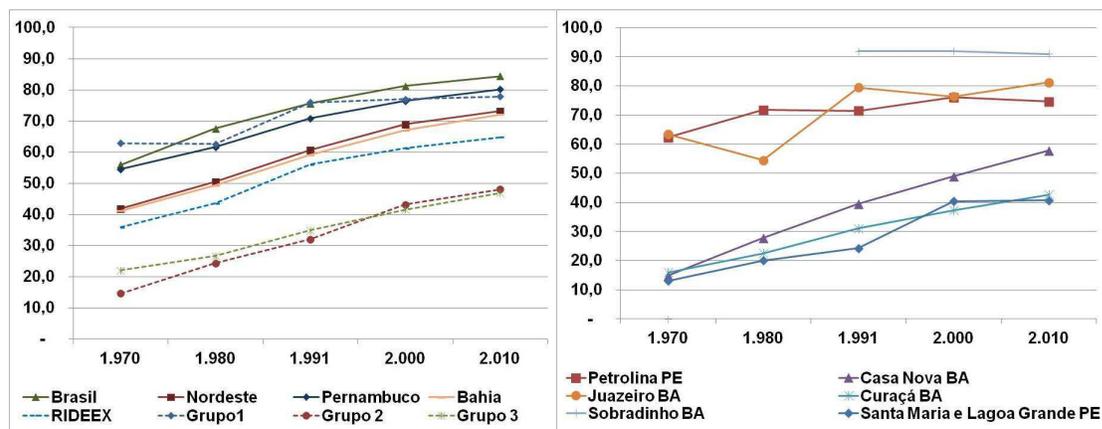


Fonte: IBGE. Censos Demográficos (1970; 1980; 1991; 2000 e 2010).

A população rural na RIDEEX passou de 293.177 pessoas em 2000, para 316.257 pessoas em 2010, o que representa 35,2% da população vivendo nas áreas rurais. Os municípios dos grupos 2 e 3 apresentam um crescimento no grau de urbanização, entretanto bem abaixo do registrado nos municípios de Petrolina, Juazeiro e Sobradinho que seguem os patamares nacional e regional (Gráfico 25).

Dentre todos os municípios brasileiros, em 2000, com mais de 200.000 habitantes, Petrolina é o único município com mais de 25% da população residente nas áreas rurais, além de apresentar um crescimento populacional rural de 0,5% a.a, muito acima das taxas estaduais e nacional cujos valores, em geral são negativos.

GRÁFICO 25 - Grau de urbanização – Brasil , Nordeste , Pernambuco , Bahia , RIDEEX, Grupo 1 , Grupo 2 , Grupo 3 , Petrolina-PE, Casa Nova- BA, Juazeiro-BA, Curaçá-BA, Sobradinho-BA e Santa Maria da Boa Vista –PE e Lagoa Grande-PE - 1970 a 2010 - 1970 a 2010

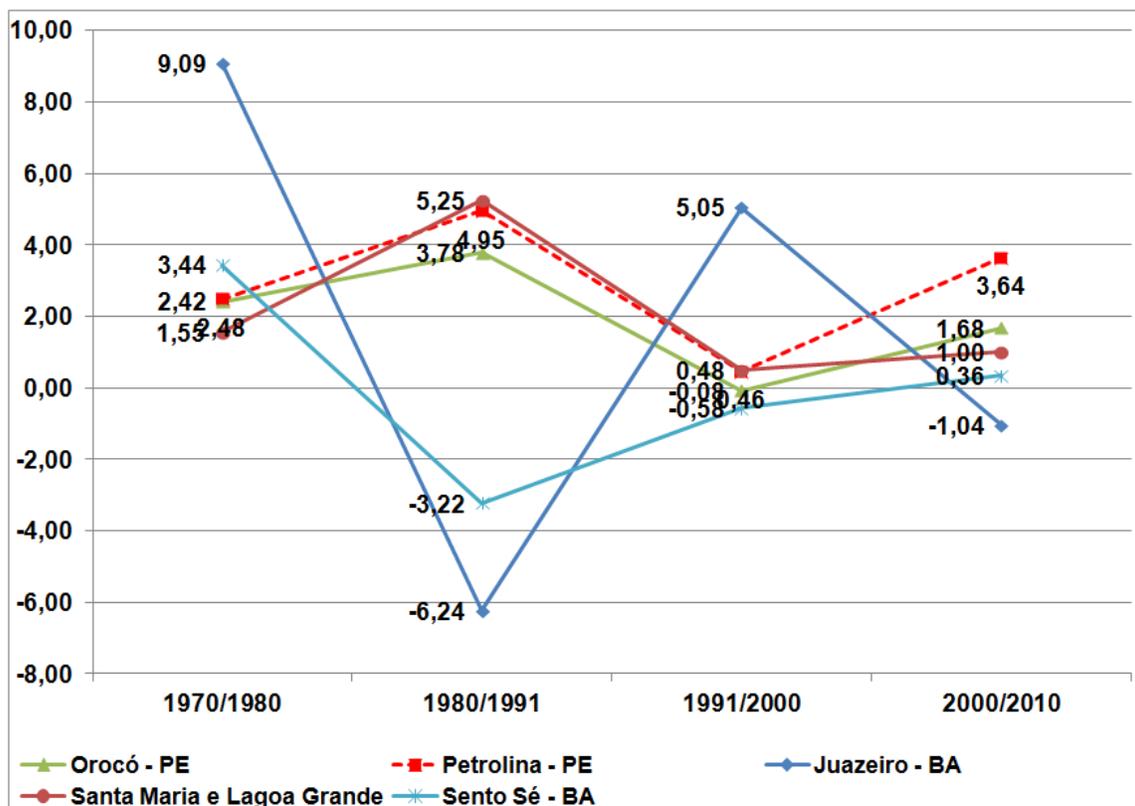


Fonte: IBGE. Censos Demográficos (1970; 1980; 1991; 2000 e 2010).

Outro aspecto importante é a trajetória das taxas de crescimento populacional do município de Juazeiro. Além da complementaridade entre as taxas de crescimento de Petrolina e Juazeiro, já comentada anteriormente, há indicações que há fortes relações de troca populacional entre as áreas rurais dos municípios de Petrolina, Santa Maria da Boa Vista Lagoa Grande e Orocó.

O gráfico 26 mostra que, no período em que há aumento no crescimento do contingente rural em Juazeiro, há uma queda nos demais municípios observados, entretanto, quando há um aumento no quantitativo populacional rural nos demais municípios há uma queda considerável no número de pessoas nas áreas rurais juazerenses. Estas variações apontam que apesar de Juazeiro apresentar fortes atrativos, como um dos principais municípios da região, juntamente com Petrolina, não é tão eficiente em reter a grande quantidade da população, especialmente no rural. Este fato colabora para a compreensão do distanciamento entre o quantitativo populacional de Petrolina e Juazeiro, em 2010.

GRÁFICO 26 - Taxa de crescimento populacional rural médio anual – Orocó-PE, Petrolina-PE, Juazeiro-BA, Santa Maria da Boa Vista-PE e Lagoa Grande-PE e Sento Sé-BA - 1970 a 2010

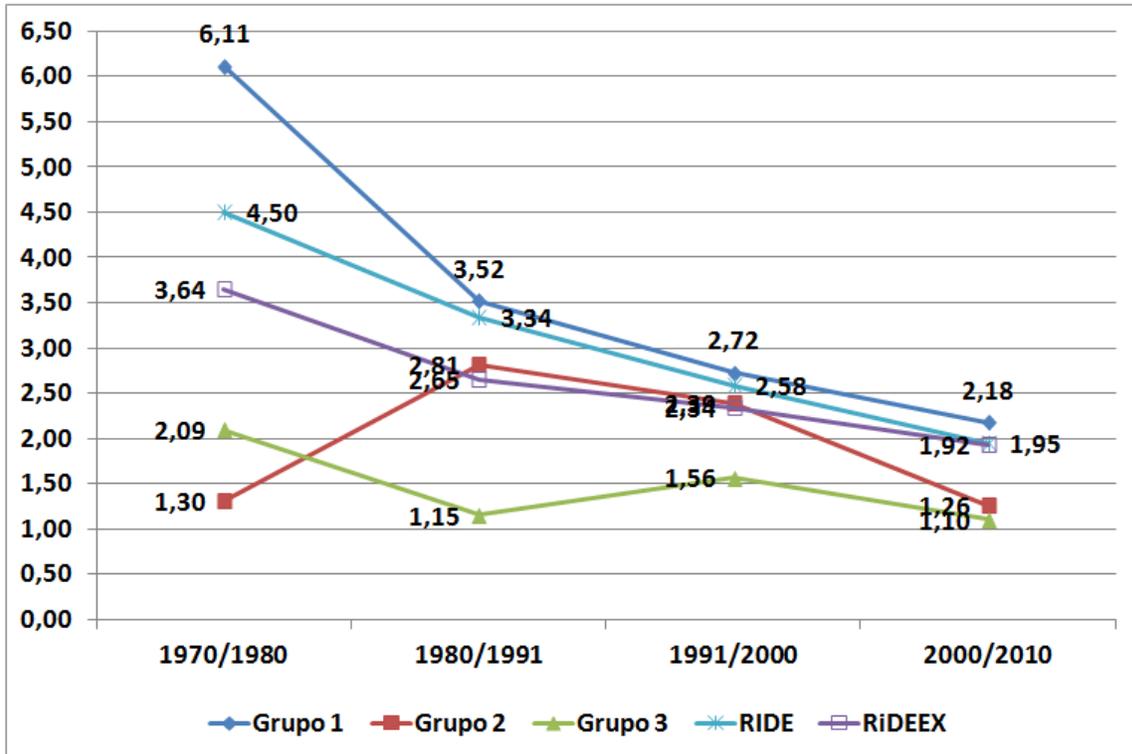


Fonte: IBGE. Censos Demográficos (1970; 1980; 1991; 2000 e 2010).

O grupo 1 constituído pelos municípios de Petrolina, Juazeiro e Sobradinho-BA teve um aumento populacional expressivo no período, com taxas média de crescimento populacional acima dos demais municípios da RIDEEX, com uma dinâmica populacional diferenciada dos demais municípios, especialmente no primeiro período, se mantendo nos anos seguintes.

Esses municípios, durante a década de 1970, estiveram diretamente ligados a implantação dos primeiros perímetros irrigados, e a construção da Barragem de Sobradinho. Além disso, ainda na década de 1950 a ampliação da malha rodoviária e da ponte entre Petrolina e Juazeiro contribuíram para a estruturação de relações comerciais mais robustas entre os municípios e as outras regiões do país, refletindo nas relações econômicas nos anos (Gráfico 27).

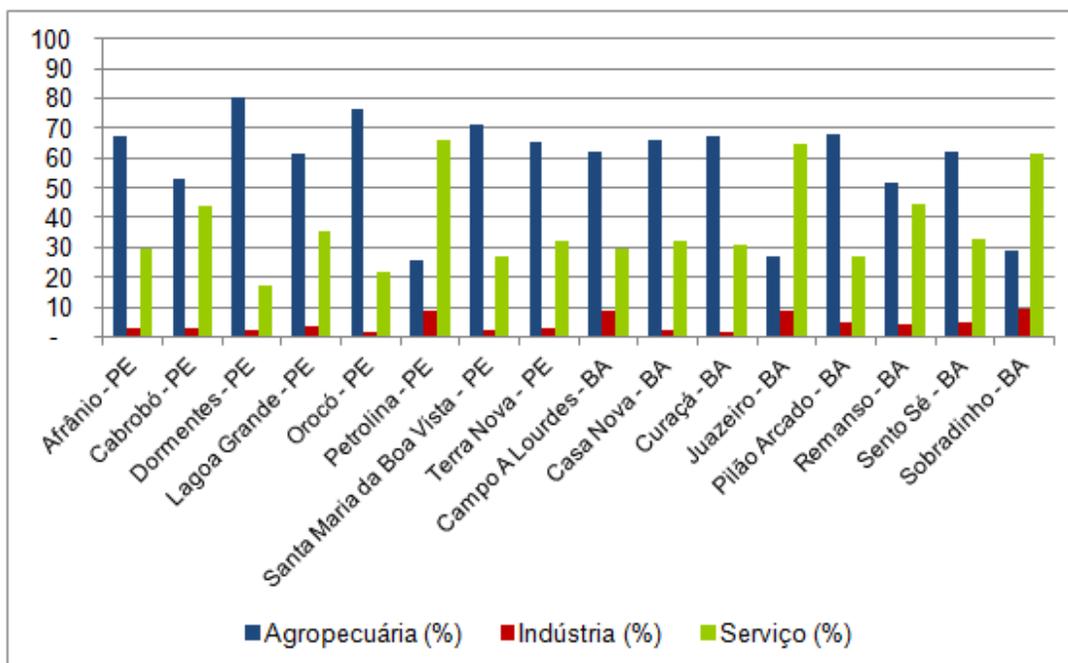
GRÁFICO 27 - Taxa de crescimento populacional médio anual – Grupo 1, Grupo 2, Grupo 3, RIDE e RIDEEX - 1970 a 2010



Fonte: IBGE. Censos Demográficos (1970; 1980; 1991; 2000 e 2010).

As disparidades entre os grupos de municípios, como já apresentadas, vão além do quantitativo populacional. As atividades que estruturam a fruticultura na região contribuíram para o aumento da diversidade (ou especialidade) dos municípios, favorecendo uns com a produção agrícola, outros com o setor de serviços e infraestrutura básica de saúde e educação, porém favoreceu o aumento dos postos de trabalho, contribuindo para emprego e renda (BRASIL, 2010). Uma confirmação desse fato, é que somente os municípios do Grupo 1 possuem predominantemente mais pessoas ocupadas no Setor de Serviços. Em todos os outros municípios da RIDEEX o principal setor de atividade que tem a maior população ocupada é o agropecuário (Gráfico 28).

GRÁFICO 28 - População ocupada (%) – Setores agropecuário, indústria e serviços – Afrânio-PE, Cabrobó-PE, Dormentes-PE, Lagoa Grande-PE, Orocó-PE, Petrolina-PE, Santa Maria da Boa Vista-PE, Terra Nova –PE, Campo Alegre de Lourdes-BA, Casa Nova-BA, Curaçá-BA, Juazeiro-BA, Pilão Arcado –BA, Remanso-BA, Sento Sé-BA e Sobradinho-BA. 2000



Fonte: IBGE (2010).

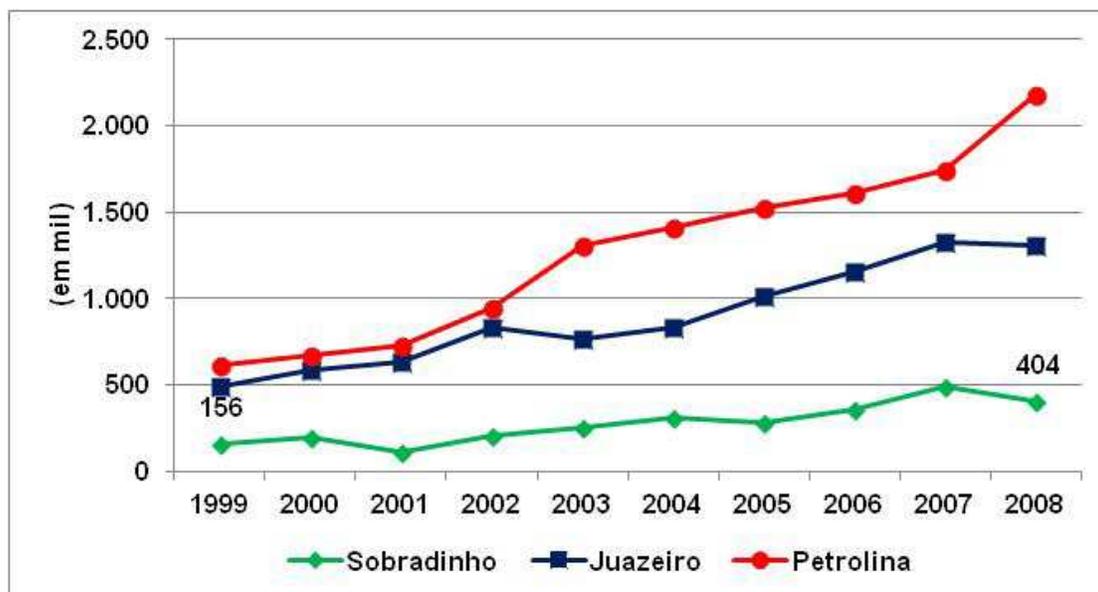
A trajetória do crescimento populacional no Grupo 2, segue a linha de introdução, expansão e consolidação da viticultura e manguicultura nos municípios de Santa Maria da Boa Vista-PE, Lagoa Grande-PE, Casa Nova-BA e Curaçá-BA. É o único grupo que apresenta um aumento na taxa de crescimento populacional durante a década de 1980, saindo de contingente populacional de 83.835 pessoas, em 1980 para um quantitativo de 113.739 pessoas em 1991. Esse grupo, durante a década de 1970, com o plantio das primeiras fruteiras e a implantação dos perímetros irrigados, apresentou um crescimento populacional modesto, comparado com os demais períodos e os outros grupos. A partir da década de 1980 com a maturação dos parreirais e mangueiras, houve a expansão do setor agrícola, contribuindo em grande parte para a contratação de pessoas em todas as etapas de produção nas áreas rurais, e também nas atividades ligadas com a fruticultura nas áreas urbanas. Durante este período, há um intenso crescimento populacional chegando ao maior nível entre os períodos observados. O grupo 3 é formado por alguns municípios que após a construção da Barragem e a formação do Lago (a partir de 1980) tiveram grande parte da população removida para as cidades criadas após a inundação, entretanto, um contingente considerável de pessoas, especialmente os

ribeirinhos, foram removidos para outras áreas, o que pode explicar a queda na taxa média de crescimento no período de 1980/1991.

O grupo 1 foi composto com o município de Sobradinho-BA e os municípios que representam a principal nucleação da RIDEEX: Petrolina e Juazeiro. Esses dois municípios juntos demonstram relevância na organização da rede urbana no interior nordestino, já que apresentam ligações com todos os níveis metropolitanos: São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, além de Recife e Salvador. Ainda conta com a maior parte dos bancos nacionais, ocupando o quinto nível dentre os centros de gestão territorial, em atividades de intermediação financeira (REGIC, 2008).

Sobradinho-BA, apesar de possuir um quantitativo populacional muito inferior aos outros dois, apresenta (4,5% da população de Petrolina e Juazeiro) o terceiro maior montante do PIB dentre os municípios da RIDEEX (Gráfico 29). Sendo que a participação do Setor da Indústria neste montante corresponde a mais de 80% do valor total do PIB do município, de 2002 a 2008.

GRÁFICO 29 - Evolução do PIB Total (em milhões) – Petrolina-PE, Juazeiro-BA e Sobradinho-BA - 1999 a 2008

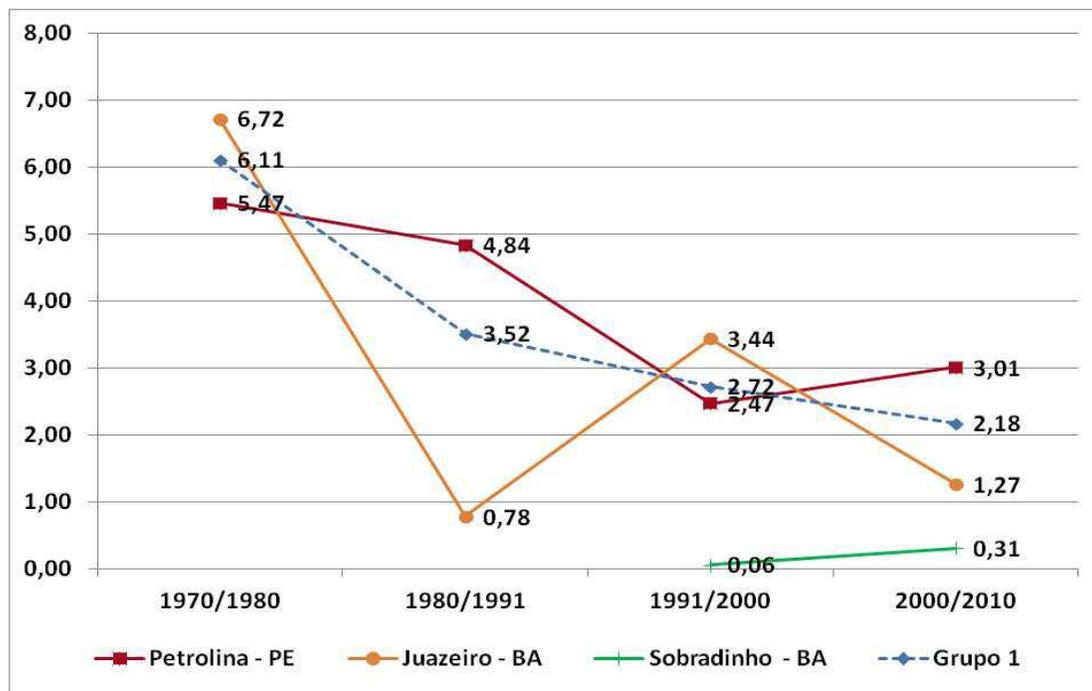


Fonte: PIB TOTAL: R\$(milhões) - IBGE/SCN 2000 Anual.

Este resultado se dá em razão da presença da CHESF e dos valores a título de *royalties*, repassados mensalmente à prefeitura, pelos impactos sociais, culturais e ambientais causados pela obra da barragem (LASA; SANTOS, 2008).

O aumento populacional registrado no município de Petrolina é também resultado do crescimento significativo da população rural, que no período de 2000/2010 apresentou um aumento de 3,64% (a.a), acima do crescimento urbano que foi de 2,80% (a.a). De modo que Petrolina é o único município da RIDEEX que apresentou um crescimento da população rural, maior que o da população urbana no mesmo período (Gráfico 30)

GRÁFICO 30: Taxa de crescimento populacional médio anual – Petrolina-PE, Juazeiro-BA e Sobradinho-BA, Grupo 1 - 1970 a 2010



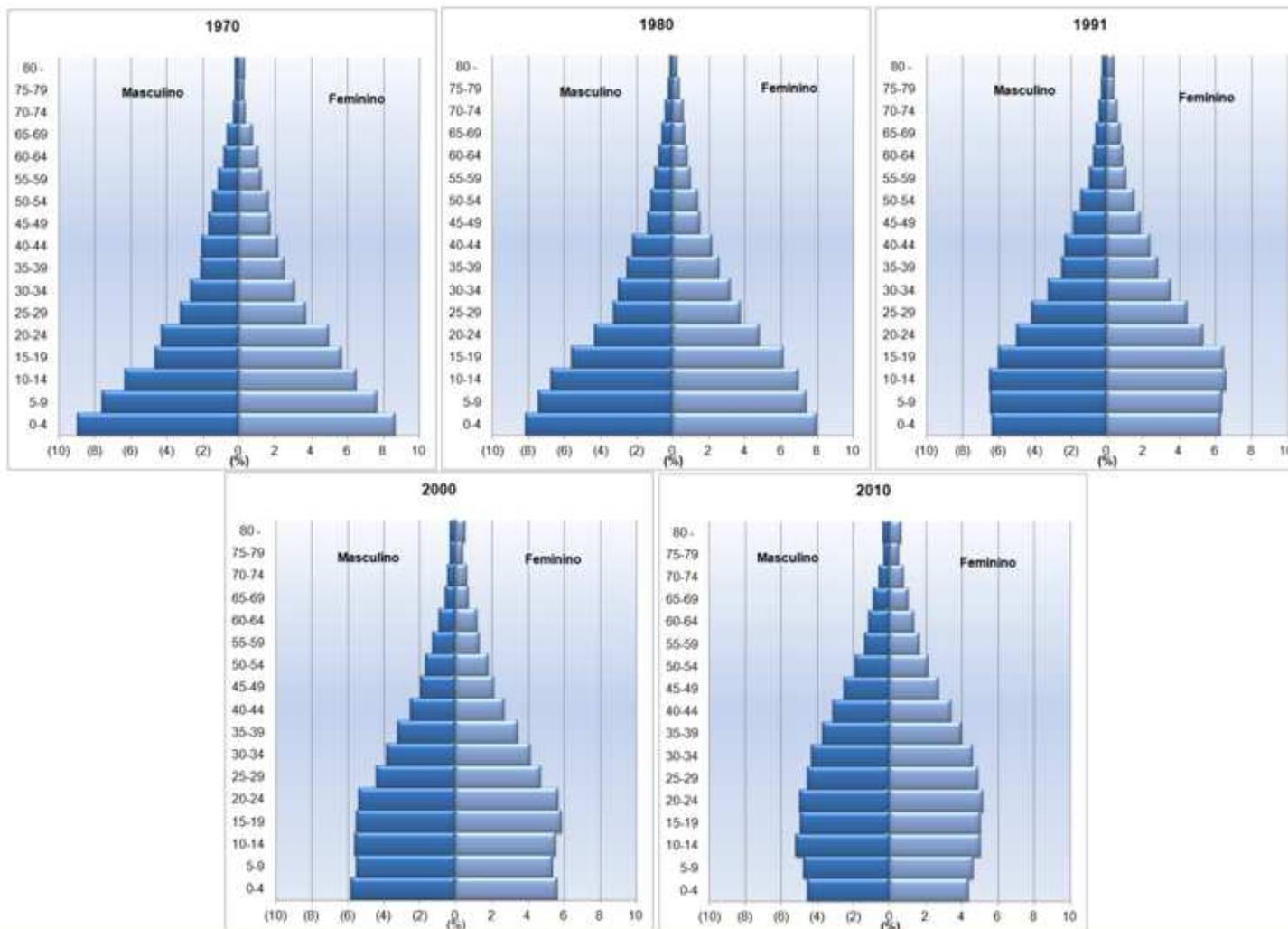
Fonte: IBGE. Censos Demográficos (1970; 1980; 1991; 2000 e 2010).

O aumento populacional nas primeiras décadas de implantação da agricultura irrigada na RIDEEX é resposta do grande número de obras desenvolvidas no período, como diversas iniciativas já apresentadas anteriormente (a partir do final da década de 1950) e, mesmo pela construção da Barragem de Sobradinho (durante a década de 1970). Apesar de destacada dinâmica, é importante registrar que com a construção da barragem vários municípios foram inundados e, com isso, a realocação da população para projetos de colonização. Neste processo um grande contingente de pessoas passou a ter suas atividades produtivas reduzidas em razão da inadequação dos locais em que foram alocados. Ademais, segundo Duque (1987), pelo menos 60.000 pessoas foram deslocadas para outras áreas, como Serra Ramalho, Carinhanha e Bom Jesus da Lapa, no Médio São Francisco.

Por outro lado, a construção de Sobradinho, direta ou indiretamente, atraiu, inicialmente, trabalhadores da construção civil para atuar nas atividades e serviços urbanos que davam suporte a toda esta obra. A vila criada para dar suporte aos trabalhadores da barragem foi transformada no município de Sobradinho-BA, emancipado de Juazeiro e atualmente, conta com mais de 22 mil habitantes (na Tabela 12). De acordo com as informações do capítulo II, Sobradinho-BA, apresenta um dos menores volumes de pessoal ocupado, contudo apresenta um dos três maiores PIB da região de Petrolina-Juazeiro, em razão da hidrelétrica que fica em seus limites e dos *royalties* em razão da Barragem. Esta informação indica, que diferentemente de Petrolina e Juazeiro que apresentam forte dinamismo econômico e de emprego, Sobradinho não atrai outras atividades que possam criar novos postos de trabalho, compatíveis com as riquezas que gera.

A estrutura etária, por sexo da população do grupo 1, segue a mesma trajetória da RIDEEX como um todo, nos anos de 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010, com decréscimo no número de nascimentos no decorrer do período. O formato tipicamente triangular, com uma base alargada, observada nos anos de 1970 e 1980, cedeu lugar a uma pirâmide populacional característica de uma população em processo de envelhecimento, especialmente nos anos de 2000 e 2010. Cabe destacar, no período de 1960 a redução da população, especialmente dos homens nas faixas etárias mais jovens indicando um perfil de emigração nesse período (Gráfico 31).

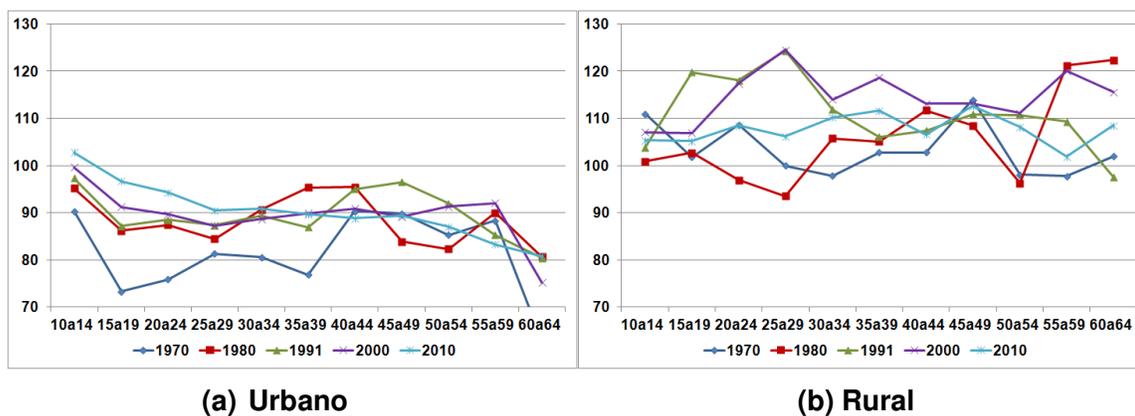
GRÁFICO 31 - Distribuição da população (%) por sexo e idade – Grupo 1 - 1970 a 2010



Fonte: IBGE. Censos Demográficos (1970; 1980; 1991; 2000 e 2010).

Nas áreas urbanas dos municípios do grupo 1, na década de 1970 havia um excedente de 5.293 mulheres. Nas décadas seguintes, esse processo de feminização das áreas urbanas intensificou, apesar da recuperação da proporção populacional masculina, especialmente a partir da faixa etária de 30 a 34 anos, o excedente feminino seguiu aumentando. Em 1991 foi de 9.701 mulheres, passando para 11.363 mulheres em 2000, e em 2010 14.241 mulheres. Enquanto nas áreas rurais, especialmente em 1991 e 2000, a razão de sexo foi de 109 homens para cada 100 mulher e 110 homens para cada 100 mulheres, respectivamente. Alcançando a predominância masculina, com um excedente no primeiro período de 3.333 homens e no segundo de 4.620 homens (2000). Esta situação se confirma em 2010, com um excedente masculino de 3.815 e uma proporção de 107 homens para 100 mulheres, apesar de a predominância masculina apresentar um equilíbrio entre as faixas etárias, diferentemente do que acontecia nos anos anteriores, principalmente em 1991 e 2000, nas faixas etárias mais jovens (Gráficos 32 a e b).

GRÁFICO 32: Razão de Sexo (H/M) - População urbana (a) e rural (b), por faixa etária entre 10 anos e 64 anos - Grupo 1 - 1970-2010



Fonte: IBGE. Censos Demográficos (1970; 1980; 1991; 2000 e 2010).

Petrolina e Juazeiro têm uma grande importante participação no mercado de trabalho (como apresentado no tópico 2.2) para a RIDEEX, uma vez que concentram 52% de todo o contingente ocupado na região de estudo (134.772 pessoas). Vale reiterar que desses, 65% estavam atuando no Setor de Serviços (Tabela 16).

TABELA 16: População Ocupada em valores absolutos (N) e relativos (%) - Setores primário, indústria e serviços - Petrolina - PE, Juazeiro - BA, Casa Nova - BA, Santa Maria da Boa Vista - PE, Curaçá - BA, Remanso - BA, Dormentes - PE, Sento Sé - BA, Pilão Arcado - BA, Cabrobó - PE, Campo Alegre de Lourdes - BA, Lagoa Grande - PE, Afrânio - PE, Orocó - PE, Terra Nova - PE, Sobradinho - BA, Grupo 1, Grupo 2, Grupo 3 e RIDEEX, em 2000

Localidades	Primário		Indústria		Serviços		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Petrolina - PE	18.814	16	6.571	40	48.635	37	74.076	28
Juazeiro - BA	16.304	14	5.175	31	39.273	30	60.798	23
Casa Nova - BA	13.507	12	437	3	6.617	5	20.575	8
Santa Maria da Boa Vista - PE	10.738	9	296	2	4.045	3	15.090	6
Curaçá - BA	7.084	6	197	1	3.231	2	10.519	4
Remanso - BA	6.942	6	582	4	5.967	5	13.501	5
Dormentes - PE	5.700	5	176	1	1.228	1	7.110	3
Sento Sé - BA	5.613	5	467	3	2.992	2	9.080	3
Pilão Arcado - BA	5.343	5	396	2	2.105	2	7.851	3
Cabrobó - PE	5.249	5	320	2	4.328	3	9.904	4
Campo Alegre de Lourdes - BA	5.194	5	753	5	2.462	2	8.418	3
Lagoa Grande - PE	4.002	3	233	1	2.303	2	6.543	3
Afrânio - PE	3.101	3	145	1	1.343	1	4.593	2
Orocó - PE	3.079	3	68	0	876	1	4.026	2
Terra Nova - PE	2.204	2	89	1	1.087	1	3.382	1
Sobradinho - BA	1.792	2	597	4	3.827	3	6.221	2
Grupo 1	36.910	32	12.343	75	91.735	70	141.095	54
Grupo 2	35.331	31	1.163	7	16.196	12	52.728	20
Grupo 3	42.425	37	2.996	18	22.388	17	67.864	26
RIDEEX	114.666	100	16.502	100	130.319	100	261.687	100

Fonte: IBGE (2010). Sistema de Recuperação Automática – Sidra.

Algumas categorias do Setor de Serviços são quase que exclusivamente oferecidas pelos municípios de Petrolina, Juazeiro e Sobradinho, como os Serviços Sociais, que engloba os ramos da saúde pública, saúde particular, serviços veterinários, serviços sociais e outras atividades da saúde. Para este quesito os dois municípios juntos concentram 81,2% de todo o pessoal ocupado na categoria.

De acordo com as informações do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde – DATASUS, vinte dos 26 tipos de estabelecimentos³³ que formavam a Rede de

³³ Central de Regulação de Serviços de Saúde, Centro de Atenção Hemoterápica e ou Hematológica, Centro de Atenção Psicossocial, Centro de Apoio a Saúde da Família, Centro de Parto Normal, Centro de Saúde/Unidade Básica de Saúde, Clínica Especializada/Ambulatório Especializado, Consultório Isolado, Cooperativa, Farmácia Médica Excepcional e Programa Farmácia Popular, Hospital Dia, Hospital Especializado, Hospital Geral, Laboratório Central de Saúde Pública - LACEN, Policlínica, Posto de Saúde, Pronto Atendimento, Pronto Socorro Especializado, Pronto Socorro Geral, Secretaria de Saúde, Unidade Mista - atendimento 24h: atenção básica, intern./urg, Unidade de Atenção à Saúde Indígena, Unidade de Serviço de Apoio de Diagnóstico e Terapia, Unidade de Vigilância em Saúde, Unidade Móvel Fluvial, Unidade Móvel Pré-Hospitalar - Urgência/Emergência, Unidade Móvel Terrestre.

Assistência à Saúde nos estados de Pernambuco e Bahia, estão presentes nos municípios de Petrolina e Juazeiro, em 2010³⁴. Os demais estabelecimentos são serviços que eram oferecidos somente nos municípios da Região Metropolitana de Recife ou em municípios que estão muito distantes dos grandes centros urbanos, como Centro de Atenção Hemoterápica e ou Hematológica, Centro de Apoio a Saúde da Família, Centro de Parto Normal, Laboratório Central de Saúde Pública - LACEN, Pronto Atendimento, Pronto Socorro Especializado, Unidade de Atenção à Saúde Indígena.

Além da diversidade dos estabelecimentos, os principais municípios da RIDEEX concentravam 70% de todos os estabelecimentos que fazem parte da Rede de Assistência à Saúde, sendo que alguns serviços (Central de Regulação de Serviços de Saúde; clínicas, hospitais, policlínicas especializados; unidade móvel de urgência) são disponibilizados apenas nos municípios de Petrolina e Juazeiro fazendo com que seja destino de diversas pessoas de outros municípios na busca por estes serviços e estabelecimentos.

Além dos estabelecimentos de saúde, há também a concentração de profissionais da área da saúde, especialmente médicos nos dois municípios. De acordo com as informações do DATASUS para 2007, dos 612 médicos presentes na RIDEEX, 82% estavam nos três municípios que formam o Grupo 1 (desses apenas 6 são do município de Sobradinho), sendo 265 profissionais somente em Petrolina.

Apesar da grande concentração de médicos nos municípios, a taxa de médicos por habitantes é abaixo do quantitativo de médicos nas capitais dos estados de Pernambuco e Bahia que apresentam respectivamente, 352,1 hab/médico, com 4.368 profissionais e 566,0 hab/médico com 4.890 profissionais.

Além das atividades ligadas a Saúde, havia em 2000 15.525 pessoas atuando no ramo da Educação, sendo que desses 58% trabalhavam em Petrolina, Juazeiro e Sobradinho. Além de uma vasta rede de escolas públicas de ensino fundamental e médio (sobretudo se comparada com os demais municípios do interior da Região Nordeste), estas localidades contam com instituições de ensino técnico e superior como escolas técnicas e agrotécnicas, universidades estaduais, federal, além de autarquias e faculdades particulares.

Entre elas, uma merece destaque, a universidade federal criada em 2004, Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, que iniciou suas atividades com três campi e atualmente conta com mais um, sendo dois instalados no estado da Bahia, em

³⁴ Alguns serviços estão em processo de implantação e outros já estão em funcionamento como é o caso dos Centros de Apoio à Saúde da Família, que começaram as atividades em setembro de 2011, no município de Petrolina.

Juazeiro e Senhor do Bonfim, e um em São Raimundo Nonato, no Piauí e o quarto em Petrolina-PE, onde está localizada a administração central. A instituição conta atualmente mais de 4.000 estudantes e recebe a cada ano outros 820 ingressantes, distribuídos em 21 cursos, criados para atender à demanda local detectada por meio de estudos que balizaram toda a sua implantação (PETROLINA, 2011).

A criação da UNIVASF trouxe diversos benefícios para a região, como por exemplo, a disponibilidade de acesso ao Ensino Superior no interior, como alternativa para os estudantes que buscavam nas capitais cursos antes não disponíveis nos municípios próximos, como Medicina e Engenharias. Outra contribuição é a disseminação de produtos e serviços oferecidos pela universidade à população das cidades circunvizinhas, como na área da saúde com Hospital Universitário, Hospital Veterinário, Policlínica, Centro de Estudos e Práticas em Psicologia, pesquisa na área das engenharias computacional, mecânica, elétrica, civil, produção, agrícola e ambiental – facilitando o acesso de estudantes de diversas cidades ao ensino superior, visto que as cidades de Petrolina e Juazeiro ocupam uma posição privilegiada no que se refere à localização geográfica, pois se encontram na região central do Nordeste (PEREIRA, 2006).

O sistema de transporte, mais utilizado na RIDEEX é o individual particular e do ônibus municipal tradicional como meio de transporte coletivo, os deslocamentos populacionais na RIDE também se dão fortemente por meios alternativos (BRASIL, 2010).

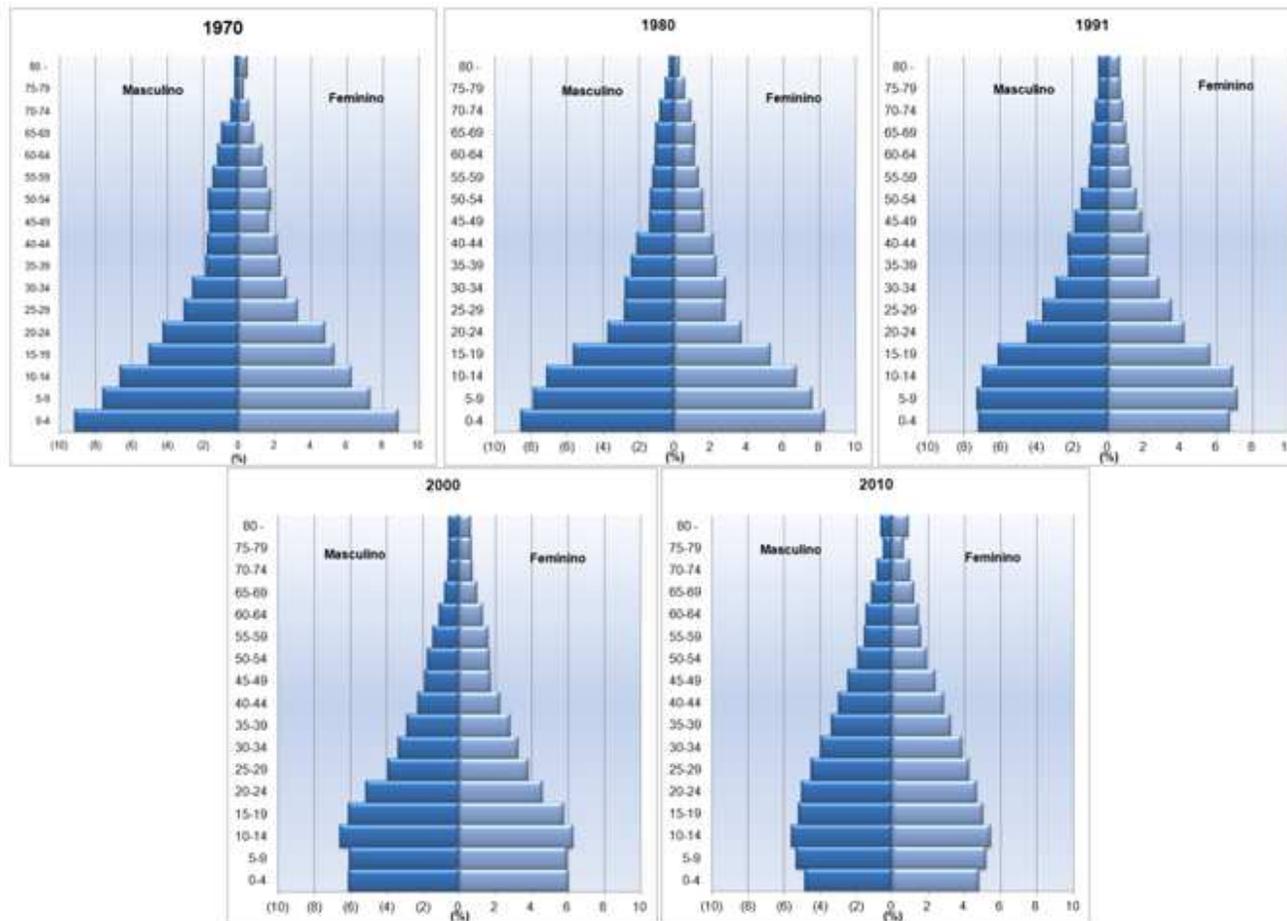
O transporte via Rio São Francisco, por meio de barco, ou balsa é atualmente muito utilizado, especialmente entre os municípios de Juazeiro e Petrolina e Santa Maria e Curaçá, além de Lagoa Grande. No município de Petrolina e Juazeiro, o transporte fluvial é gerenciado em âmbito federal; já em Lagoa Grande (entre os distritos de Vermelhos e Pontal) o gerenciamento fica por conta da prefeitura. Nos demais municípios da RIDEEX, o transporte é geralmente informal, com o uso de vans e moto-táxi sendo os meios mais utilizados de locomoção, uma vez que o sistema de transporte público coletivo é muito precário.

Quanto aos municípios do Grupo 2, Lagoa Grande e Santa Maria da Boa Vista em Pernambuco, Casa Nova e Curaçá no estado da Bahia, são os municípios que em 2000, concentravam 20% da população ocupada e 18,5% da população residentes da RIDEEX. A estrutura etária desse grupo, assim como o grupo, apresenta nas últimas décadas, uma base estreita e um alargamento na faixa etária dos 80 anos ou mais, especialmente na população feminina (Gráfico 33).

Dentre os municípios do G2, Santa Maria da Boa Vista é o segundo município pernambucano que apresenta um aumento populacional importante, durante o processo de

consolidação da fruticultura na região (Gráfico 34). De 23.876 habitantes em 1980, registra em 1991, 42.006 habitantes (Tabela 12, descrita anteriormente). Com a emancipação de Lagoa Grande em 1995, (antigo distrito de Santa Maria da Boa Vista), estes dois municípios passam a concentrar grande parte da produção de uva da RIDEEX, e também as respostas desse dinamismo agrícola.

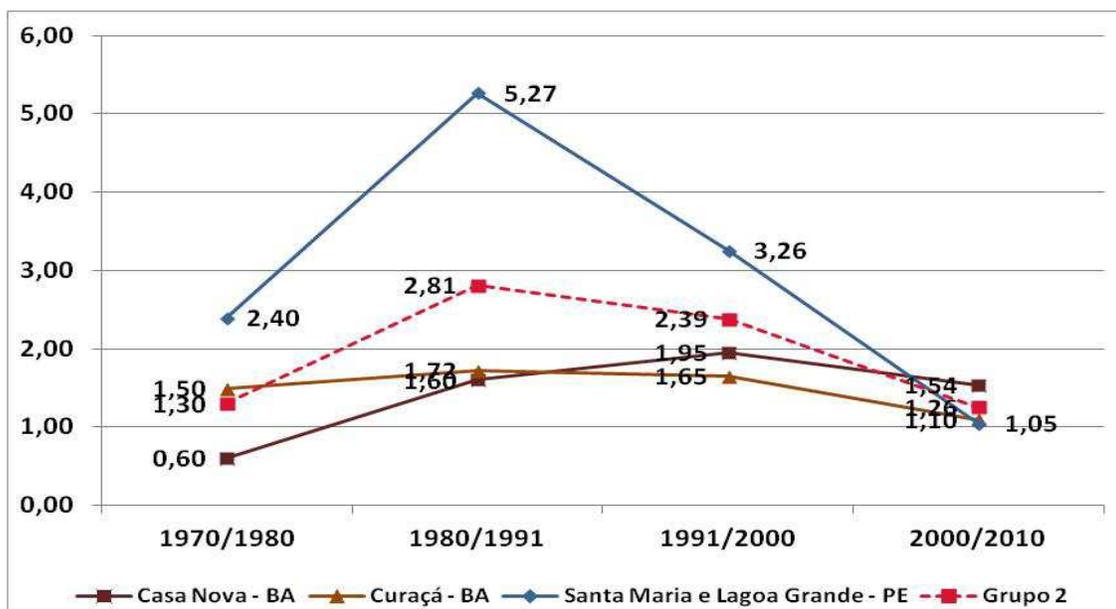
GRÁFICO 33 - Distribuição da população (%) por sexo e idade - Grupo 2 - 1970 a 2010



Fonte: IBGE. Censos Demográficos (1970; 1980; 1991; 2000 e 2010).

Casa Nova é o terceiro município mais populoso da RIDEEX, com 64.940 habitantes representando 41% da população total do grupo 3 e 7,3 % da RIDEEX (Tabela 12 descrita anteriormente). Apesar disso, o crescimento populacional apresenta um aumento significativo, comparado com os demais, a partir de 2000. Este município como já citado no capítulo anterior, teve sua sede deslocada³⁵, em 1976, em razão da barragem de Sobradinho, e muitas pessoas foram instaladas em outras localidades fora o município (Gráfico 34).

GRÁFICO 34 - Taxa de crescimento populacional médio anual – Casa Nova-BA, Curaçá-BA, Santa Maria da Boa Vista³⁶-PE e Lagoa Grande-PE, e Grupo 2 - 1970 a 2010



Fonte: IBGE. Censos Demográficos (1970; 1980; 1991; 2000 e 2010).

Nas áreas rurais dos municípios do grupo 2, o excedente feminino aumentou ao longo dos anos de 1970 (83 h/m³⁷), 1980 (94 h/m), 1991 (94 h/m), 2000 (95 h/m) e 2010 (95 h/m). Em 1980, o excesso de mulheres foi de 598, porém ao longo dos anos esse quantitativo cresceu, chegando em 1.548 mulheres mais, em 2000. Apesar de que em 1991, considerando as faixas etárias entre 10 a 14anos e 60 a 64 anos, a participação do homem nas áreas rurais apresentou uma suave queda ao longo das faixas etárias.

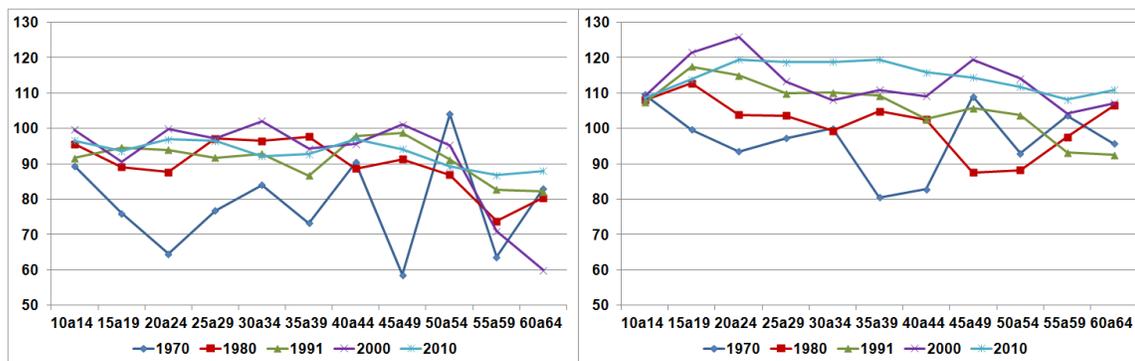
³⁵ A nova sede foi implantada “a partir de um planejamento prévio, que concretizou novos parâmetros de desenho urbano, como a padronização das áreas de quadras, dos lotes e dos espaços de uso público” (BRASIL, 2010).

³⁶ Santa Maria no gráfico é Santa Maria da Boa Vista-PE.

³⁷ H/M – razão de sexo, homem por mulher.

De modo geral, os grupos 1 e 2 apresentam comportamento semelhantes quanto a predominância das mulheres nas áreas urbanas e os homens nas áreas rurais. Entretanto, os municípios dos grupos 2, mais ligados ao Setor Agropecuário apresentam um contingente masculino maior, de 101 homens para cada 100 em 1970 para 111 homens para cada 100 mulheres em 2000 (Gráfico 35).

GRÁFICO 35 - Razão de Sexo (H/M) - População urbana (a) e rural (b), por faixa etária entre 10 anos e 64 anos - Grupo 2 - 1970 - 2010



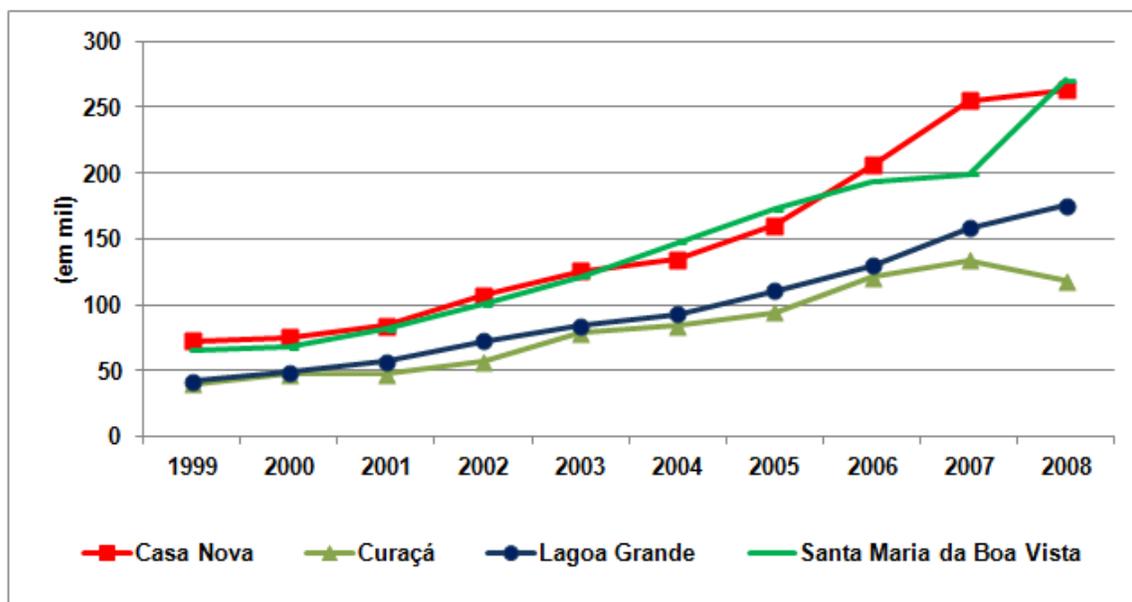
(a) Urbano

(b) Rural

Fonte: IBGE. Censos Demográficos (1970; 1980; 1991; 2000 e 2010).

Esse grupo de municípios apresenta um resultado expressivo no volume do PIB, se comparado com ultimo grupo (Gráfico 36). O Setor de Serviços tem uma participação predominante nas atividades econômicas nos municípios, seguido pelo Setor Agropecuário e por ultimo o setor Industrial, no montante do PIB (Tabela 17).

GRÁFICO 36 - Evolução do PIB Total (em milhões) – Casa Nova-BA, Curaçá-BA, Lagoa Grande-PE e Santa Maria da Boa Vista-PE - 1999 a 2008



Fonte: PIB TOTAL: R\$(milhões) - IBGE/SCN 2000 Anual.

TABELA 17 - PIB Total (em milhões e %) - Setores Agropecuário (Agrop.), indústria (Ind.) serviços (Serv.) - Casa Nova-BA, Curaçá-BA, Lagoa Grande-PE e Santa Maria da Boa Vista-PE - 2000 e 2008

Ano	Município	Agrop.	Ind.	Serv.	PIB total	Agrop. (%)	Ind. (%)	Serv. (%)
2000	Curaçá	14.586	8.208	24.483	47.277	31	17	52
	Casa Nova	19.488	8.806	47.028	75.323	26	12	62
	Santa M da Boa Vista	20.703	6.703	40.204	67.610	31	10	59
	Lagoa Grande	20.400	3.591	24.946	48.937	42	7	51
2008	Curaçá	32.614	15.695	69.675	117.984	28	13	59
	Casa Nova	94.654	26.844	141.274	262.772	36	10	54
	Santa M da Boa Vista	129.996	17.896	122.574	270.465	48	7	45
	Lagoa Grande	96.140	8.123	71.076	175.339	55	4	41

Fonte: PIB TOTAL: R\$(milhões) - IBGE/SCN 2000 Anual.

Contudo, a trajetória da participação de cada grande setor de atividade econômica no período entre 1999 e 2008 é diferenciada. Nestes municípios, constituídos pelas maiores produção e área plantada de frutíferas da Região Nordeste, há registros de queda na participação do Setor de Serviços, no período avaliado, comparado com os outros grupos. Por outro lado, houve um aumento significativo da participação do Setor Agropecuário, como em

Lagoa Grande e Santa Maria da Boa Vista que em 1999 o setor respondia por 37% e 33% do PIB total e em 2008, passou a representar 55% e 48%, respectivamente do PIB total.

Essa trajetória, nos anos de 2000 e 2008, das atividades no Setor Primário e no Setor de Serviços seguem um movimento diferente do que vem acontecendo nos estados da Bahia e Pernambuco, assim como na Região Nordeste. Cujo avanço da urbanização e o crescimento do Setor de Serviços apresentam uma relação positiva.

Apesar dos municípios do grupo 2 estarem intensamente envolvidos com a produção de frutícolas e os efeitos dessa participação serem evidentes na dinâmica econômica dos municípios (pessoal ocupado e PIB), não há uma manutenção da taxa de crescimento populacional para o período 2000/2010. O que pode indicar que a dinâmica demográfica, no período mais recente, está sofrendo alterações. Uma explicação para este processo pode ser o favorecimento de deslocamentos diários da população ocupada entre os municípios do grupo 2 e outros mais próximos, como Petrolina e Juazeiro. Entretanto, este fato, só poderá ser confirmado com a divulgação das informações de deslocamento do Censo Demográfico de 2010.

Os municípios que formam o grupo 3, Afrânio-PE, Cabrobó-PE, Campo Alegre de Lourdes - BA, Dormentes-PE, Pilão Arcado - BA, Remanso-BA, Sento Sé-BA e Terra Nova - PE tem uma população total de 225.166 habitantes (Censo Demográfico de 2010), o que representa 25% do total de pessoas residentes, com 26% do contingente ocupado da RIDEEX. Os municípios com maior número de residentes são Remanso, Sento Sé e Pilão Arcado no estado da Bahia, com 49% da população total do grupo 3 (Tabela 12, descrita anteriormente), apesar de apresentarem, entre 1991 e 2010, uma tendência de queda na participação da população total do grupo (Tabela 18).

TABELA 18 - População residente (%) – Remanso-BA, Sento Sé-BA, Pilão Arcado-BA, Cabrobó-PE, Campo Alegre de Lourdes-BA, Afrânio-PE, Dormentes-PE, Orocó-PE, Terra Nova-PE – 1970 a 2010

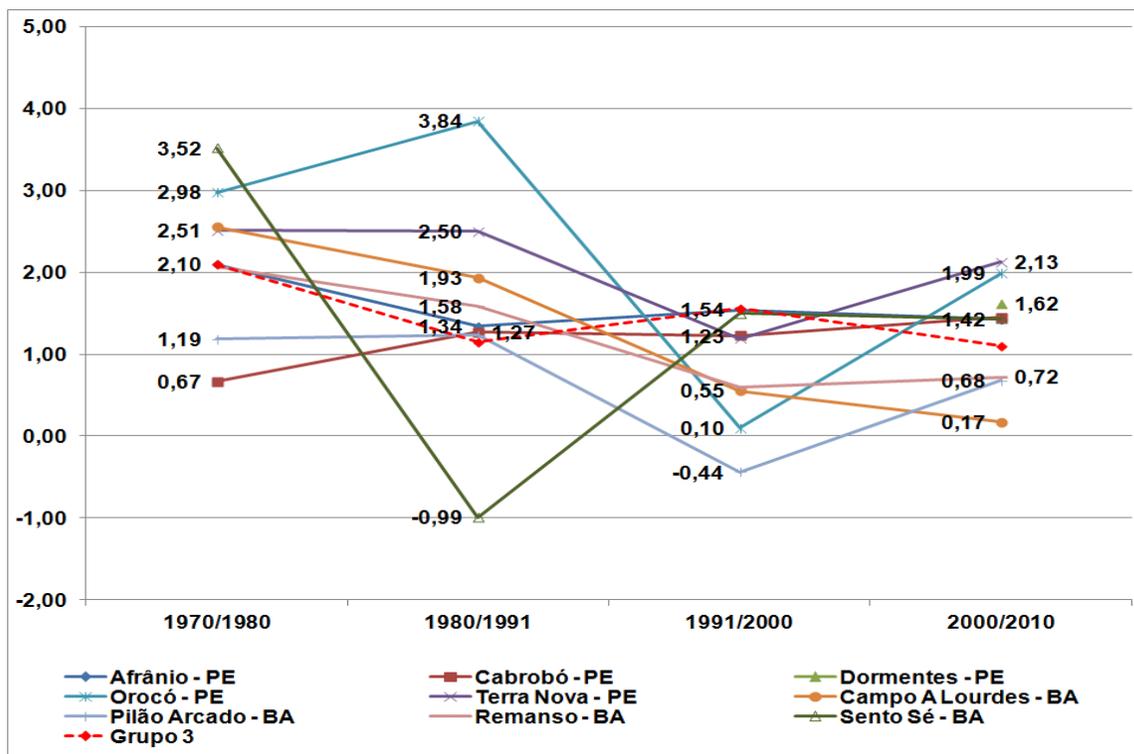
Municípios	1970	1980	1991	2000	2010
Remanso	18,8	18,7	19,6	18,0	17,3
Sento Sé	17,8	20,5	16,2	16,1	16,6
Pilão Arcado	19,7	18,0	18,2	15,2	14,6
Cabrobó	15,5	13,5	13,7	13,3	13,7
Campo Alegre de Lourdes	13,3	13,9	14,9	13,7	12,5
Afrânio	7,4	7,4	7,6	7,6	7,8
Dormentes	-	-	-	7,1	7,5
Orocó	4,2	4,6	6,1	5,4	5,9
Terra Nova	3,2	3,4	3,8	3,7	4,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE. Censos Demográficos (1970; 1980; 1991; 2000 e 2010).

O município de Orocó, apesar de possuir o segundo menor volume populacional do Grupo 3, apresenta um crescimento populacional intenso, especialmente no período entre 1980 e 1991, sendo muito superior aos demais municípios do grupo (Gráfico 37), porém para os anos seguintes são registradas grandes oscilações com uma recuperação entre 2000/2010.

Um fato ocorrido em meados da década de 1980, que pode ajudar a explicar este diferencial na taxa de crescimento populacional é a finalização da Hidrelétrica Luiz Gonzaga (Itaparica), iniciada na década de 1970. Esta obra teve efeitos em alguns municípios da microrregião de Petrolina e em vários municípios da região de Belém do São Francisco. Assim, como na construção da Barragem de Sobradinho, muitas famílias foram desalojadas e realocadas em assentamentos. Dois deles localizados nos municípios que hoje são Santa Maria da Boa Vista e Orocó, constituídos em sua maioria por agricultores que tiveram acesso a um conjunto de ações de infraestrutura e irrigação, permitindo resultados expressivos com culturas temporárias, em uma subzona da zona de sequeiro (BRASIL, 2011).

GRÁFICO 37 - Taxa de crescimento populacional médio anual –Afrânio-PE, Cabrobó-PE, Campo Alegre de Lourdes-BA, Dormentes-PE, Orocó-PE, Pilão Arcado-BA, Remanso-BA, Sento Sé-BA, Terra Nova-PE e Grupo 3 - 1970 a 2010



Fonte: IBGE. Censos Demográficos (1970; 1980; 1991; 2000 e 2010).

Já no final da década de 1990 são registradas as primeiras áreas com culturas permanentes, como banana, goiaba e coco, com a expansão das áreas destinadas às fruteiras nos anos seguintes, o que pode ter contribuído para a retomada do aumento populacional entre os anos de 2000/2010.

Sento Sé é um município que apresentou uma grande perda de população no entre 1980 e 1991, entretanto, não há indícios que houve troca de população entre Orocó - PE (o município mais dinâmico naquele momento) e Sento Sé.

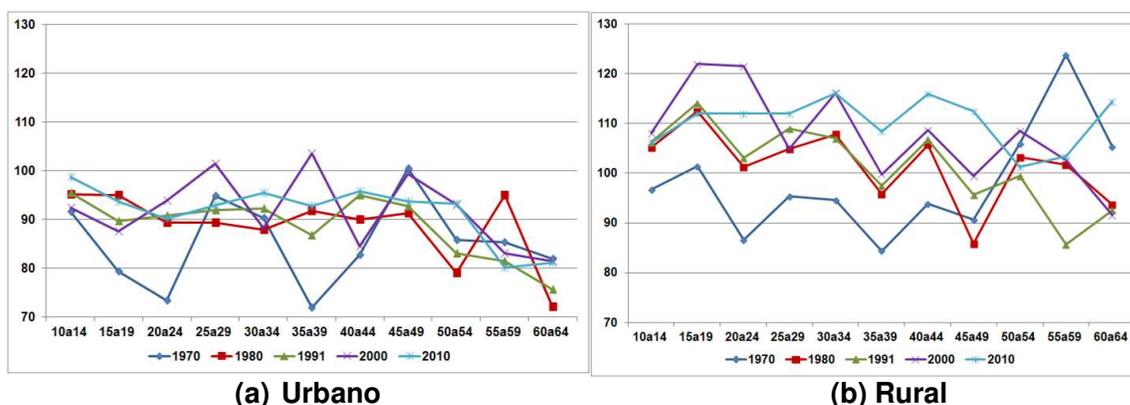
Os demais municípios do Grupo 3 seguem o mesmo comportamento com quedas nas taxas de crescimento populacional entre os anos de 1970 a 2000, sugerindo tratar de uma região menos eficiente quanto à retenção de população.

No grupo 3, no ano de 1970, tanto nas áreas rurais quanto urbanas, a população feminina era predominante. Em grande parte, pelos altos fluxos migratórios que esses municípios apresentavam no período. Além disso, há quedas significativas na população masculina urbana, em idades jovens.

Nos anos de 1980 e 1991, este comportamento não é repetido, o que pode indicar a diminuição da emigração e a retenção da população urbana nos municípios desse grupo. Além disso, a partir de 2000, num período em que houve um aumento da participação de alguns municípios na produção agrícola da RIDEEX, há uma recuperação na população masculina, apesar das grandes oscilações nas diversas faixas etárias. Contudo, no ano de 2010, há certa estabilidade nas proporções de homem por mulher, nas áreas urbanas, com uma proporção média para o período de 92 homens para cada 100 mulheres.

Nas áreas rurais, o aumento da proporção de homens de 1970 a 2000 é observado ao longo de todas as faixas etárias, com mais intensidade nas faixas etárias mais jovens, apesar das oscilações ao longo do período. Em 2010, assim como nas áreas urbanas há uma estabilidade nas proporções com patamares em torno de 113 homens para cada 100 mulheres (Gráfico 38).

GRÁFICO 38 - Razão de Sexo (H/M) - População urbana (a) e rural (b), por faixa etária entre 10 anos e 64 anos – Grupo 3 – 1970 – 2010

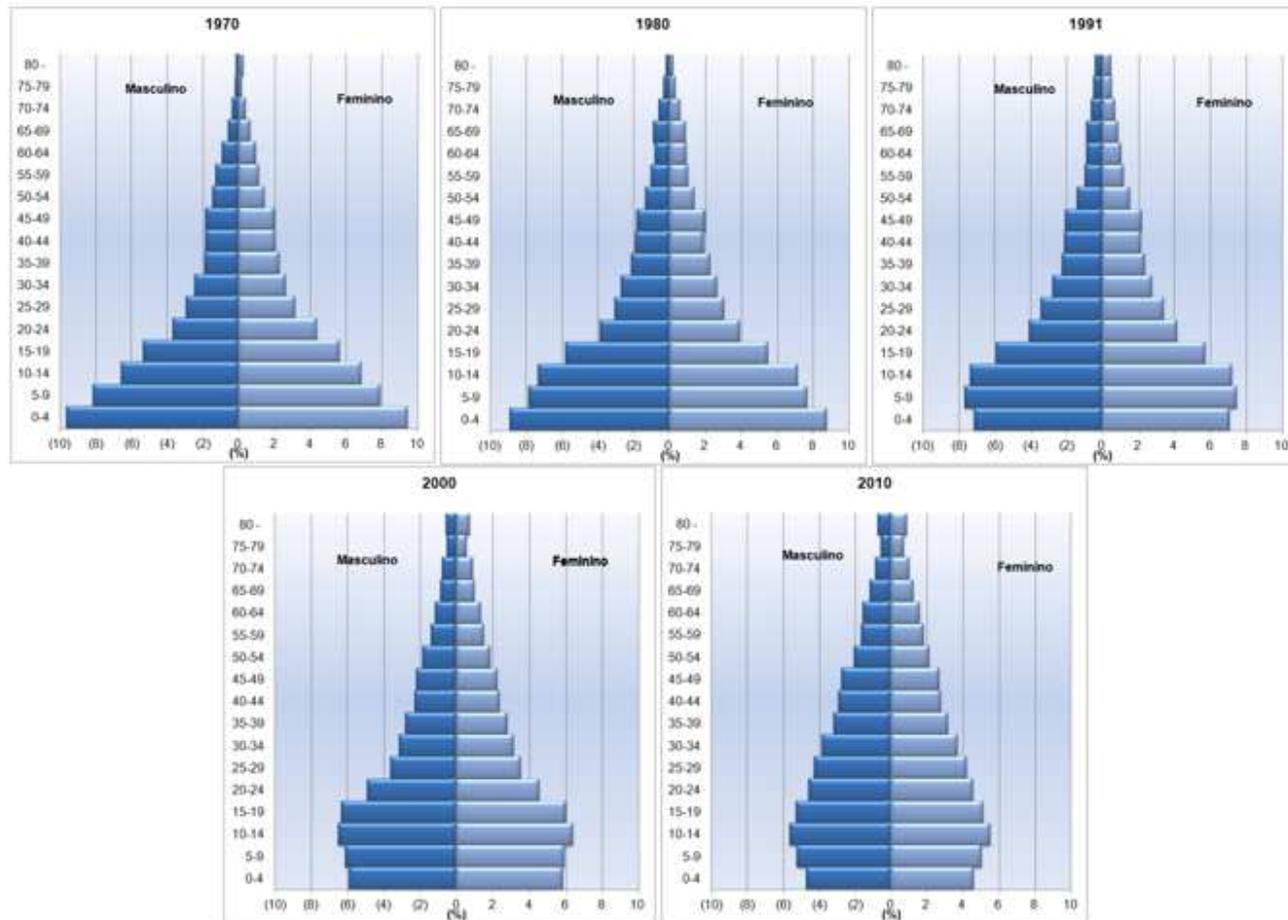


Fonte: IBGE. Censos Demográficos (1970; 1980; 1991; 2000 e 2010).

Assim como os grupos 1 e 2, o grupo 3, acompanha o processo de envelhecimento populacional nacional e estadual a partir da queda da fecundidade e aumento da expectativa de vida. A pirâmide etária a partir do ano de 1991 mostra o estreitamento da base, com a diminuição da população mais jovem comparada com as faixas etárias maiores (Gráfico 39).

Observa-se também que as mulheres têm participação mais efetiva do que os homens sobre o envelhecimento da população, apesar de que nas faixas etárias entre 10 e 14 anos e 60 a 64 anos, há um diferencial por situação de domicílio rural e urbano, especialmente em 2010 (Gráfico 39).

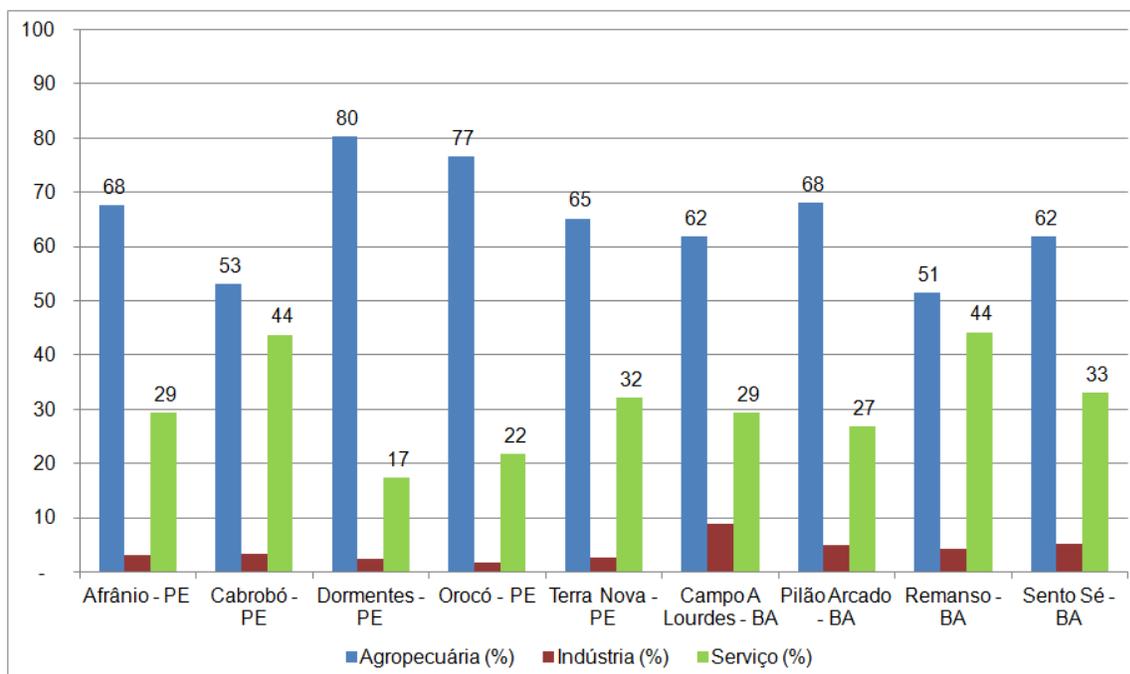
GRÁFICO 39 - Distribuição da população (%) por sexo e idade - Grupo 3 - 1970 a 2010



Fonte: IBGE. Censos Demográficos (1970; 1980; 1991; 2000 e 2010).

Assim como no Grupo 2, os municípios do grupo 3 concentram grande parte do contingente ocupado atuando no Setor Primário, em 2000. Tem-se que 63% estão trabalhando no setor primário, o que corresponde a 40.506 pessoas ocupadas com atividades de cultivo e 31% no Setor de Serviços (Gráfico 40).

GRÁFICO 40 - População Ocupada (%) – Setores agropecuário, indústria e serviços - Afrânio-PE, Cabrobó-PE, Campo Alegre de Lourdes - BA, Dormentes-PE, Orocó-PE, Pilão Arcado - BA, Remanso-BA, Sento Sé-BA e Terra Nova - PE – 2000



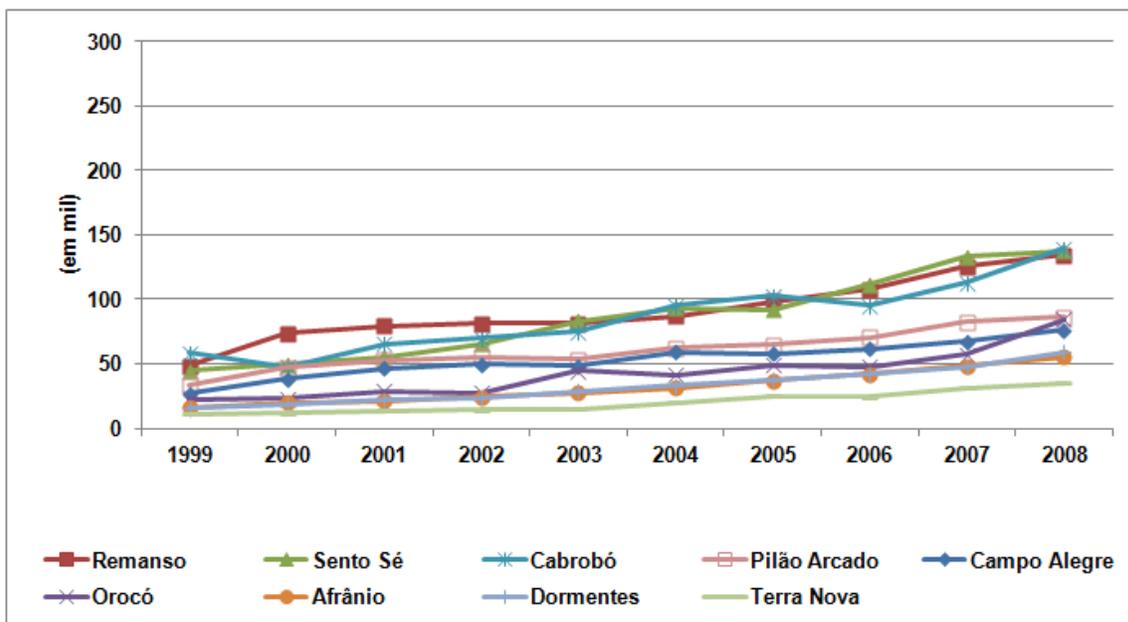
Fonte: IBGE (2010. Sistema de Recuperação Automática – Sidra.

Com destaque, para os municípios de Cabrobó-PE e Remanso-BA, que registraram em 2000 dentre os três grandes setores de atividade econômica, os menores contingentes ocupados (relativos) no setor primário, com 5.249 e 6.942 pessoas ocupadas, respectivamente.

Os municípios de Cabrobó – PE e Remanso – BA chamam atenção pois apresentam distribuição da população ocupada por setor de atividade mais equilibrada entre o setor primário e o setor de serviços, diferentemente do que se verifica para os demais municípios do grupo. Em termos absolutos para a agropecuária são 5.249 e 6.942 pessoas ocupadas, respectivamente. Já no que se refere ao setor de serviços em Cabrobó-PE e Remanso-BA, cabe destacar que as atividades que mais empregam são Comércio, Construção Civil, Transporte e Educação. Juntas estas atividades representam mais de 50% da população ocupada desse setor nos municípios.

Quanto ao PIB, esses municípios apresentam crescimento, apesar do nível ser bem abaixo dos demais municípios da RIDEEX (GRAFICO 41).

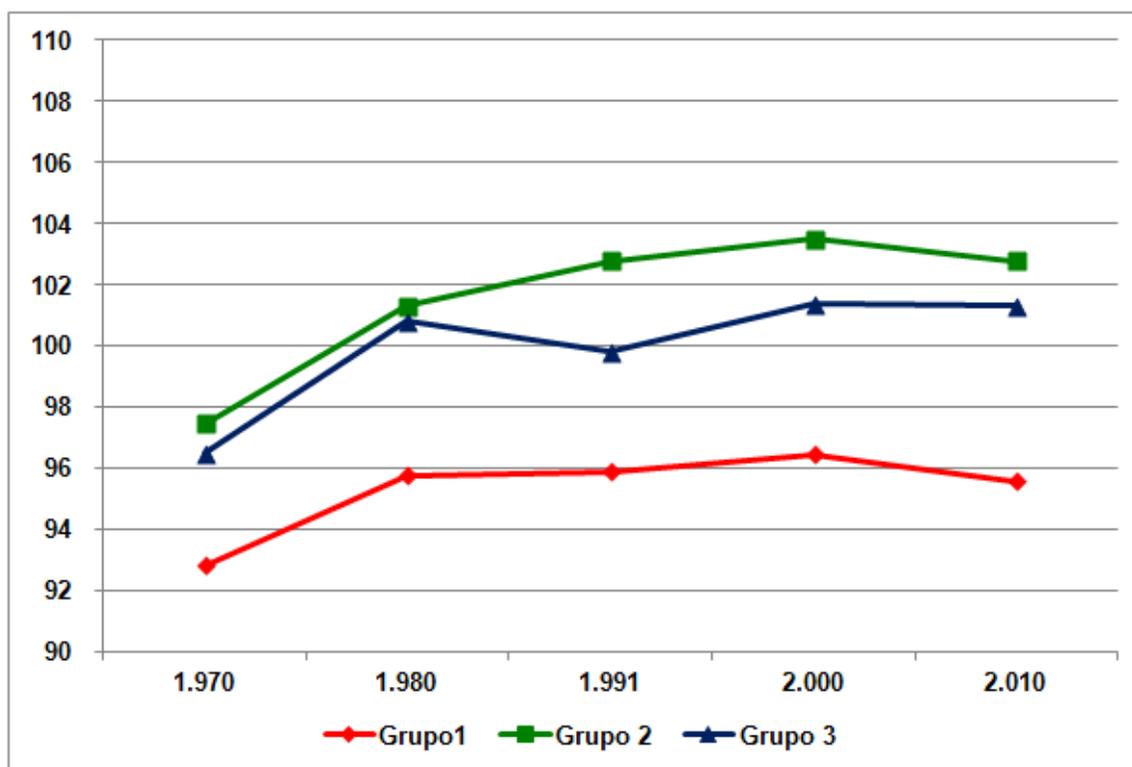
GRÁFICO 41 - Evolução do PIB total (em milhões) - Remanso-BA, Sento Sé-BA, Pilão Arcado-BA, Campo Alegre do Lourdes-BA, Cabrobó-PE, Orocó-PE, Afrânio-PE, Dormentes-PE e Terra Nova-PE - 1999 a 2008



Fonte: PIB TOTAL: R\$(milhões) - IBGE/SCN 2000 Anual.

Cabe destacar que os principais municípios da RIDEEX, representados pelo grupo 1, apresentam um quantitativo sempre maior de mulheres durante todo o período analisado (1970 e 2010), não ultrapassando a razão de 96,5 homens para cada 100 mulheres (Gráfico 42). Isso acontece, em parte, pela maior mortalidade dos homens, principalmente nas idades jovens e adultas, mas principalmente, por influências do processo migratório que também apresenta um padrão diferenciado por sexo e idade.

GRÁFICO 42 - Razão de Sexo (H/M) – Grupo 1, Grupo 2 e Grupo 3 - 1970 a 2000



Fonte: IBGE. Censos Demográficos (1970; 1980; 1991; 2000 e 2010).

3.5. Considerações do capítulo

A dinâmica populacional que constitui a RIDEEX, nos últimos 20 anos, período de consolidação da fruticultura irrigada como a principal atividade econômica, configura um cenário diferenciado dos períodos anteriores vividos pela região e por grande parte dos espaços do Nordeste Semiárido. Os municípios de Petrolina e Juazeiro definem-se como uma nucleação importante com grande diversidade e especialidades de serviços, e, mantendo o dinamismo nas áreas rurais, com a manutenção de um grande contingente populacional rural.

O volume do PIB dos municípios indica a evolução de resultados interessantes, não somente nas atividades econômicas agrícolas, mas também de serviços, indicando interações importantes entre os setores e entre os espaços rurais e urbanos.

A retenção da população nos municípios da RIDEEX, nas áreas urbanas, e especialmente nas áreas rurais, aponta que esta região apresenta elementos importantes que favorecem o trabalho no setor primário, mesmo com grande contingente populacional nas áreas urbanas, no caso de Petrolina e Juazeiro. Além disso, retém a população rural em termos relativos e absolutos. Esse resultado merece atenção, muito pelo fato, de que esse processo de

aumento da população é uma tendência contrária às trajetórias observadas na maior parte dos municípios da Região Nordeste e até do Brasil. Além disso, é um indicativo de capacidade de retenção da população em ambos os espaços.

As razões de sexo sugerem o aumento da migração, ao mesmo tempo em que há uma redução da emigração nos municípios da RIDEEX. É possível perceber que Petrolina-PE, Juazeiro-BA e Santa Maria da Boa Vista-PE são municípios com crescimento diferenciado, contudo, algumas perguntas pairam sobre esse crescimento populacional intenso. É a própria região quem sustenta os fluxos migratórios para esses municípios? Há de fato um contingente de imigrantes maior que de emigrantes na região?

Os componentes para justificar o crescimento populacional da região, podem ser decorrentes de altas taxas de fecundidade ou por migração. As taxas de fecundidade dos municípios de Petrolina-PE e Juazeiro-BA seguem a tendência regional e nacional de queda. Em 1991, a taxa de fecundidade total de Petrolina-PE foi de 2,92 filhos por mulher e em 2000, foi de 2,72 abaixo das registradas no estado de Pernambuco que foram de 3,31 filhos por mulher e 2,72 filhos por mulher, respectivamente. Juazeiro segue o mesmo padrão apresentado por Petrolina, suas taxas em 1991 e em 2000 foram de 2,93 filhos por mulher e 2,48 filhos por mulher, respectivamente, também abaixo das taxas de fecundidade baiana, que foram de 3,66 filhos por mulher em 1991, e 2,50 filhos por mulher em 2000 (JOÃO PINHEIRO, 2003).

Desse modo, as trocas populacionais para a região são extremamente importantes para explicar a dinâmica demográfica da região, já que os movimentos migratórios contribuíram em grande parte para a manutenção da população nas áreas rurais e para o aumento populacional.

Com isso, o próximo capítulo traz alguns elementos no âmbito dos processos migratórios, a partir dos censos demográficos de 1991 e 2000. Este exercício permitirá captar alguns elementos da dinâmica migratória da região nos anos da implantação e consolidação da fruticultura. Entretanto, somente com as informações que serão disponibilizadas com o Censo Demográfico 2010 é o cenário será avaliado com mais detalhes e aprofundamento, por enquanto, algumas pistas desta dinâmica mais recente serão discutidas.

Apontando para saldos migratórios positivos. Apesar de ainda não ter as informações sobre migração referentes à década de 2000 (por meio do censo demográfico 2010), é possível ter indicações através das altas taxas de crescimento populacional, nas áreas urbanas e rurais, especialmente em Petrolina-PE, que o processo de dinamismo populacional ainda continua nos tempos mais recentes (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2011).

Contudo, as atividades econômicas se estruturam sobre investimentos públicos, baseados nas potencialidades locais, especialmente no Rio São Francisco, de forma que este processo está estruturado em condições favoráveis mais limitadas, em termos de sustentabilidade.

“É inquestionável que o modelo de desenvolvimento implantado com base na irrigação alavancou o polo na forma que o conhecemos hoje, sendo este o vetor principal da sua economia. Porém, esta forma de produção deve ser cada vez mais especializada e difundida dentro de um processo que inclua todas as categorias socioprodutivas, desde o pequeno produtor até as grandes empresas” (ARAÚJO, 2000, p.25).

CAPÍTULO IV

4. A dinâmica migratória na Região Integrada de Desenvolvimento Expandida-RIDEEX

Para conhecer a relação entre a dinâmica demográfica e a introdução da agricultura irrigada na RIDEEX, é de suma importância compreender as questões inerentes à dinâmica migratória: os fluxos e as suas características.

As informações dos capítulos anteriores indicam que a RIDEEX passou por modificações nas atividades produtivas e apresenta resultados diferenciados em termos da composição e estrutura populacional, impulsionadas pelo cenário econômico e político nacional, por ações governamentais e iniciativas privadas e pelas as potencialidades da região.

Estes resultados são acompanhados pelo crescimento populacional, explicado muito mais pela migração do que por altas taxas de fecundidade (MOURA, 1999).

Este cenário favorável para a região de Petrolina e Juazeiro acompanha a tendência, apesar de menos intensa, de toda a Região Nordeste, que apesar de, ser uma área conhecida pelo grande volume de emigração se dirigindo para outras regiões brasileiras, durante grande parte do século XX, nas últimas três décadas apresenta alterações importantes no sentido dos fluxos migratórios e na intensidade do volume populacional.

Atualmente, na Região Nordeste há uma considerável diminuição do quantitativo emigrado, aumento da imigração e ainda, um incremento significativo do retorno daqueles que, em outros tempos, migraram para outras partes do Brasil. Este fenômeno é retratado por autores como Amaral e Nogueira (1992); Cunha (2033); Martine (1994); Oliveira e Januzzi (2005); Oliveira e Oliveira (2011) e Baeninger (2011) entre outros.

Na RIDEEX, com a transição da agricultura de sequeiro para a agricultura irrigada novos agentes surgiram para compor as atividades produtivas local, considerando que na produção frutícola são combinadas as mais diversas formas de contrato de trabalho e serviços, envolvendo assalariamento, parcerias consultorias técnicas, terceirização de algumas etapas dos processos produtivos e pós-colheita (SILVA, 2001), além de todo o aparato conexo para dar suporte a estas atividades, especialmente no comércio e serviços locais. Apesar de considerar que em muitas situações a interação entre a dinâmica migratória e processos estruturais ou de outra ordem (como as alterações no padrão tecnológico de produção agrícola, os efeitos das ações do Estado ou do mercado) não é imediata, ou rapidamente percebida nos volumes e nos sentidos dos fluxos migratórios, ela existe (HAKKERT; MARTINE, 2006).

Na região de Petrolina-PE e Juazeiro-BA, grande parte das transformações na estrutura produtiva agrícola, (a partir do final da década de 1960) em Petrolina e Juazeiro até

sua consolidação (durante a década de 1990) ajuda a explicar o aumento do contingente populacional (conforme destacado anteriormente) da região, especialmente na manutenção (e até no aumento) do contingente rural em termos absoluto e relativo, a partir da movimentação das pessoas de outros municípios do Brasil, para os municípios da RIDEEX, especialmente os principais como Petrolina-PE, Juazeiro-BA, Santa Maria da Boa Vista e Lagoa Grande em Pernambuco e Casa Nova-BA. Tal situação evidencia a estreita relação entre a dinâmica populacional e a reestruturação do processo agrícola na área dinâmica de Petrolina e Juazeiro.

Nesta linha, parte do aumento populacional na região é explicado em grande medida, pela busca de emprego, em uma região que a oferta de postos de trabalho, em especial no setor agropecuário, é muito marcante (CAVALCANTI, 1997; CERQUEIRA, 2005).

A partir dessa breve exposição, cabe destacar que o objetivo desse capítulo é compreender algumas dimensões que cercam a dinâmica migratória, o crescimento populacional e econômico da RIDEEX. Para tanto, os principais movimentos migratórios e as relações estabelecidas entre os municípios da área, considerando três modalidades diferentes: a) movimentos migratórios entre a RIDEEX e os Estados da Federação; b) os movimentos migratórios dentro da RIDEEX, porém entre os três grupos; c) os movimentos migratórios entre os municípios da RIDEEX.

Os dados utilizados neste trabalho são oriundos dos Censos Demográficos de 1991 e 2000, publicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), considerando um período de 5 anos antes do recenseamento, de 1986 a 1991 e 1995 a 2000.

Os dois períodos escolhidos coincidem com a expansão da fruticultura irrigada na RIDEEX, e a consolidação das atividades econômicas da área.

Um aspecto metodológico importante é que serão privilegiados os movimentos realizados considerando o critério de data-fixa (a partir do quesito residência cinco anos antes do censo), em razão de combinar as dimensões espacial e temporal. E com isso, permite a construção de taxas e indicadores de migração que contribui a compor um cenário comparativo entre diferentes áreas e censos. Mais detalhes em Cunha (2005); Cunha (2006) e Matos et al. (2007) entre outros.

Este quesito proporciona informações de pessoas de cinco ou mais anos de idade e que tenham declarado residir há menos de dez anos no município que indiquem o nome do município ou UF, ou país estrangeiro, em que residiam numa data fixa cinco anos antes.

No Censo Demográfico brasileiro de 1991 em 1º de setembro de 1986, em 2000, a data de referência foi 01 de agosto de 1995. Desta forma os migrantes de data fixa são aqueles

indivíduos que em uma determinada data, residiam em localidade diferente da que residem na data de referência do Censo.

Neste estudo a definição de migrante varia de acordo com o indivíduo não natural do município da RIDEEX, ou o não natural de um determinado grupo da RIDEEX ou ainda o não natural da RIDEEX. A distinção será explicitada no momento da apresentação e discussão nos tópicos seguintes.

4.1 A diversificação da dinâmica migratória e as especificidades das áreas dinâmicas

Oliveira e Oliveira (2011) apresentam algumas transformações percebidas nas direções e nos volumes populacionais nos últimos tempos. Além disso, apontam elementos explicativos que colaboraram nas especificidades destas mudanças, uma vez, que uma única razão predominantemente não é consistente o bastante para dar conta de tamanha complexidade que envolve o fenômeno migratório.

Durante a década de 1970 e meados de 1980, os estudos sobre migração apontavam questões relacionadas com a concentração da população nas metrópoles, os grandes movimentos das áreas rurais para as áreas urbanas, e mais intensamente as fortes correntes migratórias entre as Regiões Nordeste e Sudeste. Em razão do reflexo da desconcentração relativa das atividades econômicas não ter sido imediato, somente a partir da década de 1980 é que começam a captar os efeitos desse processo, “sugerindo uma defasagem entre os deslocamentos das atividades econômicas e os deslocamentos de população” (BAENINGER, 2011, p.32).

A autora discute que a complexidade da migração nos tempos atuais é mais latente em razão do dinamismo intenso associado a possibilidade da reversibilidade presente nas trajetórias migratórias, tanto no destino como nas regiões de origem. Trata-se das “[...] idas-e-vindas, refluxos, re-emigração, outras etapas – que pode ser mesmo o próprio local de origem antes do próximo refluxo para o último destino (...)” em que a compreensão das trajetórias migratórias em áreas específicas pode ajudar a compor as partes desse grande mosaico móvel (BAENINGER, 2011, p.34).

Além da reversibilidade, a temporalidade é outro aspecto importante. Segundo a autora, estes dois elementos podem permitir captar novos espaços da migração, não somente de retenção ou perda migratória, mas também, por outro movimento que é o de rotatividade migratória.

A capacidade de atração ou expulsão de uma determinada área pode ser avaliada a partir de um indicador, chamado de Índice de Eficácia Migratória, que é o resultado do

quociente entre o saldo migratório e o volume total de migrantes (que é a soma dos imigrantes e os emigrantes no mesmo período). Esse indicador é um recurso interessante, pois permite a comparabilidade entre diferentes áreas, sem a influência dos valores absoluto da imigração e da emigração.

Cunha e Baeninger (1999) apresentam um Índice de Eficácia Migratória – IEM categorizado em sete grupos³⁸ a fim de classificar as Grandes Regiões e Unidades da Federação quanto à potencialidade de absorção migratória. De modo geral, o indicador varia entre -1 e +1, sendo que para altos valores negativos há uma indicação de predominância de emigração na área, e para altos valores positivos há indicação de predominância de forte imigração e para valores próximos a zero, indicam uma grande circulação de pessoas. Contudo, é preciso ressaltar que somente este indicador não permite avaliar sozinho, as características migratórias das regiões. Para este trabalho, além dele foram utilizados saldo migratório e migração bruta. Isso porque, nos casos em que há um numero muito pequeno de migrantes, pode acontecer distorções no resultado do índice. Além do IEM, Oliveira e Oliveira (2011) utilizam o Censo Demográfico 2000 e alguns resultados preliminares do Censo Demográfico 2010, considerando as taxas de crescimento populacional e o Produto Interno Bruto - PIB per capita para indicar algumas áreas ganhadoras e perdedoras de população, sinalizando para um direcionamento da população para as cidades médias, em detrimento dos grandes centros.

Os autores ainda pontuam que há um mosaico complexo que surge ao avaliar todo o país, com áreas que apresentam atividades econômicas combinadas entre os grandes setores, articulando atividades agrícolas, e industrial, além de infraestruturas sofisticadas envolvendo desde o processo de produção até a distribuição e circulação de produtos e também de serviços. Na Região Nordeste os autores enfatizam a manutenção das taxas de crescimento diferenciadas nos “centros intermediários tradicionais como Campina Grande (PB), Arapiraca (AL), Caruaru (PE), Mossoró (RN), a aglomeração de Petrolina-Juazeiro (PE-BA) e outros” (p.44).

³⁸ Baeninger (2000) propõe a classificação das áreas a partir do IEM em sete grupos, considerando os seguintes limites: **0,00 a 0,09 área de rotatividade migratória**; 0,10 a 0,29 área de baixa absorção migratória; 0,30 a 0,50 área de média absorção migratória; 0,51 a 1,00 área de forte absorção migratória; -0,29 a **-0,01, área de baixa evasão migratória**; -0,50 a -0,30 a área de média evasão migratória; -1,00 a -0,51, área de forte evasão migratória. Oliveira e Oliveira (2011) adotam os sete grupos propostos pela autora, entretanto, amplia a magnitude do intervalo para a área de rotatividade migratória, alterando o intervalo definido para a área de baixa evasão migratória, com isso as classes determinadas por Oliveira e Oliveira et al. (2011) foram: **0,09 a - 0,09, área de rotatividade migratória**; 0,10 a 0,29, área de baixa absorção migratória; 0,30 a 0,50, área de média absorção migratória; 0,51 a 1,00, área de forte absorção migratória; **-0,10 a -0,29, área de baixa evasão migratória**; -0,30 a -0,50, área de média evasão migratória; -0,51 a -1,00, área de forte evasão migratória.

Outros autores ainda sinalizam que a redução da emigração da Região Nordeste está associada às novas dinâmicas econômicas empreendidas nos estados nordestinos, bem como à reestruturação produtiva e ao fechamento de postos de trabalho, especialmente em São Paulo, historicamente principal destino dos emigrantes baianos (BRITO; SOUZA, 2005). De acordo com Pacheco (1996) esta redução se deve ainda, ao processo de realocização de empresas, favorecido pelos avanços tecnológicos e por políticas de isenção de impostos que geraram uma competição entre as Unidades da Federação, o que ficou conhecido como guerra fiscal.

De forma, que estes indicativos já apresentados anteriormente suscitam elementos importantes para as discussões sobre a configuração das áreas dinâmicas, que são diferentes das áreas tradicionais, como as regiões metropolitanas, as fronteiras agrícolas e o Sudeste do país.

A importância da análise da configuração migratória em áreas dinâmicas, especialmente no Nordeste, assenta-se na possibilidade da compreensão dos desdobramentos das estratégias governamentais implantadas, mais efetivamente a partir da década de 1970. Estas medidas tinham o propósito de minimizar a desigualdade econômica e social, em áreas consideradas pequenas (com um quantitativo migratório pouco expressivo), mas que apresentam grande importância para o contexto regional e possuem particularidades demográficas interessantes.

4.2 Migração Interestadual³⁹ e a RIDEEX – Censos 1991 e 2000

Na análise da migração entre os estados e a RIDEEX, foram considerados todos os estados da federação, inclusive Pernambuco e Bahia (exceto os municípios que compõem a RIDEEX). Os fluxos estaduais foram relacionados com a RIDEEX, a partir dos três grupos⁴⁰ descritos anteriormente.

Os censos de 1991 e 2000 permitem várias possibilidades analíticas para tratar dos fluxos migratórios. Essas alternativas contemplam dimensões espacial e temporal, por meio da avaliação das características do migrante, como: a nacionalidade, condição de naturalidade (natural ou não natural do município de residência), migração intra-municipal (situação do

³⁹ Para os estados da Bahia e Pernambuco foram considerados todos os municípios, exceto os municípios que compõem a região de Petrolina-PE e Juazeiro-BA, a RIDEEX.

⁴⁰ Grupo 1 formado por Petrolina-PE, Juazeiro e Sobradinho-BA; Grupo 2 composto por Casa Nova Curaçá na Bahia e Lagoa Grande e Santa Maria da Boa Vista em Pernambuco; Grupo 3 é formado pelos municípios de Afrânio, Cabrobó, Dormentes, Orocó e Terra Nova em Pernambuco e Campo Alegre de Lourdes, Pilão Arcado, Remanso, Sento Sé no estado da Bahia.

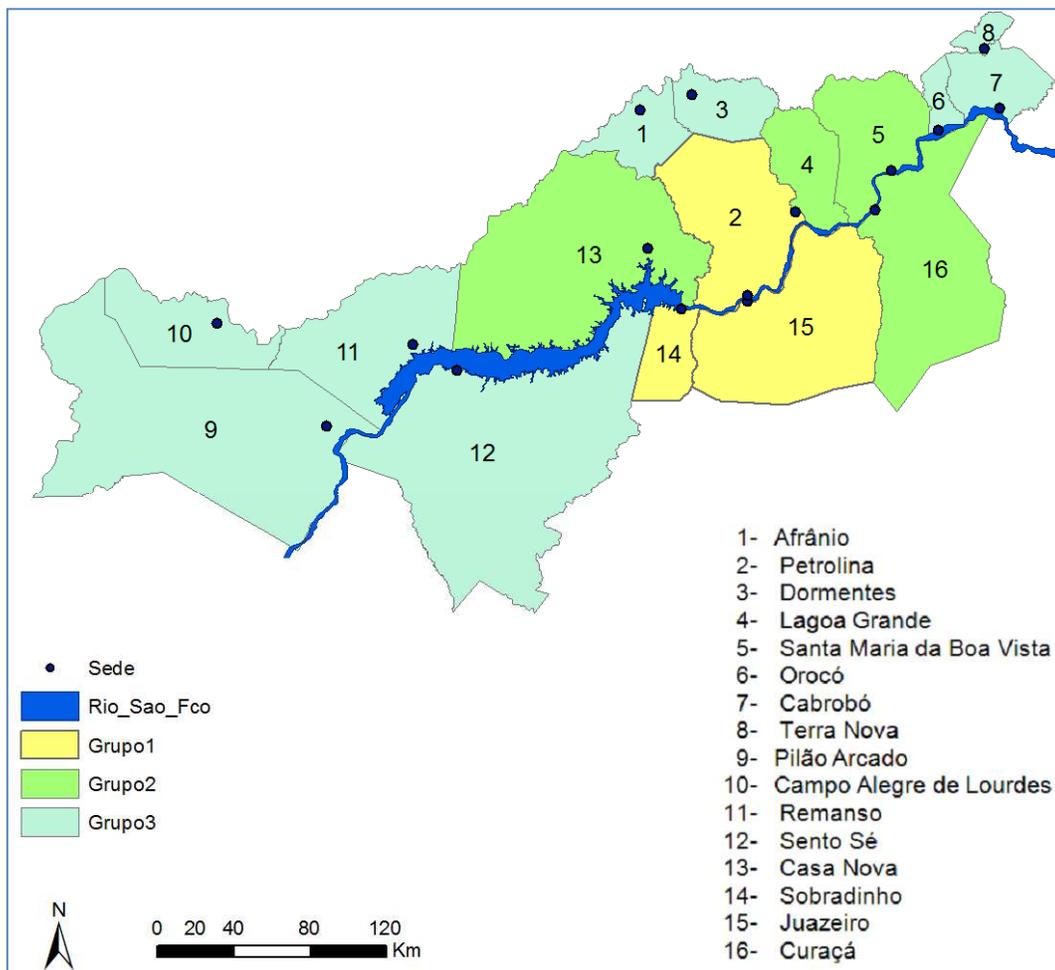
domicílio anterior – rural ou urbano – dentro do município de residência atual), situação do domicílio (rural ou urbano) no município de residência anterior, tempo de residência na Unidade de Federação, tempo de residência no município, município de residência anterior (CUNHA, 2005).

A análise da migração por data fixa (que envolve o quesito de residência cinco anos antes do censo) apresenta algumas limitações, contudo permite combinar as unidades tempo e espaço (Mais detalhes em CUNHA, 2005; 2006).

Cabe lembrar que, para o Censo Demográfico de 1991, os municípios de Sobradinho-BA pertencia a Juazeiro-BA, Dormentes-PE era distrito de Petrolina-PE e Lagoa Grande-PE fazia parte de Santa Maria da Boa Vista-PE. Com a composição dos grupos 1, 2 e 3 (Mapa 7) a dificuldade na comparabilidade entre os períodos 1986/1991 e 1995/2000, em razão desses desmembramentos é minimizada, uma vez que Sobradinho e Lagoa Grande foram agrupados com seus municípios de origem. Já o caso de Dormentes-PE, a sua inclusão em um grupo diferente de Petrolina não trouxe prejuízos para a análise, uma vez que, apesar de ser vizinho do município de Petrolina, Dormentes tem um contingente populacional pequeno e baixa intensidade de fluxos migratórios, comparado com os demais municípios da Região.

Além disso, sua restrita participação nas atividades produtivas da RIDEEX e o fato de não ser um município localizado às margens do Rio São Francisco (Mapa 7), o torna menos influenciado (diretamente) pelos efeitos das grandes obras executadas na região, especialmente entre as décadas de 1950 e 1970.

MAPA 7 – Municípios do Grupo 1, Grupo 2 e Grupo 3, RIDE, RIDEEX e Rio São Francisco



Fonte: IBGE (2000). Elaborado a partir da malha digital municipal.

Segundo o critério data-fixa para os períodos de 1986/1991 e 1995/2000 o volume de imigrantes⁴¹, apresentou uma redução de 5.000 pessoas entre os dois períodos (50.945 pessoas para 45.942 pessoas), apesar disso o saldo migratório da RIDEEX se manteve positivo, muito embora este ganho tenha caído para pouco mais da metade (em 1986/1991, o saldo foi de 23.807 pessoas e, no período de 1995/2000 foi de 12.634 (Tabela 19).

⁴¹ Imigrantes, neste caso, são as pessoas que estavam em outros municípios brasileiros em 1986 (ou em 1995) e que cinco anos depois, em 1991 (ou em 2000) estavam em algum município da RIDEEX.

TABELA 19 - Volume de Emigração (E) e Imigração (I), Migração Bruta (I+E), Saldo Migratório (I-E) e o Índice de Eficácia Migratória⁴², Inter-regional Grupos 1, 2 e 3, 1991 e 2000

	1991				2000			
	Grupo1	Grupo2	Grupo3	Total	Grupo1	Grupo2	Grupo3	Total
Emigração	14.664	3.115	9.359	27.138	20.377	4.235	8.696	3.308
Imigração	31.272	12.785	6.888	50.945	33.133	6.624	6.185	45.942
Migração Bruta	45.936	15.900	16.247	78.083	53.510	10.859	14.881	79.250
Saldo Migratório	16.608	9.670	-2.471	23.807	12.756	2.389	-2.511	12.634
Eficácia Migratória	0,36	0,61	-0.15	0,30	0,24	0,22	-0.17	0,16

Fonte: IBGE. Censos Demográficos (1991 e 2000). Tabulações especiais da autora.

Em 1991 (1986/1991), os Grupos 1 e 3 registram o maior volume de emigrantes, com 24.023 pessoas (89% de todos os emigrantes da RIDEEX), destas apenas 40% são provenientes do grupo 3. Estas movimentações populacionais definem o grupo 3 como uma área de baixa evasão migratória em ambos os períodos avaliados (com IEM de -0,15 em 1991 e -0,17 em 2000).

Por outro lado nos dois anos avaliados, os grupos 1 e 2 apresentam saldo migratório positivo, com um volume populacional imigrantes maior que dos emigrantes. Juntos tiveram 44.057 imigrantes, o que corresponde a 87% de todas essas entradas na RIDEEX. Entretanto, a participação do grupo 1 é muito importante neste quantitativo, uma vez que dos 44.057 imigrantes, 71% das pessoas buscaram o grupo 1 como destino.

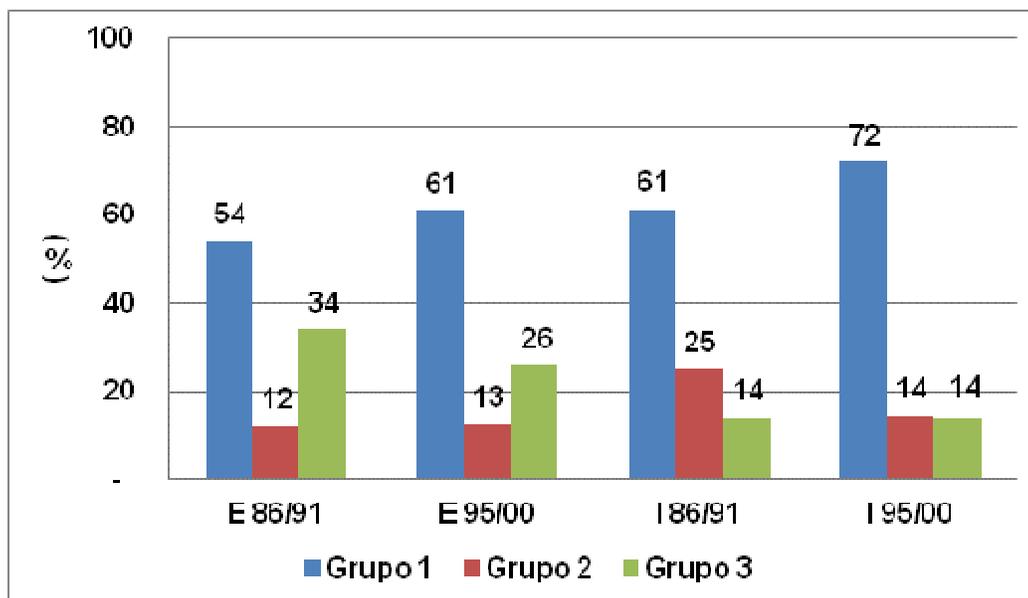
Avaliando o segundo período (1995/2000) observa-se que o ordenamento dos grupos se mantém, apesar dos volumes serem diferenciados. Sobre esse aspecto, chama atenção o equilíbrio dos volumes populacionais de imigração dos grupos 2 e 3 (Gráfico 43). Contudo, as áreas mantêm a mesma força de retenção e evasão apresentada no período anterior (Tabela 19).

Outro ponto que merece destaque é o quantitativo de pessoas que tiveram como destino o Grupo 2, em 1995 (IEM 0,61). Nesse período, o grupo 2 registrou uma taxa de crescimento médio populacional de 2,81% (a.a. em 1980/1991), grande parte desse aumento se deu em função do quantitativo populacional que se dirigiu àquela área, e mais fortemente para o município de Santa Maria da Boa Vista-PE, que registrou no mesmo período um crescimento populacional de 5,27% ,em média (a.a.).

⁴² Neste trabalho será utilizada a classificação de Oliveira e Oliveira (2011).

Já no período seguinte esta situação não se repete com tanta expressividade (IEM de 0,22), e o grupo apresenta queda no volume de imigrantes.

GRÁFICO 43 - Volume (%) de Imigração (I) e Emigração (E) – Grupos 1, 2 e 3 - 1986/1991 e 1995/2000



Fonte: IBGE. Censos Demográficos (1991 e 2000). Tabulações especiais da autora.

Especialmente para o período de 2000/2010, mesmo sem as informações específicas dos migrantes, o município de Petrolina apresentou altas taxas de crescimento populacional tanto no urbano quanto rural. Assim, é possível inferir que o Grupo 1 da RIDEEX permanece como uma área de atração nas últimas quatro décadas o que corrobora os resultados destacados por Oliveira e Oliveira (2011).

A seguir foram avaliados os fluxos migratórios entre as grandes regiões do país e os grupos 1, 2 e 3 da RIDEEX. Aqui, o emigrante foi caracterizado como a pessoa que, em 1986 (ou 1995) morava em algum grupo de municípios da RIDEEX e que em 1991 (ou 2000) estava em um município fora da RIDEEX. Cabe destacar que para a Região Nordeste, todos os estados foram considerados, entretanto para os estados de Pernambuco e Bahia foram excluídos os municípios da RIDEEX, em ambos os períodos.

4.2.1 Emigração 1991 e 2000

De acordo com a tabela 20, a Região Nordeste é o principal destino dos emigrantes, em 1991 (62% de todos 27.138 movimentos da RIDEEX), seguida Região Sudeste (24%), Centro Oeste (11%), Norte (2%) e Sul (1%). Dos 27.138 emigrantes da RIDEEX, 54% saíram dos municípios do Grupo 1⁴³, com destaque para o município de Petrolina, responsável por 8.331 emigrantes, representando 57% de emigrantes do grupo e 31% das saídas da RIDEEX (Tabela 21). O grupo 3⁴⁴ registrou 9.359 saídas da RIDEEX (35%), os principais municípios que colaboraram com este quantitativo foram Remanso-BA com 2.483 emigrantes (27%), Pilão Arcado-BA com 1.911 emigrantes (20%) e Cabrobó-PE com 1.734 (19%) (Tabela 21).

TABELA 20 - Volume de Emigração Inter-regional - Grupos 1, 2 e 3 e Grandes Regiões - 1986/1991 e 1995/2000

Grandes Regiões	Emigração 1986/1991				Emigração 1995/2000			
	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Total	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Total
Nordeste	9.836	1.923	4.947	16.706	6.842	1.864	3.485	12.191
Centro Oeste	1.425	43	1.452	2.920	2.196	387	1.150	3.733
Sudeste	2.719	1.121	2.744	6.584	5.550	939	1.048	7.537
Norte	479	12	149	640	3.569	799	1.341	5.709
Sul	205	16	67	288	2.220	246	1.672	4.138
Total	14.664	3.115	9.359	27.138	20.377	4.235	8.696	33.308

Fonte: IBGE. Censos Demográficos (1991 e 2000). Tabulações especiais da autora.

⁴³ Para o período de 1986/1991, o grupo 1 foi formado apenas por Petrolina e Juazeiro, uma vez que Sobradinho só é considerando a partir do Censo Demográfico de 2000, e portanto, só faz parte do Grupo 1, no período seguinte.

⁴⁴ Pilão Arcado e Remanso são municípios que apresentam uma restrita ligação comercial entre os demais municípios, em grande parte, pela precariedade das rodovias. A principal via terrestre é por Juazeiro-BA, que em geral apresenta problemas de manutenção. Outras vias dessas áreas são precárias, com estradas sem acostamento e as pavimentações muitas vezes, são de baixa qualidade e com irregularidades ao longo dos trechos. As estradas vicinais nos municípios que ligam às comunidades rurais se encontram geralmente em péssimas condições de conservação, o que dificulta o acesso e o escoamento da produção (BRASIL, 2008, p.16). Apesar disso, Remanso tem um importante papel na pecuária e na produção de mel da RIDEEX. Em 2005, dentre os municípios baianos da RIDEEX, Remanso deteve os maiores rebanhos de caprinos (60%), e de ovinos (54%) (BRASIL, 2008). Cabrobó é um dos municípios que fazem parte do Polígono da Maconha conhecido nacionalmente, a partir de 1980, quando houve o “reconhecimento da escala agroindustrial da agricultura do ilícito (...) pelos meios de comunicação [que] apresentavam Pernambuco, como sendo o maior produtor de maconha no Brasil” (p.9). A autora ainda destaca que o Polígono atrai intervenções para a região, inclusive da RIDEEX, por meio de ações estratégicas do Estado, coordenando uma política repressiva de erradicação da substância qualificada como ilícita e políticas sociais, que abrange a expropriação de áreas para a Reforma Agrária, em locais que são identificadas o cultivo da *cannabis sativa* (MOREIRA, 2007).

Os fluxos populacionais de emigração provenientes dos grupos 1 e 3, para os estados nordestinos, são os mais expressivos (do total de 16.706 emigrantes nordestinos, o grupo 1 e o grupo 3 transferiram 59% e 30% , respectivamente). Os estados mais procurados pelos emigrantes da Região Nordeste foram Bahia (33%), Pernambuco (32%), Piauí (12%) e Ceará (12%), com 88% do total de emigrantes nordestinos (Tabela 21).

Dos 6.584 emigrantes que foram para os estados da Região Sudeste, a maioria vinham dos grupos 1 (41% emigrantes) e 2 (42% dos emigrantes).

Os estados de São Paulo e Minas Gerais foram os principais destinos (95% dos emigrantes), com destaque para São Paulo que recebeu 5.420 pessoas provenientes da RIDEEX, em 1986/1991 (Tabela 21).

No período de 1995/2000, o volume populacional de emigrantes foi maior que o período anterior, registrando um total de 33.308 saídas da RIDEEX. Os principais destinos dos emigrantes da RIDEEX continuaram direcionados para as regiões Nordeste e Sudeste, mantendo a importância do período anterior, entretanto essas regiões apresentaram uma participação mais reduzida no volume total (37% e 23%, respectivamente), comparada as regiões Norte (17%), Sul (12%) e Centro Oeste (11%) (Tabela A - Anexo).

Do volume de 12.191 emigrantes que foram para a Região Sudeste, 91% se dirigiram para o estado de São Paulo. O quantitativo de emigrantes que buscaram os estados nordestinos como destino, no período entre 1995 e 2000 ficou concentrado nos estados de Pernambuco e Bahia (exceto os municípios da RIDEEX), juntos receberam 92% dos emigrantes da Região Nordeste (11.193 pessoas) (Tabela A - Anexo).

TABELA 21 - Volume de Emigração Inter-regional - municípios da RIDEEX e estados - 1986/1991

Localidade de residência em 1991	Localidade de residência em 1986													
	Afrânio	Cabrobó	Orocó	Petrolina	Sta M B. Vista	Terra Nova	Campo A Lourdes	Casa Nova	Curaçá	Juazeiro	Pilão Arcado	Remanso	Sento Sé	Total
Bahia		1.009	108	2.745	659	238		197	74	459		20	8	5.517
São Paulo	65	109	47	664	220	20	562	591	155	1.204	695	874	214	5.420
Pernambuco	32	151	120	863	67	4		253	286	2.269	410	353	533	5.341
Piauí	51	4		639		47	284	41		116	439	323		1.944
Ceará		295	30	857	104	12		13	155	366		92		1.924
Distrito Federal	13			270			377	26		131	240	344	31	1.432
Goiás				436			203			158	24	220		1.041
Minas Gerais		12		217				75	17	335	53	36	13	758
Alagoas	4	75		204		25		15		146				469
Paraíba		58		243	12			9		71		32	27	452
R,G,Norte	23			153						258		6		440
Rio de Janeiro		8		129				63		140	10	13	13	376
Pará				198				12		43	37	75		365
Sergipe	34			100				10		181	3		35	363
Maranhão				122	22			6		44		62		256
Rondônia				150						14		7	30	201
Mato Grosso				44					17	134				195
Mato Grosso do Sul				133						42				175
Paraná		13		56						19		26	18	132
Rio Grande do Sul				17						113				130
Tocantins				27						50				77
Roraima				48										48
Espírito Santo				8						22				30
Santa Catarina							10		16					26
Amazonas										12				12
Amapá				8										8
Acre										6				6
Total	222	1.734	305	8.331	1.084	346	1.436	1.311	720	6.333	1.911	2.483	922	27.138

Fonte: IBGE. Censo Demográfico (1991). Tabulações especiais da autora.

As principais origens desses fluxos (33.308 pessoas) foram os grupos 1 e 3. No grupo 1, responsável por 61,2% das emissões destacam-se os municípios de Petrolina-PE (10.458 emigrantes) e Juazeiro-BA (8.282 emigrantes) com 92% de participação no volume total de emigrantes do Grupo 1. Já no grupo 3, com 26,1% dos emigrantes da RIDEEX, os municípios mais perdedores foram Remanso-BA (2.187 saídas), Cabrobó-PE (1.899 saídas), Pilão Arcado-BA (1.770 saídas) e Curaçá (919 saídas), representando 78% dos movimentos de emigração no grupo (Tabela A - Anexo).

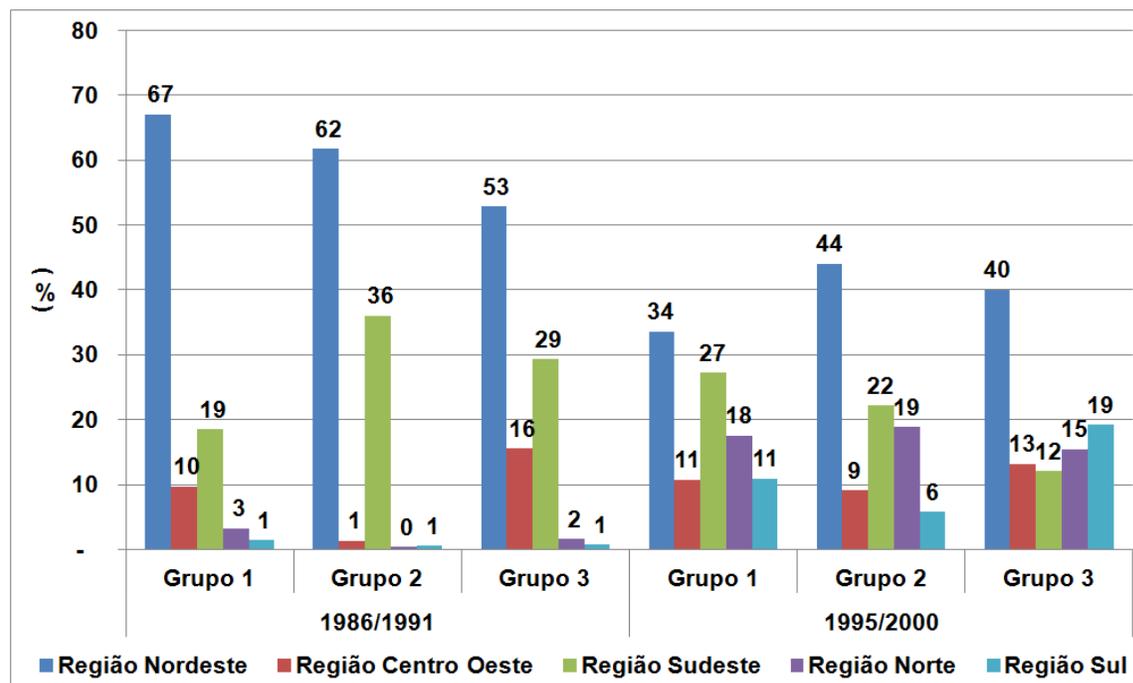
Considerando somente a evolução da participação das regiões nas trocas migratórias entre os grupos, é possível perceber alterações, na dinâmica migratória da RIDEEX.

Avaliando o grupo 1 e as grandes regiões, houve uma queda no volume de emigração desse grupo para a Região Nordeste, com uma redução de 33% o que equivale a 2.994 emigrantes a menos proveniente do grupo 1, de 1986/1995 para 1995/2000). A Região Sudeste, assim como as demais, apresentou um aumento expressivo de entradas de pessoas vindas da RIDEEX entre os períodos de 1986/1991 e 1995/2000. Entretanto, essas oscilações não foram suficientes para alterar a posição das grandes regiões quanto ao volume de emigração da RIDEEX (Gráfico 44).

No grupo 2 há uma diversificação nos fluxos migratórios no período de 1995/2000, que não acontecia em 1986/1991. Nesse período, das 3.115 saídas do grupo 2 para as grandes regiões do país, 98% se destinavam para as Regiões Nordeste ou Sudeste. Já no período seguinte, mantém o ordenamento das regiões (Nordeste 62%, seguida por Sudeste 36%, Centro Oeste 1%, Sul 1% e Norte), entretanto a participação no volume de emigrantes é alterada. Dos 4.235 emigrantes 44% se dirigiram para a Região Nordeste, apenas 22% foram para a Região Sudeste e 19% se dirigiram para a Região Norte 9% para a Região Centro Oeste 9% e 6% para a Região Sul (Gráfico 44).

Assim como no grupo 1, o grupo 3 registrou uma queda nos quantitativos (absolutos e relativos) de emigrantes desse grupo da RIDEEX para as Regiões Nordeste (de 53% para 40%, representando 1.464 emigrantes a menos) e Sudeste (29% para 12%, o que corresponde a 1.696 saídas a menos do grupo em direção a essa região). Em contrapartida, as demais regiões apresentaram uma participação mais efetiva quanto à recepção de emigrantes da RIDEEX, com volumes superiores aos observados na Região Sudeste (Gráfico 44).

GRÁFICO 44 - Participação das grandes regiões (Nordeste, Sudeste, Centro Oeste, Norte e Sul) nos volumes de emigração, de acordo com os grupos (1, 2 e 3) da RIDEEX - 1986/1991 e 1995/2000



Fonte: IBGE. Censos Demográficos (1991 e 2000). Tabulações especiais da autora.

4.2.2 Imigração 1991 e 2000

Avaliando os fluxos de imigração da RIDEEX, no período entre 1986/1991, a partir da tabela 22, quase a totalidade do contingente de imigrantes da RIDEEX teve como origem os estados da Região Nordeste (90%). A Região Sudeste apresenta a segundo maior quantidade de imigrantes com 8%, seguida pelas regiões Norte e Centro Oeste, cada uma responsável por 1% do volume de imigrantes da RIDEEX. Os destinos mais procurados pelos imigrantes da RIDEEX (50.945 imigrantes) são os municípios dos grupos 1 (61%) e o grupo 2 (25%).

Dos 45.714 imigrantes nordestinos, 60% se dirigiram para o grupo 1 (municípios de Petrolina e Juazeiro). Esse percentual é maior (71%) dentre os 4.048 imigrantes que vieram da Região Sudeste (Tabela 22).

Um diferencial entre os imigrantes vindos dos estados nordestinos daqueles que vieram da Região Sudeste é o segundo destino mais procurado dentre os três grupos da RIDEEX. O grupo 2 é o segundo destino mais procurado dentre os imigrantes nordestinos (12.124 pessoas o que representa 27% dos imigrantes), já para os imigrantes da Região Sudeste o segundo destino mais procurado foi o grupo 3, responsável por receber 16% desses imigrantes (639 pessoas) (Tabela 22).

TABELA 22 - Volume de Imigração Inter-regional - Grupos 1, 2 e 3 e Grandes Regiões - 1986/1991 e 1995/2000

Grandes Regiões	Imigração 1986/1991				Imigração 1995/2000			
	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Total	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Total
Nordeste	27.425	12.124	6.165	45.714	26.863	5.276	4.028	36.167
Centro Oeste	282	60	11	353	761	155	388	1.304
Sudeste	2.870	539	639	4.048	4.926	988	1.747	7.661
Norte	575	30	39	644	289	112	16	417
Sul	120	32	34	186	294	93	6	393
Total	31.272	12.785	6.888	50.945	33.133	6.624	6.185	45.942

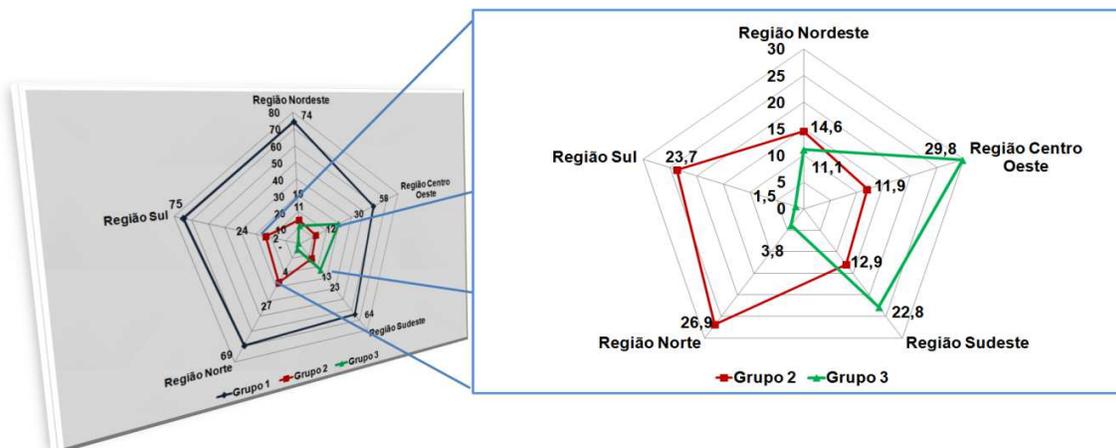
Fonte: IBGE. Censos Demográficos (1991 e 2000). Tabulações especiais da autora.

Para o período de 1995/2000, o volume de imigrantes para a RIDEEX apresenta uma redução de 5.005 pessoas comparada com o período 1986/1991. Além disso, a participação das regiões nesse contingente (45.942 pessoas) foi alterada (comparada ao período anterior), em razão do aumento dos imigrantes vindos da Região Centro Oeste. Apesar disso, manteve-se o mesmo ordenamento, com a Região Nordeste responsável por 78,7% do volume de imigrantes da RIDEEX, seguida pelas regiões Sudeste (16,7%), Centro Oeste (2,8%) e Norte (1%) e Sul (1%), em 1995/2000 (Tabela 22).

Avaliando a participação dos grupos e as grandes regiões, para 1995/2000, tem-se que dos 45.942 imigrantes da RIDEEX, independente da grande região do país, os maiores fluxos se dirigiram aos municípios do Grupo 1 (72,1%). Já quanto aos grupos 2 e 3 há um contingente de imigrantes muito semelhante (14,4% e 13,5 %, respectivamente, porém as origens dos imigrantes não seguem o mesmo padrão. As regiões Sul e Norte juntas foram responsáveis por enviar 227 imigrantes para os grupos 2 e 3, a participação do grupo 2 neste fluxo é de 90%. Considerando apenas as regiões Centro Oeste e Sudeste, dos 3.278 imigrantes enviados para os grupos 2 e 3, 65% se dirigiram para o grupo 3 (Tabela 22).

De forma que, o principal fluxo das grandes regiões do país para a RIDEEX destina-se ao Grupo 1. Os municípios do grupo 2 recebem mais imigrantes das regiões Sul e Norte, já os municípios do grupo 3 recebem mais imigrantes das regiões Sudeste e Centro Oeste (Gráfico 45).

GRÁFICO 45 - Participação dos grupos (1, 2 e 3), com destaque para os grupos 2 e 3 da RIDEEX nos volumes de imigração, de acordo com as Grandes regiões (Nordeste, Sudeste, Centro Oeste, Norte e Sul) no período 1995/2000



Fonte: IBGE. Censo Demográfico (2000). Tabulações especiais da autora.

Os imigrantes nordestinos são provenientes, principalmente dos estados da Bahia (48%), Pernambuco (19%), Ceará (9%), Piauí (6%) e Paraíba (4%). Os municípios mais procurados por esses imigrantes são os municípios de Petrolina, Juazeiro e Santa Maria da Boa Vista (Tabela B - Anexo).

Um aspecto da migração interestadual que merece destaque são as trocas populacionais⁴⁵ entre o estado da Bahia com o município de Petrolina e do estado de Pernambuco com o município de Juazeiro: a) O estado baiano enviou 8.947 pessoas para Petrolina (37% de todo o fluxo de imigrantes baianos para a RIDEEX), por outro lado, para Juazeiro foram 2.820 pessoas (12% de todo o fluxo de imigrantes baianos para a RIDEEX); b) O estado de Pernambuco enviou para Juazeiro, no mesmo período, 4.633 pessoas (47% do fluxo pernambucano para RIDEEX), e para Petrolina 2.197 pessoas, sendo 22% do total de trocas migratórias enviadas para RIDEEX. Isso indica que grande parte dos fluxos de imigrantes são provenientes dos estados de Pernambuco e Bahia (Tabela B - Anexo).

Os imigrantes da Região Nordeste (36.167 pessoas) vieram dos estados da Bahia (48%), Pernambuco (28%), Ceará (8%), Piauí (6%) e Paraíba (5%). Sendo que os principais municípios receptores desse contingente foram Petrolina, Juazeiro e Santa Maria da Boa Vista,

⁴⁵ A essa altura vale destacar a especificidade da área de estudo e lembrar que estamos considerando as trocas de todas as unidades da federação com os municípios da RIDEEX. Por isso as trocas interestaduais para pessoas que saem, por exemplo, da Bahia para Juazeiro e também de Pernambuco para Petrolina: ambos os municípios são analisados no âmbito da área dinâmica.

em 1995/2000. Dos 7.661 imigrantes da Região Sudeste, 97% tiveram como origem os estados de São Paulo (6934 pessoas) e Minas Gerais (469 pessoas). Assim como para os imigrantes nordestinos, os principais destinos dos imigrantes paulistas e mineiros foram para Petrolina (36% e 41%, respectivamente), Juazeiro (22% e 41%, respectivamente) e ainda Remanso-BA que recebeu 10% dos imigrantes paulistas (Tabela C - Anexo).

Comparando os dois períodos (1986/1991 e 1995/2000), quanto aos principais estados, como origem dos fluxos da RIDEEX, observa-se que Bahia, Ceará, Piauí, Paraíba, Alagoas e Pará registraram redução no volume de imigrantes. Por outro lado, São Paulo, Distrito Federal, Maranhão, Pernambuco e Rio Grande do Norte apresentaram aumento no quantitativo de imigrantes que entraram na RIDEEX, com destaque para São Paulo com um aumento de 3326 imigrantes a mais em 1995/2000, comparado com o período anterior (Tabela 23).

TABELA 23 - Principais estados brasileiros como origem dos fluxos migratórios nos três grupos da RIDEEX, no período de 1986/1991 e 1995/2000

Em 1998	Em 1991				Em 1995	Em 2000			
	G1	G2	G3	Total		G1	G2	G3	Total
Bahia	11.762	8.780	3.787	24.329	Bahia	12.247	3.168	1.807	17.222
Pernambuco	6.830	1.992	1.004	9.826	Pernambuco	7.833	1.199	901	9.933
Ceará	3.322	752	562	4.636	São Paulo	4.263	943	1.728	6.934
São Paulo	2486	514	608	3.608	Ceará	2.468	339	190	2.997
Piauí	2.396	91	567	3.054	Piauí	1.335	180	711	2.226
Paraíba	1.684	191	169	2.044	Paraíba	1.318	214	162	1.694
Alagoas	716	159	71	946	Alagoas	757	45	82	884
Pará	431	30	39	500	Goiás	364	51	147	562
R.G.Norte	344	22	-	366	R.G.Norte	316	104	51	471
Maranhão	267	41	-	308	M. Gerais	416	39	14	469
Dist. Federal	176	60	7	243	Maranhão	384	27	42	453
R. de Janeiro	200	23	7	230	Dist.Federal	164	63	222	449
M. Gerais	184	2	24	210	Pará	170	112	9	291
Sergipe	104	96	5	205	Sergipe	205	-	82	287
R.G.do Sul	80	32	-	112	R. G. do Sul	186	93	-	279
Total	30.982	12.785	6.850	50.617	Total	32.426	6.577	6.148	45.151

Fonte: IBGE. Censo Demográfico (1991 e 2000). Tabulações especiais da autora.

Especialmente a Bahia e o Ceará, nas últimas das décadas, vêm apresentando resultados econômicos interessantes⁴⁶, com destaque para a indústria de calçados no Ceará, da indústria química na Bahia, do polo têxtil/confecções em Pernambuco, além da indústria dos

⁴⁶ Ver Santos et al. (2002); Costa (2005) e Cerqueira (2010).

produtos minerais não metálicos e da indústria extrativa mineral no Rio Grande do Norte e no Piauí (CALDAS; LIMA, 2008).

De acordo com os dados, os fluxos migratórios entre os estados brasileiros e os municípios da RIDEEX, sofreram alterações importantes nas trajetórias e indicadores e não somente nos volumes.

Algumas das possíveis explicações para as mudanças observadas (como a queda no contingente de imigrantes, e o aumento dos emigrantes) é que apesar, do dinamismo da RIDEEX, novas áreas economicamente dinâmicas surgiram, aconteceram alterações no regime cambial e a intensificação da produção destinada às exportações, além disso, houve uma recuperação mais consistente do emprego industrial na Região Nordeste, apesar de menos expressiva do que a Regiões Sudeste, Sul, e Centro-Oeste (CALDAS; LIMA, 2008).

Apesar disso, as transformações já apontadas na RIDEEX influíram de forma decisiva no comportamento da migração da região, que até o momento apresenta resultados muito diferenciados, quando comparados a outras áreas do Sertão Nordestino. Os grupos 1 e 2, constituídos por municípios mais dinâmicos e diretamente ligados, desde o início, ao processo da agricultura irrigada apresentam-se como áreas mais eficazes na atração e manutenção da população residente ao longos dos períodos avaliados. Já o Grupo 3, com um maior número de municípios apresentou uma ampliação da diversidade nas origens das trocas populacionais quando comparada aos períodos 1986/91 e 1995/2000. Registrou também, a manutenção do contingente de imigrantes (pessoas vindas de outros estados extra-RIDEEX), com 14% em ambos os períodos, e ainda uma redução no quantitativo de emigrantes, de 35,3% em 1986/1991 para 27% no período seguinte.

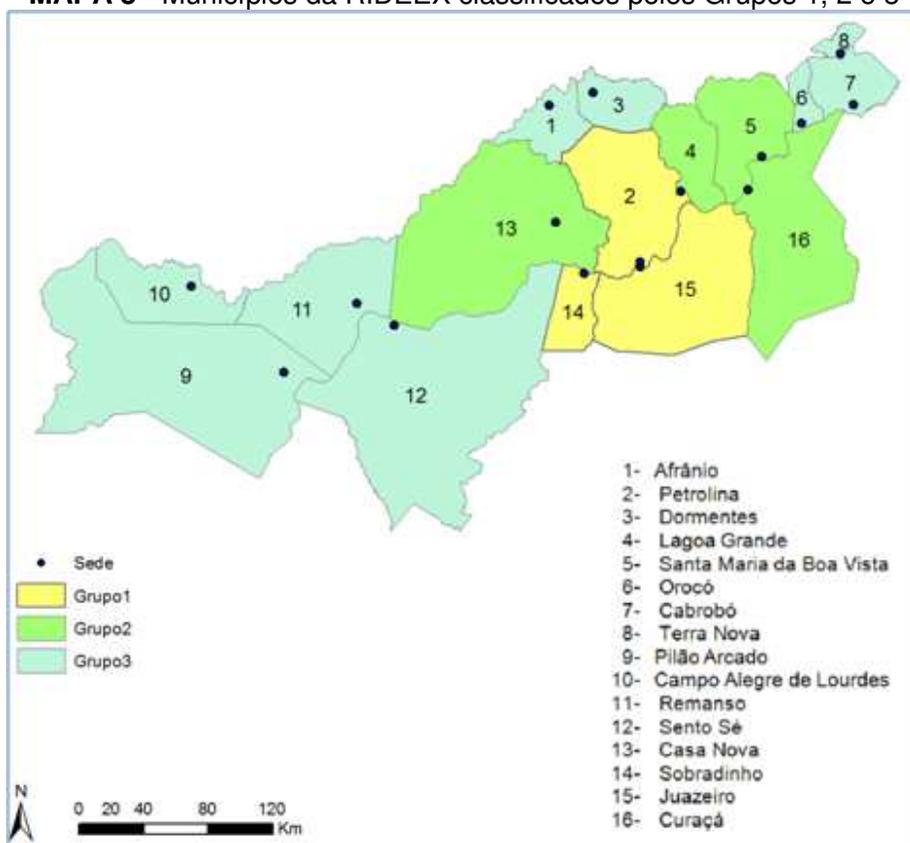
De modo geral, no período de 1986/1991, os destinos mais representativos dos emigrantes da RIDEEX foram as Regiões Nordeste, seguida pela Sudeste. Outro fato observado é que os Grupos 1 e 3 eram os que mais contribuíam com os volumes relativos de emigração da RIDEEX. No entanto, ao avaliar o volume de imigração, os municípios mais procurados eram dos Grupos 1 e 2. Já no período 1995/2000 há uma diversificação nos destinos e nas origens da população emigrante da RIDEEX.

4.3. As trocas populacionais entre os municípios e os grupos da RIDEEX

Neste tópico será apresentado um panorama dos movimentos migratórios entre os três grupos da RIDEEX já mostrados anteriormente (Mapa 8):

- Grupo 1 – formado pelos municípios de Petrolina-PE, Juazeiro-BA e Sobradinho-BA (somente para o período de 1995/2000).
- Grupo 2 – Os municípios de Lagoa Grande⁴⁷ e Santa Maria da Boa Vista em Pernambuco, e Casa Nova e Curaçá na Bahia.
- Grupo 3 – Afrânio, Dormentes, Cabrobó, Orocó e Terra Nova em Pernambuco, e Campo Alegre de Lourdes, Pilão Arcado, Remanso e Sento Sé no estado da Bahia.

MAPA 8 - Municípios da RIDEEX classificados pelos Grupos 1, 2 e 3



Fonte: IBGE (2000). Elaborado a partir da malha digital municipal.

⁴⁷ Conforme destacado em 1991, o município era um distrito de Santa Maria da Boa Vista, e por esta razão nos movimentos migratórios de 1995/2000, quando avaliado do grupo dois, os volumes dos dois municípios foram adicionados, para garantir a comparabilidade com o período anterior.

Por se tratar de movimentos dentro da região de estudo, é importante esclarecer a definição de migrante trabalhada aqui. Os movimentos migratórios foram analisados da seguinte forma:

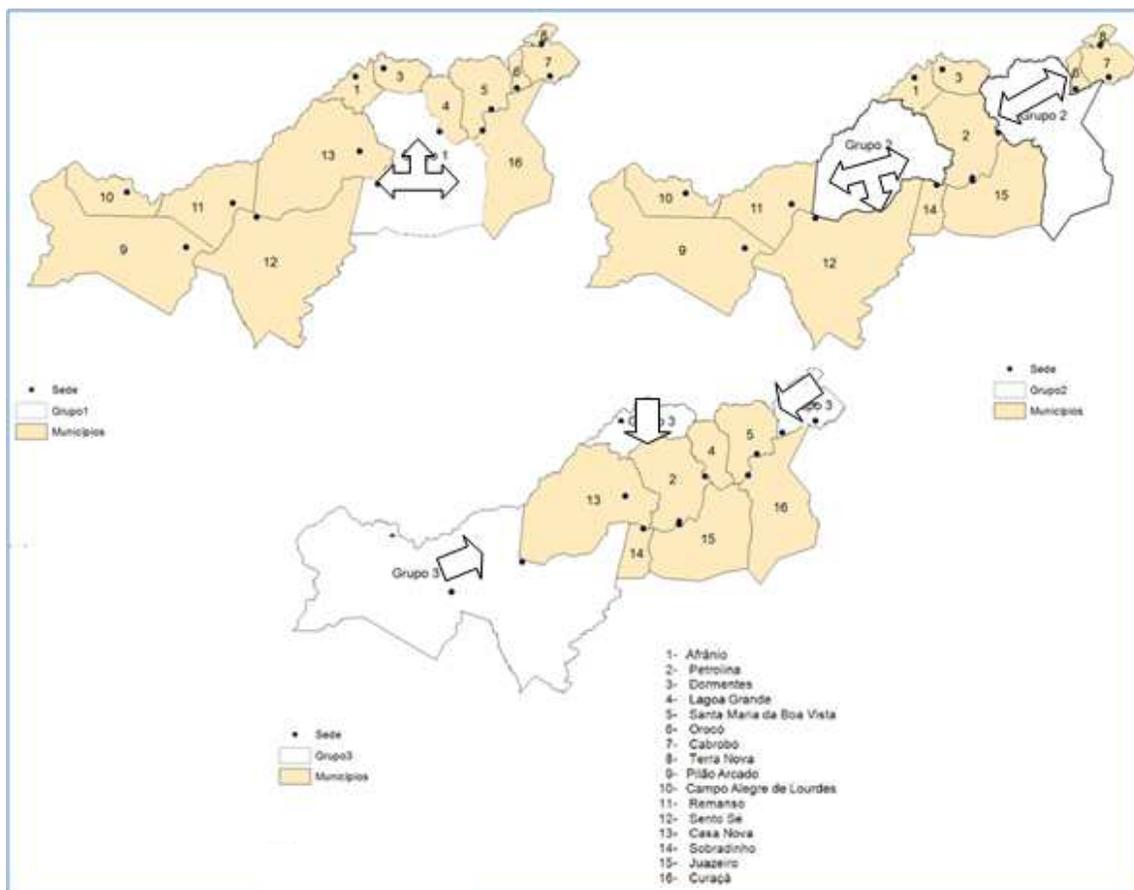
Primeiramente tratando das pessoas que saíram de um determinado grupo da RIDEEX, em 1986, para um município de outro grupo em 1991 – os emigrantes, ou seja, foram considerados os fluxos a partir da origem (os grupos em 1986). A mesma definição se aplica para 1995/2000, os emigrantes foram as pessoas que saíram de um determinado grupo da RIDEEX, em 1995, para um município de outro grupo em 2000, as trocas serão avaliadas a partir da origem. Esta análise foi apresentada na sequência, para auxiliar na comparação entre os períodos.

Em seguida foi considerada a imigração. Os imigrantes foram as pessoas que entraram de um determinado grupo da RIDEEX, em 1986, para um município de outro grupo em 1991. De modo que, foram considerados os fluxos a partir do destino (os grupos em 1991). A mesma definição se aplica para o período 1995/2000, os imigrantes foram as pessoas que saíram de um determinado grupo da RIDEEX, em 1995, para um município de outro grupo em 2000, contudo as trocas serão avaliadas a partir do destino. Assim, como para a emigração, essa análise foi apresentada na sequência, para colaborar no melhor entendimento da dinâmica migratória entre os grupos da RIDEEX.

A opção por avaliar os fluxos entre os grupos e os municípios primeiramente, foi para captar as principais relações, considerando as similaridades dos municípios, de acordo com as características utilizadas para a composição dos grupos um, dois e três. Posteriormente, para completar as informações de migração da RIDEEX, foram analisadas as trocas migratórias entre os municípios da região de estudo, desse modo, será possível avaliar entre os municípios, os mais eficazes na retenção ou na rotatividade migratória.

As trocas migratórias foram avaliadas entre os grupos, como ganhadores e perdedores concomitantemente. Para ajudar na diferenciação entre essas duas categorias, quando os grupos forem avaliados a partir da origem, a descrição será (perdedores) Grupo 1, 2 e 3, e quando forem como destino (ganhadores) será tratados como Grupo I, II e III. Lembrando que a constituição dos municípios permanece a mesma descrita anteriormente, lembrando que os movimentos são avaliados de um grupo para outro grupo diferente, por exemplo, as emigrações de Petrolina (origem grupo 1) foram avaliadas para os municípios dos grupos II e III (destino), assim como as imigrações de Santa Maria da Boa Vista-PE (destino grupo II) foram avaliadas a partir dos municípios dos grupos 1 e 3 (origem), e assim por diante (Figura 11).

FIGURA 11- Ilustração das emigrações intra-regionais Grupos 1, 2 e 3 e os municípios da RIDEEX



Fonte: IBGE (2000). Elaborado a partir da malha digital municipal.

4.3.1 Migração Intra-regional em 1991 e 2000, por grupos

Em 1986/1991 foram registrados 9.579 emigrantes que saíram de um grupo em 1986 e se dirigiram para outro grupo diferente em 1991. Desse volume, a participação dos municípios dos grupos 2 (34%) e 3 (46%) é mais expressiva, quando comparada com o grupo 1 (20%), os dois grupos foram responsáveis por 7.655 saídas, no período (Tabela 24).

Das emigrações provenientes do grupo 2, os municípios de Santa Maria da Boa Vista-PE (1.533 saídas) e Casa Nova-BA (1.117 saídas) contribuíram com 81% do volume de emigrantes desse grupo. Os municípios do grupo 3 que mais enviaram pessoas para outros grupos, no período de 1986/1991, foram Cabrobó-PE (1.362 emigrantes), seguido por Sento Sé-BA (726 emigrantes), Orocó-PE (710 emigrantes). Considerando apenas as emigrações do grupo 1, Petrolina computou mais emigrantes (1.222 pessoas) do que o município de Juazeiro (702 pessoas).

TABELA 24- Fluxos Migratórios Intra-regionais - Grupos 1, 2 e 3 -1986/1991

Origem em 1986	Destino em 1991			Total
	Grupo I	Grupo II	Grupo III	
Grupo 1		1.472	452	1.924
Grupo 2	2.805		458	3.263
Grupo 3	3.445	947		4.392
Total	6.250	2.419	910	9.579

Fonte: IBGE. Censo Demográfico (1991). Tabulações especiais da autora.

Os grupos mais receberam pessoas no período analisado, foram: o grupo I com 65% de entradas; seguido pelo grupo II com 25%; e o grupo III com o menor percentual de imigrações com apenas 910 imigrantes, o que representa 10% do total de entradas (Tabela 24).

Das 6.250 pessoas que se dirigiram para o grupo I, 55% delas saíram do grupo 3, o que indica certo equilíbrio entre os municípios do grupo 2, com altas taxas de crescimento e PIB, no período, e o grupo 3, formado por municípios com menor dinamismo populacional e econômico. Outro aspecto importante quanto ao grupo I é a distribuição equilibrada do volume das imigrações entre os dois municípios que compõem o grupo. Petrolina foi o destino escolhido para 3.470 pessoas, o que corresponde a 55% das imigrações para o grupo I, contra 2.780 imigrações para Juazeiro.

Quanto ao grupo II, das 2.419 entradas que ocorreram no período entre 1986 e 1991, os dois destinos mais procurados foram os municípios de Casa Nova-BA (1109 entradas) e Santa Maria da Boa Vista-PE (916 pessoas) que juntos responderam por 86% do volume de imigrantes desse grupo. O grupo 1 foi quem mais perdeu população para o grupo II, no período, sendo responsável por 61% das entradas do grupo II. Outro aspecto interessante no grupo II é a movimentação populacional em Santa Maria da Boa Vista. Esse município apresentou, em 1986/1991 um crescimento populacional por ano de 5,27%, em média, contudo, o número de imigrações provenientes da RIDEEX pouco colaborou com esse aumento populacional registrado no período, uma explicação para este fato, seria que grande parte das entradas captadas para esse município (Tabela B - Anexo) tiveram origem fora da RIDEEX.

Considerando apenas as imigrações do grupo III (910 entradas), Cabrobó-PE (36%), Orocó (24%), Sento Sé-BA (15%) e Remanso-BA (14%) foram os municípios com os maiores volumes de entradas, somando 749 imigrantes.

Diferentemente do período anterior, em 1995/2000 o número de emigrações entre os grupos de origem, em 2000, foi equilibrado. Os grupos 1 e 2 apresentaram cada um 31,6% de emigrantes no período. E o grupo 3 registrou um volume pouco diferenciado, sendo que das

13.923 movimentações dentro RIDEEX, esse grupo foi responsável por 36,8%, conforme a tabela 25.

No grupo 1, Petrolina foi responsável por 3.020 pessoas (69%) das emigrações do grupo. Dessas 2.335 pessoas foram para o Grupo II. Juazeiro registrou apenas 1148 saídas (26%) do total de emigrações do grupo 1.

TABELA 25 - Fluxos Migratórios Intra-regionais - Grupos 1, 2 e 3 -1995/2000

Origem em 1995	Em 2000			Total
	Grupo I	Grupo II	Grupo III	
Grupo 1		3.226	1.173	4.399
Grupo 2	3.815		590	4.405
Grupo 3	4.020	1.099		5.119
Total	7.835	4.325	1.763	13.923

Fonte: IBGE. Censo Demográfico (2000). Tabulações especiais da autora.

Os municípios que tiveram as maiores movimentações no grupo 2, foram Lagoa Grande e Santa Maria da Boa Vista em Pernambuco, com 2.243 emigrações, seguidos por Casa Nova-BA com 1.482 saídas. Esses três municípios juntos foram responsáveis por 85% das emigrações do grupo 2, e 84% das transferências populacionais para o grupo I (3.199 trocas entre grupo 2 e grupo I)

O grupo 3 manteve a mesma participação dos três principais municípios perdedores do período anterior, Cabrobó-PE (1.417 emigrações), Sento Sé-BA (1.108 emigrantes) e Orocó (829 emigrantes). Esses municípios representam 66% das emigrações do grupo 3.

Em 1995/2000, aconteceram 13.923 movimentações entre os grupos de origem (1, 2 e 3) e os grupos de destino (I, II e III), representando um aumento de 4.344 entradas o com relação ao período anterior. Apesar do aumento no volume dos imigrantes no grupo I (7.835 imigrantes), sua participação foi menor do que em 1986/1991 (56%), comparado com os grupos II (31%) e III (13%) (Tabela 25).

No grupo I, Petrolina foi responsável pela entrada de 4.803 imigrantes (61%), Juazeiro registrou 2.728 imigrantes (35%) e somente 4% para Sobradinho-BA. Ademais, tem-se que pouco mais da metade do quantitativo de imigrantes recebidos pelo grupo I, tiveram origem no grupo 3.

Os municípios que tiveram os maiores volumes no grupo II foram Lagoa Grande e Santa Maria da Boa Vista em Pernambuco, com 2862 entradas migrações, seguidos por Casa Nova-BA com 978 imigrações e Curaçá com 308 entradas. Das 4.325 entradas no grupo II, 75% vieram dos municípios do grupo 1 (Petrolina, Juazeiro e Sobradinho-BA).

O grupo III apresentou maior diversificação na distribuição das entradas. No período anterior quatro municípios (Cabrobó-PE, Remanso-BA, Sento Sé-BA e Orocó-PE) foram escolhidos como destino de 89% das pessoas. Em 1995/2000, seis municípios surgem com os maiores quantitativos de imigrantes, representando 88% do quantitativo total de imigrantes do grupo III: Sento Sé-BA com 442 pessoas; Cabrobó com 328 pessoas, Dormentes-PE com 203 pessoas; Afrânio-PE com 201 pessoas; Remanso-BA com 171 pessoas; Orocó com 199 pessoas.

De modo geral, entre os conjuntos de municípios observados, o grupo 3 foi o que mais perdeu população comparado com os demais, apesar de registrar uma recuperação nas saídas no segundo período (46% em 1986/1991 e 36,8% em 1995/2000). Diferentemente do que aconteceu com os grupos 1 e 2, que apresentaram aumento das emigrações em termos relativos e absolutos no volume de emigrações, com destaque para o grupo 1, que de 1924 saídas, passou para 4.399 saídas em 1995/2000. Apesar disso, esse grupo foi o que mais ganhou população em ambos os períodos (65% das imigrações da RIDEEX em 1986/1991 e 56% das imigrações da RIDEEX em 1995/2000) (Tabela 26).

Tabela 26 – Volumes de Migração Intra-regional - 1986/1991 e 1995/2000

Localidades	1986/1991			1995/2000		
	Imigração	Emigração	IEM	Imigração	Emigração	IEM
Grupo 1	6.250	1.924	0,53	7.835	4.399	0,28
Grupo 2	2.419	3.263	-0,15	4.325	4.405	-0,01
Grupo 3	910	4.392	-0,66	1.763	5.119	-0,49

Fonte: IBGE. Censos Demográficos (1991 e 2000). Tabulações especiais da autora.

4.4 As trocas migratórias entre os municípios da RIDEEX.

Para analisar o comportamento da migração nos municípios nos períodos 1986/1991 e 1995/2000, na intenção de complementar as informações de migração dentro da região de estudo, foram analisadas as trocas migratórias entre os municípios dentro da região, desse modo, será possível avaliar entre os municípios, os mais eficazes na retenção ou na rotatividade migratória. Para isso, foram calculados o Saldo Migratório – SM e o IEM, nos dois períodos.

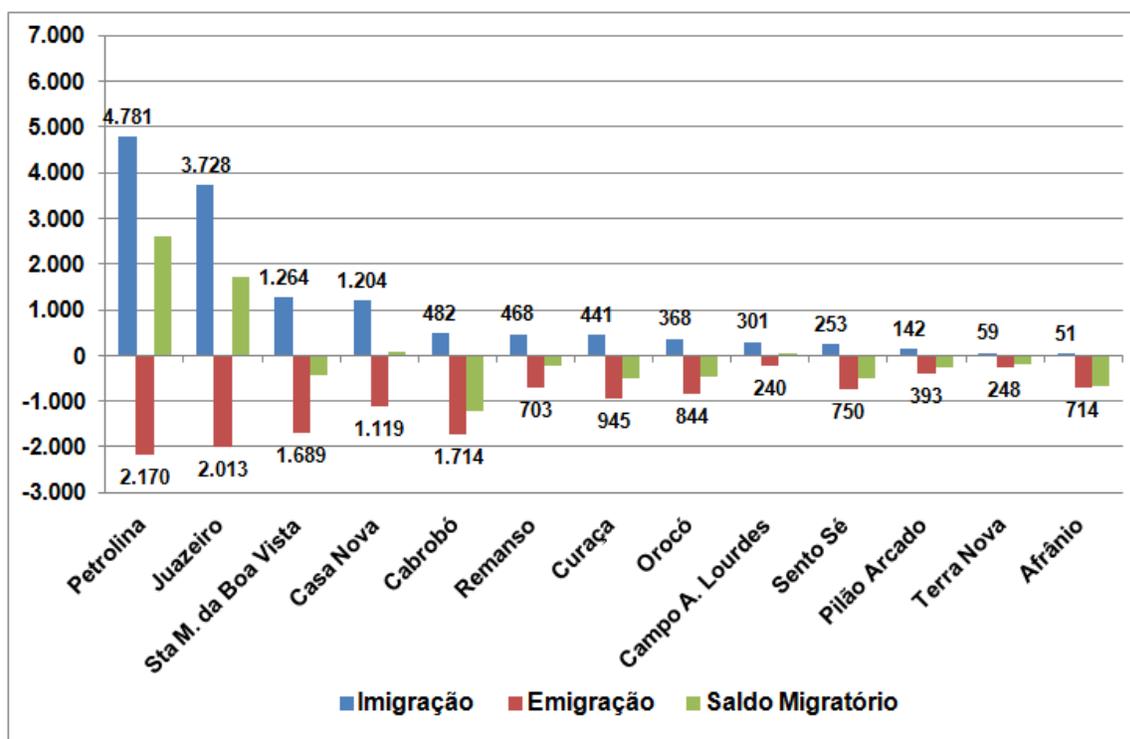
Serão trabalhados os deslocamentos entre os municípios da RIDEEX, de modo que os emigrantes são aqueles que saíram de um município da RIDEEX e imigrantes são aqueles chegaram em um município da RIDEEX. Esta definição se aplica para os dois períodos analisados.

Cabe lembrar que os fluxos migratórios foram calculados a partir do quesito de data fixa, portanto, as informações correspondem às pessoas com mais de 5 anos de idade.

Com base no Gráfico 46 observa-se que Petrolina, Juazeiro, Santa Maria da Boa Vista e Casa Nova, são os municípios que receberam mais de 1.200 imigrantes, em 1986/1991. Desses apenas o município de Santa Maria da Boa Vista não apresentou saldo migratório positivo.

É possível avaliar também que, em 1986/1991 os principais ganhadores de população da própria RIDEEX, são: Petrolina 35%, Juazeiro (28%), Santa Maria da Boa Vista (9%), Casa Nova-BA (9%), Cabrobó-PE (4%) Remanso-BA (4%) e Curaçá-BA (3%), sendo que desses, os quatro primeiros também foram os que mais perderam população no período, seguidos por Curaçá-BA, Orocó-PE e Sento Sé-BA.

GRÁFICO 46 - Volumes de Imigração (I), Emigração (E) e Saldo Migratório (I-E) Intra-regionais- Municípios da RIDEEX - 1986/1991



Fonte: IBGE. Censo Demográfico (1991). Tabulações especiais da autora.

Reforçando que os principais municípios não são áreas de evasão populacional, pelo contrario, Petrolina e Juazeiro, em razão dos volumes migratórios, são áreas de média

absorção populacional. Contudo, Casa Nova é uma área de rotatividade migratória, pois apresentou equilíbrio entre os volumes de emigração e imigração. De acordo com o IEM, em 1986/1991, não há município com alta absorção populacional, pelo contrário, dos 13 municípios avaliados, nove deles mais perderam população do que ganharam (Tabela 27).

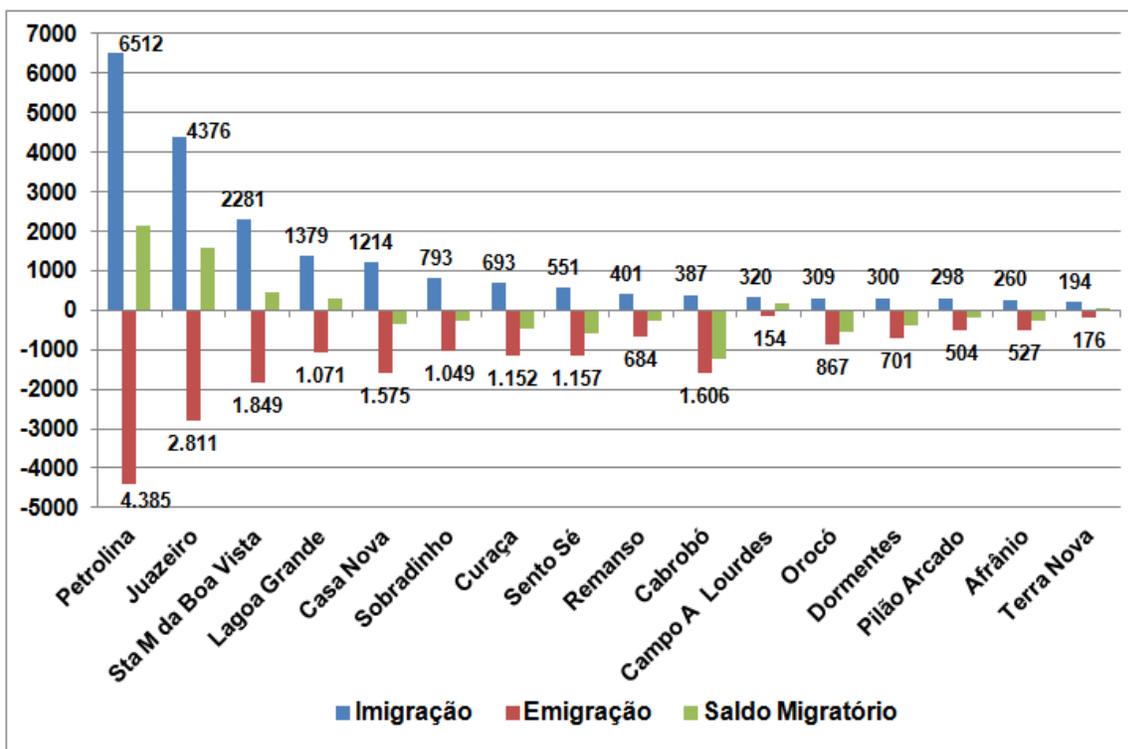
TABELA 27 - Volumes de Imigração (I) e Emigração (E), Saldo Migratório (I-E), Migração Bruta (I+E) e o Índice de Eficácia Migratória (IEM) Intra-regionais - Municípios da RIDEEX - 1986/1991

Municípios	Imigração	Emigração	Saldo Migratório	Migração Bruta	IEM
Petrolina	4.781	2.170	2.611	6.951	0,38
Juazeiro	3.728	2.013	1.715	5.741	0,30
Sta M. da Boa Vista	1.264	1.689	-425	2.953	-0,14
Casa Nova	1.204	1.119	85	2.323	0,04
Cabrobó	482	1.714	-1.232	2.196	-0,56
Remanso	468	703	-235	1.171	-0,20
Curaça	441	945	-504	1.386	-0,36
Orocó	368	844	-476	1.212	-0,39
Campo A. Lourdes	301	240	61	541	0,11
Sento Sé	253	750	-497	1.003	-0,50
Pilão Arcado	142	393	-251	535	-0,47
Terra Nova	59	248	-189	307	-0,62
Afrânio	51	714	-663	765	-0,87
Total	13.542	13.542			

Fonte: IBGE. Censo Demográfico (1991). Tabulações especiais da autora.

Para o período seguinte, não há alteração no posicionamento dos quatro municípios com maiores volumes de imigração, Petrolina, Juazeiro, Santa Maria da Boa Vista-PE e Lagoa Grande-PE e Casa Nova-BA, continuam ganhando mais população do que os demais municípios da RIDEEX. Cabe destacar que, diferentemente do período anterior, em 1995/2000 Santa Maria da Boa Vista e Lagoa Grande passaram a apresentar mais imigrantes do que emigrantes e Casa Nova passou a perder mais população (Gráfico 47).

GRÁFICO 47 - Volumes de Imigração (I) e Emigração (E), Saldo Migratório (I-E) Intra-regionais - Municípios da RIDEEX - 1995/2000



Fonte: IBGE. Censo Demográfico (2000). Tabulações especiais da autora.

Os municípios de Campo Alegre de Lourdes-BA, Juazeiro e Petrolina foram considerados espaços de absorção populacional (com IEM, 0,35, 0,22, 0,20). Apesar do município de Campo Alegre de Lourdes-BA ter sido caracterizado como área de média absorção populacional, esse município apresentou uma das mais baixas movimentações de pessoas da RIDEEX. Comparado com período anterior, os municípios de Petrolina e Juazeiro perderam parte da capacidade de absorção populacional em 1995/2000, embora o volume da migração bruta tenha aumentado expressivamente (Tabela 28).

TABELA 28 - Volumes de Imigração (I) e Emigração (E), Saldo Migratório (I-E), Migração Bruta (I+E) e o Índice de Eficácia Migratória (IEM) Intra-regionais - Municípios da RIDEEX - 1995/2000

Municípios	Imigração	Emigração	Saldo Migratório	Migração Bruta	IEM
Petrolina	6.512	4.385	2.127	10.897	0,20
Juazeiro	4.376	2.811	1.565	7.187	0,22
Sta M da Boa Vista	2.281	1.849	432	4.130	0,10
Lagoa Grande	1.379	1.071	308	2.450	0,13
Casa Nova	1.214	1.575	-361	2.789	-0,13
Sobradinho	793	1.049	-256	1.842	-0,14
Curaça	693	1.152	-459	1.845	-0,25
Sento Sé	551	1.157	-606	1.708	-0,35
Remanso	401	684	-283	1.085	-0,26
Cabrobó	387	1.606	-1.219	1.993	-0,61
Campo A Lourdes	320	154	166	474	0,35
Orocó	309	867	-558	1.176	-0,47
Dormentes	300	701	-401	1.001	-0,40
Pilão Arcado	298	504	-206	802	-0,26
Afrânio	260	527	-267	787	-0,34
Terra Nova	194	176	18	370	0,05
Total	20.268	20.268			

Fonte: IBGE. Censo Demográfico (2000). Tabulações especiais da autora.

Petrolina é o único que ganhou população de todos os municípios da RIDEEX. Os principais ganhadores de população da própria RIDEEX foram Petrolina, Juazeiro, Santa Maria da Boa Vista, Casa Nova-BA. Contudo, foram os que mais perderam população no período. As principais trocas migratórias aconteceram entre os municípios de Petrolina e Juazeiro e Petrolina e Santa Maria da Boa Vista (Tabela 29).

TABELA 29 - Fluxos Migratórios Intra-regionais - Municípios da RIDEEX, em 1986/1991

Localidade da residência em 1986	Localidade da residência em 1991													
	Petrolina	Juazeiro	Sta M. da Boa Vista	Casa Nova	Curaçá	Cabrobó	Remanso	Orocó	Campo A Lourdes	Sento Sé	P Arcado	T. Nova	Afrânio	Total
Petrolina		948	442	478	19	109	78	54	-	-	-	-	42	2.170
Juazeiro	1.311		57	200	276	19	12	9	-	89	33	7	-	2.013
Cabrobó	554	299	401	108	-	-	88	147	-	89	-	28	-	1.714
S. M. B. Vista	1.003	323	-	64	92	174	-	-	-	-	-	24	9	1.689
Casa Nova	496	510	2	-	-	-	30	-	46	35	-	-	-	1.119
Curaçá	91	382	301	31	-	-	-	140	-	-	-	-	-	945
Orocó	214	293	47	102	54	134	-	-	-	-	-	-	-	844
Sento Sé	73	553	8	92	-	-	24	-	-	-	-	-	-	750
Afrânio	602	15	6	91	-	-	-	-	-	-	-	-	-	714
Remanso	182	356	-	38	-	-	-	-	18	-	109	-	-	703
Pilão	14	36	-	-	-	-	106	-	237	-	-	-	-	393
Arcado	141	13	-	-	-	46	-	18	-	30	-	-	-	248
Terra Nova	100	-	-	-	-	-	130	0	0	10	0	0	0	240
Total	4.781	3.728	1.264	1.204	441	482	468	368	301	253	142	59	51	13.542

Fonte: IBGE. Censo Demográfico (1991). Tabulações especiais da autora.

As principais trocas, em 1995/2000, aconteceram na direção de Petrolina, Juazeiro, partindo dos municípios de Casa Nova-BA, Sento Sé-BA e Santa Maria da Boa Vista e Lagoa Grande em Pernambuco. Esses últimos também receberam um volume importante vindo dos municípios de Petrolina, Curaçá, Orocó-PE, Cabrobó-PE e Juazeiro (Tabela D - Anexo).

4.5. Migração e emprego breve caracterização dos migrantes da RIDEEX

Pretende-se, aqui, fazer uma breve caracterização dos migrantes que se dirigiram à área dinâmica de Petrolina e Juazeiro no período estudado, com objetivo de fechar o quadro para a compreensão da estreita relação que se estabelece entre dinâmica demográfica e econômica na RIDEEX.

Em 1986/1991, dos imigrantes que tiveram como destino a RIDEEX, a grande maioria (92%) não nasceu no município que estava residindo. desses, pouco mais da metade eram alfabetizados (56%) e estavam, em 1991, morando nas áreas urbanas dos municípios (61%). Neste aspecto é interessante notar a existência de um fluxo de tipo rural-urbano, uma vez que no domicílio de origem uma parcela desta população residia nas áreas rurais (49%).

Ao observarmos os grupos da RIDEEX de maneira separada, verifica-se que os municípios do grupo 1 (neste momento, Petrolina e Juazeiro) concentravam 80% daqueles que em 1991 declararam morar no meio urbano. Os municípios do grupo 2, por outro lado, respondiam por quase metade dos migrantes que viviam em área rural. Já os municípios do grupo 3 acusam equilíbrio entre aqueles que viviam no rural e no urbano.

Do contingente populacional que se dirigiu para a região estudada, 51% eram mulheres, 5% delas eram chefes de domicílio. Em geral, os imigrantes eram jovens com idade entre 10 a 39 anos (70% dos imigrantes da RIDEEX) Além disso, nunca havia mudado da situação de domicílio que estavam naquele momento (93%).

Os dados do levantamento censitário de 2000 mostram que grande parte dos imigrantes vivia nas áreas urbanas (71%) Comparado com o período anterior, observa-se um ligeiro aumento dos imigrantes que nasceram nos municípios que foram recenseados em 2000, de 8% (5.018 pessoas) em 1991, para 10% (7.020 pessoas) em 2000.

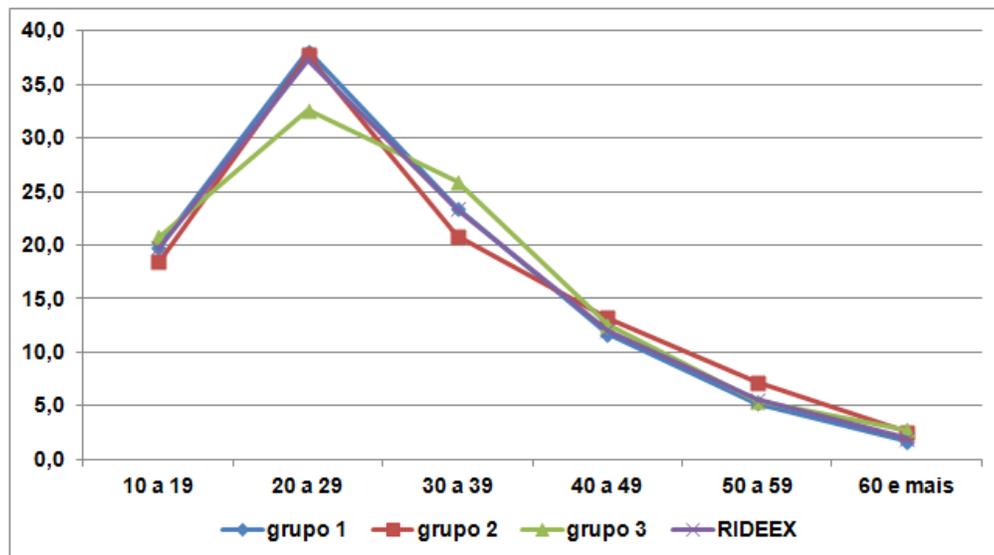
Sobre a situação de domicílio desses migrantes, é possível afirmar que ocorreram algumas mudanças. O grupo 1 passa a responder, também, pela maior parte de pessoas que viviam no meio rural na RIDEEX. No grupo 2 esta distribuição fica mais equilibrada e, por fim, no grupo 3 verifica-se que havia mais pessoas vivendo no meio urbano. Em 1995/2000, as mulheres continuaram a ser maioria dentre os imigrantes, com 51% dos imigrantes, contudo, houve um aumento no contingente feminino chefes de domicílio (9% delas eram chefes do domicilio).

A partir daqui iremos trabalhar com as informações dos migrantes com dez anos ou mais, que tinham trabalho (remunerado ou não) na data de referência do censo. Os dados serão analisados no conjunto da RIDEEX e também por grupo nos dois períodos selecionados.

No que se refere à distribuição dos migrantes ocupados por idade a partir do levantamento censitário de 1991, vale a pena observar o Gráfico 48. Antes de qualquer coisa, é preciso destacar o perfil bastante jovem destas pessoas, sendo que mais da metade de todas as pessoas que entraram na RIDEEX tem até 29 anos e representam (57%).

Verifica-se ademais que os grupos 1 e 2 têm distribuição muito semelhante à do conjunto da RIDEEX. Embora apresente níveis diferentes, sobretudo para a idade de 20 a 29 anos, a curva de distribuição do grupo 3 mantém o mesmo padrão que os demais recortes analisados.

GRÁFICO 48 - Imigrantes ocupados por faixas de idade, 1991

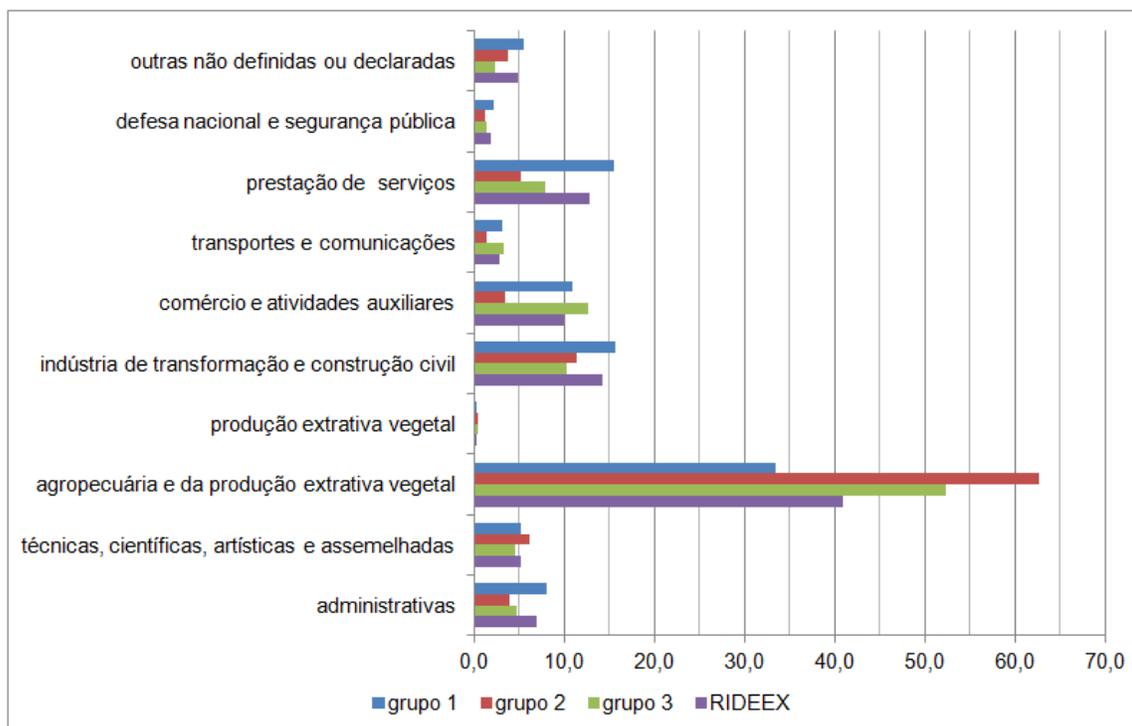


Fonte: IBGE. Censo Demográfico (1991). Tabulações especiais da autora.

Quanto a distribuição dos migrantes segundo categorias de ocupação, a maior parte está vinculada à agropecuária e produção extrativa vegetal. Depois, vêm ocupações na indústria de transformação e construção civil, prestação de serviços e, comércio e atividades auxiliares com cerca de, respectivamente, 14%, 13% e 10% de participação sobre o total. O grupo 1 concentra a maior parte das atividades econômicas da área dinâmica de Petrolina e Juazeiro (70% do total de migrantes ocupados em 1991.)

Além dos volumes registrados para cada uma das categorias analisadas, é importante observar a maneira como estes postos de trabalho estão distribuídos em cada um dos grupos e também na da RIDEEX (Gráfico 49).

GRÁFICO 49 - Distribuição dos imigrantes (%) - Categorias de ocupação por grupos da RIDEEX - 1991



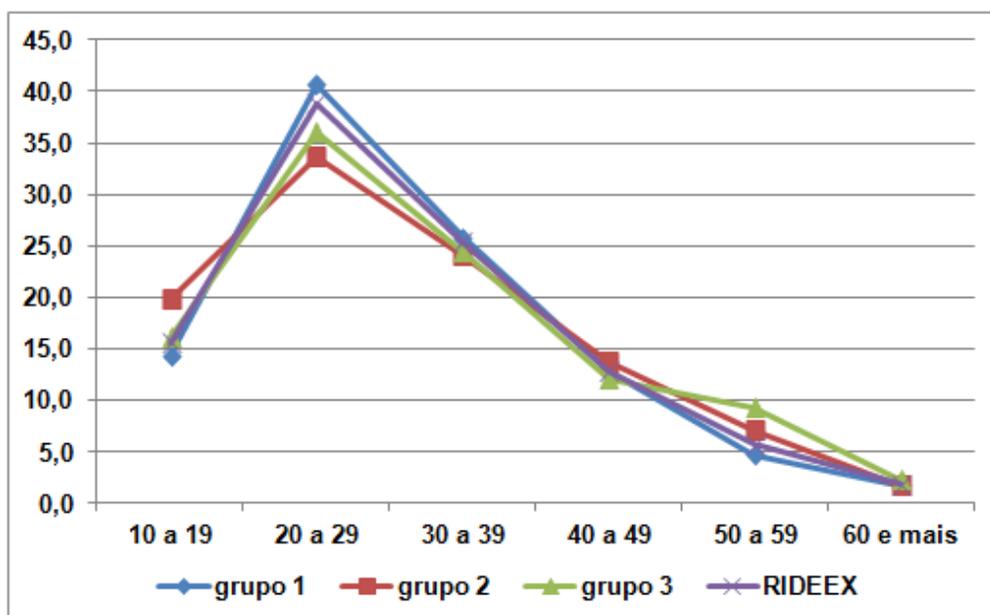
Fonte: IBGE. Censo Demográfico (1991). Tabulações especiais da autora.

Quando observamos a participação de cada categoria de ocupação em termos relativos nos grupos, percebe-se com mais clareza a inserção de cada um dos municípios na dinâmica do emprego na RIDEEX. O grupo 2, por exemplo, aloca quase dois terços dos migrantes nas atividades ligadas à agropecuária.

Deve-se advertir, contudo, que a distribuição bastante semelhante observada no Gráfico 50 acima entre grupo 1 e RIDEEX mostra o peso que este grupo tem sobre a inserção laboral dos migrantes nesta área.

À exceção da idade 20 a 29 anos, que variam sete pontos percentuais no comparativo com todos os agrupamentos feitos, os dados do censo de 2000 mostram que os migrantes segundo o critério de data-fixa e que estavam ocupados na semana de referência do levantamento têm nível e padrão de distribuição das idades muito parecido. E, assim como em 1991, é bastante jovem – tem cerca de 54% das pessoas com idades entre 10 e 29 anos.

GRÁFICO 50 - Imigrantes ocupados por faixas de idade, 2000



Fonte: IBGE. Censo Demográfico (2000). Tabulações especiais da autora.

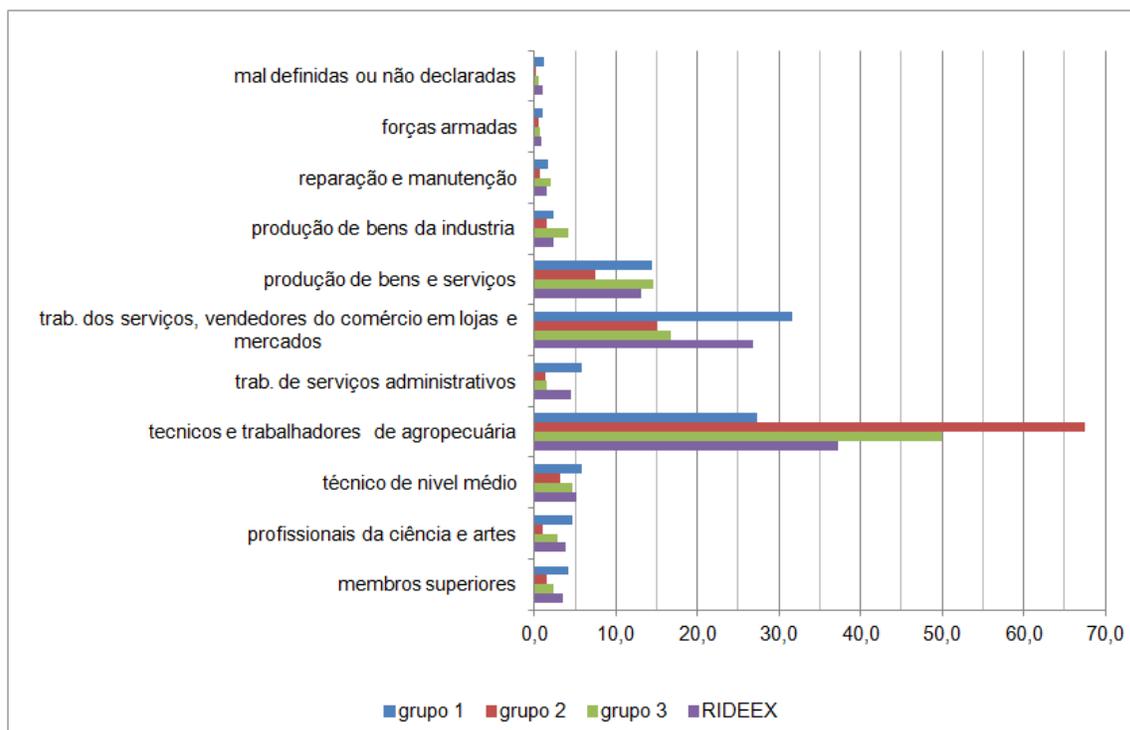
No que se refere à análise dos migrantes por categoria de ocupação, é importante fazer uma ressalva. As categorias de classificação das ocupações dos indivíduos sofreu alteração. Entendemos, no entanto, que essa mudança não prejudica a presente análise, pois é possível observar que os ramos de atividades são correlatos.

Dito isso, cabe dizer que houve no período um incremento de cerca de 17% no total de migrantes ocupados na RIDEEX., em 2000.

A hierarquia entre os diferentes grupos da RIDEEX, como relatado ao longo desse trabalho, se mantém em 2000. Isso porque o grupo 1, formado por Juazeiro, Petrolina e Sobradinho continua concentrando a maior parcela dos migrantes ocupados, seguido pelos grupos 2 e 3.

Assim como destacado no capítulo 2, os municípios que compõem o grupo 1 concentrava grande parte dos serviços e dos vínculos empregatícios neste setor, assim como o grupo 2 as atividades ligadas a agropecuária. Isso se reflete também quanto aos migrantes. O Gráfico 51 abaixo mostra a distribuição percentual dos migrantes ocupados dentro de cada um dos grupos analisados. Verifica-se, mais uma vez, a importância das atividades associadas à agricultura no grupo 2, pois passa a representar 67,4% do total de migrantes ocupados e em seguida das atividades de serviços. Vale registrar que, em 1991, esta categoria representava 62,7% do total.

GRÁFICO 51 - Distribuição dos migrantes (%) segundo categorias de ocupação por grupos da RIDEEX - 2000



Fonte: IBGE. Censo Demográfico (2000). Tabulações especiais da autora.

Em 1986/1991, dos imigrantes ocupados, em todos os municípios receptores da RIDEEX, o setor agropecuário é o que mais os emprega. No município de Petrolina, 32% dos imigrantes com mais de 10 anos de idade, estavam ocupados no setor agropecuário, e desses 27% tinham a carteira assinada. O segundo setor de atividade que mais empregava no período foi o setor de serviços. Juazeiro tinha 36% dos imigrantes empregados no setor agropecuário, desses 34% tinham carteira assinada. O setor da indústria de transformação e construção civil empregou 18% do imigrantes. Santa Maria da Boa Vista-PE apresentou o maior percentual de imigrantes ocupados no setor agropecuário, com 66% sendo 30% desses com carteira assinada.

4.5 Considerações do Capítulo

A RIDEEX passou por muitas alterações nas atividades produtivas entre as décadas, e vem apresentando resultados expressivos na produção de frutas para exportação. Esta especialização contribuiu fortemente com o crescimento populacional e na manutenção da população rural nos municípios da RIDEEX, em grande parte, pelos fluxos migratórios. Apesar

de, em muitas situações, a dinâmica demográfica não responder imediatamente aos fenômenos econômicos, na RIDEEX é possível verificar relações muito estreitas entre ambos. Durante a década de 1980 (período de implantação da agricultura irrigada) há um grande volume de migrantes se dirigindo para os municípios mais dinâmicos da área. Este processo se estende para a década seguinte, apesar do menor volume de imigrantes registrados no período.

Contudo, os dados do censo de 2000 mostram uma redução no quantitativo de imigrantes e o aumento dos emigrantes. Parte desse fenômeno pode ser explicado pelo surgimento de outras áreas dinâmicas, especialmente na Região Nordeste.

Este capítulo buscou traçar um panorama das migrações na RIDEEX, procurando identificar o comportamento do fenômeno migratório e sua relação com o expressivo crescimento populacional. Os resultados da década de 1980, avaliados a partir dos movimentos captados pelo Censo de 1991, e os resultados da década de 1990, avaliados no Censo de 2000, (considerando o quesito de data fixa), dão conta do dinamismo empreendido durante a implantação da agricultura irrigada e na sua expansão no mesmo período. Os fluxos captados sinalizam para uma região que retém mais população do que perde. Contudo, há especificidades entre os grupos da RIDEEX que exprimem a concentração dos fluxos nos municípios de Petrolina, Juazeiro e Santa Maria da Boa Vista-PE.

Assim como nas demais localidades da Região Nordeste, observamos que os fluxos migratórios interestaduais apresentaram alteração no volume e nas direções dos principais fluxos. Neste aspecto pode-se destacar as trocas populacionais entre a RIDEEX e as regiões Norte e Sul. No entanto, é preciso ressaltar a importância das trocas estabelecidas com o estado de São Paulo nos dois períodos selecionados.

Na mesma linha de observação, é possível notar que os principais movimentos não ocorrem dentro da própria RIDEEX, mas entre outras regiões, sendo a Bahia o estado que mais perdeu população para RIDEEX e também está entre os principais destinos. Isto é, os dados analisados marcam a existência de trocas populacionais acirradas entre estas localidades.

Já no que se refere às particularidades dos grupos, o conjunto composto por Petrolina, Juazeiro e Sobradinho (em 2000) atrai a maior parte da população, e é o que menos perde. Contrariamente a isso, temos o grupo 3, que se apresenta como uma área de evasão populacional nos dois períodos observados. De todos os municípios Petrolina, Juazeiro e Santa Maria da Boa Vista-PE são os responsáveis pelas principais trocas populacionais.

Pudemos constatar ainda um perfil bastante característico dos migrantes da RIDEEX: eram jovens e aqueles que tinham ocupação na semana de referência dos dois levantamentos censitários, estavam empregados no setor agropecuário. O que reforça mais uma vez a forte

relação entre dinâmica demográfica observada pela migração e os desdobramentos econômicos desta área, no caso, a dinâmica da fruticultura.

Por fim, em que pese o papel dos deslocamentos interestaduais na composição do quadro da migração na área dinâmica de Petrolina e Juazeiro, é de suma importância pensar as trocas entre os municípios da RIDEEX. Isso porque esta modalidade de deslocamento se intensificou nos períodos analisados. Convém discutir a partir da disponibilização dos dados do Censo de 2010 se o quadro aqui elaborado se confirma como uma tendência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Guimarães Neto (1997a) aponta que o mapa da desigualdade no Brasil apresenta duas categorias: o primeiro é aquele que concentra as principais atividades estratégicas; o segundo nível é caracterizado por regiões periféricas de diferentes níveis e graus de complexidade econômica, com algumas especializações consolidadas, constituídas a partir de potencialidades internas e condições externas favoráveis e gradualmente formaram uma base econômica importante para diversos municípios de seu entorno.

O ambiente econômico vivido nessas áreas surge com limites bem determinados, muito em razão, de aspectos históricos e estruturais que produziram efeitos profundos na economia regional. No caso da Região Nordeste muitos desses aspectos ainda tem grande influência na sua evolução econômica

Outro elemento importante na discussão sobre as desigualdades regionais, especialmente na Região Nordeste, é o conjunto de efeitos trazidos, em parte, pelo processo da integração produtiva inter-regional, por volta da década de 1970. Esta etapa, definida em grande medida, pelas novas formas de atuação que o Estado brasileiro, sobretudo a sua esfera federal, favoreceu uma relação mais intensa entre as áreas economicamente mais atrasadas do território nacional, como a Região Nordeste, e propiciou a formação de subespaços dinâmicos.

Esses subespaços surgiram e se consolidaram, em grande parte, pelo aporte de investimentos público e privado. São áreas dinâmicas, também chamadas de complexos ou polos, industriais e agrícolas, que apresentam estruturas econômicas modernas e ativas, com um desempenho diferenciado de outras regiões próximas a elas e com o tempo passaram a ter visibilidade nacional Lima e Lima (2008).

Os resultados apresentados pela região de Petrolina e Juazeiro a partir do final da década de 1980 alterou a estrutura, a composição e volume da população, nas áreas urbanas e rurais.

Além de o avanço tecnológico com as altas taxas de produtividades de culturas não tradicionais do Nordeste, com alto valor agregado e sua importante participação no mercado externo – especialmente com a uva e a manga – e interno com a banana e as culturas temporárias.

Esses resultados na fruticultura irrigada influencia o mercado de trabalho não só no Setor Agrícola, mas também define especificidades importantes na região como a manutenção da população ocupada no Setor Primário, especialmente nos municípios mais diretamente

ligados á produção de frutas. Outro aspecto importante, é a diversificação das atividades no Setor de Serviços em todos os municípios, apesar dos níveis de diferenciação.

Além dos oito municípios que compõem a RIDE (Juazeiro-BA, Petrolina-PE, Lagoa Grande-PE, Santa Maria da Boa Vista-PE, Orocó-PE, Sobradinho-BA, Casa Nova-BA e Curaçá-BA), outros municípios do entorno próximo a essa área compartilham dos resultados da dinâmica econômica, especialmente pelo uso dos serviços, como pelas trocas populacionais com os principais municípios da região. A manutenção da população nos municípios da RIDEEX, tanto nas áreas urbanas, e especialmente nas áreas rurais, aponta que as atividades agrícolas proporcionam alternativas de permanência para a população.

A manutenção da população rural em termos relativos e absolutos, merece grande atenção, muito pelo fato, que este processo de aumento da população nas áreas rurais é uma tendência contrária todas as trajetórias observadas na maior parte dos municípios da Região Nordeste e até do Brasil, sendo mais um indicativo das especificidades das áreas dinâmicas, pouco captado em escalas espaciais mais abrangentes.

O fenômeno da migração é um componente imprescindível para compor o panorama demográfico da região de Petrolina e Juazeiro, uma vez que o nível das taxas de fecundidade total não dá conta, do crescimento populacional nas áreas urbanas e rurais registrado até o ano de 2010. Contudo, somente com as informações do Censo Demográfico referente aos processos da década dos anos 2000 é que será possível compor mais detalhadamente o panorama sinalizado aqui.

Com base nos elementos apresentados anteriormente, fica evidente que, dentro da área dinâmica não houve, pelo menos ainda, a uniformidade dos avanços econômicos, sociais e demográficos. Por enquanto, os municípios mais dinâmicos historicamente, como Petrolina-PE e Juazeiro concentram em grande medida, os resultados de todo o processo da introdução da agricultura irrigada na região.

Contudo, trabalhos futuros devem focalizar o estudo dessas áreas, buscando elementos para investigar se as assimetrias e os desequilíbrios são transitórios ou se perpetuarão. Para o entendimento mais aprofundamento desses espaços, é preciso contemplar outras dimensões, como: a diversificação e a qualidade do mercado de trabalho agrícola e as conexões com outros setores produtivos; as especificidades das áreas rurais, que mantém um crescimento populacional positivo, contrariando a tendência nacional; a organização dos espaços urbanos e a distribuição da população; a composição familiar e suas nuances; o papel das instituições de ensino e pesquisa na dinâmica econômica e social da região; ações e estratégias governamentais; a questão ambiental, entre outras.

Por fim, o caso da região de Petrolina e Juazeiro, indica que a combinação entre ações governamentais, com potencialidades locais, e mercado favorável pode resultar em dinamismo econômico, mesmo nas áreas mais periféricas, entretanto, a difusão de inovações tecnológicas, a qualificação de mão de obra, a distribuição de renda são essenciais para sustentar resultados satisfatórios.

REFERÊNCIAS

- ALVES, J. E. D.; VASCONCELOS, D. S.; CARVALHO, A. A. Estrutura etária, bônus demográfico e população economicamente ativa no Brasil: cenários de longo prazo e suas implicações para o mercado de trabalho. **Texto para Discussão 10**, Brasília, Ipea/Cepal, 2010.
- ALVES, S. M. R. A. **Trajetórias de vida e mobilidade dos trabalhadores do núcleo 4 do Projeto Senador Nilo Coelho em Petrolina – PE**. 2006, 98f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2006.
- AMARAL, A. E.; NOGUEIRA, R. A. P. A volta da Asa Branca e as primeiras impressões de retorno. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 8., 1992, Brasília. **Anais...** Brasília: ABEP, v.3, 1992.
- ANDRADE, M. C. **A terra e o homem no Nordeste**: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- _____. **As áreas do domínio da pecuária extensiva e semi-intensiva da Bahia e do Norte de Minas**. Recife: Sudene, 1982.
- ANJOS, F. S.; CALDAS, N. V. O futuro ameaçado: o mundo rural face aos desafios da masculinização, do envelhecimento e da desagrarização. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v.26, n.1, p.661-694, jun.2005.
- ANUÁRIO BRASILEIRO DA FRUTICULTURA 2008. Santa Cruz do Sul: Editora Gazeta, 2008.
- ARAÚJO, J. L. P.; RAMALHO, P. J. P.; CORREIA, R. C. Mercados de uvas de mesa e de vinho. In: SOARES, J. M.; LEÃO, P. C. S. (Ed.). **A vitivinicultura no semiárido brasileiro**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica; Petrolina: Embrapa Semi-Árido, 2009.
- ARAÚJO, M. A. P. **O papel do BNB/FNE na economia nordestina pós 1990**. 2010. 116f. Dissertação (Mestrado em Economia) - Departamento de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.
- ARAÚJO, T. B. **Ensaio sobre o desenvolvimento brasileiro**: heranças e urgências. Rio de Janeiro: Revan, 2000.
- _____. Por uma política nacional de desenvolvimento regional. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v.30, n.2, p.144-161, abr./jun.1999.
- _____. Dinâmica regional brasileira: rumo à desintegração competitiva? In: **do ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR**, 6., 1995, Brasília. **Anais...** Recife: Anpur, 1995a.
- _____. Nordeste, Nordestes, que Nordeste? In: AFFONSO, R. B. Á.; SILVA, P. L. B. (Org.). **Federalismo no Brasil**: desigualdades regionais e desenvolvimento. São Paulo: Fundap/UNESP, 1995b.
- AZEVEDO, M. M. Diagnóstico da população indígena no Brasil. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v.60, n.4, p.19-22, out.2008.
- AZZONI, C. R.; FERREIRA, D. A. Competitividade regional e reconcentração industrial: o futuro das desigualdades regionais no Brasil. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v.28, n.especial, p.55-86, 1997.
- _____. Formação sócio-espacial metropolitana: novas tendências ou novas evidências? In: GONÇALVES, M. F. (Org.). **O novo Brasil urbano**: impasses, dilemas, perspectivas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.
- BACHA, C. J. C. **Economia e política agrícola no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2004.

BARBIERI, A. F. (COORD.); CONFALONIERI, U. E. Estudo 48: mudanças climáticas, população e saúde. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 2010.

BAENINGER, R. Região, MetrÓpole e Interior: espaços ganhadores e espaços perdedores nas migrações recentes. *Textos Nepo* 35, Campinas, Unicamp, 2000

_____. Migração, migrações. **Idéias**, Campinas, v.1, n.2, p.31-41, 2011.

_____; CUNHA, J. M. P. Las migraciones internas en el Brasil contemporáneo. **Notas de Población**, Santiago do Chile v.82, p.33-67, 2007.

BANCO DO NORDESTE DO BRASIL. EscritÓrio Técnico de Estudos EconÔmicos do Nordeste – ETENE. Produção e efetivo de manga no Nordeste. **Informe Rural Etene**, Ano 4, n.18, 2010. Disponível em: <http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/etene/etene/docs/ire_ano4_n18.pdf>. Acesso em: 20 out. 2010.

BARROS, E R. **Arranjos sócioprodutivos da agricultura familiar e adaptação a uma dinâmica territorial de desenvolvimento**: o caso dos perímetros de irrigação no Vale do São Francisco, semi-árido brasileiro. 2007. Tese (Doutorado) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

BERNARDES, D. M. Notas sobre a formação social do Nordeste. **Lua Nova**, São Paulo, v.71, p.41-79, 2007.

BRANDÃO, Carlos. Desenvolvimento, territÓrios e escalas espaciais: levar na devida conta as contribuições da economia política e da geografia crítica para construir a abordagem interdisciplinar. In: RIBEIRO, M. T. F.; MILANI, C. R. S. (Org.). **Compreendendo a complexidade sócio-espacial contemporânea**: o território como categoria de diálogo interdisciplinar. Salvador: UFBA, 2008.

BRASIL. INFRAERO. **Aeroporto de Petrolina - Senador Nilo Coelho**. Disponível em: <<http://www.infraero.gov.br/index.php/br/aeroportos/peernambuco/aeroporto-de-petrolina.html>>. Acesso em: 2011.

_____. Ministério da Integração Nacional. **Plano de ação integrada e sustentável para a RIDE Petrolina-Juazeiro**. Brasília, 2010. (Relatório Final).

_____. Ministério do Trabalho e Emprego. **Relação anual de informações sociais**. Brasília, 2000. Disponível em: <<http://www.mte.gov.br/rais/>>.

_____. Ministério da Agricultura e do Abastecimento. Secretaria Executiva. **Programa de Apoio e Desenvolvimento da Fruticultura Irrigada do Nordeste**. Brasília: SPI, 1997. (Documento Básico).

BRITO, F.; SOUZA, J. Expansão urbana nas grandes metrÓpoles: o significado das migrações intrametropolitanas e da mobilidade pendular na reprodução da pobreza. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.19, n.4, p.48-63, out./dez 2005.

BUAINAIN, A. M.; BATALHA, M. O. (Coord.). **Cadeia produtiva de frutas**. Brasília: IICA; MAPA/SPA, 2007.

BUSTAMANTE, P. M. A. C. A fruticultura no Brasil e no Vale do São Francisco: vantagens e desafios. **Revista EconÔmica do Nordeste**, Fortaleza, v.40, n.1, p.153-171, jan./mar.2009.

CALDAS, R. M.; LIMA, J. P. R. Análise das microrregiões nordestinas com sinais potenciais de aglomerações produtivas. **Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos**, Pará, v.2, n.2, 2008.

CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil**: panorama dos últimos 50 anos. Rio de Janeiro: IPEA, 1999. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/td_0621.pdf>.

CAMARGO, F. P. Cadeia produtiva de tomate industrial no Brasil: resenha da década de 1990, produção regional e perspectivas. **Informações Econômicas**, São Paulo, v.36, n.11, p.7-29, nov.2006.

CAMPOS, N. A. **A grande seca de 1979 a 1983**: um estudo de caso das ações do governo federal em duas sub-regiões do Ceará (Sertão Central e Sertão dos Inhamuns). 2004. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

CANO, W. Furtado: a questão regional e a agricultura itinerante no Brasil. **Cadernos do Desenvolvimento**, Rio de Janeiro, Ano 5, n.7, p.23-51, out.2010.

_____. **Desconcentração produtiva regional do Brasil 1970-2005**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

_____. **Raízes da concentração industrial em São Paulo**. 4.ed. Campinas: IE/Unicamp, 1998. (30 Anos de Economia, 1).

_____. Concentração e desconcentração econômica regional no Brasil: 1970/95. **Revista Economia e Sociedade**, Campinas, n.8, jun.1997.

CARVALHO FILHO, J. J.; CASTELO, A. M. A ação do Estado e as possibilidades. **Análise Econômica**, Porto Alegre, Ano 8, n.13, p.133-144, 1999.

_____. Ação do Estado no meio rural do Nordeste e Noroeste: uma discussão sobre eficácia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 26., 1988, Fortaleza. **Anais...** Brasília: SOBER, 1988.

CARVALHO, C. P. O. Nordeste: sinais de um novo padrão de crescimento (2000/2008). **Economia Política do Desenvolvimento**, Maceió, v.1, n.2, p.7-40, maio/ago.2008.

CARVALHO, J. C. M. **O desenvolvimento da agropecuária brasileira**: da agricultura escravista ao sistema agroindustrial. Brasília: Embrapa/SPI, 1992.

CAVALCANTI, J. S. B. Frutas para o mercado global. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.11, n.29, p.79-93, 1997.

CERQUEIRA, D. F. Incentivos fiscais, desenvolvimento da economia baiana e a FORD Camaçari. **Cadernos de Estudos Sociais**, Recife, v.25, n.2, p.219-242, jul./dez.2010.

CERQUEIRA, P. S. O uso do trabalho na fruticultura: uma análise da microrregião de Juazeiro/BA na década de 90. In: CONGRESSO DA SOBER, 53., 2005, Ribeirão Preto. **Anais...** Brasília: SOBER, 2005. (Instituições, Eficiência, Gestão e Contratos no Sistema Agroindustrial).

COELHO NETO, A. S. A irrigação no médio São Francisco e a produção da seletividade sócio espacial. In: SEI. **Desenvolvimento regional**: análises do Nordeste e da Bahia. Salvador, 2006a.

_____. Políticas territoriais e impactos sócio-espaciais e econômicos: a irrigação pública na região do médio São Francisco baiano. In: ENCONTRO DE ECONOMIA BAIANA, 2., 2006, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA/SEI, v.1, 2006b.

_____. **As repercussões espaciais das políticas de irrigação no vale do São Francisco**: uma análise do perímetro irrigado formoso no município de Bom Jesus da Lapa (BA). 2004. 196f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

CODEVASF. **Almanaque do vale do São Francisco**. Brasília, 2001.

COELHO, H. F. **Agrupamento de empresas como fator de competitividade e vetor para o desenvolvimento local**: uma análise comparativa entre a fruticultura no Pólo Petrolina/Juazeiro, no Brasil e a sexta região, no Chile. 2008. 328f. Tese (Doutorado) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

CORDEIRO, Z. J. M. (Ed.). **Cultivo da banana para o Pólo Petrolina Juazeiro**: Embrapa mandioca e fruticultura. Cruz das Almas, 2003. (Embrapa Mandioca e Fruticultura. Sistema de Produção, 10). Disponível em: <<http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Banana/BananaJuazeiro/index.htm>>.

CORRÊA, R. L. Identificação dos centros de gestão do território no Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v.57, n.1, p.83-102, jan./mar. 1995. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/RBG/RBG%201995%20v57_n1.pdf>. Acesso em: out. 2011.

CORREIA, R. C. et al. Perfil dos colonos e sua relação com a inadimplência no Perímetro Irrigado Senador Nilo Coelho – Petrolina - PE. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 37., 1999, Foz do Iguaçu. **Anais...** Brasília: SOBER, 1999a.

_____ et el. **Fatores que diferenciam os resultados econômicos dos colonos**: o caso do Perímetro Irrigado de Bebedouro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 37., 1999, Foz do Iguaçu. **Anais...** Brasília: SOBER, 1999b.

COSTA, M. A. B. Verticalização na indústria têxtil: o caso da fiação. **Espaço & Geografia**, Brasília, v.8, n.1, p.71-98, 2005.

CUNHA, J. M. P. A migração no Brasil no começo do século 21: continuidades e novidades trazidas pela PNAD 2004. **Parcerias Estratégicas**, Brasília, v. 22, 2006.

_____. Migração e urbanização no Brasil, alguns desafios metodológicos para análise. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.19, n.4, p.3-20, out./dez.2005.

_____. Redistribuição espacial da população: tendências e trajetória. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.17, n.3-4, p.218-233, dec.2003.

_____; BAENINGER, R. (Coord.). Sistematização das informações censitárias sobre migração Estado de Mato Grosso do Sul. **Dados Demográficos 6**, Campinas, Nepo/UNICAMP, 1999. (Redistribuição da população e meio ambiente: São Paulo e Centro Oeste, 1). Disponível em: <http://www.nepo.unicamp.br/textos/publicacoes/data_demo/dadem06.pdf>. Acesso em: out.2011.

DAMIANI, O. Diversificação agrícola e redução da pobreza: a introdução no Nordeste brasileiro de produtos agrícolas não tradicionais de alto valor e seus efeitos sobre pequenos produtores e trabalhadores rurais assalariados. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v.34, n.1, p.42-84, jan./mar.2003. Disponível em: <<http://www.nead.org.br/index.php?acao=biblioteca&publicacaoID=236>>. Acesso em: ago. 2007.

DINIZ, C. C.; BASQUES, M. F. D. **A industrialização nordestina recente e suas perspectivas**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2004.

_____. **A dinâmica regional recente da economia brasileira e suas perspectivas**. Brasília: IPEA, jun.1995. (Texto para Discussão, n.375).

_____. Desenvolvimento poligonal no Brasil: nem desconcentração, nem contínua polarização. **Nova Economia**, Belo Horizonte, CEDEPLAR/UFMG, v.3, n.1, p.35-64, set.1993.

DOS SANTOS, L.; ICHIKAWA, E. Ciência, tecnologia e sociedade: visões sobre transformações da pesquisa agrícola no Brasil. **Organizações Rurais e Agroindustriais**, América do Norte, 5, abr. 2011. Disponível em: <<http://revista.dae.ufla.br/index.php/ora/article/view/240/237>>. Acesso em: 10 out. 2011.

DUARTE, R. S. As secas no Nordeste: recorrência climática e descontinuidade na ação pública. **Caderno do Centro de Recursos Humanos da Universidade Federal da Bahia - CRH**, Salvador, n.32, p.233-258, jan./jun.2000.

DUQUÉ, G. A experiência de Sobradinho: problemas fundiários e colocados pelas grandes barragens. **Cadernos do CEAS**, Salvador, n.91, p.30-38, maio/jun.1984.

EMBRAPA. Ministério da Agricultura e do Abastecimento. EMBRAPA Semi-Árido. **A viticultura no semi-árido brasileiro**. Petrolina, 2000.

ESTRELA, E. S. Um rio de memórias: o modus vivendi dos beraderos sanfranciscanos antes da represa de sobradinho (Bahia). **História & Perspectivas**, Uberlândia, n.41, p.115-139, jul./dez.2009.

FAOSTAT. **Produção mundial de uva**. Disponível em: <<http://faostat.fao.org/>>. Acesso em: 17 jan. 2012.

_____. **Produção mundial de banana**. Disponível em: <<http://www.fao.org>>. Acesso em: 31 out. 2011.

FÁVERO, L. A. **Cultura da manga no São Francisco**: posicionamento, limites, oportunidades e ações estratégicas. Fortaleza: BNB, 2008.

FRANCA, C. S. **Impacto da globalização e modernização agrícola na região do vale. Submédio do São Francisco**: estudo de caso do Perímetro de Irrigação Projeto Bebedouro em Petrolina-PE. 2004. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

FRIEDMANN, J. R. P. **Introdução ao planejamento regional**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1960.

FUNDAÇÃO JOAQUIM PINHEIRO. **Atlas do desenvolvimento humano no Brasil 1991-2000**. Belo Horizonte: FJN/UNPD/IPEA/, 2003.

GALVÍNCIO, J. D.; MOURA, M. S. B. Aspectos climáticos da captação de água de chuva no Estado de Pernambuco. **Revista de Geografia**, Recife, v.22, n.2, p.100-116, jul./dez.2005.

GASQUES, J. G.; VILLA VERDE, C. M.; BASTOS, E. T. **Gastos públicos em agricultura: retrospectiva e prioridades**. Brasília: IPEA, 2006. (Texto para Discussão, n.1.225)

_____ et al. **Desempenho e crescimento do agronegócio no Brasil**. Brasília: IPEA, 2004. (Texto para Discussão, n.1009).

GUIMARÃES NETO, L. Desigualdades e políticas regionais no Brasil: caminhos e descaminhos. **Planejamento e Políticas Públicas**, Brasília, n.15, p.41-99, 1997a.

_____. Trajetória econômica de uma região periférica. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.11, n.29, p.37-54, 1997b.

_____. Desigualdades regionais e federalismo. In: AFFONSO, R. B. A.; SILVA, P. L. B. (Org.). **Desigualdades regionais e desenvolvimento**. São Paulo: Fundap/Editora UNESP, 1995.

_____. **Introdução à formação econômica do Nordeste:** da articulação comercial à integração produtiva. Recife: Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 1989.

GUIMARÃES, T. G. Visita técnica ao polo frutícola do Vale do São Francisco, em Petrolina, PE e Juazeiro, BA. **Documentos - EMBRAPA Cerrados**, Planaltina, n.201, 2007.

HAKKERT, R.; MARTINE, G. Tendências migratórias recentes no Brasil: as evidências da PNAD de 2004. **Parcerias Estratégicas**, Brasília, CGEE, n.22, p.347-379, jun.2006.

HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. 2.ed. São Paulo: Annablume, 2006.

HEINZE, B. C. L. B. **A importância da agricultura irrigada para o desenvolvimento da região Nordeste do Brasil**. 2002. 70f. Monografia (MBA em Gestão Sustentável da Agricultura Irrigada) - Ecobusiness School/FGV, Brasília, 2002. Disponível em: <www.iica.org.br/Docs/Publicacoes/PublicacoesIIICA/BraulioHeinze.pdf>. Acesso em: ago. 2007.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro, 2010a.

_____. **Produção Agrícola Municipal – PAM**. Rio de Janeiro, v.37, 2010b. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pam/2010/PAM2010_Publicacao_completa.pdf>. Acesso em: nov. 2011.

_____. **Regiões de influência das cidades 2007**. Rio de Janeiro, 2008.

_____. **Censo Demográfico 2000**. Rio de Janeiro, 2000a.

_____. **Sistema de Contas Nacionais 2000**. Rio de Janeiro, 2000b. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: jan.2010.

_____. **Censo Demográfico 1991**. Rio de Janeiro, 1991.

_____. **Censo Demográfico 1980**. Rio de Janeiro, 1980.

_____. **Censo Demográfico 1970**. Rio de Janeiro, 1970.

_____. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Rio de Janeiro, 1959. (Bahia e Pernambuco).

IPARDES. **Comentários sobre os resultados do REGIC 2007**. Curitiba, 2009.

JESUS FILHO, A. **Perspectiva de sustentabilidade da agricultura irrigada no polo Juazeiro-Petrolina diante do conflito de usos de água na região**. 2004. 179f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Análise Regional, Universidade Salvador, Salvador, 2004.

KATZ, F.; LIMA, P. Inovações tecnológicas e desenvolvimento na periferia: estudo de casos no nordeste brasileiro. **Revista Pernambucana de Desenvolvimento**, Recife, v.14, n.1/2, 1993.

LACERDA, M. A. R. D. O cluster da fruticultura no polo Petrolina/Juazeiro. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, Paraíba, v.4, n.1, 2004.

LEMOS, M. B.; CUNHA, A. R. A. A. Novas aglomerações industriais e desenvolvimento regional recente no Brasil. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v.27, n.4, p.725-761, out/dez.1996.

_____. **Dois técnicas de análise regional, elaboradas a partir de categorias espaciais:** a regionalização e o método estrutural diferencial. 1991. 152f. Tese (Professor Titular) - Departamento de Ciências Econômicas da Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1991.

- LERNER, G. L. S. **Estudo de impactos na geração hidroelétrica ao longo do Rio São Francisco devido a transposição de suas águas utilizando modelo matemático de fluxos em rede AcquaNet**. 2006. 117f. Dissertação (Mestrado) – COPPE, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- LIMA, C. L. C.; COSTA, L. F. G. Considerações sobre o setor sucroalcooleiro no Brasil e na Bahia. **Revista Desenharia**, Salvador, n.6, mar.2007.
- LIMA, H. S. R.; LIMA, João P. Economia do Nordeste: mapeando “novas” áreas dinâmicas. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA, 13., 2008, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: SEP, 2008.
- LIMA, J. P. R. Nordeste do Brasil: revisitando as áreas dinâmicas em meio à estagnação. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA, 10., 2005, Campinas. **Anais...** Campinas: Sociedade Brasileira de Economia Política; IE/Unicamp, 2005.
- _____; MIRANDA, E. A. A. Fruticultura irrigada no Vale do São Francisco: incorporação técnica, competitividade e sustentabilidade. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v.32, n. especial, p.611-632, nov.2001.
- _____. Economia do nordeste: tendências recentes das áreas dinâmicas. **Análise Econômica**, Porto Alegre, v.12, n.21-22, p.55-73, 1994.
- _____; KATZ, F. **Economia do Nordeste: tendências recentes das áreas dinâmicas**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1993. (Mimeo).
- LOPES, J. R. B. Desenvolvimento e migração: uma abordagem histórico-estrutural. **Estudos CEBRAP 6**, São Paulo, p.127-142, 1973.
- LOPES, R. P. M. Qualidade das instituições, limitações teóricas e desigualdades regionais: o caso do semiárido baiano. In: ENCONTRO DE ECONOMIA BAIANA, 6., 2010, Salvador. **Anais...** Salvador: SEI, 2010.
- LOPES, S. M. M. **Os “lugares” como dignos de proteção: a questão da preservação do patrimônio cultural de Juazeiro da Bahia**. 2011. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.
- MAGALHÃES, P. M. C. A. A catedral de pedra como identidade social: a memória coletiva na construção do “ser petrolinense”. **HISTORIEN - Revista De História**, Petrolina, abr./set.2010.
- MARTINE, G. A. **A redistribuição espacial da população brasileira durante a década de 80**. Brasília: IPEA, 1994. (Textos para Discussão, n.329).
- MATOS, R. et al. Reestruturação do espaço regional e fluxos migratórios na bacia do São Francisco. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE MIGRAÇÕES, 5., 2007, Campinas. **Anais...** Belo Horizonte: ABEP, 2007.
- MENDES, E.; GERMANI, G. I. Desterritorialização sob as águas de Sobradinho: ganhos e desenganos. **Revista de Desenvolvimento Econômico**, Salvador, Ano XII, Edição Especial, 2010.
- MOREIRA, R. C. G. G. S. **Segurança alimentar x agrocombustíveis: a controvérsia entre a produção de alimentos e a produção de etanol no Brasil**. 2010. 150f. Dissertação (Mestrado) - Escola Nacional de Ciências Estatísticas, Programa de Pós-Graduação em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais, IBGE, Rio de Janeiro, 2010.

MOREIRA, E. Observações sobre a situação do trabalhador rural preso no polígono da maconha do Brasil. **Revista da Faculdade de Direito da UFPR**, América do Norte, v.43, jan.2007.

MORETTO, A. **Análise da eficiência da escada para peixes no Ribeirão Garcia no município de Blumenau-SC**. 2005. 55f. Dissertação (Mestrado) - Engenharia Ambiental, Centro de Ciências Tecnológicas, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2005.

MOURA, H. A. A migração nordestina em período recente - 1981/1996. **Cadernos de Estudos Sociais**, Recife, Fundaj, v.15, n.1, p.101-148, jan./jun.1999.

NOBREGA, I. F. **Crescimento e desenvolvimento da fruticultura irrigada no Vale do São Francisco**. 2004. 59f. (Monografia) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2004.

OLIVEIRA FILHO, S. F. S.; XAVIER, L. F.; COSTA, E. F. A fruticultura irrigada do polo Petrolina Juazeiro e a possibilidade de acesso a novos mercados. In: ENCONTRO DE ECONOMIA BAIANA, 4., 2008, Salvador. **Anais...** Salvador: SEI/UFBA, 2008. Disponível em: <<http://www.mesteco.ufba.br/scripts/arquivos/1742009213229.pdf>>. Acesso em: ago. 2010.

OLIVEIRA, A. T. R.; ERVATTI, L. R.; O'NEILL, M. M. V. C. O panorama dos deslocamentos populacionais no Brasil: PNAD's e Censos Demográficos. In: OLIVEIRA, L. A. P.; OLIVEIRA, A. T. R. (Org.). **Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

OLIVEIRA, K. F.; JANNUZZI, P. M. Motivos para migração no Brasil e retorno ao Nordeste: padrões etários, por sexo e origem/destino. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.19, n.4, p.134-143, out./dez.2005.

OLIVEIRA, L. A. P.; OLIVEIRA, A. T. R. (Org.). **Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

ORTEGA, A. C.; SOBEL, T. F. Desenvolvimento territorial e perímetros irrigados: avaliação das políticas governamentais implantadas nos perímetros irrigados Bebedouro e Nilo Coelho em Petrolina (PE). **Planejamento e Políticas Públicas**, Brasília, v.35, p.87-118, 2010.

PACHECO, C. A. Desenvolvimento regional, dinâmica econômica e população. In: _____; PATARRA, N. **Dinâmica demográfica regional e as novas questões populacionais no Brasil**. Campinas: IE/Unicamp, 2000. (Série Pesquisas, v.4).

_____. **A fragmentação da nação**. Campinas: IE/Unicamp, 1998.

_____. **A questão regional brasileira pós- 1980: desconcentração econômica e fragmentação da economia nacional**. 1996. 345f. Tese (Doutorado) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

PEREIRA, M. A. T. et al. Educação multicultural e ensino superior: um estudo do perfil socioeconômico e demográfico de estudantes que pleiteiam à UNIVASF. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE PROBABILIDADE ESTATÍSTICA, 2006, Caxambu. **Anais...** São Paulo: ABE, 2006.

PETROLINA. Prefeitura Municipal de Petrolina. **Petrolina de futuro: plano de ação descentralização de Petrolina**. Petrolina, jul.2010. (Relatório).

PIERUCCINI, M. A.; BULHÕES, R. Caracterização enquanto região. In: PERIS, A. F. (Org.). **Meso-região do Oeste do Paraná: diagnóstico e perspectivas**. Cascavel: Edunioeste, 2003.

PORTO, E. R. et al. **Captação e aproveitamento de água de chuva na produção agrícola dos pequenos produtores do semi-árido brasileiro**: o que tem sido feito e como ampliar sua aplicação no campo. Petrolina: Centro de Pesquisa do Trópico Semi-árido, 1999.

RAMOS, S. F. **Uso do território brasileiro e sistemas técnicos agrícolas**: a fruticultura irrigada em Petrolina (PE) / Juazeiro (BA). 2001. 150f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

REMY, M. A. P. A.; QUEIROZ, S. N.; SILVA FILHO, L. A. Evolução recente do emprego formal no Brasil: 2000-2008. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 15., 2010, Caxambu. **Anais...** Belo Horizonte: ABEP, 2010.

RESENDE, G. M. **Cultivo da cebola no Nordeste**. Petrolina: Embrapa Semiárido/Sistema de Produção, nov. 2007. <<http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Cebola/CultivoCebolaNordeste/socioeconomia.htm>>. Acesso em: out. 2010.

_____ et al. Características produtivas de genótipos de cebola no Vale do São Francisco. **Horticultura Brasileira**, Brasília, v.25, n.2, p.261-264, abr./jun.2007.

SALES, L. G. L.; SALES, R. M. M. Território em transformação: os impactos do agronegócio no Oeste Baiano - Nordeste - BA. **Percursos**, Curitiba, v.A.9, p.93-110, 2010.

SANT'ANA, M. A. S. Irrigação e inovações tecnológicas: interações e mudanças na relação campo-cidade. **Revista Geográfica de América Central**, Costa Rica, n. especial, p.1-17, 2011.

SANTOS, Â. M. M. et al. **Descolamentos das empresas para os estados do Ceará e da Bahia**: o caso da indústria calçadista. Rio de Janeiro: BNDES Setorial, 2002.

SANTOS, E. O. C; FARFÁN, S. J. A. (Org.). **Estudo das potencialidades econômicas. Território Sertão do São Francisco – BA**: sistemas produtivos da agricultura familiar: Caprino-ovinocultura e fruticultura de sequeiro e irrigada. Juazeiro – BA; Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário/Secretaria de Desenvolvimento Territorial/Secretaria da Agricultura Familiar/Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação/Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada/Articulação Sindical da Borda do Lago de Sobradinho, 2008. Disponível em: <http://territoriosdabahia.org.br/downloads/pdts/estudo_de_potencialidades_economicas.pdf>. Acesso em: out. 2009.

SANTOS, R. C.; OLIVEIRA, G. B. Um estudo sobre o cultivo de frutas como alternativa de desenvolvimento do Sub-Médio São Francisco. **Revista das Faculdades Santa Cruz**, Curitiba, v.7, n.2, jul./dez.2009.

SENA, J. V. C. Aspectos da produção e mercado da Banana no Nordeste. **Informe Rural ETENE**, Ano V, jul. 2011. Disponível em: <http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/etene/etene/docs/ire_ano5_n10.pdf>. Acesso em: 30 out. 2011.

SHIVA, V. **Monoculturas da mente**: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003.

SIGAUD, L. et al. Expropriação do campesinato e concentração de terras em Sobradinho: uma contribuição à análise dos efeitos da política energética do Estado. **Ciências Sociais Hoje**. São Paulo: Vértice/ANPOCS, 1987.

_____. Efeitos sociais de grandes projetos hidrelétricos: as barragens de Sobradinho e Machadinho. **Comunicação n. 9**, Rio de Janeiro, Museu Nacional/UFRJ, 1886.

SILVA, P. C.; CORREIA, R. C. **Caracterização social e econômica da cultura da videira**. Petrolina: Embrapa Semiárido, ago.2010. (Cultivo da Videira). Disponível em: <http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Uva/CultivodaVideira_2ed/Caracterizaca_social_da_%20videira.html>. Acesso em: 29 out. 2011.

_____; _____. SOARES, J. M. Histórico e importância socioeconômica. In: SOARES, J. M.; LEÃO, P. C. (Ed.). **A vitivinicultura no semiárido brasileiro**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica; Petrolina: Embrapa Semi-Árido, 2009.

_____; _____. **Cultivo da mangueira**. Petrolina: Embrapa Semiárido, jul.2004. Disponível em: <http://www.cpatsa.embrapa.br/sistema_producao/spmanga/socioeconomia.htm>. Acesso em: 29 out. 2010.

_____. **Articulação dos interesses públicos e privados no polo Petrolina-PE/Juazeiro-BA: em busca de espaço no mercado globalizado de frutas frescas**. 2001. 258f. Tese (Doutorado em Economia) - Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

SILVA, S. **Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil**. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.

SILVA, V. A., GUIMARÃES, E. N. et al. **Aglomeración urbana de Uberlândia (MG): formação sócio-econômica e centralidade regional**. In: HOGAN, D. J. et al (Org.). **Migração e ambiente nas aglomerações urbanas**. Campinas: Nepo/Unicamp, 2001.

SOBEL, T. F. **Desenvolvimento territorial dos perímetros irrigados do SUB-MÉDIO Vale do São Francisco: o caso dos perímetros Nilo Coelho e Bebedouro (PE)**. 2006, 132f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Programa de Pós-Graduação em Economia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

SOUZA, H. R. **Agricultura irrigada e desenvolvimento sustentável no Nordeste do Brasil**. Recife: Projeto Áridas, 1994.

SOUZA, J. O. et al. Avaliação de genótipos de cebola no Semi-Árido Nordestino. **Horticultura Brasileira**, v.26, n.1, jan./mar.2008.

SOUZA, N. Desenvolvimento polarizado e desequilíbrios regionais no Brasil. **Análise Econômica**, Porto Alegre, Ano 11, n.19, p.29-59, mar.1993.

SOUZA, R. C. A.; RAMOS, A. R. N. Rio São Francisco: cultura, identidade e desenvolvimento. **Revista de Desenvolvimento Econômico**, Salvador, Ano XII, Edição Especial, dez.2010.

VERGOLINO, J. R.; DIAS, F. M.; MAGALHÃES, A.; GALVÃO, O. Crescimento regional desequilibrado: o exemplo das mesorregiões da Chapada do Araripe. **Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos**, Recife, v.2, n.1, 2008.

VIANA, F. L. E.; ROCHA, R. E. V.; NUNES, F. R. M. A indústria têxtil na Região Nordeste: gargalos, potencialidades e desafios. **Revista Produção Online**, Brasil, 8, out. 2008. Disponível em: <<http://producaoonline.org.br/index.php/rpo/article/view/132>>. Acesso em: 09 jan. 2011.

VIDAL, F. B. Considerações em torno da validade atual da discussão sobre as desigualdades regionais no Brasil. In: SEI. **Desigualdades regionais**. Salvador: SEI, 2004. (Série Estudos e Pesquisas, 67).

VILLA, M. A.; CAMPOS, N. A. A Representação da seca no Nordeste Semi-Árido Brasileiro. In: ENCONTRO DA ANPPAS, 3., 2006, Brasília. **Anais...** Pará: ANPPAS, 2006.

VITAL, T. Vitivinicultura no Nordeste do Brasil: situação recente e perspectivas. **Documentos Técnico-Científicos**, v.40, n.3, p.499-524, jul./set.2009.

_____; SILVA NETO, M. F. Transferência de tecnologias agropecuárias: fator de competitividade na microrregião de Petrolina-PE. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 54., 2006, Fortaleza. **Anais...** Brasília: SOBER, 2006.

_____; MORAIS FILHO, R. A.; FERRAZ FILHO, Z. E. Vitivinicultura no Nordeste do Brasil: um arranjo produtivo em expansão. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 53., 2005, Ribeirão Preto. **Anais...** Ribeirão Preto: FEARP/USP; PENSA/USP, 2005.

ZORZO, F. A. Retornando à história da rede viária baiana: o estudo dos efeitos do desenvolvimento ferroviário na expansão da rede rodoviária da Bahia (1850-1950). **Sitientibus**, Feira de Santana, n.22, p.99-115, jan./jun.2000.

ANEXOS

TABELA A - Volume de Emigração Inter-regional – Municípios da RIDEEX e estados – 1995/2000

Localidade de residência em 2000	Localidade de residência em 1995							
	Afrânio	Cabrobó	Dormentes	Lagoa Grande	Orocó	Petrolina	Sta M B Vista	Terra Nova
São Paulo	17	144		224	24	1.113	108	
Bahia	20	754	37	303	183	2.992	631	231
Pernambuco	58	230	39	39	19	1.112	173	21
Rondônia		308		67	76	919	139	14
Acre				10		248	58	
Amazonas	7	37		112		545	46	
Roraima	66		21	15	24	865	19	
Pará	49	47	8			324	41	
Amapá		77		12		510	15	
Tocantins	25	23		54		209	67	19
Maranhão	9	20		52		264	8	
Piauí	34	76	6			114		32
Ceará		46	19			163	22	
R.G.Norte		54				152	22	
Paraíba		14				188	9	
Alagoas				24		126	29	
Sergipe	10					104		
Minas Gerais						143	13	
Espírito Santo		9		11		133	12	
Rio de Janeiro		13				37		
Paraná		47				95		
Santa Catarina						35		
Rio G. do Sul			9			16		
Mato G. do Sul						43		
Mato Grosso							23	
Goiás	9							
Distrito Federal						8		
Total	304	1.899	139	923	326	10.458	1.435	317

Fonte: IBGE. Censo Demográfico (2000). Tabulações especiais da autora.

TABELA A - Volume de Emigração Inter-regional – Municípios da RIDEEX e estados – 1995/2000

(continuação)

Localidade de residência em 2000	Localidade de residência em 1995								Total
	Campo A.Lourdes	Casa Nova	Curaçá	Juazeiro	Pilão Arcado	Remanso	Sento Sé	Sobradinho	
São Paulo	66	193	350	3.567	186	135	449	276	6.852
Bahia		53	138	788	6	97	26	60	6.319
Pernambuco	249	339	62	958	334	829	208	204	4.874
Rondônia		32	205	795	15	153	61	123	2.907
Acre	345	49	18	196	570	404	25	42	1.965
Amazonas	102	21	32	266	231	143	26	378	1.946
Roraima	134	55		18	356	169		158	1.900
Pará		9		430		122	9	173	1.212
Amapá		16	18	274	5	11		23	961
Tocantins		54	21	126				64	662
Maranhão	54		16	72		18			513
Piauí			17	108	6				393
Ceará		23	5	90		10		12	390
R.G.Norte			5	123	22				378
Paraíba				154					365
Alagoas				111				70	360
Sergipe		9		94		48			265
Minas Gerais		37		57					250
Espírito Santo			32	14		4		15	230
Rio de Janeiro		47		15	39	31			182
Paraná								10	152
Santa Catarina				26				29	90
Rio G. do Sul		21							46
Mato G. do Sul									43
Mato Grosso						13			36
Goiás									9
Distrito Federal									8
Total	950	958	919	8.282	1.770	2.187	804	1.637	33.308

Fonte: IBGE. Censo Demográfico (2000). Tabulações especiais da autora.

TABELA B - Volume de Imigração Inter-regional– Municípios da RIDEEX e Grandes regiões do país – 1986/1991

Localidade de residência em 1986	Localidade de residência em 1991						
	Afrânio	Cabrobó	Orocó	Petrolina	S. M. B Vista	Terra Nova	Campo A Lourdes
Bahia	11	1.215	1.826	8.942	8.327	129	
Pernambuco		260	80	2.197	593	6	19
Ceará		149	49	1.639	692	62	
São Paulo	39	67	20	1.559	96	9	105
Piauí	163		8	1.843	32		139
Paraíba		96	15	1.337	182		
Alagoas		51		523	133		
Pará				102	11	39	
R.G.Norte				240	22		
Maranhão				179	41		
Distrito Federal				156	48		
Rio de Janeiro				121			7
Minas Gerais				150			
Sergipe				21	76		
Rio Grande do Sul				72			
Rondônia				99			
Goiás				16		4	
Paraná		16		33			
Roraima				24			
Mato Grosso do Sul				15			
Tocantins				14			
Mato Grosso				14			
Santa Catarina		13					
Acre				10			
Amazonas							
Amapá							
Espírito Santo							
Total	213	1.867	1.998	19.306	10.253	249	270

Fonte: IBGE. Censo Demográfico (1991). Tabulações especiais da autora.

TABELA B - Volume de Imigração Inter-regional– Municípios da RIDEEX e Grandes regiões do país – 1986/1991

(continuação)

Localidade de residência em 1986	Localidade de residência em 1991						Total
	Casa Nova	Curaçá	Juazeiro	Pilão Arcado	Remanso	Sento Sé	
Bahia	288	165	2.820		36	570	24.329
Pernambuco	301	1.098	4.633		107	532	9.826
Ceará	34	26	1.683		280	22	4.636
São Paulo	280	138	927	32	265	71	3.608
Piauí	59		553		257		3.054
Paraíba	6	3	347	38		20	2.044
Alagoas		26	193		20		946
Pará	19		329				500
R.G.Norte			104				366
Maranhão			88				308
Distrito Federal	12		20		7		243
Rio de Janeiro	23		79				230
Minas Gerais		2	34		3	21	210
Sergipe	20		83		5		205
Rio Grande do Sul	32		8				112
Rondônia			11				110
Goiás			47				67
Paraná			7		5		61
Roraima							24
Mato Grosso do Sul							15
Tocantins							14
Mato Grosso							14
Santa Catarina							13
Acre							10
Amazonas							
Amapá							
Espírito Santo							
Total	1.074	1.458	11.966	70	985	1.236	50.945

Fonte: IBGE. Censo Demográfico (1991). Tabulações especiais da autora.

TABELA C- Volume de Imigração inter-regional– Municípios da RIDEEX e Grandes Regiões do país – 1995/2000

Localidade de residência em 1995	Localidade de residência em 2000							
	Afrânio	Cabrobó	Dormentes	Lagoa Grande	Orocó	Petrolina	Sta M B Vista	Terra Nova
Bahia	6	955	233	1.017	283	9.270	1.605	241
Pernambuco	26	130	9	62	12	1.871	551	51
São Paulo	75	159	74	167	27	2.525	119	42
Ceará	12	35		58	34	844	228	52
Piauí	105		108	10		984	37	
Paraíba	4	86		62	13	524		
Alagoas	7				31	421	26	4
Goiás						262		7
R,G,Norte						205	104	
Minas Gerais		11		10		191		3
Maranhão				20	42	90	7	
Distrito Federal		12		41	2	126	5	
Pará	5		4	42		51		
Sergipe						89		
Rio Grande do Sul				29		124		
Rio de Janeiro			5			90		
Tocantins				13		113		
Paraná	4					108		
Espírito Santo						37	6	
Mato Grosso do Sul						74		
Mato Grosso						7		
Amazonas						48		
Roraima								
Amapá						31		
Rondônia		7						
Acre								
Santa Catarina								
Total	244	1.395	433	1.531	444	18.085	2.688	400

Fonte: IBGE. Censo Demográfico (2000). Tabulações especiais da autora.

TABELA C - Volume de Imigração inter-regional– Municípios da RIDEEX e Grandes Regiões do país – 1995/2000

(continuação)

Localidade de residência em 1995	Localidade de residência em 2000								Total
	Campo A.Lourdes	Casa Nova	Curaçá	Juazeiro	Pilão Arcado	Remanso	Sento Sé	Sobradinho	
Bahia		490	56	2.752		89		225	17.222
Pernambuco	35	304	282	5.698	166	265	207	264	9.933
São Paulo	341	506	151	1.531	211	681	118	207	6.934
Ceará		53		1.572	30	18	9	52	2.997
Piauí	202	133		306	27	269		45	2.226
Paraíba		55	97	776		26	33	18	1.694
Alagoas		10	9	289			40	47	884
Goiás	51	34	17	74		89		28	562
R,G,Norte				111	6	45			471
Minas Gerais		20	9	194				31	469
Maranhão				259				35	453
Distrito Federal	52	17		23	64	92		15	449
Pará		70		68				51	291
Sergipe				116		82			287
Rio Grande do Sul		64		62					279
Rio de Janeiro				72					167
Tocantins		16				8			150
Paraná					2				114
Espírito Santo				48					91
Mato Grosso do Sul									74
Mato Grosso		12		28		11		11	69
Amazonas									48
Roraima				28				12	40
Amapá									31
Rondônia									7
Acre									-
Santa Catarina									-
Total	681	1.784	621	14.007	506	1.675	407	1041	45.942

Fonte: IBGE. Censo Demográfico (2000). Tabulações especiais da autora.

TABELA D – Fluxos Migratórios Intra-regionais - Municípios da RIDEEX - 1995/2000

Localidade de residência em 1995	Localidade de residência em 2000								
	Petrolina	Juazeiro	Sta M. da Boa Vista	Lagoa Grande	Casa Nova	Sobradinho	Curaçá	Sento Sé	Remanso
Petrolina		1.247	1.048	814	397	118	76	80	9
Juazeiro	1.292		199	120	256	371	223	161	53
Sta. M. da B Vista	844	241	-	243	139	-	193	25	-
Cabrobó	523	350	218	108	79	51	88	23	-
Casa Nova	822	320	17	76	-	50	-	71	109
Sento Sé	211	615	-	-	89	193	-	-	30
Curaçá	169	447	402	-	70	-	-	-	-
Lagoa Grande	662	260	60	-	27	-	15	-	-
Sobradinho	417	401	10	-	74	-	9	105	-
Orocó	351	95	327	18	20	10	8	-	-
Dormentes	518	49	-	-	7	-	81	-	-
Remanso	53	257	-	-	56	-	-	86	-
Afrânio	418	7	0	0	-	-	-	-	-
Pilão Arcado	49	68	-	-	-	-	-	-	139
Terra Nova	122	10	-	-	-	-	-	-	15
Campo A Lourdes	61	9	-	-	-	-	-	-	46
Total	6.512	4.376	2.281	1.379	1.214	793	693	551	401

Fonte: IBGE. Censo Demográfico (2000). Tabulações especiais da autora.

Tabela D - Trocas migratórias entre os municípios da RIDEEX, em 1995/2000

(continuação)

Localidade de residência em 1995	Localidade de residência em 2000							Total
	Cabrobó	Campo A. de Lourdes	Orocó	Dormentes	Pilão Arcado	Afrânio	Terra Nova	
Petrolina	81	-	41	175	-	201	98	4.385
Juazeiro	51	-	43	6	36	-	-	2.811
Sta. M. da Boa Vista	115	-	21	16	-	-	12	1.849
Cabrobó	-	-	97	-	-	-	69	1.606
Casa Nova	52	18	18	-	7	-	15	1.575
Sento Sé	-	-	-	-	6	13	-	1.157
Curaçá	11	-	53	-	-	-	-	1.152
Lagoa Grande	18	-	23	6	-	-	-	1.071
Sobradinho	-	25	-	-	8	-	-	1.049
Orocó	38	-	-	-	-	-	-	867
Dormentes	-	-	-	-	-	46	-	701
Remanso	-	29	-	-	203	-	-	684
Afrânio	0	-	5	97	-	-	-	527
Pilão Arcado	-	248	-	-	-	-	-	504
Terra Nova	21	-	8	-	-	-	-	176
Campo A. de Lourdes	-	-	-	-	38	-	-	154
Total	387	320	309	300	298	260	194	20.268

Fonte: IBGE. Censo Demográfico (2000). Tabulações especiais da autora.